

UNIVERSIDADE FEDERAL DE JUIZ DE FORA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM CIÊNCIAS SOCIAIS
DOUTORADO EM CIÊNCIAS SOCIAIS

Tarcília Edna Fernandes do Nascimento

Entre amores e desejos: interações, significados e disputas nas práticas de
poliamor e *swing*

Juiz de Fora

2024

Tarcília Edna Fernandes do Nascimento

Entre amores e desejos: interações, significados e disputas nas práticas de poliamor e *swing*

Tese apresentada ao Programa de Pós-graduação em Ciências Sociais da Universidade Federal de Juiz de Fora como requisito parcial à obtenção do título de Doutora em Ciências Sociais. Área de concentração: Cultura, Democracia e Instituições.

Orientador: Prof. Dr. Paulo César Pontes Fraga

Juiz de Fora
2024

Ficha catalográfica elaborada através do programa de geração automática da Biblioteca Universitária da UFJF, com os dados fornecidos pelo(a) autor(a)

Nascimento , Tarcília Edna Fernandes.

Entre amores e desejos : interações, significados e disputas nas práticas de poliamor e swing / Tarcília Edna Fernandes Nascimento . -- 2024.

270 p.

Orientador: Paulo César Pontes Fraga

Tese (doutorado) - Universidade Federal de Juiz de Fora, Instituto de Ciências Humanas. Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais, 2024.

1. Não monogamia. 2. Poliamor. 3. Swing. I. Fraga , Paulo César Pontes, orient. II. Título.

Tarcília Edna Fernandes do Nascimento

Entre amores e desejos: interações, significados e disputas nas práticas de
poliamor e *swing*

Tese apresentada ao Programa de Pós-graduação em Ciências Sociais da Universidade Federal de Juiz de Fora como requisito parcial à obtenção do título de Doutora em Ciências Sociais. Área de concentração: Cultura, Democracia e Instituições.

Aprovada em 19 de setembro de 2024.

Banca Examinadora

Prof. Dr. Paulo César Pontes Fraga (Orientador)
Universidade Federal de Juiz de Fora

Prof. Dr. Fernando Santana de Paiva
Universidade Federal de Juiz de Fora

Prof^ª. Dr^ª. Amanda Muniz Oliveira
Universidade Federal de Juiz de Fora

Prof^ª. Dr^ª. Manuela Vieira Blanc
Universidade Federal do Espírito Santo

Prof^ª. Dr^ª. SÍntia Soares Helpes
Instituto Federal de Minas Gerais

Para Belletti.

AGRADECIMENTOS

Ao Paulo Fraga pela paciência e empenho.

Às bancas de qualificação e de defesa pelas contribuições.

Ao Programa de Pós-graduação em Ciências Sociais da UFJF pela oportunidade.

Aos professores e funcionários do Departamento de Ciências Sociais pela assistência.

À Capes pela bolsa.

Aos meus informantes pela colaboração.

Aos amigos pelo incentivo.

Aos familiares pelo afeto.

À Lilith pela companhia.

Ao Luiz pelo amparo, cuidado e amor.

RESUMO

Esta tese analisa as relações não monogâmicas consensuais, destacando dois modelos comuns e opostos: poliamor e *swing*. Enquanto o poliamor envolve múltiplos vínculos amorosos consentidos, o *swing* envolve casais heterossexuais em interações sexuais com outros casais sem a presença de vínculos afetivos. O estudo analisa grupos de *WhatsApp*, entre 2020 e 2022, dos dois modelos ativos, bem como observação participante de casas e festas de *swing*, encontros poliamoristas e relato de caso, sendo revelado padrões de interação e organização fundamentais para o entendimento das práticas. A análise evidencia as divergências e convergências entre os diferentes modelos não monogâmicos. Apresento também as interseções da sociologia com a sexualidade e a definição e a história da monogamia e do amor romântico, destacando sua interconexão com o patriarcalismo, o capitalismo, o cristianismo e os valores sociais. Entre os *swingers* observa-se pouca preocupação teórica sobre suas práticas, com forte foco na ação sexual, contudo, casais *swingers* estabelecem limites claros e mantêm uma comunicação aberta para evitar problemas como o ciúme, seguindo regras preestabelecidas que proíbem o desenvolvimento de sentimentos profundos. No capítulo que explora a complexidade do poliamor, suas características, configurações e impactos nas dinâmicas familiares e sociais, observa-se que ser poliamorista envolve adotar uma visão de mundo onde o amor não se restringe a um único parceiro. As configurações poliamorosas variam, desde tríades até redes complexas de relacionamentos, e os acordos entre os envolvidos são fundamentais para definir limites e expectativas, garantindo que as necessidades emocionais e físicas de todos sejam respeitadas. Além disso, o poliamor desafia as noções tradicionais de casamento e família, propondo novas formas de relacionamento. Por fim, são discutidas as disputas em torno do conceito de não monogamia, explorando as diferentes perspectivas e significados atribuídos às práticas não monogâmicas em questão e como essas categorias constroem significados em relação à sexualidade e à identidade de pessoas não monogâmicas. São discutidos diversos modelos de não monogamia consensual, como *swing*, relacionamento aberto, anarquia relacional, não monogamia política e relações livres. Para tanto, recorro à Gayle Rubin e sua abstração de hierarquia da sexualidade expressa pelo círculo encantado para problematizar a concorrência interna em busca da conceituação de Não Monogamia.

Palavras-chave: Não monogamia, *Swing*. Poliamor.

ABSTRACT

This thesis analyzes consensual non-monogamous relationships, highlighting two common and opposing models: polyamory and swinging. While polyamory involves multiple consensual romantic bonds, swinging involves heterosexual couples in sexual interactions with other couples without the emotional bond's presence. The study analyzes WhatsApp groups, between 2020 and 2022, of the two active models, as well as participant observation of swing houses and parties, polyamorous meetings and case reports, revealing interaction and organization patterns that are fundamental to understanding the practices. The analysis highlights the divergences and convergences between the different non-monogamous models. I also present the sociology intersections with sexuality and the definition and history of monogamy and romantic love, highlighting their interconnection with patriarchy, capitalism, Christianity and social values. Among swingers, there is little theoretical concern about their practices, with a strong focus on sexual action. However, swinger couples establish clear limits and maintain open communication to avoid problems such as jealousy, following pre-established rules that prohibit the development of deep feelings. In the chapter that explores the polyamory complexity, its characteristics, configurations and impacts on family and social dynamics, it is observed that being polyamorous involves adopting a worldview where love is not restricted to a single partner. Polyamorous configurations vary, from triads to complex networks of relationships, and agreements between those involved are essential to define limits and expectations, ensuring that everyone's emotional and physical needs are respected. Furthermore, polyamory challenges traditional notions of marriage and family, proposing new forms of relationships. Finally, disputes surrounding the concept of non-monogamy are discussed, exploring the different perspectives and meanings attributed to the non-monogamous practices in question and how these categories construct meanings in relation to the sexuality and non-monogamous people identity. Various models of consensual non-monogamy are discussed, such as swinging, open relationships, relational anarchy, political non-monogamy and free relationships. To do so, I turn to Gayle Rubin and her sexuality hierarchy abstraction expressed by the enchanted circle to problematize internal competition in search of the non-monogamy conceptualization.

Keywords: Non-monogamy, Swing, Polyamory.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1: The Swing: O Sentido do símbolo swinger.....	49
Figura 2: Bandeira do orgulho poliamor (Polly Pride Flag)	51
Figura 3: Cartaz de divulgação	92
Figura 4: Planta baixa primeiro e segundo andar	96
Figura 5: Cartaz de divulgação	100
Figura 6: Planta baixa	103
Figura 7: Modelos relacionais publicados em um grupo de poliamor.....	172
Figura 8: Fantasia de carnaval, Rio de Janeiro, 2023	185
Figura 9: Imagem publicada em grupo de poliamor	226
Figura 10: Imagem publicada em grupo de swing.....	230
Figura 11:A hierarquia do sexo: o círculo encantado vs. os limites exteriores.....	240

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

AR	Anarquia Relacional
BDSM	Bondage, Disciplina, Submissão e Masoquismo
CNV	Comunicação Não Violenta
ENR	Energia da Nova Relação
NM	Não Monogamia/Não Monogâmico
NMC	Não Monogamia Consentida
NMP	Não Monogamia Política
RA	Relação Aberta
RLI	Rede Relações Livres

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	10
2 CONSIDERAÇÕES METODOLÓGICAS.....	18
3 A SEXUALIDADE E AS CIÊNCIAS SOCIAIS.....	29
3.1 MORAL E NÃO MONOGAMIA.....	29
3.2 FOUCAULT: A HISTÓRIA DA SEXUALIDADE	32
3.3 NÃO MONOGAMIA E DESVIO.....	47
4 MONOGAMIA E AMOR ROMÂNTICO.....	54
4.1 ORIGENS DA MONOGAMIA	54
4.2 AMOR ROMÂNTICO	59
5 “TEM QUE IR NA CABEÇA QUE ALI É SÓ SEXO”: <i>SWING</i>	63
5.1 ORIGEM, DEFINIÇÃO E CARACTERÍSTICAS	63
5.2 <i>SWINGERS</i>	68
5.3 ESPAÇOS	77
5.3.1 UM ENCONTRO DE <i>SWING ONLINE</i>	89
5.3.2 VISITANDO UMA CASA DE <i>SWING</i>	91
5.3.3 VISITANDO OUTRA CASA DE <i>SWING</i>	98
5.3.4 PARTICIPANDO DE UMA “RESENHA LIBERAL”	104
5.3.5 OS APLICATIVOS DE ENCONTROS NOS CELULARES	108
5.3.6 RELATO DE UM CASAL NO <i>TINDER</i>	112
5.4 A MULHER NO <i>SWING</i>	121
5.5 O HOMEM NO <i>SWING</i>	127
6 “COM AMOR É BEM MAIS GOSTOSO”: POLIAMOR.....	130
6.1 PRINCIPAIS CARACTERÍSTICAS	130
6.2 HIERARQUIAS, PRIORIDADES E RELAÇÕES PRIMÁRIAS.....	143
6.3 O QUE É SER POLIAMORISTA	151
6.4 CONFIGURAÇÕES, FORMATOS E ACORDOS	167
6.5 ESPAÇOS DE INTERAÇÃO, DISCUSSÃO, PROPAGAÇÃO E APOIO.....	188
6.6 CASAMENTO, FAMÍLIA E MATERNIDADE.....	200
7 “PRECISAMOS SEPARAR”: QUEM SÃO OS NÃO MONOGÂMICOS?	216
7.1 A RELAÇÃO ENTRE AS NÃO MONOGAMIAS	216
7.2 CÍRCULO ENCANTADO	239
CONSIDERAÇÕES FINAIS	251
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	257

1 INTRODUÇÃO

*Nesse corredor
 Portas ao redor
 Querem escolher, olha só
 Uma porta só
 Uma porta certa
 Uma porta só
 Tentam decidir a melhor
 Qual é a melhor
 Não importa qual
 Não é tudo igual
 Mas todas dão em algum lugar
 E não tem que ser uma única
 Todas servem pra sair ou para entrar
 É melhor abrir para ventilar
 Esse corredor*

Portas (2021) / Marisa Monte

Recentemente vários famosos no Brasil e no mundo têm se declarado Não Monogâmicos (NM), trazendo maior visibilidade para a existência deste modelo relacional e contribuindo para uma maior discussão e aceitação dessa forma de relacionamento. Alguns exemplos notáveis são: Will Smith e Jada Pinkett Smith, Angelina Jolie¹, Pink, Laerte Coutinho, Glória Groove, Bela Gil, Anitta, Fernanda Nobre, Débora Secco, Ágatha Moreira e Rodrigo Simas, Aline Wirley e Igor Rickli. Essas são apenas algumas das muitas personalidades famosas que têm falado abertamente sobre como se relacionam de forma não monogâmica, contribuindo para maior conscientização e aceitação dessa abordagem nos relacionamentos. O tema ainda é relativamente novo e muitos indivíduos podem optar por manter sua vida pessoal mais privada, de modo que pode haver outros casos não conhecidos publicamente.

Embora não haja uma lista exaustiva de pessoas famosas no Brasil e no mundo que se declararam não monogâmicas, o tema tem ganhado espaço na sociedade brasileira, principalmente quando desponta em programas de grande audiência como o *Big Brother Brasil*. Em 2022, o participante representante da parcela de famosos convidados para o programa, Tiago Abravanel, anunciou que entraria no programa comprometido, mas que sua relação com Fernando Poli era aberta. Desde então, as últimas duas edições contaram com a presença de, pelo menos um, componente NM. Em 2023 foi a vez de Aline Wirley e Fred Nicácio e em

¹ Apesar de Angelina Jolie não tenha usado explicitamente o termo "não monogâmica", ela fala sobre a ideia de não acreditar em uma única forma de relacionamento ou amor, o que indica uma visão menos convencional sobre o assunto.

2024, Giovanna Pitel.

Ainda que a NM tenha ganhado destaque na mídia nos últimos anos, a cultura monogâmica e suas consequências ainda não são problematizadas. A cultura monogâmica raramente é mencionada nesses contextos, que tendem a reportar problemas como ciúmes, dependência afetiva, possessividade dos agressores, problemas emocionais e de baixa autoestima, sem estabelecer uma conexão entre esses elementos. Eles são frequentemente vinculados a experiências isoladas e particulares (Na Pai, 2014, p. 7, *apud* Gonçalves, 2021, p. 67). Os princípios da NM, como a ausência das concepções de infidelidade e posse, a redefinição das noções de ciúme como compersão e as noções de liberdade e autonomia como capazes de oferecer significativas contribuições para modificar essa realidade (Silvério, 2018, p.257) ainda não são relacionadas.

Para além do universo do *show business*, observa-se um sem-número de reportagens, grupos de debates, páginas em redes sociais, coletivos políticos e estudos acadêmicos realizados sobre o assunto. Quando buscado o termo “não monogamia” no *Google Scholar* em algumas séries históricas verificamos que de 2000 a 2019 aparecem 160 trabalhos sobre o tema em língua portuguesa (Brasil). Desde 2020² o número de trabalhos a partir da mesma busca é 226, de modo que nos últimos tempos produziu-se mais sobre o tema do que nos vinte anos antecedentes.

Ainda que estejamos mais expostos ao tema atualmente e ele esteja desdobrado em muitos formatos, não se trata de um assunto novo. Uma das formas mais difundidas de prática NM, os ambientes *swingers*³ estão no Brasil, pelo menos, desde a década de 1970, com a criação das primeiras casas em São Paulo. Mas foi na década de 1990 que teve o seu auge, tanto em número de casas surgidas quanto em relação a assiduidade do tema nos meios de comunicação.

Tal qual a maioria dos *millennials*⁴ não acompanhei a irrupção *swinger* no Brasil, porém este trabalho surgiu da inquietude provocada pelo meu primeiro contato - inesperado -, com a mais difundida das NM, o *swing*. Este primeiro contato, com o que somente mais tarde descobri se chamar mundo liberal, aconteceu casualmente em uma viagem no ano de 2016. Meu companheiro e eu viajávamos pelo Sul da França, região turística, conhecida por Côte d’Azur. Sem roteiro predeterminado, percorríamos por cidades seguindo sugestões de moradores,

² Busca realizada em maio de 2024.

³ Embora haja pouco consenso sobre categorizar o *swing* como NM, parto da prerrogativa de que este é sim um modelo NM na medida em que não há a exigência da exclusividade sexual, tão cara em relações monogâmicas.

⁴ Também conhecida como Geração Y, é a geração composta por pessoas que nasceram entre 1980 e 1995.

funcionários de pousadas, garçons e guias de turismo. Uma das sugestões nos chamou especial atenção e movidos pela curiosidade e descrença decidimos conferir. A sugestão se referia a Cap d'Agde.

Cap d'Agde é um complexo turístico localizado na comuna francesa de Agde, organizado na forma de uma vila naturista com uma longa extensão de praia. Conhecida como *Naked City* (cidade despida) permite aos seus visitantes a possibilidade de um estilo de vida totalmente naturista, podendo transitar em todos os locais da vila sem roupa. No entanto, para além da proposta naturista a vila também é conhecida por ser o lugar mais procurado por *swingers* de todo o mundo. Possui nove clubes de *swing*, seis saunas, e um trecho de praia reservada para o sexo explícito.

Quando chegamos a Cap não acreditamos que encontraríamos o que nos disseram. Muito dessa incredulidade se deveu ao fato de não conhecermos, até aquele momento, o mundo liberal e suas práticas. Apesar de já ter escutado a palavra *swing* e sobre a existência de casas destinadas à prática, esse era um universo que eu considerava ininteligível.

Ainda sem associar a prática ao nome usual, voltei bastante pensativa sobre como as pessoas poderiam ter percepções tão diferentes sobre a exclusividade sexual, ciúmes e relacionamentos de modo geral. Esse primeiro contato com o meio liberal, embora tenha sido propulsor de um interesse científico posterior, não será considerado como campo de pesquisa, visto que meu olhar não era de pesquisadora naquele momento, mas sim de turista curiosa e perplexa.

Algum tempo após a experiência de Cap, já com propósitos de pesquisa, procurei por possibilidades brasileiras que se aproximassem de alguma forma da vila francesa. Numa primeira busca em 2018, usando o *Google*, encontrei três pousadas com proposta liberal no Brasil, duas na Bahia e uma no Maranhão. Em 2019 fui conhecer a mais antiga delas e a primeira do Brasil dedicada ao estilo de vida liberal, localizada em Arraial D'Ajuda, no estado da Bahia. Experiência esta que será relatada neste trabalho. Bem como visitas a casas de *swing* localizadas na cidade do Rio de Janeiro e São Paulo.

Inicialmente, motivada pela tentativa de compreender o *swing*, nome que só passei a associar a prática depois do campo realizado na pousada brasileira em 2019, encontrei os caminhos de uma discussão mais ampla que trata das não monogâmias em suas diversas formas. Os três modelos mais comuns são o poliamor, a relação aberta (RA) e o *swing*⁵. De forma

⁵ Existem também outras propostas de não monogamia como a anarquia relacional, que busca superar a necessidade de hierarquização e categorização das pessoas, relações e sexualidades, assim como normas, pressupostos, obrigações e direitos relacionais, restrição da liberdade e autonomia, falta de igualdade e

sucinta, pode-se dizer que o poliamor é definido pela ideia de que é possível manter relacionamentos afetivos com mais de uma pessoa simultaneamente e com o consentimento de todos os envolvidos. Sendo possível múltiplos vínculos amorosos, íntimos e/ou sexuais ao mesmo tempo.

As relações abertas permitem que membros de um casal estabeleçam envolvimento afetivos e/ou sexuais com outras pessoas, cada pessoa do casal age de maneira independente e preservando a integridade do casal inicial como o núcleo da relação. A relação aberta, depende de acordos pessoais que flexibilizam as relações sexuais e afetivas com outras pessoas. Podendo ser permitido o envolvimento emocional e até mesmo a criação de um novo relacionamento, ou somente o envolvimento sexual casual.

O *swing*, por sua vez, pode ser caracterizado como uma prática em que casais heterossexuais mantêm relações sexuais com outros casais ou outras pessoas com a participação ou na companhia do companheiro ou companheira, sem o estabelecimento de vínculos afetivos com os demais (Silvério, 2018. p.2).

Como veremos ao longo deste texto, alguns grupos e pessoas não consideram o estilo de vida *swinger* como uma forma de não monogamia devido à distinção que fazem entre exclusividade emocional e exclusividade sexual. No caso do *swing*, a maioria dos casais que participam dessas práticas mantêm um forte compromisso emocional e afetivo entre si, enquanto as interações com terceiros são vistas apenas como sexo recreativo ou experiências físicas, sem envolvimento emocional. Para esses grupos, a monogamia está ligada principalmente à exclusividade afetiva e ao tipo de vinculação estabelecida nas origens do compromisso do casal, que permanece intocado nas práticas *swinger*. Como o relacionamento principal e o vínculo emocional se mantêm, eles argumentam que o *swing* não quebra a estrutura da monogamia emocional e afetiva, apenas flexibiliza a exclusividade sexual.

Diante deste embate considerar o estilo de vida *swinger* como uma forma de não monogamia consensual envolve enfatizar que a monogamia pressupõe tanto exclusividade emocional quanto sexual entre os parceiros. Ao permitir experiências sexuais com terceiros, o casal *swinger* opta conscientemente por abrir mão da exclusividade sexual, um dos principais pilares tradicionais da monogamia. Na monogamia tradicional, o conceito de exclusividade é entendido tanto como emocional quanto sexual. Ao quebrar a exclusividade sexual, mesmo que

espontaneidade. Existe também um movimento brasileiro chamado Relações Livres, modelo que enfatiza a liberdade plena em qualquer relação, sendo necessário eliminar a noção de direito de propriedade privada e obrigações inerentes às relações monogâmicas de maneira a garantir que não haja nenhum tipo de gerência sobre a vida e a sexualidade das pessoas e que todas se relacionem ou deixem de o fazer porque assim desejam (Silvério, 2009).

de forma controlada, o casal está modificando uma característica central da monogamia, afirmando, assim, seu espaço como uma modalidade não monogâmica, ainda que os demais grupos NM questionem este status.

Outras formas NM são propagadas e discutidas no Brasil e no mundo, aqui no Brasil, por exemplo temos grupos inspirados pelo movimento anarquista. Os movimentos ligados a anarquia relacional, dissidentes do poliamor, tem como base estruturante de um modelo relacional a liberdade, a igualdade, a solidariedade e a comunidade. A anarquia relacional (AR) defende uma organização horizontalizada ou uma fluidez das posições de liderança. Ela questiona a ideia de que o amor é um recurso limitado que só pode ser verdadeiro se for restringido a um casal. Cada relação é independente e é uma relação entre indivíduos autônomos

Algumas diferenças entre estes modelos se destacam: o caráter de instituição social da monogamia não é desafiado pela relação aberta e o *swing*, somente a exclusividade, sendo que um dos principais ideais e pressupostos monogâmicos, o casamento exclusivo entre duas pessoas, é mantido. O poliamor tem como questão de base exatamente a tentativa de ruptura com a imposição da monogamia e o reconhecimento legítimo da diversidade afetiva e sexual. Já a anarquia relacional, por sua vez, acredita que a fronteira entre o amor e a amizade é indefinida e não pode ser delimitada, de modo que não possa existir a institucionalização das diferenças entre os companheiros e outras pessoas.

É importante atentar que formas de poligâmias tradicionais e de culturas não ocidentais não serão de interesse desta pesquisa. O quadro a ser analisado se limita a casais (heteroafetivos e homoafetivos) que têm práticas sexuais e/ou afetivas não monogâmicas consentidas no contexto moderno/ocidental/cristão.

O período de realização desta pesquisa coincide com a ocorrência de uma das maiores pandemias da nossa história, o que exigiu uma série de mudanças de hábitos, sendo o principal deles o distanciamento social. Como medida sanitária, muitos ambientes tiveram seu funcionamento impedido durante este momento. Escolas, comércios, academias de ginástica, universidades, bares, casas noturnas e casas de *swing* estiveram com suas portas fechadas por quase dois anos.

Se por um lado o isolamento social inviabilizou o trabalho de campo, por outro ele fomentou a organização e a interação mais intensa na esfera virtual. E possibilitou a entrada em novos campos de formatos diferentes. Assim sendo, busquei nos grupos de *Whatsapp* uma possibilidade de campo capaz de apresentar como diferentes grupos NM se organizam, interagem, pensam a si mesmos, como se posicionam e o que buscam. Diante disso, neste trabalho foram analisados diariamente um total de doze grupos de *Whatsapp* que estiveram

extremamente ativos durante o período de 2020 a 2022 com temáticas de diferentes vertentes NM, sendo grupos de poliamor e *swing*.

O foco da pesquisa esteve no uso das mídias digitais e não apenas nas próprias mídias, o campo de pesquisa é mais amplo do que apenas os *sites* e aplicativos. Por isso outros campos virtuais ou presenciais foram realizados e relatados ao longo do texto. Isto se deu pelo entendimento de que é fundamental contextualizar o uso das mídias digitais dentro de uma história anterior, paralela ou posterior, para entendermos melhor as motivações e os padrões de comportamento dos usuários. Estes campos, além dos grupos, foram um encontro virtual promovido por uma casa de *swing*, visita a duas casas de *swing*, uma no Rio de Janeiro e outra em São Paulo, uma pousada liberal na Bahia, uma festa liberal em Juiz de Fora e um retiro NM em Mogi das Cruzes. As redes de *swing* (*Sexlog*⁶ e CRS⁷) foram usadas como trampolim para a entrada no campo do *swing*, bem como o aplicativo de relacionamentos *Tinder*⁸. Da mesma forma as páginas com a temática do poliamor, amor livre, não monogamia, não monogamia política, anarquia relacional, relação aberta e *swing* no *Instagram*⁹.

Como pode ser visto, os adeptos do *swing* dispõem de espaços físicos mais bem definidos, pode-se dizer institucionalizados e formalmente reconhecidos, embora o uso dos espaços virtuais seja substancialmente mais raso. Já os poliamoristas não possuem espaços físicos específicos, na contrapartida a sua atuação nas redes sociais e na internet, de modo geral, é bem marcante e desenvolvida. Essa atuação reivindica um espaço de debate e interação para a problematização destas relações. Isso ocorre porque o poliamor se depara com problemas institucionais básicos como o reconhecimento jurídico das famílias decorrentes destas relações,

⁶ Essa rede requer pouca restrição para se cadastrar. É possível encontrar pessoas do mundo liberal para conversar e fazer amizade. Tem um *feed* com as atividades dos seus amigos e dos grupos que você segue. Há também a possibilidade de assistir ou transmitir vídeos ao vivo. Na página inicial deste *site* já aparecem inúmeras fotos explícitas.

⁷ É uma rede restrita apenas para “convidados”, as pessoas precisam ser chamadas por outros participantes e passar por uma avaliação da equipe do *site*. A pessoa que convida outras é chamada de padrinho, e esse é um critério para o *site* cadastrar os novos membros como um casal real, “*no fake*”. Depois é preciso ser certificado, isto é, outros casais que já são certificados precisam certificar que você existe e que participa do “meio” liberal. Somente após isto é que o usuário será aprovado e considerado real. O *site* é pago, podendo ser testado por trinta dias após ser convidado e depois entrar diariamente por cinco minutos.

⁸ É um aplicativo de relacionamento, criado em 2012, que combina pessoas a partir de um “*match*” (nome dado pela plataforma para quando ocorre interesse mútuo entre dois usuários). O *Tinder* permite conhecer pessoas de todos os locais do mundo para possíveis novas paqueras ou amizades. A utilização deste aplicativo para a presente pesquisa se deu como um primeiro meio de encontrar pessoas com interesses em relações NM, já que existem muitos perfis de casais.

⁹ *Instagram* é uma rede social gratuita para compartilhamento de fotos e vídeos capaz de gerar engajamento para uma página. Nela, também é possível seguir usuários, curtir, comentar e compartilhar as publicações, além de dispor de algumas funcionalidades, como *live*, *stories* e *reels*.

as quais, normalmente, encontram-se fora da proteção normativa, o que dá origem tanto à insegurança quanto a ausência de direitos fundamentais (Santiago, 2014, p.8).

No entendimento de que os modelos não monogâmicos apresentados possuem formatos, intenções, sujeitos e questões diferentes, estes serão investigados independentemente, sem, no entanto, perder de vista seus pontos de convergência, divergência e similaridade. A estratégia, no que diz respeito ao campo, é mapear estes diferentes espaços e atores. Com ênfase nos grupos de *Whatsapp*, primeiro por se tratar, desde algum tempo de uma ferramenta de comunicação e mobilização muito presente e eficiente atualmente, segundo porque durante a pandemia foi, em alguns casos uma das principais formas de interação de diversos grupos.

Em campo, o que se observou é que poliamor e *swing* se tornam duas categorias de relações não monogâmicas capazes de englobar muitas formas e práticas afetivo-sexuais. De modo que os interlocutores desta pesquisa se afiguram em dois grupos distintos, pessoas que se reconhecem como não monogâmicos ou poliamoristas¹⁰ (independente da realização ou não do modelo de relacionamento) e os praticantes de *swing* e formas alternativas ligadas a esta atividade.

A escrita deste trabalho de formulação de tese de doutorado está dividida em sete partes. A primeira e segunda partes são a introdução e apresentação da metodologia empregada em campo. O terceiro e quarto capítulos são de cunho teórico, nos quais foram apresentadas, primeiramente, as interseções das Ciências Sociais com a sexualidade. Em seguida, o quarto capítulo, explora a definição e a história da monogamia e do amor romântico, destacando sua interconexão com o patriarcalismo, o capitalismo, o cristianismo e os valores sociais.

No quinto e sexto capítulo o objetivo foi apresentar os formatos de não monogamias estudados e suas relações com as mesmas questões acima. A partir desses capítulos, as falas dos sujeitos e as minhas observações de campo já aparecem entremeadas aos levantamentos bibliográficos. Essas falas e observações foram provenientes da observação dos grupos de *Whatsapp*, redes sociais e páginas específicas sobre o tema, bem como das visitas e participações de espaços específicos.

Por fim, no último capítulo analiso a disputa em torno do conceito de não monogamia, explorando como essas categorias constroem significados em relação à sexualidade e à identidade de pessoas não monogâmicas. São discutidos diversos modelos de não monogamia consensual, como *swing*, relacionamento aberto, anarquia relacional, não monogamia política

¹⁰ Os termos não monogâmicos e poliamoristas são frequentemente confundidos e usados como sinônimos.

e relações livres. Para tanto, recorro à Gayle Rubin e sua abstração de hierarquia da sexualidade expressa pelo círculo encantado para problematizar a concorrência interna em busca da conceituação de Não Monogamia.

Como afirmei ao iniciar este tópico, a não monogamia está cada vez mais presente na mídia, refletindo um interesse crescente e talvez até maior aceitação social dessas práticas. A representação em diversas formas de mídia ajuda a normalizar e educar o público sobre a diversidade de relacionamentos. A não monogamia também está presente na música, com vários artistas abordando o tema em suas canções. Essas músicas frequentemente exploram a complexidade das relações não monogâmicas, incluindo poliamor, relacionamentos abertos, *swing* e outras formas de não exclusividade. As músicas oferecem uma plataforma poderosa para expressar a diversidade de experiências e perspectivas em torno do amor e dos relacionamentos, ajudando a desafiar e expandir as normas sociais. Portanto, as formas NM estão mais próximas do nosso cotidiano do que imaginamos, em músicas, novelas, filmes, *realities* etc. Pensando nisso, selecionei trechos de músicas brasileiras ouvidas há anos e que falam sobre não monogâmias, e as situo na forma de epígrafe ao iniciar cada capítulo desta tese.

2 CONSIDERAÇÕES METODOLÓGICAS

O amor o sorriso e as flores
Paraíso de Dante
Meus amores não são implicantes
com meus outros amantes
Corcovado ou escada rolante
tudo isso convém
Todo homem merece um harém
toda mulher também
Abastece de óleo os neurônios
Esquece o monopólio de hormônios
prazeres já temos de menos
ciúmes já temos demais
vamos ficar
vamos fazer
vocês e eu
eus e você

Poliagamia (2005) / Kid Abelha

Os representantes das categorias NM estão amplamente presentes nas redes sociais, diante disso, o principal campo desta pesquisa foram doze grupos de *Whatsapp* sobre poliamor e *swing*, os quais foram acompanhados, assistidos e analisados diariamente entre maio de 2020 a dezembro de 2022.

Pode-se dizer que os poliamoristas possuem muitas páginas, *blogs* e canais dedicados a militância pelo reconhecimento, divulgação e mobilização, bem como apresentação de conceitos e definições. Segundo Antônio Pilão, desde que a internet surgiu, este tem sido a principal forma de interação entre poliamoristas (Pilão, 2015, p. 394). E os *swingers*, da mesma forma, possuem inúmeros *sites* e redes sociais, mas estes buscam pela oportunidade de exibição e marcar encontros.

As experiências sociais ocorridas nas redes sociais ou em canais mediados pela internet são consideradas, já há bastante tempo, novas facetas de sociabilidade, por isso, necessitam pesquisas sociais específicas. Nesse contexto, Robert Kozinets (2014) criou o conceito de netnografia que consiste em uma pesquisa observacional participante baseada em trabalho de campo *online* e se desenrola a partir da utilização de várias práticas associadas, tais como entrevistas, estatísticas descritivas, coletas de dados arquivais, videografia, levantamentos, grupos focais etc. Define-se netnografia como uma especialização da etnografia, onde as comunicações são mediadas por meio eletrônico para a aquisição de dados para o entendimento e a representação etnográfica de um fenômeno cultural na internet (Kozinets, 2014, p. 24). O termo não é consenso, e alguns pesquisadores defendem que não existe razão para separar as

pesquisas feitas em ambientes digitais da tradicional (Hine, 2005, p. 132).

No artigo *Estar e não Estar lá: Pesquisa Etnográfica no Second Life* (Leitão & Gomes, 2011), as autoras discutem os desafios metodológicos enfrentados ao realizar pesquisa de campo em ambientes virtuais. Elas destacam que, ao ingressar no que elas chamam de *Second Life* (segunda vida), surgem desafios técnicos, corporais e psicológicos, especialmente pela impossibilidade de garantir uma presença física análoga ao trabalho de campo tradicional. Enquanto na antropologia tradicional o "estar lá" implica estar presente fisicamente no local de pesquisa, nos ambientes virtuais essa noção é reconfigurada devido à natureza imaterial do espaço (Leitão & Gomes, 2011, p. 25).

A discussão se estende à importância do ambiente na pesquisa de campo, enfatizando como as interações humanas *online* são mediadas por tecnologia e como os limites entre o *online* e o *offline* se tornam difusos. As autoras exploram a ideia de que o contexto *online* também é um contexto válido para a pesquisa antropológica, desafiando a distinção entre ambos. No *Second Life*, a separação entre o mundo virtual e o mundo real é muitas vezes mantida pelos usuários, mas essa fronteira pode se tornar permeável em certos casos, como em interações sexuais ou divulgação de informações pessoais (Leitão & Gomes, 2011, p. 28).

Kozinets (2014, p. 24) destaca que a internet mudou nossa realidade como consumidor, cidadão, falante, pensador, denunciante, amigo, estudioso, fã, enfim, mudou o que é ser um membro da sociedade. Uma vez analisando grupos destinados a relacionamentos afetivos e sexuais, digo que a internet também mudou nossa realidade como amantes. Outro fato, esse mais recente que mudou a realidade dos cidadãos do mundo inteiro, foi a pandemia de Covid-19. O Coronavírus mudou a rotina de encontros e aproximação das pessoas, fomentando ainda mais as redes sociais como espaço de interação. A coleta dos dados apresentados aqui coincide exatamente com o período de isolamento social mais rígido.

Embora a forma de observação do pesquisador se diferir quando este está em ambiente virtual, pela coleta e armazenamento dos dados, que invariavelmente se apresentam por arquivos em formatos digitais, o caráter investigativo e de observação da realidade continua presente. Mestre e Pinheiro (2021) destacam a importância da obstinação e resignação do pesquisador para adaptar-se a esse novo cenário. Os autores ressaltam a importância de adaptar as metodologias de pesquisa às circunstâncias impostas pela pandemia e reconhecem o papel fundamental das tecnologias digitais na continuidade das pesquisas de campo, especialmente em contextos de alta vulnerabilidade social. Uma das estratégias é justamente a utilização do *Whatsapp* devido à sua acessibilidade e praticidade, e destacam a importância de negociar com os grupos estudados para garantir uma abordagem adequada. Por fim, os autores sugerem que

o trabalho de campo pode ocorrer tanto *online* quanto *offline*, e que a divisão entre os dois pode ser menos rígida do que se pensava (Mestre, Pinheiro, 2021, p. 1737).

A pesquisa no campo virtual necessita de três pontos-chaves: estratégias para entrar no campo, condução das atividades de pesquisa e registro de dados. Neste sentido, na condução das atividades de pesquisa, os pesquisadores enfrentam o desafio de negociar suas interações no ambiente digital, o que pode ser diferente da negociação no campo presencial. Isso requer atenção aos detalhes e sensibilidade às nuances da interação *online*. Em relação à presença no campo, os pesquisadores precisam repensar o significado de estar presente em um contexto digital. Embora a presença física não seja possível, os pesquisadores podem desenvolver uma presença virtual significativa, embora isso apresente seus próprios desafios, como lidar com interrupções técnicas e interpretar os sinais visíveis *online* (Mestre, Pinheiro, 2021, p. 1740).

Os grupos de *Whatsapp* que reúnem pessoas com os mesmos interesses são uma importante forma de organização das categorias NM. Deste modo, a estratégia de entrada no campo se deu de forma diferente para os dois grupos analisados. Para entrar nos primeiros grupos de *swing* foi necessário certa negociação para ser adicionada. Os contatos iniciais ocorreram através de membros ou administradores que conheci em aplicativos de relacionamentos como o *Tinder* e *CRS*, depois de um período de conversas e apreciação do grupo sobre minha presença, permitiram que eu fosse adicionada. Uma vez participante deste primeiro grupo, a porta para integrar novos grupos criados e divulgados ali, já havia sido aberta.

Já os seis primeiros grupos de poliamor surgiram de uma busca no *Google*, onde encontrei alguns *links*, os quais já direcionavam para os grupos, entrei me apresentando como pesquisadora do tema e fui recebida prontamente. Dois últimos grupos, foram acessados mais tarde, um através da participação de um evento organizado pelas administradoras, e outro através de conversas com uma mulher que se intitulava “militante e propagadora” das relações NM. Uma característica que difere os primeiros grupos dos últimos é autogestão observada somente nos primeiros, os outros são administrados por uma pessoa ou um pequeno grupo de pessoas relacionadas à criação do grupo e a uma proposta mais pessoal. Já em relação aos *swingers*, claramente a privacidade não era uma preocupação, estavam disponíveis no *Google* para qualquer interessado.

Estar em alguns grupos de *Whatsapp*, tanto de poliamor e de *swing*, me fez perceber um campo com possibilidades de pesquisa frutíferas. Deste modo, analisei e transcrevi¹¹ falas de

¹¹ As falas são transcritas *ipsis litteris*, ou seja, literalmente. Deste modo, estão sendo reproduzidas exatamente como foram originalmente escritas, sem alterações ou interpretações, podendo haver, portanto, erros de digitação ou gramaticais.

grupos de *Whatsapp* de diferentes regiões do país, com número de participantes que variavam entre treze o menor e 270 o maior. Destes¹², quatro tinham como propósito as relações sexuais apenas. O primeiro deles foi criado em maio de 2020. Entrei nesse grupo no mesmo mês a convite de um casal com quem eu já vinha conversando anteriormente pelo *Tinder*. Em maio de 2020 contava com trinta e dois participantes, a maioria com o código de área 31, região de Belo Horizonte. O grupo não possuía nenhum tipo de descrição, o que levou ao entendimento de que as regras não seriam rígidas. A única regra estabelecida, comunicada por quem me convidou é que todos os participantes estivessem como casais, portanto o número deveria ser sempre par¹³. A princípio acontecia muita troca de fotos e vídeos de sexo, vídeos dos próprios participantes e muitos vídeos pornográficos. A minoria destes vídeos não sugeria *swing* de fato, mas todo tipo de prática sexual grupal ou exibicionismo. Também eram propostos jogos entre os casais, com conotação sexual. Certa vez foi combinada uma prática de sexo público, conhecido por *dogging*, mas não aconteceu. Não haviam longas conversas, somente comentários sobre as fotos e vídeos postados, ou quando aconteciam os jogos, que consistiam em perguntas e respostas, normalmente, sobre preferências sexuais.

O segundo grupo, que também entrei em maio de 2020, foi criado em outubro de 2019 e foi divulgado em um grupo de poliamor. Quando entrei no grupo ele possuía dezessete participantes e a descrição dizia: Grupo destinado a discussão, amizade e postagens “quentes”. Assim como o anterior a maioria das interações ocorria para postagens de fotos e vídeos, pouco ou nenhuma discussão sobre NM.

O terceiro grupo foi criado em agosto de 2020, entrei a partir da divulgação dele no segundo grupo, contava com dez participantes em agosto de 2020 e descrevia as regras da seguinte forma:

Aos novatos: aqui nós falamos sobre muitos assuntos, não só das religiões de matrizes africanas. é um grupo eclético, com muitos momentos de distração, brincadeiras, papos jogados fora, etc. falamos sobre literalmente tudo. podem questionar, cantar, postar fotos, levantar enquetes, brincar... enfim... fiquem a vontade! proibido invadir o pv sem autorização¹⁴

Com o mesmo padrão dos anteriores, o terceiro grupo também possuía pouco diálogo e

¹² Em todos os grupos analisados, os participantes foram informados sobre a minha condição de pesquisadora e permitindo minha presença e registros.

¹³ Mesmo estando claro para todos que minha participação seria como pesquisadora, os administradores pediram que eu não entrasse só, desse modo, pedi que meu companheiro entrasse, cumprindo assim a única regra exigida.

¹⁴ As mensagens retiradas das conversas ocorridas nos grupos de *Whatsapp* serão transcritas na forma de citação ao longo deste texto.

muitas fotos e vídeos. Tentaram promover um encontro em um sítio, mas não se realizou. Os grupos virtuais funcionam muitas vezes somente no espaço *online*, mas também podem coexistir fora dele. No caso dos grupos aqui analisados, todos eram exclusivamente virtuais, embora sempre se pretendesse algum encontro presencial.

Ao quarto e último grupo de *swing* analisado consegui entrar em outubro de 2020 por um membro do grupo descrito anteriormente. Criado em abril de 2020, esse grupo possuía regras mais claras, incluindo:

Apresentação obrigatória com foto; pv somente com autorização. Se chamar sem permissão é ban; permitido nudes; de segunda a sábado, 20hs às 06hs (aos domingos, livre); respeito acima de tudo; proibido pedofilia, zoofilia, incesto, gore e coisas do gênero; proibido apologia ao aborto; proibido apologia às drogas; postagem sobre política é ban na hora; Se você tem algum tipo de preconceito, aqui não é seu lugar!

A frequência de participações variava ao longo do tempo, normalmente os administradores e criadores dos grupos eram os mais ativos e procuravam não deixar o grupo muito tempo sem atividade, mesmo assim, algumas vezes, os grupos eram abandonados pelos criadores e administradores ou as postagens e interações diminuía até o total silêncio. Quando isso ocorria os demais participantes tendiam a sair também.

Os grupos de *swing* possuíam objetivos fundamentalmente hedonistas. Eles normalmente surgem de entusiastas que buscam reunir pessoas com objetivos sexuais concernentes às práticas liberais. A maioria buscava amizades que compartilham deste hábito e encontros sexuais de fato, embora não tenha ficado claro se algum encontro entre os participantes ocorreu. Conteúdos pornográficos eram altamente reproduzidos, assim como vídeos e fotos dos próprios participantes nus ou em atividade sexual. O contato individual sem prévia autorização era considerado inconveniente.

Dos grupos de *Whatsapp* sobre poliamor, seis de foram criados em outubro de 2019 e estavam vinculados a um *site*, que encontrei nas primeiras buscas sobre o tema no *Google*, idealizado por Diego¹⁵ que administra este *site* e páginas no *Instagram* e *Facebook*. Os grupos eram divididos regionalmente: Rio de Janeiro, Minas Gerais, São Paulo, Norte, Sul e Brasil e Diego não os administrava, nem mesmo participava de todos. Os maiores¹⁶ e mais movimentados são os grupos de São Paulo, Rio de Janeiro e Brasil. Os outros três tinham pouca interação e número menor de participantes¹⁷.

¹⁵ Todos os nomes mencionados são fictícios para preservar a identidade dos participantes.

¹⁶ Em maio de 2020 o grupo SP contava com 63 participantes, RJ contava com 30 e o BR 76 participantes.

¹⁷ Em maio de 2020 o grupo MG contava com 13 participantes, o grupo Norte com oito participantes e

Estes grupos tinham como descrição normas e objetivos bem definidos, sendo as principais e mais cobradas: a apresentação com nome, foto, idade, cidade, estado civil e a finalidade de estar no grupo. Assuntos que fugissem à temática deveriam ser evitados, tais como política e religião. Fotos e vídeos pornográficos eram proibidos e severamente reprovados, os administradores sempre exigiam que fossem apagados imediatamente: “apaga agora”. Outra regra do grupo que os participantes valorizavam muito era a solicitação antes de “invadir o privado”, ou seja, chamar a pessoa para uma conversa fora do grupo.

Em maio de 2020, entrei nesses grupos e me apresentei como pesquisadora do tema, assim como fiz nos grupos de *swing*. Fui recebida com atenção e houve interesse sobre minhas possíveis experiências pessoais com o poliamor. O criador do grupo entrou em contato comigo por ligação, para saber mais sobre a pesquisa e se prontificou a me ajudar no que fosse preciso, deixando o espaço dos grupos e do *site* ao meu dispor para realizar a pesquisa. Fui convidada para ser administradora do grupo de Minas Gerais e para ser colaboradora do *site*. Aceitei ser administradora, embora minha participação não tenha se alterado por este “cargo”. Com o passar dos dias e com a entrada de novos integrantes o interesse por mim e pela pesquisa se esvaziou.

De modo geral, muitos participantes dos grupos os utilizavam como um meio de aprender mais sobre poliamor e os assuntos transversais a ele, como sexualidade, gênero e relações afetivas. E nesta busca por informação buscavam também “especialistas” sobre o tema, ou seja, pessoas que fossem mais conhecedoras do assunto do que outras e que pudessem ajudar no entendimento do tema. Quando uma pessoa era considerada este especialista pelos demais membros, logo ela ascendia ao “cargo” de administradora do grupo. Chamo “cargo”, uma vez que ser administrador incluía responder, definir, conceituar, enquadrar, repreender, indagar, corrigir e até mesmo expulsar pessoas com comportamentos inadequados. O critério de eleição dessas pessoas passava pela experiência pessoal, pelo conhecimento acadêmico e assiduidade no grupo. Essas pessoas assumiam um papel de especialista e passavam a ser requisitadas a intervir nas diversas discussões que aparecessem. Tornar-se um administrador, portanto, era uma espécie de credencial de especialista na estrutura desses grupos.

A maioria dos participantes dos grupos de *Whatsapp* sobre poliamor não vivia e nem viveu no passado uma relação poliamorosa de fato, mas a procura pela experiência era constante. As pessoas entravam nestes grupos por vários motivos: busca de conhecimento e informações, troca de experiências sobre poliamor e organização política e identitária. Alguns também

o Sul apesar de uma quantidade razoável de participantes, 30, era o mais silencioso deles.

entravam em busca de relacionamentos. Mas estes quase sempre eram repreendidos pelos demais participantes, principalmente aqueles que aparentavam buscar sexo casual, com especial repulsa aos casais que procuravam por unicórnios¹⁸:

Os dois grupos que entrei por último, já em 2022, tratavam de não monogamia, sem especificação de qual modelo, de modo que estes possuíam participantes que se identificam com, além do poliamor, Anarquia Relacional (AR). O primeiro deles entrei em março de 2022 após a participação em um evento promovido pelas administradoras do grupo. Criado em julho de 2021, era o maior e mais movimentado grupo analisado, com 270 integrantes no momento que entrei. Tratava-se de um grupo com muitos psicólogos e que tendiam a debater o tema a partir deste viés. Inclusive uma das recomendações destacadas na descrição do grupo era “Não "terapeutizar" as pessoas, deduzindo diagnósticos ou analisando comportamentos...”.

Por último, tive contato com mais um grupo NM através de uma página do *Instagram* que falava sobre o tema. Ao entrar e me comunicar com a administradora da página, fui convidada para fazer parte do grupo de *Whatsapp* em maio de 2022, este foi criado em janeiro de 2022 e contava com 19 participantes. Sendo este, portanto, o grupo com menor tempo de observação.

Os espaços virtuais de interação estão cada vez mais amplos e presentes no cotidiano das pessoas, dessa forma não foi difícil encontrar inúmeros meios que tratassem de NM, poliamor e *swing*. As redes, grupos, *sites* e páginas de *swing* que são analisadas neste trabalho costumavam ser mais pragmáticos dando destaque a busca por relações sexuais, exibicionismo, conversas eróticas e propagação de pornografia. Não é um espaço de discussão ou debates sobre a prática. Muito diferente ocorre com os grupos de poliamor e NM, nos quais o principal objetivo era o debate sobre o tema e os assuntos que dele decorrem, as interações de cunho sexual não eram bem-vindas e até mesmo vetadas. As pessoas desses grupos buscavam por informação, organização e troca de experiências, ainda assim era comum que algumas pessoas entrassem com o objetivo direto de se relacionar, porém eram advertidas instantaneamente.

Na condução das atividades de campo, foi essencial entender como as pessoas habitam esses ambientes digitais, quais as frequências, os tipos de interação e as dinâmicas existentes. Além de registrar o conteúdo e as narrativas dos participantes da pesquisa, produzi concomitante um diário de campo, este desempenhou um papel crucial na pesquisa virtual, permitindo o registro de impressões, sensações e experiências que não podem ser capturadas apenas por meio de capturas de tela ou do copiar e colar. Essas ferramentas apenas congelam o

¹⁸ Mulher disposta a se relacionar com um casal já formado antes dela.

fluxo discursivo e imagético, enquanto o diário de campo nos permite uma compreensão mais profunda e contextualizada dos ambientes digitais que investigamos (Gomes; Leitão, 2017, p. 63).

É importante destacar aqui as questões metodológicas envolvidas nas análises das conversas nos aplicativos. Ao explorar a sexualidade e as relações afetivas através dos aplicativos de encontros, Pelúcio (2016) destaca a exigência imersiva como um dos desafios metodológicos dessa pesquisa. A imersão proporcionou a ela uma sensação de hiper conexão e pertencimento a esse mundo:

Nunca fui tão nativa. Imersa em conversas que começam pelos chats dos próprios aplicativos para relacionamentos amorosos e sexuais, migro sem pudor para o WhatsApp. Lembro-me quando temia esse contato que parecia me deixar sempre “on call”, ao alcance de hipotéticas chamadas que podiam ser feitas pelos homens que concordam em colaborar com minha pesquisa. Percebo hoje, um ano depois desses temores, que meus interlocutores, assim como eu, desenvolveram formas de driblar assédios indesejados, de cortar contatos que já não lhes interessam a partir de estratégias que mesclam formas tradicionais de negociação de afetos, bastante marcadas por lugares previsíveis de gênero, tensionados pelas novas possibilidades que as comunicações digitais permitem (Pelúcio, 2016, p. 310).

Esse pertencimento inquietante desestabilizou tanto a pesquisadora quanto a sua identidade pessoal. Pelúcio contribui para o debate, entre outros aspectos, ao destacar que a imersão em um ambiente digital de relacionamento demanda uma interação emocional intensa, que despoja a pesquisadora de sua postura acadêmica e a convida a se posicionar de forma mais pessoal. Essa mudança não é uma estratégia para negociar um aprofundamento do contato, mas sim porque “relações densas vão sendo construídas” (Pelúcio, 2016, p. 322) nos diálogos iniciados nos aplicativos. Esses diálogos podem terminar tão rapidamente quanto começaram ou se prolongar por semanas. As interações adentraram seu espaço doméstico – ou sua privacidade de forma mais ampla – porque seu campo de pesquisa está em seu celular, e ela está presente nos celulares de seus interlocutores, que a contatam nos momentos em que desejam e por motivações diversas. Tanto a pesquisadora quanto os interlocutores estavam investindo emocionalmente nesses contatos:

Revelei opiniões diversas, falei de minha vida pessoal, não apenas como estratégia para humanizar-me e suscitar empatia, conseguindo, assim, interações mais profundas, mas porque o envolvimento que vamos tendo com a troca de narrativas de si vai-se construindo relações densas. Assim, todxs nós que pesquisamos no campo das sexualidades e dos afetos acabamos por nos deixar seduzir pelos convites para falarmos mais de nós mesmxs. Nós que nos aproximamos protegídx pela aura da ciência, quase sempre vista como sisuda, mas confiável; que pedimos confissões a partir de perguntas que parecem não ameaçar

ninguém, vamos nos imiscuindo na intimidade de nossos colaboradoras/es, querendo mais. Muitas vezes, essa é a chave para se entrar e permanecer em campo. (...) Não há receitas para administrar esses atravessamentos entre vida pessoal e acadêmica, mas se pode compartilhar experiências e estratégias, inspirar-se com os achados de outras pesquisas. É nesse sentido que exponho aqui algumas histórias que têm me provocado e me feito buscar caminhos de negociações (Pelúcio, 2016, p. 322).

Outra pesquisadora relata inquietações metodológicas similares, ao participar e interagir com as pessoas a partir dos aplicativos de relacionamento, que apesar das dúvidas iniciais, foram superadas e serviu como experiência para contornar e saber como lidar com novas “investidas”:

Quando Afonso, no papo do início deste texto, questionou ao mesmo tempo sobre a pesquisa, sobre minha vida pessoal e me pediu uma foto, ele foi o primeiro a me sinalizar as tensões possíveis que a pesquisa de campo exerce sobre o antropólogo no processo de estabelecimento das margens, dos limites entre trabalho e prazer, conversa e paquera, cooperação e sedução, as minhas expectativas e interesses e os dos interlocutores, em especial do sexo masculino. Intimidade (ou a tentativa de estabelecê-la) e sedução são linguagens faladas nos contatos iniciados nos aplicativos e, certamente, a pesquisadora não ficaria imune a elas. O encontro com João, outro dos meus interlocutores, me proporcionou mais um momento liminar na pesquisa, no qual expectativa e desejos precisaram ser negociados. Após as conversas virtuais iniciais, agendamos uma primeira entrevista. Ao seu final, João, para minha surpresa e embaraço, deu-me um beijo na boca. O gesto balançou-me emocionalmente, mas, também e principalmente, mexeu com minhas certezas profissionais. Sentí uma enorme inquietação ética com o episódio. Questionei minha metodologia: seria o contato presencial, de fato, uma boa tática? Questionei minha postura: estaria eu preparada para lidar com esse tipo de situação, que no face a face se tornava mais difícil de contornar que na interação virtual? (Santos, 2018, p. 34).

Salienta-se o fato de que existem preconceitos em relação aos aplicativos de relacionamento, principalmente o *Tinder*, como destaca Santos. Uma dessas concepções era a crença de que pessoas, de alguma forma, social ou afetivamente deslocadas (como ela própria enquanto usuária comum), teriam motivação suficiente para recorrer a essa novidade. Outras concepções comuns sobre os motivos para aderir a esses aplicativos estão relacionadas à suposta vocação deles para promover encontros com finalidades exclusivamente sexuais e à facilidade de obter sexo por meio deles. Essas visões são amplamente difundidas na sociedade em relação ao uso das tecnologias de comunicação digital para fins de relacionamento, e já foram abordadas por outros autores. Em certa medida, esses preconceitos persistem até hoje, mesmo com a massificação do uso desses aplicativos e os estudos acadêmicos que têm contribuído para modificar essas percepções (Santos, 2018, p.112).

Deste modo, embora a internet apresente desafios, ela também oferece ferramentas valiosas para a pesquisa sociológica, ficando cada vez mais evidente que não podemos mais ignorar a presença e o papel dessas mídias em nossa sociedade. Não obstante, é imprescindível considerar a diversidade de experiências de uso das mídias digitais, levando em conta fatores como classe social, geração, acesso à tecnologia e tipo de conexão.

Historicamente, as mídias de massa do século XX, como rádio, cinema e televisão, criaram uma experiência de comunicação vertical e unificadora, enquanto as novas mídias digitais, surgidas a partir da internet, introduziram uma comunicação mais horizontal, interativa e em rede. Essa mudança tem impactos significativos nas relações sociais e individuais, permitindo um maior protagonismo individual e uma diversificação dos padrões de interação (Miskolci, 2011, p.13). Portanto, ao estudar o uso das mídias digitais, é crucial adotar uma abordagem interdisciplinar que integre fontes históricas, sociológicas e etnográficas para compreendermos melhor os padrões de comportamento dos usuários e os impactos dessas mídias na sociedade.

Outra metodologia utilizada durante a confecção desta tese foi a observação presencial em campo, técnica de pesquisa qualitativa amplamente utilizada nas ciências sociais, especialmente na antropologia e na sociologia. Este método necessitou que eu imergisse nos ambientes estudados, participando nas atividades do grupo enquanto observava comportamentos, interações e contextos sociais. A observação a partir da integração com os grupos estudados se deu na participação de festas e casas de *swing* e retiro NM, onde interagi diretamente com os participantes, vivendo experiências similares às deles para obter uma compreensão mais profunda e contextualizada das práticas, comportamentos, valores e normas dos poliamoristas e *swingers*, além de buscar descrever o contexto de interação detalhado que possa explicar as observações e os dados coletados.

Com exceção às casas de *swing*, as quais recebiam centenas de pessoas durante toda a noite, os membros dos grupos observados, estiveram sempre cientes da minha identidade e propósito. Em todas as ocasiões foi possível realizar anotações sobre as observações, interações e experiências. Conversas informais com membros dos grupos para obter informações adicionais e clarificações, também foram possíveis

A observação participante foi uma técnica valiosa para a pesquisa, da mesma forma, o relato de caso também desempenhou um papel crucial na coleta de dados primários, oferecendo uma riqueza de informações detalhadas e contextuais que são essenciais para a compreensão aprofundada do fenômeno estudado.

Um relato de caso é uma descrição detalhada de um único caso ou evento, muito

utilizado pela sociologia e outras ciências sociais. Esses relatos são úteis para documentar e analisar fenômenos específicos. O intuito de usar o relato de caso aqui apresentado foi a busca por validar e triangular dados obtidos pela pesquisa *online* e observação participante.

Embora sejam focados em um único caso ou evento, a riqueza de detalhes e contexto do relato proporciona uma compreensão profunda e gera novas ideias e hipóteses para o estudo. Deste modo, ele foi gravado, transcrito e analisado sistematicamente para identificar temas e padrões emergentes. É importante lembrar que o relato foi conduzido de acordo com diretrizes éticas, garantindo o consentimento informado e a confidencialidade do participante que foi informado sobre o objetivo da pesquisa, seus direitos de participação e a garantia de anonimato.

3 A SEXUALIDADE E AS CIÊNCIAS SOCIAIS

*Amar alguém só pode fazer bem
 Não há como fazer mal a ninguém
 Mesmo quando existe um outro alguém
 Mesmo quando isso não convém
 Amar alguém e outro alguém também
 É coisa que acontece sem razão
 Embora soma cause divisão
 Amar alguém só pode fazer bem
 Amar alguém não tem explicação
 Não há como conter o furacão
 Amores vão embora
 Amores vêm
 Não se decide amar e nem a quem
 Amar alguém só pode fazer bem
 Seja só uma pessoa ou um harém
 Se não existe algoz e nem refém
 Amar alguém e outro alguém também*

Amar Alguém (2011) / Marisa Monte

Após as considerações metodológicas apresentadas acima, passo a uma análise mais teórica neste capítulo. Será feita uma discussão sobre a sexualidade no âmbito das Ciências Sociais destacando o componente moral dos fenômenos sociais. Apresento também a história da sexualidade a partir da perspectiva de Foucault, e um panorama das interseções da sociologia com a sexualidade, onde os conceitos de desvio e não monogamia são discutidos.

3.1 MORAL E NÃO MONOGAMIA

A investigação sobre o que é justo e injusto, bem e mal, assim como o conjunto de valores que as pessoas adotam por tradição, hábito ou adesão a crenças, define o campo da ética ou da moral. Esse é um vasto domínio do pensamento, que desde a Grécia Antiga tem sido objeto de reflexão filosófica. Grande parte dessa reflexão gira em torno do conceito de virtude, que é essencial para compreender as diferentes posições dos filósofos sobre a moral (Nascimento, 1985, p. 259). Na tradição cristã, a virtude está ancorada no desapego de si e no amor a Deus, expresso no amor ao próximo. Em contraste, Voltaire ressalta a relatividade dos sistemas morais e a impossibilidade de uma moral universal, defendendo que o homem honesto respeita as leis da sociedade, sendo esse respeito a base de sua integridade.

Na visão de Kant (1985, p. 259), a moral não se relaciona com a busca da felicidade, mas com a dignidade de ser feliz. Para Kant, a moralidade é pautada no dever e na

autodeterminação através da imposição de normas que o indivíduo se propõe a seguir. Nessa perspectiva, ao obedecer a essas leis, o ser humano encontra sua autonomia e, assim, sua liberdade. Virtude, para Kant, é a força moral da vontade em cumprir o dever. Esse conceito de moralidade, centrado na autonomia e no dever, contrasta profundamente com a visão de Nietzsche, que vê na moral tradicional uma repressão dos instintos humanos e uma ferramenta para os oprimidos. Nietzsche propõe uma transvaloração de todos os valores, celebrando a vida e a criação individual de novas virtudes, com a figura do *Übermensch* representando o ideal de alguém que transcende as convenções morais.

Em outro campo, Durkheim (1925) também discute a moral, mas sob um enfoque sociológico. Para ele, a moral está intrinsecamente ligada às regras sociais que regem a conduta dos indivíduos. A moral, segundo Durkheim, é um conjunto de regras precisas que orientam a ação, afastando-a do arbítrio individual. O papel essencial da moral é de regular a conduta, de fixá-la, de subtraí-la ao arbítrio individual. Essa noção se reflete na repetição de ações dentro de um contexto social, onde o comportamento habitual assume um caráter moral (Durkheim, 1988, p. 39). Isso sugere que a moral não é apenas uma questão de consciência individual, mas de conformidade com as normas sociais estabelecidas.

No contexto da moral sexual, as normas e regras que regulam o comportamento sexual promovem a monogamia como a forma ideal de relacionamento. A fidelidade sexual entre parceiros como um valor central, a valorização da sexualidade dentro do casamento, principalmente com fins de procriação, em vez de por prazer ou satisfação pessoal, o formato de família nuclear e a repressão de comportamentos considerados desviantes, de impulsos sexuais considerados inaceitáveis pela sociedade, como promiscuidade, relações múltiplas, relações extraconjugais, e práticas sexuais não convencionais são um reflexo direto dessa moralidade tradicional. Atos que são moralmente válidos tendem a buscar fins impessoais, enquanto comportamentos egoístas são amplamente considerados imorais. A moralidade, nesse sentido, exige um compromisso com algo além de si mesmo, conectando-se ao bem-estar coletivo.

Entretanto, práticas e ideias sexuais que não se conformam a esses padrões tradicionais, como as não monogâmias, são vistas sob a ótica do vício. O vício é amplamente concebido como uma tendência antinatural, uma imperfeição moral ou uma forma de corrupção que desvia o indivíduo das normas sociais e naturais. Essa ideia de vício, como aponta Chauí (1988), está enraizada na noção de que a sexualidade deve ser rigidamente controlada para proteger as instituições sociais e os indivíduos contra comportamentos que corrompem ou desviam do aceitável. As significações de vício indicam a direção que a repressão sexual tomará do ponto

de vista moral: pedagógica, para corrigir e criar hábitos sexuais virtuosos ou morais; punitiva, para fazer com que o desvio deliberado volte aos trilhos; vigilância, para captar momentos de risco de desvio e depravação; estigmatização, para apontar, condenar publicamente e marcar aqueles com vício "por natureza" e corrupção-depravação sedimentada ou irreversível, permitindo que os demais membros da sociedade identifiquem os viciosos "naturais", corruptos e depravados (Chauí, 1988, p. 118).

Historicamente, a sexualidade e o casamento sempre foram regulados por normas explícitas impostas moralmente pela religião, pelas leis e pela ciência. Essas instituições moldam as expressões sexuais e mantêm um sistema de repressão que vai além das práticas sexuais, abrangendo aspectos psicológicos e comportamentais desde a infância (Chauí, 1988, p. 77). A família, enquanto instituição, desempenha um papel central na manutenção dessas normas, justificando a repressão sexual em nome da preservação da ordem social. De modo que, a família, tal como a conhecemos em nossa sociedade, é eterna, natural, universal e necessária. Graças a esses atributos, ela está equipada para justificar, reforçar e reproduzir a repressão sexual. Ou seja, os vícios sexuais são considerados vícios porque destroem, corrompem, pervertem, envenenam, desviam e depravam uma instituição essencial para a humanidade (Chauí, 1988, p. 127).

Nesse sentido, a monogamia se configura como um valor moral central em muitas culturas. No entanto, a não monogamia, como o poliamor, propõe uma alternativa ética, sugerindo que relações comprometidas eticamente podem incluir múltiplos parceiros. No poliamor, o foco está na transparência, comunicação, empatia e responsabilidade, desafiando a exclusividade sexual como única forma de amor moralmente válida. A moralidade tradicional vê a exclusividade como um pilar, enquanto a não monogamia tenta promover a inclusão e o respeito por múltiplos relacionamentos simultâneos e consensuais.

Os movimentos sociais, como o feminismo e os movimentos comunitários das décadas de 1960 e 1970, começaram a questionar essas normas, propondo alternativas à estrutura familiar tradicional e à monogamia. O poliamor, em particular, emerge nesse contexto como uma prática que busca reestruturar as normas sexuais e familiares, promovendo novos valores éticos baseados no consentimento e na autonomia. Essa forma de não monogamia desafia diretamente a moralidade sexual tradicional e propõe uma ética relacional baseada em respeito mútuo e transparência (Haritaworn et al. 2006, p. 518).

Tradicionalmente, a fidelidade sexual é vista como um componente crucial de um relacionamento moralmente saudável, o *swing*, ao permitir relações sexuais fora do casal primário, questiona essa noção. A sociedade também associa o *swing* com promiscuidade,

vendo-o como uma prática moralmente questionável. Por isso, pessoas que praticam podem enfrentar julgamento e rejeição por parte de indivíduos que aderem a valores mais conservadores. Além disso, o *swing* não possui objetivos coletivos e mobilizadores da sociedade, as pessoas praticantes preferem organizar a vida sexual de forma dissidente e individualista, sendo uma forma de transgressão moral controlada e dissimulada, sem fins claros de transformação social.

No entanto, o *swing* também presa por uma série de aspectos éticos como o consentimento informado, um princípio ético importante que valoriza a autonomia e a capacidade de tomar decisões de forma consciente. Ele também promove a ideia de que os indivíduos têm o direito de explorar sua sexualidade de maneira consensual e informada. A honestidade e a transparência são fundamentais no *swing*. Porém quando se fala de igualdade, existem preocupações sobre como as dinâmicas de poder dentro de um relacionamento podem influenciar a decisão de participar do *swing*. E que todos os parceiros estejam igualmente confortáveis e que não haja coerção.

A relação entre moralidade e não monogamia, portanto, é complexa. A não monogamia desafia as normas estabelecidas, sugerindo que a multiplicidade de parceiros pode ser tão ética quanto a monogamia, desde que seja baseada em respeito, responsabilidade e transparência. À medida que essas práticas se tornam mais discutidas e visíveis, elas obrigam a sociedade a reavaliar seus conceitos de moralidade sexual, expandindo a noção de relacionamentos éticos para além dos modelos tradicionais. A moralidade, no contexto de relacionamentos não monogâmicos, abrange um conjunto de valores, normas e princípios que orientam o comportamento das pessoas em relações afetivas e sexuais múltiplas. O que observamos, portanto, são duas práticas que enfrentam condenação social. Muitos segmentos da sociedade veem *swingers* e poliamoristas como imorais, irresponsáveis, promíscuos ou excêntricos.

3.2 FOUCAULT: A HISTÓRIA DA SEXUALIDADE

Outro teórico das Ciências Sociais que transitou fortemente sobre os temas da moral e da sexualidade foi Michel Foucault. Em “A história da sexualidade” um estudo, em três tomos, sobre a sexualidade no mundo ocidental. Foucault inicia a sua argumentação nos trazendo a imagem da moral vitoriana, como uma sexualidade contida, muda, hipócrita, na qual a família conjugal incita o silêncio ao sexo. Há a existência de um puritanismo moderno, requerendo interdição, inexistência e mutismo. Aparentemente, o crescimento do rigor dos códigos de decência surge a partir do século XVII, evidenciando uma mudança na forma como a sociedade

ocidental passa a tratar a sexualidade a partir da modernidade. A única sexualidade aceita é a que gira em torno da família, a possibilidade de se viver o sexo está restrita a um local: o quarto do casal. Para tanto, a burguesia vitoriana impõe um silêncio repressivo cujo objetivo é condenar a sexualidade ao desaparecimento, logo, “não há nada para dizer, nem para ver, nem para saber” (Foucault, 1988, p.10).

No início do século XVII as práticas ligadas ao sexo não eram mantidas em segredo, eram frouxos os códigos da grosseria, da obscenidade, da decência, se comparados com os do século XIX. Na era vitoriana a sexualidade é então cuidadosamente encerrada ao espaço privado, mais que isso a “sexualidade só é reconhecida no lugar utilitário e fecundo do quarto dos pais” (Foucault, 1988, p.10).

O início do processo repressivo coincide com o desenvolvimento do capitalismo, sustentando a explicação de que o sexo, quando não tem fins exclusivamente reprodutivos, prejudica o rendimento dos trabalhadores. Se o sexo é reprimido com tanto rigor, é porque é visto como incompatível com a dedicação ao trabalho, especialmente em uma época em que a força de trabalho é sistematicamente explorada. A sexualidade deveria ser ordenada de modo a garantir o povoamento e a reprodução da força de trabalho, com o objetivo de promover uma sexualidade economicamente útil e politicamente conservadora.

Foucault destaca que as sexualidades consideradas ilegítimas, incapazes de se integrar ao circuito da produção, foram reintegradas no circuito do lucro, nos espaços de tolerância como os *rendez-vous* e as casas de saúde (Foucault, 1988, p. 11). Neste ponto, ele sugere a existência de uma lógica de interdição, mas adverte que é necessário ir além do discurso científico para uma melhor articulação entre poder, saber e sexualidade, pois não se trata apenas de observar a repressão, mas também de afirmá-la vigorosamente.

Diante disso, Foucault levanta dúvidas sobre a hipótese repressiva ao questionar se houve de fato uma intensificação ou instauração de um regime de repressão sexual a partir do século XVII. Ele indaga se a interdição, censura e negação são de fato as formas dominantes de exercício de poder. Foucault também questiona se existe uma ruptura histórica entre a era da repressão e a análise crítica desta repressão. Ele então delinea seu objetivo: "Em suma, trata-se de determinar, em seu funcionamento e em suas razões de ser, o regime de poder-saber-prazer que sustenta, entre nós, o discurso sobre a sexualidade humana" (Foucault, 1988, p. 18).

Em vez de repressão, a partir do século XVII, Foucault sugere que a "colocação do sexo em discurso" parece gerar uma incitação que promove e dissemina as sexualidades polimorfos. Ele enfatiza a importância de considerar quem está falando sobre sexo, os lugares e os pontos de vista a partir dos quais se fala, e principalmente as instituições que incentivam esse discurso.

Assim, ele argumenta que é crucial compreender de que maneiras, por meio de quais canais e através de quais discursos o poder consegue influenciar as condutas mais sutis e individuais (Foucault, 1988, p. 16).

Embora Foucault não tenha apresentado uma definição especial de moral nesta obra, ele lança mão do conceito em diversos momentos para organizar o seu pensamento acerca da sexualidade no mundo ocidental. E o que se percebe é que Foucault fala da moral vitoriana no sentido mesmo de um conjunto de normas que definem as ideias mais fundamentais sobre o que é considerado certo e errado, louvável e repugnantes, bom e mau, virtuoso ou pecaminoso no comportamento humano.

Do ponto de vista sociológico a moral é importante não só porque regula o comportamento, mas porque constitui uma grande fonte de coesão e de continuidades sociais em comunidades humanas. Devido a sua importância a moral de uma sociedade assume muitas vezes a forma de leis, com fortes sanções. Ela inclui um aspecto de comando, o que faz com que todas as pessoas sintam obrigação de cumpri-la e, como consequência, é vivenciado como sendo desejável e dele se tira certa satisfação e prazer. É considerado como sagrado, no sentido em que sua autoridade é experimentada como além do controle humano.

O que é próprio das sociedades modernas é que a moral milenar concernente às sexualidades foi reorganizada e a direção seguida não é a condenação do sexo à obscuridade, mas sim a devoção sobre o assunto, valorizando-o como o segredo. Segundo Foucault, o século XIX e o XX foram os séculos da multiplicação das sexualidades. Nesse período houve uma dispersão de sexualidades e um reforço de suas formas inusuais. Foi a época iniciadora das heterogeneidades sexuais.

Até o final do século XVIII, três grandes códigos explícitos regiam as práticas sexuais: o direito canônico, a pastoral cristã, e a lei civil. Eles mostravam o que era lícito e ilícito, e tudo estava centrado nas relações matrimoniais. Mas o discurso sobre sexo proliferou tão fortemente a partir do século XVIII, que ele foi multiplicado no próprio campo do exercício do poder.

Esta explosão discursiva leva a algumas modificações, fala-se menos da monogamia heterossexual, embora ela continue sendo norma rigorosa, torna-se mais silenciosa. Por outro lado, surgiu o interesse pela sexualidade das crianças, dos loucos, dos criminosos, a homossexualidade, as obsessões, as manias. Como consequência surgem as infrações à moral estabelecida ao mesmo tempo em que se anuncia um mundo da perversão. Mas essas sexualidades periféricas continuam perseguidas e permanecem carregando o estigma da “loucura moral”.

Por volta do século XVIII surge a necessidade de se formular sobre o sexo um discurso

que não seja unicamente da moral, mas da racionalidade. Cumpre falar do sexo como uma coisa que não se deve simplesmente condenar ou tolerar, mas gerir, inserir em sistemas de utilidade, regular para o bem de todos. É neste contexto que nasce uma incitação política, econômica, técnica, a falar de sexo sobre a forma de análise, de contabilidade, de classificação e de especificação, através de pesquisas quantitativas ou causais (Foucault, 1988, p. 27). A revelia das práticas morais e religiosas tentam fazer do comportamento sexual dos casais uma conduta econômica e política.

Surgem várias sexualidades periféricas, figuras que tomaram a palavra para confessarem o que são, embora não passem a ser menos condenadas, passam a ser escutadas. Do fim do século XVIII até o século XX, eles foram perseguidos pelas leis e terminaram nas prisões e nos hospitais, tornando-se figuras localizadas nas categorias de doentes.

Mas o que significa o surgimento de todas essas sexualidades periféricas? O fato de poderem aparecer à luz do dia indica que a norma está perdendo sua força? Ou, ao atraírem tanta atenção, demonstram a existência de um regime ainda mais rigoroso? Para Foucault, o poder exercido não se limita à interdição. Isso é evidente em quatro operações contrárias à simples proibição. O controle da sexualidade infantil, com a interdição dos "hábitos solitários", mobilizou o mundo adulto para uma tarefa reconhecidamente inútil e fracassada. Foucault sugere que o verdadeiro desejo é que esses hábitos persistam e proliferem. O homossexual do século XIX emerge como uma figura transformada: de alguém que apenas praticava a sodomia para alguém com uma "androgenia interior", um "hermafroditismo da alma", unindo em si o masculino e o feminino. Há um aumento na eficácia e extensão do domínio sob controle, bem como a sensualização do poder em benefício do prazer. Assim, ocorre um duplo efeito: o poder se fortalece através de seu próprio exercício. Médicos, psiquiatras, pedagogos e controles familiares podem ter como objetivo combater todas as sexualidades errantes e improdutivas, mas na realidade funcionam como mecanismos de dupla incitação de prazer e poder. Além de tentar reduzir a sexualidade ao casal, a sociedade moderna também fez proliferar grupos com elementos múltiplos e sexualidade circulante, operando no jogo duplo dos procedimentos de vigilância que também funcionam como mecanismos de intensificação. São perseguidos e desejados. Essas operações revelam que a função do poder não é apenas proibir, mas também incitar e controlar, criando um sistema complexo onde o prazer e o poder se entrelaçam.

É preciso, portanto, abandonar a hipótese de que as sociedades industriais modernas inauguraram um período de repressão mais intensa do sexo. Não somente assistimos a uma explosão visível das sexualidades heréticas, mas, sobretudo — e é esse o ponto importante — a um dispositivo bem diferente da lei: mesmo que se apóie localmente em procedimentos de interdição, ele assegura, através de

uma rede de mecanismos entrecruzados, a proliferação de prazeres específicos e a multiplicação de sexualidades disparatadas. Diz-se que nenhuma sociedade teria sido tão recatada, que as instâncias de poder nunca teriam tido tanto cuidado em fingir ignorar o que interditavam, como se não quisessem ter nenhum ponto em comum com isso. É o inverso que aparece, pelo menos numa visão geral: nunca tantos centros de poder, jamais tanta atenção manifesta e prolixa; nem tantos contatos e vínculos circulares, nunca tantos focos onde estimular a intensidade dos prazeres e a obstinação dos poderes para se disseminarem mais além (Foucault, 1988, p. 48,49).

Há três séculos o discurso sobre o sexo em vez de ser diminuído foi multiplicado, trazendo consigo proibições e restrições com o objetivo de, na verdade, mascarar-lo. Antes de Freud o discurso sobre o sexo apenas buscou esconder o que dele se falava e para a legitimação houve uma busca pela fala purificada sobre o sexo através da ciência médica que, no entanto, abordava sobretudo as aberrações, perversões e as práticas excepcionais. Tal ciência esteve, essencialmente, subordinada aos imperativos da moral, cujas classificações foram anunciadas sob a forma de normas médicas (Foucault, 1988, p. 54).

Podemos perceber, portanto, que foi construído em torno do sexo um imenso aparato para produzir a verdade sobre ele sempre sustentado pelos imperativos da moral vitoriana. Assim sendo, Foucault diferencia duas formas distintas de produção da verdade sobre o sexo, a oriental e a ocidental. A primeira é chamada de *Ars erótica*, na qual o prazer é visto como uma prática e colhido como experiência. Não se refere a uma lei absoluta do permitido e do proibido, nem a um critério de utilidade. O prazer é considerado em relação a si mesmo, conforme sua intensidade, qualidade, duração e reverberações no corpo e na alma. Esse conhecimento deve refletir sobre a própria prática, tornando-se secreto pela necessidade de discrição, pois, segundo a tradição, perde sua eficácia quando divulgado.

A segunda, chamada de *Scientia sexualis*, consiste em procedimentos que ordenam a confissão da verdade sobre o sexo, em função de uma forma de poder-saber. A confissão passou a ser, no ocidente, uma das técnicas mais altamente valorizada para produzir verdade e passou a difundir amplamente seus efeitos na justiça, na pedagogia, na medicina, nas relações familiares, amorosas. “O homem, no ocidente, tornou-se um animal confidente” (Foucault, 1988, p. 59).

Apesar de ter surgido pela religião, a confissão foi se difundindo entre nós a tal ponto que hoje está tão arraigada em nossos costumes que não a percebemos mais, considerando-a natural. A confissão obriga à enunciação e, por isso, promove a colocação do sexo em discurso e o reforço do despropósito sexual. Segundo Foucault, “a verdade é autenticada pelos obstáculos e resistências que teve que suprimir para poder manifestar-se”. Isso revela que a medicina integrou completamente a confissão, resultando em uma ciência fundamentada no ritual da

confissão. Foucault identifica duas instâncias de produção da verdade: os procedimentos da confissão e a discursividade científica. A primeira característica marcante do sexo na modernidade é o fato de que ele possui uma realidade em si. É o sexo que fala, que responde por si mesmo, que age por si mesmo. “Sexo que pode ser surpreendido e interrogado e que, contraído e volúvel ao mesmo tempo, responde ininterruptamente”. No Ocidente, o sexo se mostra como algo que precisa ser desvelado, pois sempre foi visto em segredo, silenciado e reprimido. Foucault, entretanto, propõe o questionamento dessa hipótese de que o sexo é reprimido no Ocidente. De onde surgiu a ideia de que o sexo é reprimido? É através da investigação da história das ideias acerca do sexo que ele pretende responder a esse questionamento.

Segundo o autor, a ideia de que o sexo é algo reprimido em nossa sociedade surge de uma representação do poder que ele chama de "jurídico-discursiva." Essa concepção sustenta tanto a temática da repressão quanto a teoria da lei como constitutiva do desejo. Ambas recorrem a uma representação comum do poder que, dependendo de seu uso e da posição que ocupa em relação ao desejo, resulta em duas consequências opostas: a promessa de uma 'liberação' se o poder tiver apenas um domínio exterior sobre o desejo, ou a afirmação de que estamos sempre enredados se o poder for constitutivo do próprio desejo. Na visão do autor o problema da hipótese repressiva está justamente em uma representação do poder que na sua visão é equivocada. Equivocada porque supõe um poder “pobre em seus recursos, econômico em seus procedimentos, monótono nas táticas que utiliza, incapaz de invenção e como que condenado a se repetir sempre” (Foucault, 1988, p. 80).

Para o autor as representações que se fazem do sexo em termos de opressão e repressão são maneiras limitadas de se reconhecer o exercício do poder apenas na sua forma negativa. Para Foucault o poder que antes era essencialmente repressivo - poder de direito sobre os corpos, poder da lei - hoje é um poder essencialmente técnico, que se exerce não mais pelo castigo, mas pelo controle dos corpos. Mais do que um mecanismo de leis que tem por função controlar o sexo, a sociedade moderna burguesa criou uma verdadeira tecnologia do sexo. Argumenta ainda contra a visão tradicional de sexualidade como uma força rebelde e indomável, que o poder tenta submeter sem sucesso. Em vez disso, sugere que a sexualidade é um ponto central e denso nas relações de poder, envolvendo diferentes grupos, como homens e mulheres, jovens e velhos, pais e filhos, educadores e alunos, padres e leigos, e entre a administração e a população. Nestas relações, a sexualidade não é o aspecto mais rígido, mas um dos mais maleáveis e instrumentalizados.

A partir do século XVIII, identifica quatro grandes estratégias que desenvolveram

dispositivos específicos de conhecimento e poder sobre o sexo, sendo uma delas a "histerização do corpo da mulher". Este processo é descrito como tríptico: o corpo da mulher foi analisado, qualificado e desqualificado como saturado de sexualidade; os corpos femininos foram integrados sob a ideia de uma patologia intrínseca e o corpo da mulher foi posto em comunicação orgânica com o corpo social (assegurando a fecundidade regulada), com o espaço familiar (sendo um elemento substancial e funcional), e com a vida das crianças (que a mulher deve produzir e garantir através de uma responsabilidade biológico-moral). Este processo ilustra como a sexualidade feminina foi instrumentalizada e regulada dentro de uma rede complexa de relações de poder (Foucault, 1988, p. 85).

A pedagogização do sexo da criança consiste em uma dupla afirmação: quase todas as crianças se dedicam ou são suscetíveis de se dedicar a uma atividade sexual e tal atividade, sendo ao mesmo tempo “natural” e “contra a natureza”, traz consigo perigos físicos e morais, coletivos e individuais. Pais, famílias, educadores, médicos e psicólogos devem continuamente se encarregar desse germe sexual precioso e arriscado. A socialização das condutas de procriação é a socialização econômica, por meio de incentivos ou restrições à fecundidade dos casais, utilizando medidas “sociais” ou fiscais; socialização política, responsabilizando os casais em relação a todo o corpo social; socialização médica, considerando o valor patogênico das práticas de controle de natalidade, tanto para o indivíduo quanto para a espécie. Já na psiquiatrização do prazer perverso o instinto sexual foi isolado como um instinto biológico e psíquico autônomo. Realizou-se uma análise clínica de todas as formas de anomalias que podem afetá-lo, atribuindo um papel de normalização e patologização a toda conduta, com o objetivo de aplicar uma tecnologia corretiva para tais anomalias.

Essas estratégias abordam a própria produção da sexualidade, que não deve ser vista como um dado natural que o poder tenta desafiar, nem como um domínio obscuro que o conhecimento tenta desvelar gradualmente. Foucault concebe a sexualidade como o nome dado a um dispositivo histórico, não uma realidade subterrânea de difícil apreensão, mas sim uma extensa rede superficial onde a estimulação dos corpos, a intensificação dos prazeres, a incitação ao discurso, a formação de conhecimentos, o fortalecimento dos controles e das resistências se entrelaçam de acordo com grandes estratégias de saber e poder (Foucault, 1988, p.100).

Foucault coloca lado a lado o dispositivo da aliança e o da sexualidade. O primeiro está vinculado ao direito (lícito/ilícito) à reprodução, ainda mantido através de formas tradicionais, especialmente na estrutura familiar. A interdição, como no caso do incesto ou da segregação, é típica deste dispositivo. Por outro lado, o dispositivo da sexualidade, ao qual Foucault se refere, segue uma lógica diferente, fortemente ligada ao sexo como um assunto de Estado e à vigilância

(não interdição). A autonomização do sexo em relação ao corpo fez surgir uma medicina especializada no sexo, abrindo caminho para o domínio médico-psicológico das perversões, substituindo as categorias morais de devassidão e extravagância. Sua história de disseminação e aplicação não se limita ao uso do prazer para gerar força de trabalho, mas também se estende às classes privilegiadas, embora esteja associado a certa hegemonia burguesa. O corpo ganha valor, assim como um modelo de família e uma sexualidade específica são promovidos.

O dispositivo de aliança é estruturado em torno de um sistema de regras que delineiam o permitido e o proibido, o prescrito e o ilícito; já o dispositivo de sexualidade opera com técnicas móveis, polimorfos e conjunturais de poder. Enquanto o dispositivo de aliança visa reproduzir a trama das relações e manter a lei que as governa, o dispositivo de sexualidade promove uma expansão contínua dos domínios e das formas de controle. Para o primeiro, o que importa é o vínculo entre parceiros com status definido; para o segundo, são as sensações do corpo, a qualidade dos prazeres, a natureza das impressões. Enquanto o dispositivo de aliança se conecta estreitamente à economia devido ao papel que desempenha na transmissão ou circulação das riquezas, o dispositivo de sexualidade se liga à economia por meio de articulações numerosas e sutis, tendo o corpo como elemento central — um corpo que produz e consome. A razão de ser do dispositivo de sexualidade é proliferar, inovar, anexar, inventar, penetrar nos corpos de maneira cada vez mais detalhada e controlar as populações de forma globalmente abrangente. A sexualidade está intrinsecamente ligada aos dispositivos modernos de poder, expandindo-se significativamente desde o século XVII. A articulação que sustenta esse dispositivo não se organiza em torno da reprodução, mas sim em torno da intensificação do corpo, sua valorização como objeto de conhecimento e seu papel nas dinâmicas de poder.

A família desempenha um papel fundamental ao intermediar entre a sexualidade e as alianças sociais, levando a lei e os aspectos jurídicos para dentro da dinâmica sexual, e trazendo a economia do prazer e as intensidades sensoriais para o contexto das alianças familiares. O incesto, por sua vez, ocupa um lugar central na família, sendo algo constantemente evocado e rejeitado, fonte de obsessão e mistério, ao mesmo tempo temido e essencial como segredo. Ao considerar que a proibição do incesto marca o início de qualquer cultura, o texto argumenta que a sexualidade, desde os primórdios, está sob a influência da lei e do direito (Foucault, 1988, p.123)

O que se passou desde o século XVII pode ser decifrado do seguinte modo: o dispositivo de sexualidade, que se desenvolvera primeiro nas margens das instituições familiares, vai se reencontrar pouco a pouco na família. O que ele podia comportar de estranho, de irredutível, de perigoso, talvez, para o dispositivo de aliança, é tomado em consideração pela família. Os pais,

os cônjuges, tornam-se, na família, os principais agentes de um dispositivo de sexualidade que no exterior se apoia nos médicos, pedagogos e psiquiatras, e que, no interior, vem duplicar e logo “psicologizar” ou “psiquiatrizar” as relações de aliança. Aparecem então, estas personagens novas, a mulher nervosa, a esposa frígida, a mãe indiferente ou assediada por obsessões homicidas, o marido impotente, sádico, perverso, a moça histérica ou neurastênica, a criança precoce e já esgotada, o jovem homossexual que recusa o casamento ou menospreza sua própria mulher. São as figuras mistas da aliança desviada e da sexualidade anormal.

Se tomarmos por base a hipótese de que a sexualidade foi reprimida, teríamos que partir do princípio de que para se chegar à repressão foram necessárias algumas rupturas na noção de sexualidade, no decorrer do século XVII, com a valorização exclusiva da sexualidade adulta e matrimonial, imperativos de decência, e muitos pudores na linguagem. Já no século XX, estes mecanismos teriam começado a se afrouxar como, por exemplo, havendo uma relativa tolerância das relações pré-nupciais ou extramatrimoniais e a eliminação dos tabus que possuem sobre a sexualidade das crianças.

No entanto, Foucault argumenta que este ciclo repressivo que existiu entre os séculos XVII e XX, não coincide com as invenções técnicas de controle da sexualidade e muito menos com a cronologia de sua difusão no tecido social. Foi no século XVIII que a Igreja deixou de ter a primazia no controle da sexualidade na sociedade. Foi através da pedagogia, da medicina e da economia que o sexo passou a ser também assunto de Estado, tornando cada indivíduo responsável pela vigilância de sua sexualidade e da dos outros. Portanto, cada uma das novas técnicas atuava sobre um foco específico. A pedagogia coibia a sexualidade das crianças, a medicina se ocupava da fisiologia sexual das mulheres e a demografia controlava a regulação dos nascimentos. Obviamente, estas técnicas de controle surgem como uma continuidade das antigas práticas de penitência próprias do cristianismo medieval, que a partir do século XVIII passa a ser domínio da instituição médica, tendo atrelada ao seu controle à exigência da normalidade, em vez da pura e simples questão da morte e do castigo eterno.

Esta passagem permitiu, por exemplo, que o sexo fosse autonomizado em relação ao corpo, possibilitando o estudo das perversões, que deslocou o discurso das chamadas categorias morais de devassidão e da extravagância. Na época havia uma crença no sexo enquanto responsabilidade biológica, uma vez que poderia transmitir doenças se não fosse controlado. Por isso o projeto médico e político de organizar uma gestão estatal dos casamentos e nascimentos. Não se pode deixar de lado a história da difusão e dos seus pontos de aplicação. No entanto, as técnicas mais rigorosas foram formadas e aplicadas nas classes economicamente privilegiadas e politicamente dirigentes.

Todos os deslocamentos destas técnicas não podem corroborar a ideia de que houve uma grande fase repressiva em relação ao sexo que teria se iniciado na época clássica e que se encerraria no decorrer do século XX. Ao contrário, o que ocorreu foi uma grande produção de métodos e procedimentos. Por este motivo não se pode ignorar a difusão dos seus pontos de aplicação. No entanto, as técnicas mais rigorosas foram formadas e aplicadas primeiramente nas classes dirigentes e economicamente privilegiadas.

A burguesia passou a considerar no seio da própria família, que o sexo era uma coisa importante e que merecia ser conhecido. Porém em relação às classes subalternas a burguesia nunca buscou limitar seu prazer. A cultura burguesa buscou problematizar a saúde e suas condições de funcionamento para justamente maximizar a vida. Em vez de reprimir o sexo das classes exploradas ela buscou afirmar a sua própria longevidade enquanto classe dominante. Esta postura para Foucault, nada tem a ver com sujeição de uma classe à outra, e sim, uma auto-afirmação que mais tarde se expandiu para um controle econômico e político.

A burguesia constituiu para si um corpo de classe, com uma saúde, uma limpeza, uma espécie de linhagem, tal qual a aristocracia nobiliárquica afirmava a especificidade do seu próprio corpo na forma do sangue, ou seja, da antiguidade das ascendências e do valor das alianças, Já a burguesia criou e assumiu seu corpo, olhando para a sua descendência e para a saúde de seu organismo. Podemos perceber que a cultura do corpo cria certa sexualidade, por isso, não pode ser vista como castração, embora possa apresentar limites, por exemplo, em relação às classes.

Quanto ao adolescente, desperdiçando em prazeres secretos a sua futura substância, e à criança onanista que tanto preocupou médicos e educadores, desde o fim do século XVIII até o fim do século XIX, não era o filho do povo, o futuro operário a quem se deveria ensinar as disciplinas do corpo; era o colegial, a criança cercada de serviçais, de preceptores e de governantas, e que corria o risco de comprometer menos uma força física do que capacidades intelectuais, que tinha o dever moral e a obrigação de conservar, para sua família e sua classe, uma descendência sadia (Foucault, 1988, p.114).

A partir do século XVII, há uma mudança na concepção do direito de vida e morte. Esse direito passa a ser exercido pelo Estado não mais como forma de defender o poder soberano, mas como mecanismo de defesa da vida do corpo social. O poder de morte passa a ser um complemento de um poder que se exerce sobre a vida, um bio-poder que tem na administração dos corpos e na gestão calculista da vida os mecanismos principais de geração e reafirmação da sua soberania.

A partir disso, Foucault coloca a importância da sexualidade nesse novo contexto.

Segundo ele, o dispositivo da sexualidade será um dos mais importantes para, a partir do século XIX, articular as duas técnicas de poder que sustentam o bio-poder. Essas técnicas se desenvolveram concretamente a partir do século XVII, no início do período capitalista. São elas: disciplina do corpo, em relação ao corpo dever-se-ia adestrar, ampliar suas aptidões, crescimento paralelo de sua utilidade e docilidade, integração em sistemas de controle eficazes; e as regulações da população, o corpo transpassado pela mecânica do ser vivo e como suporte dos processos biológicos, a proliferação, os nascimentos e a mortalidade, o nível de saúde, a duração da vida e a longevidade, ou seja, um “bio-política da população”. A sociedade normatizadora se constrói em torno da vida e do corpo, em vez de se basear no direito de matar:

Sabemos quantas vezes se colocou a questão do papel que uma moral ascética teria tido em toda a primeira formação do capitalismo; mas, o que se passou no século XVIII em certos países ocidentais e esteve ligado ao desenvolvimento do capitalismo, foi um outro fenômeno, talvez de maior amplitude do que essa nova moral que parecia desqualificar o corpo: foi nada menos do que a entrada da vida na história — isto é, a entrada dos fenômenos próprios à vida da espécie humana na ordem do saber e do poder — no campo das técnicas políticas (Foucault, 1988, p.133).

Foucault sugere que devemos pensar como as pessoas do futuro, que questionarão por que acreditamos que dar tanta importância ao sexo era algo meritório, desafiando uma moral milenar. Essas pessoas também se perguntarão como pudemos nos orgulhar de ter nos libertado, no século XX, de uma longa era de repressão severa associada ao ascetismo cristão e aos imperativos da economia burguesa. No entanto, ao fazer isso, elas reconhecerão o contrário: que houve uma ascensão gradual de um sistema complexo que nos fez falar incessantemente sobre sexo, dedicar atenção e preocupação a ele, enquanto, na verdade, estávamos sendo controlados pelos mecanismos de poder da sexualidade. Ou seja, Foucault argumenta que o discurso sobre a libertação sexual é ilusório; em vez de verdadeira liberdade, o aumento da discussão sobre sexo serviu para nos sujeitar a novas formas de controle e poder (Foucault, 1988, p. 148).

Foucault apresenta um conceito perturbador sobre a sexualidade: "é o conjunto de efeitos produzidos nos corpos, nos comportamentos, nas relações sociais, por um certo dispositivo pertencente a uma tecnologia política complexa" (Foucault, 1988, p. 139). Ele conclui sua obra com uma previsão alarmante: "Não acreditar que ao dizer sim ao sexo se está dizendo não ao poder; ao contrário, se está seguindo a linha do dispositivo geral da sexualidade" (Foucault, 1988, p. 148).

Para Foucault, a repressão sexual surge no século XVII, coincidindo com o advento do

capitalismo e se consolidando na ordem burguesa. O sexo é visto como incongruente com a exploração da força de trabalho (Foucault, 1999, p. 11). Nesse contexto, emerge pela primeira vez uma imposição generalizada, característica peculiar do Ocidente moderno. Não se trata apenas da obrigação de confessar transgressões às leis sexuais, como exigido pela penitência tradicional, mas sim da demanda quase infinita de verbalizar, para si mesmo e para os outros, tudo o que possa estar relacionado aos prazeres, sensações e pensamentos que têm afinidade com o sexo. Esse projeto de "colocação do sexo em discurso" tem raízes antigas na tradição ascética e monástica, mas foi no século XVII que se tornou uma norma geral. Alguns podem argumentar que essa norma se aplicava apenas a uma elite mínima, já que a maioria dos fiéis raramente confessava suas práticas sexuais.

No entanto, o essencial é que essa obrigação foi estabelecida como um ideal para todo bom cristão: não apenas confessar atos contrários à lei, mas transformar todo o desejo em discurso. Nada deveria escapar dessa formulação, mesmo que as palavras utilizadas precisassem ser cuidadosamente neutralizadas. A pastoral cristã fixou como dever fundamental fazer passar todas as questões relacionadas ao sexo pelo crivo incessante da palavra. A interdição de certas palavras, a moderação das expressões, todas as formas de censura vocabular poderiam ser vistas como dispositivos secundários em relação a essa grande sujeição: maneiras de tornar moralmente aceitável e tecnicamente útil a verbalização do sexo (Foucault, 1999, p. 24).

É por volta do século XVIII que surge uma incitação política, econômica e técnica para falar sobre o sexo. Esta abordagem não se apresenta tanto sob a forma de uma teoria geral da sexualidade, mas sim como uma análise, uma contabilização, uma classificação e uma especificação, através de pesquisas quantitativas ou causais. A necessidade de formular um discurso sobre o sexo que não seja apenas moral, mas também racional, era algo suficientemente novo para, inicialmente, surpreender a si mesma e buscar justificar-se. Como poderia um discurso racional abordar esses temas? Foucault observa que "Raramente os filósofos encararam com segurança tais objetos, situados entre a repugnância e o ridículo, em relação aos quais seria preciso, ao mesmo tempo, evitar a hipocrisia e o escândalo" (Foucault, 1988, p. 26).

Quase um século depois, a medicina, da qual poderíamos esperar maior familiaridade com o que precisava ser formulado, ainda hesitava ao dizer: "A sombra que envolve esses fatos, a vergonha e a repugnância que eles inspiram, sempre afastaram o olhar dos observadores... Durante muito tempo hesitei em introduzir neste estudo o quadro repulsivo..." (Foucault, 1988, p. 26). O cerne da questão não são esses escrúpulos, o moralismo que eles revelam, ou a hipocrisia que às vezes sugerem, mas sim o reconhecimento da necessidade de superá-los. É

crucial falar sobre o sexo de forma pública, não com a intenção de demarcar apenas o que é lícito e ilícito, mesmo que o locutor preserve essa distinção (é para isso que servem essas declarações solenes e preliminares); é necessário abordar o sexo como algo que não deve ser simplesmente condenado ou tolerado, mas sim gerido, inserido em sistemas de utilidade, regulado para o bem de todos, operando segundo um padrão ideal.

O sexo não é apenas julgado; ele é administrado. Ele transcende para o domínio público; exige procedimentos de gestão; deve ser tratado por meio de discursos analíticos. No século XVIII, o sexo se torna uma questão de "polícia". Não no sentido de reprimir desordem, mas sim no sentido forte da palavra à época - como uma organização ordenada das forças coletivas e individuais:

Fortalecer e aumentar, pela sabedoria de seus regulamentos, a potência interior do Estado e, como essa potência consiste não somente na República em geral, e em cada um dos membros que a compõem, mas ainda nas faculdades e talentos de todos aqueles que lhe pertencem, segue-se que a polícia deve ocupar-se inteiramente desses meios e fazê-los servir à felicidade pública. Ora, ela só pode atingir esse objetivo através do conhecimento que possui dessas diferentes vantagens (Foucault, 1999, p. 27).

Os séculos XIX e XX foram caracterizados inicialmente pela proliferação, pela diversidade de sexualidades, pelo fortalecimento de suas formas inusuais e pela disseminação múltipla das "perversões". Nossa época foi pioneira nas heterogeneidades sexuais (Foucault, 1999, p. 38). Dentro deste sistema centrado na aliança legítima, a expansão discursiva dos séculos XVIII e XIX provocou duas alterações significativas. Primeiramente, um movimento centrífugo em relação à monogamia heterossexual. Claro que o campo das práticas e dos prazeres continua a apontá-la como regra interna. Mas fala-se cada vez menos nela; em todo caso, com crescente sobriedade. Renuncia-se a acuá-la em seus segredos; não se lhe exige mais formular-se a cada instante. O casal legítimo, com sua sexualidade regular, tem direito à maior discricção, talvez funcione como norma mais rigorosa, porém mais silenciosa (Foucault, 1999, p. 39).

O que representa o surgimento dessas sexualidades periféricas? Será que o fato de elas poderem aparecer publicamente indica que a regra está perdendo em rigor? Ou será que o fato de atraírem tanta atenção prova a existência de um regime mais severo e a preocupação em exercer um controle direto sobre elas? Em termos de repressão, as coisas são ambíguas: pode-se argumentar que houve indulgência, considerando que a severidade dos códigos referentes aos delitos sexuais se atenuou consideravelmente no século XIX, com frequente cedência da justiça à medicina. Contudo, pode-se também perceber um ardil suplementar da severidade ao

considerar todas as instâncias de controle e os mecanismos de vigilância instaurados pela pedagogia ou pela terapêutica. É possível que a intervenção da Igreja na sexualidade conjugal e sua repulsa às "fraudes" contra a procriação tenham perdido muito de sua força nos últimos 200 anos. Entretanto, a medicina se imiscuiu profundamente nos prazeres do casal: criou toda uma patologia orgânica, funcional ou mental derivada de práticas sexuais "incompletas"; classificou meticulosamente todas as formas de prazeres associados; integrou-os ao "desenvolvimento" e às "perturbações" do instinto; e assumiu a gestão integral de todos esses aspectos (Foucault, 1999, p. 41).

A implantação das múltiplas perversões não representa uma subversão da sexualidade como vingança contra um poder excessivamente repressivo, nem se trata de formas paradoxais de prazer que se voltem contra o próprio poder, investindo nele como outro "prazer a experimentar". Em vez disso, as perversões são um efeito-instrumento: é através do isolamento, da intensificação e da consolidação das sexualidades periféricas que as relações de poder com o sexo e o prazer se ramificam e se multiplicam, penetrando nos corpos e condutas. Nesse avanço dos poderes, as sexualidades dispersas se fixam, rotuladas conforme idade, local, preferência e tipo de prática. A proliferação das sexualidades é uma extensão do poder; o poder se intensifica através de cada uma dessas sexualidades regionais, proporcionando um campo de intervenção. Essa conexão, particularmente a partir do século XIX, é garantida e impulsionada pelos numerosos ganhos econômicos que, através da medicina, da psiquiatria, da prostituição e da pornografia, se vincularam tanto à concentração analítica do prazer quanto à intensificação do poder que o controla. Prazer e poder não se anulam; não se voltam um contra o outro; eles se seguem, se entrelaçam e se reforçam mutuamente. Eles se encadeiam através de mecanismos complexos e positivos de excitação e incitação (Foucault, 1999, p. 48).

Além dos rituais probatórios, das garantias da autoridade tradicional, além dos testemunhos e dos procedimentos científicos de observação e demonstração, a confissão tornou-se uma das técnicas mais valorizadas no Ocidente para produzir a verdade. Desde então, nos tornamos uma sociedade singularmente dada a confessar. A confissão espalhou seus efeitos amplamente: na justiça, na medicina, na pedagogia, nas relações familiares, nos relacionamentos amorosos, na esfera cotidiana e nos ritos solenes. Confessam-se crimes, pecados, pensamentos e desejos; passado e sonhos são confessados; a infância é confessada; doenças e misérias pessoais são confessadas com a maior precisão possível. Confessa-se publicamente, em particular, aos pais, educadores, médicos, e aqueles a quem se ama; faz-se a si mesmo confissões tanto na alegria quanto na dor, confissões impossíveis de serem confiadas a outros, o que resulta na produção de livros. Tanto a ternura mais desarmada quanto os mais

implacáveis poderes necessitam de confissões. No Ocidente, o homem tornou-se um animal confessante (Foucault, 1999, p. 59).

Considerando os grandes marcos históricos: em ruptura com as tradições da ars erótica, nossa sociedade estabeleceu uma *scientia sexualis*. Mais precisamente, assumiu a responsabilidade de produzir discursos verdadeiros sobre o sexo, tentando ajustar, não sem dificuldades, o antigo procedimento de confissão às regras do discurso científico. A *scientia sexualis*, desenvolvida a partir do século XIX, paradoxalmente, preserva como núcleo o singular ritual da confissão obrigatória e exaustiva, que constituiu, no contexto cristão ocidental, a primeira técnica para produzir a verdade sobre o sexo (Foucault, 1999, p. 66).

Os discursos são elementos táticos no campo das correlações de força; diferentes discursos podem existir, até contraditórios, dentro da mesma estratégia, ou podem circular entre estratégias opostas sem alterar sua forma. Não se trata de perguntar aos discursos sobre o sexo qual teoria implícita eles derivam, que divisões morais introduzem ou que ideologia, dominante ou dominada, representam. Pelo contrário, é necessário interrogá-los em dois níveis: o da sua produtividade tática, isto é, que efeitos recíprocos de poder e saber eles produzem, e o da sua integração estratégica, isto é, que conjuntura e correlação de forças tornam necessária sua utilização em determinado episódio dos diversos conflitos produzidos.

Resumidamente, trata-se de direcionar para uma concepção de poder que substitua o privilégio da lei pelo ponto de vista do objetivo, o privilégio da interdição pelo ponto de vista da eficácia tática, o privilégio da soberania pela análise de um campo múltiplo e móvel de correlações de forças, onde são produzidos efeitos globais, embora nunca completamente estáveis, de dominação. O modelo estratégico prevalece sobre o modelo jurídico não por escolha especulativa ou preferência teórica, mas porque é efetivamente um dos traços fundamentais das sociedades ocidentais o fato de que as correlações de força, por muito tempo expressas principalmente na guerra em todas as suas formas, gradualmente se investiram na ordem do poder político (Foucault, 1999, p. 97).

Foucault argumenta que, apesar da repressão sexual, houve uma proliferação de práticas e identidades sexuais não conformes ao modelo monogâmico e heterossexual. Isso inclui a homossexualidade, as sexualidades infantis, e outras formas que não se encaixavam na norma vitoriana. A não monogamia pode ser vista nesse contexto como uma dessas práticas "periféricas" que desafiam a norma sexual dominante.

Além disso, Foucault não vê apenas repressão nas práticas sexuais divergentes; ele sugere que o discurso sobre o sexo também gera uma incitação. No caso das não monogâmias, práticas como o poliamor ou o swing podem ser entendidas como formas contemporâneas de desafiar e

reconfigurar a sexualidade dentro dessa rede discursiva, ao mesmo tempo que são alvo de discursos que as patologizam ou as marginalizam.

Portanto, as não monogâmias podem ser interpretadas como parte do fenômeno que Foucault descreve, no qual novas formas de prazer emergem a partir das relações de poder que controlam e regulamentam o sexo. A própria existência de relações não monogâmicas gera novas maneiras de entender o prazer e o afeto, ampliando o campo das sexualidades possíveis, mas também as submetendo a mecanismos de vigilância e controle.

Em suma, Foucault nos ajuda a compreender que as não monogâmias desafiam a estrutura monogâmica tradicional imposta pelas normas sociais e morais. Ao mesmo tempo, elas estão inseridas em um sistema de poder que não apenas reprime, mas também incita, regula e redefine as práticas sexuais, criando novos modos de prazer e de subjetividade.

3.3 NÃO MONOGAMIA E DESVIO

A relação entre não monogamia e desvio pode ser entendida dentro do contexto das normas sociais e morais dominantes. Tradicionalmente, a monogamia é vista como a norma socialmente aceita e desejada, especialmente em sociedades ocidentais que valorizam o casamento, a exclusividade sexual e a fidelidade como componentes centrais de um relacionamento "moralmente correto". Assim, qualquer forma de relacionamento que desafie esses padrões, seja ela praticada por meio de poliamor, *swing* ou relacionamentos abertos, pode ser vista como um desvio em relação à norma.

Quando uma norma é estabelecida, aquele que aparentemente a viola pode ser percebido como alguém diferente, sendo identificado como um desviante. As normas podem ser formalmente definidas por leis ou representar convenções informais enraizadas na tradição como é o caso das práticas sexuais. Um desviante é alguém que se afasta das normas do grupo, podendo o conceito de desvio ser aplicado a qualquer comportamento que se desvie do que é mais comumente aceito (Becker, 2008, p.18). Porém a classificação de um ato como desviante depende da reação a ele, de modo que o desvio não é uma qualidade intrínseca ao comportamento, mas surge da interação entre quem o realiza e as reações dos observadores. O termo "desviante" refere-se àqueles rotulados como tal por algum segmento da sociedade.

Quando as normas de diferentes grupos entram em conflito, ocorre discordância sobre o comportamento apropriado. As motivações para o desvio têm uma base social, mesmo quando as atividades são realizadas de forma privada e solitária. Ser descoberto em comportamentos desviantes é crucial para o indivíduo que os pratica (Becker, 2008, p.43). Assim, o desvio não

é uma característica do comportamento, mas uma consequência da aplicação de regras e penalidades.

O *swing*, apesar de apresentar vivências diversas, é concebido como fruto de sexualidade denominada dissidente, contornada de estigmas sociais, que transferem à prática sexual caráter de anormalidade (Carvalho e Vasconcelos, 2013, p. 2). Becker (2008), em sua pesquisa sobre comportamento desviante, sugere que os grupos que desviam das normas estabelecidas por uma sociedade desenvolvem o que o autor chama de "racionalia" – uma ideologia que fornece justificativas para que os indivíduos continuem a agir de forma desviante. Conforme afirmado pelo autor, essa ideologia frequentemente inclui uma rejeição de aspectos do mundo convencional e das regras que regem esse ambiente.

Howard Becker continua a explorar essa questão com mais detalhes, afirmando que a partir de um senso de destino comum e da percepção de enfrentar os mesmos problemas, surge uma subcultura desviante. No caso dos *swingers*, desenvolvida nas festas, encontros e redes sociais específicas. Nestes ambientes eles podem expressar suas facetas desviantes, explorar o hedonismo recriminado pelo senso comum, desfrutar de grande diversidade de parceiros sexuais, além de mergulhar no universo de possibilidades de fantasias sexuais com seus parceiros. A mentalidade *swinger* reflete um valor amplamente presente na sociedade contemporânea, o hedonismo, que é compreendido como a busca pelo prazer e a valorização do indivíduo. Nas redes sociais, uma das apresentações mais comuns é a seguinte afirmação: “somos um casal que gosta de aproveitar a vida” ou “não temos tabu, queremos ter prazer”.

Segundo Howard Becker, os desviantes usam os códigos sociais de maneira estratégica para lidar com suas identidades e as expectativas impostas por normas dominantes. Becker explica que muitos desviantes se reúnem em subculturas, onde desenvolvem seus próprios códigos morais e normas que diferem daquelas da sociedade dominante. Essas subculturas podem fornecer apoio e legitimidade para comportamentos que seriam vistos como desviantes na sociedade geral.

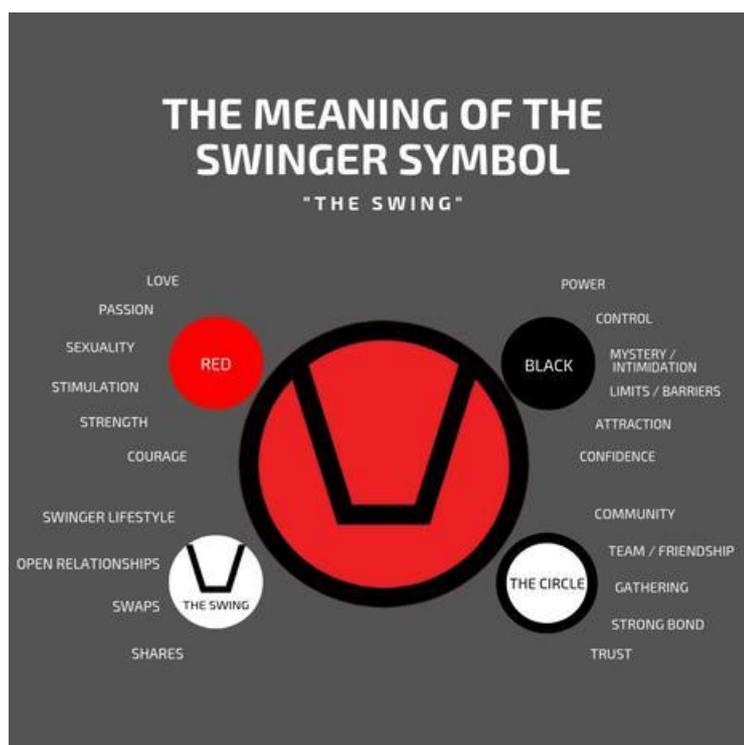
Nesse contexto, os desviantes usam códigos internos dessas subculturas como um modo de legitimar suas ações, encontrar solidariedade e reduzir o estigma que enfrentam. Podemos listar um conjunto de símbolos, códigos e termos específicos do mundo liberal que ajudam no reconhecimento e interação. Por exemplo, as mulheres praticantes de *swing* podem usar um colar, pulseira ou tornozeleira com pingentes ou até mesmo tatuagens de pimenta ou do *naipe* de espadas com a letra “Q” dentro do desenho, representando a dama de espadas. A pimenta e o *naipe* de espadas são os símbolos mais comuns no Brasil, fora daqui, principalmente em

cruzeiros de casais a imagem de um abacaxi invertido¹⁹ traduz-se como designação de casais que praticam o *swing*.

Alguns termos, muitos em língua inglesa, compõem uma espécie de dialeto *swinger*. Os mais encontrados em campo foram: *single*, casal *fake*, *gang bang*, *cuckold*, *ménage*, labirinto, meio, mesmo ambiente, mundo/vida colorido (a), reservado, *soft/hard swing*, *soft/hard swap*, fetinha, balada liberal, amigo, entre outros. As abordagens também são permeadas por códigos a serem interpretados, como a exibição da esposa e a narrativa de relações sexuais anteriores, podendo configurar um convite.

Em 2018 o emblema *swinger* "*The swing*" foi desenhado por um casal de publicitários de Luxemburgo, ativo na cena BDSM²⁰ e *swinger* da Europa. Marco e Laureen Mazzini também são os fundadores da organização sem fins lucrativos que promove reuniões para debater a cena *swinger* europeia.

Figura 1: The Swing: O Sentido do símbolo swinger



Fonte: <https://www.swinger-symbol.com/about.html#creators>

¹⁹ Em janeiro de 2024 este símbolo ganhou mais destaque devido a um vídeo da plataforma *TikTok* em que uma americana compartilha os detalhes de um cruzeiro com seu marido e ao mostrar a porta da cabine, os seus seguidores identificaram um adesivo de abacaxi que causou grande alvoroço na rede social. A americana disse desconhecer que, em alguns lugares, o abacaxi é um código associado a praticantes de *swing* e que ela e o marido não são adeptos.

²⁰ Bondage, Disciplina, Sadismo, Masoquismo. BDSM é a sigla que denomina um conjunto de práticas de estimulação sexual consensuais, podendo ou não envolver atos sexuais.

Os praticantes de *swing* muitas vezes optam por manter sua prática em anonimato, encontrando assim uma forma de representação sexual. Eles não estão propondo formas não monogâmicas de relacionamento conjugal ou arranjos afetivo-sexuais envolvendo mais de duas pessoas, ultrapassando assim os limites estabelecidos pelo casamento reconhecido pelo Estado. Publicamente e legalmente, eles não renunciam ao sexo público legitimado e seu reconhecimento universal, enquanto mantêm o aspecto ilegítimo em segredo. As casas de *swing*, por sua vez, são vistas como uma forma mais ou menos legítima de vivenciar essa diversidade sexual sem questionar o vínculo do casamento (Weid, 2008, p.49).

Os desviantes também aprendem a negociar seus rótulos dentro das interações sociais. Isso significa que, dependendo do contexto, eles podem esconder, minimizar ou até redefinir sua identidade desviante para evitar repercussões sociais ou legais. Isso demonstra que os desviantes estão cientes dos códigos que regem a sociedade e sabem como operar dentro e fora deles para manter algum grau de aceitação social.

Os casais *swingers* buscam realizar suas fantasias sexuais, transgredindo certas convenções sociais sobre sexo e casamento, dentro de limites determinados. No entanto, ao separar sexo e amor e estabelecer o consentimento como base, o *swing* pode reafirmar as convenções existentes, ao mesmo tempo em que permite a manutenção de uma vida "normal" (Weid, 2010, p. 808). A discriminação, que está atrelada a um conceito moral normativo limita a prática sexual do *swing*, assim o estilo de vida exige sigilo, discrição e ocultamento como forma de proteção. A condenação da prática pela sociedade promove o receio de serem identificados, pois o “*status*” atrelado a prática é pejorativo, o que causaria transtornos em suas vidas cotidianas. Por isso pesquisas mostram que não *swingers* comparam as casas a “puteiros”, e como tal, entendem que sua existência deva ser ignorada, mesmo tendo conhecimento da localização (Santos, 2009, p.2).

No caso do *swing* é importante salientar que a acusação de desvio recai sobre a prática em si e não diretamente sobre os indivíduos adeptos. Como mantêm o seu comportamento em sigilo e não fazem nenhuma demarcação pública em termos de reivindicações sociais ou de uma identidade política, suas identidades individuais permanecem protegidas pelo anonimato. A prática é desviante, mas não os indivíduos (Weid, 2008, p. 49). Muito diferente do poliamorista cuja prática busca a normatização, por isso esses indivíduos são rotulados como desviantes por declararem seu pertencimento e exigirem direitos e reconhecimento.

Ainda segundo Becker (2008), quando os grupos desviantes compartilham um senso de destino comum, e surgem as necessidades de lidar com desafios semelhantes, os poliamoristas também, como desviantes que são, desenvolvem uma cultura específica, que orienta como eles

interagem com os outros. No entanto, para os poliamoristas o desvio da não monogamia pode ser uma tentativa de reformular as noções de amor, afeto e compromisso, propondo novos modelos éticos baseados em consentimento, transparência e autonomia. De modo que a rotulação assume a característica de uma resistência ativa às normas impostas, os praticantes podem usar códigos de respeito mútuo, ética e consentimento para reestruturar o conceito de relacionamento, resistindo à imposição da monogamia como norma absoluta.

O vocabulário poliamorista inclui uma série de termos usados para descrever diferentes aspectos e dinâmicas das relações poliamoristas. Alguns exemplos comuns incluem: metamor, rede, afetos, compersão, hierarquia, NRE, trisal, quadrisal, vínculo, responsabilidade afetiva e outros²¹. Há também símbolos representativos, não para o reconhecimento, mas para a integração em torno de um ideal. A bandeira do orgulho poliamorista, criada por Jim Evans em 1995, traz três cores: azul, para representar honestidade, vermelho, que representa amor/paixão, e o preto, que tem o significado de solidariedade com aqueles que por alguma razão (família, trabalho, sociedade) ainda não puderam se declarar poliamoristas publicamente. É comum a bandeira trazer símbolos em seu centro, como coração, infinito ou os dois símbolos entrelaçados, mas o mais comum é que traga a letra “pi” (letra grega “P”) por ser a letra inicial de Poliamor.

Figura 2: Bandeira do orgulho poliamor (Polly Pride Flag)



Fonte: <https://vidapoliamor.wordpress.com/simbolos-e-bandeira/>

O pertencimento a esses grupos fortalece a identidade desviante de cada membro e esses grupos frequentemente buscam justificar suas ações, construindo argumentos históricos, legais e psicológicos para suas atividades. Nesse sentido, o que diferencia os *swingers* dos poliamoristas e NM mais politizados, é exatamente a busca por um senso de pertencimento comum para além das práticas particulares. Os poliamoristas enxergam a necessidade de compartilhar entre os membros do grupo que têm desafios ou problemas semelhantes a serem enfrentados. Esse senso de unidade surge da percepção de que estão em uma situação comum e precisam lidar com ela juntos. Esse sentimento de destino compartilhado pode fortalecer os laços dentro do grupo e contribuir para o desenvolvimento de uma identidade coletiva e

²¹ Os termos, tanto do *swing* quanto do poliamor serão definidos ao longo do texto e apresentação do campo de pesquisa.

resistência entre os pares.

Os poliamoristas possuem uma ambiguidade intrínseca, por um lado, sofrem preconceitos e críticas moralistas, por outro, são vistos como diferentes e valorizados por isso, são os “libertadores” da moral religiosa, superiores. Eles se consideram como mais conscientes, libertários, a frente do seu tempo, com a mente mais aberta em comparação com a maioria monogâmica (Pilão, 2012, p. 40, 41). Esta visão, no entanto, adotada pelos próprios poliamoristas acaba reproduzindo um discurso moral no qual eles seriam os guardiões da forma mais ética de se relacionar, por isso muito usam o termo Não Monogamia Ética. Esta expressão carrega a ideia de que outras formas NM não seriam éticas, e por conseguinte, moralmente condenáveis.

Gilberto Velho (1985) ao analisar os residentes de Copacabana na década de 1970 percebeu que os moradores dos chamados prédios “balança”²² consideram que morar em Copacabana é símbolo de prestígio e status, entretanto, mas ao mesmo tempo são estigmatizados por morarem nestes prédios. De modo que, a maneira que encontram para enfrentar esta contradição foi achar “bodes expiatórios” que possam ser apontados como responsáveis pelos problemas dos edifícios. Assim surgem acusações contra pessoas que, por sua vez, apresentam sinais de “impureza.” mais explicitamente. Homens maduros não-casados, mulheres jovens vivendo em grupo, ocupações “duvidosas” etc. são objeto de preconceito e discriminação, podendo traduzir-se em aberta atitude de hostilidade como nos movimentos para remover os “indesejáveis”. O fato de se sentirem marcados por morarem onde moram, afetando seu prestígio social, leva-os a uma atitude moralista militante, em busca de reafirmar sua condição de pessoas “de família” e “direitas” (Velho, 1985, p. 123).

Em paralelo a isto, é possível argumentar que os NM “éticos” almejam uma diferenciação das demais NM, e em alguns momentos a acusação, que traz feição moralista, sobre outros grupos pode se configurar como uma busca de validar sua ideologia e se afastar do que não acreditam ser tão notável. Há também a hipótese de que certos comportamentos desviantes de caráter inovador podem trazer as respostas adequadas para a permanência de determinado sistema. É a ideia de que “o desviante de hoje pode ser o herói de amanhã” (Velho, 1985, p. 15). É possível que poliamoristas ou NM éticos se apoiem nisso e seus comportamentos desviantes podem vir eventualmente ser aceitos pela sociedade como civilizados. Uma vez que, o conceito de desvio é relativo e moldado pelas normas sociais dominantes de uma determinada época.

²² Prédios considerados pouco familiares e mal frequentados pela vizinhança.

Porém o fato é que todas as não monogâmias são frequentemente enquadradas como desvio da norma monogâmica, refletindo a tensão entre as normas sociais estabelecidas e a busca por novas formas de relacionamento que desafiam esses limites. Ainda que o desvio, nesse caso, não seja apenas uma transgressão, mas uma tentativa de redefinir os próprios parâmetros do que constitui um relacionamento ético e satisfatório.

4 MONOGAMIA E AMOR ROMÂNTICO

*Quando eu te escolhi
Para morar junto de mim
Eu quis ser tua alma
Ter seu corpo, tudo enfim
Mas compreendi
Que além de dois existem mais
Amor só dura em liberdade
O ciúme é só vaidade
Sofro, mas eu vou te libertar
O que é que eu quero
Se eu te privo
Do que eu mais venero?
Que é a beleza de deitar*

A maçã (1975) / Raul Seixas

Neste capítulo pretendo definir os conceitos de monogamia e amor romântico, apresentando uma breve história da monogamia e suas relações com o patriarcalismo, capitalismo, cristianismo e amor romântico. No ocidente, atualmente, além de ser um princípio jurídico e econômico, a monogamia é uma questão filosófica, uma vez que está vinculada a diversos valores sociais tais como afeto, sexualidade, lealdade, fidelidade, honestidade, emoção, confiança, segurança, controle, autoestima, risco e tantos outros.

4.1 ORIGENS DA MONOGAMIA

O esforço para compreender as relações não monogâmicas prevê a necessidade de definir antes de tudo o conceito de monogamia, ou seja, este sistema matrimonial sobre o qual as sociedades ocidentais se organizam. A monogamia pressupõe exclusividade afetiva e sexual entre os cônjuges e está diretamente associada ao conceito de família conjugal. A monogamia é hoje sinônimo de uma forma romântica e sexualizada de amor “autêntico” entre um casal. (Vasallo, 2022, p. 31). Segundo Vasallo (2022), em termos ocidentalizados, monogamia trata-se:

Um vínculo exclusivo e permanente entre um homem e uma mulher que concerne de maneira central à repartição de direitos sexuais a cada uma das partes e estabelece a responsabilidade parental sobre as crianças surgidas desta união (Vasallo, 2022, p. 32).

Em termos históricos, acredita-se que durante o período paleolítico, quando os seres humanos ainda eram nômades, não havia a concepção de casal. As mulheres eram reverenciadas por sua capacidade reprodutiva, enquanto os homens não compreendiam seu papel nesse

processo. Assim, as crianças nascidas eram cuidadas por todos os membros do grupo. Com a Revolução Agrícola, ocorrida há aproximadamente 12 mil anos, as pessoas começaram a se estabelecer em áreas fixas e a acumular propriedades. Os animais foram domesticados, o que levou à percepção de que o macho também desempenhava um papel na reprodução, resultando no aumento do prestígio masculino em detrimento do feminino.

Com o tempo, surgiu a ideia de casal, junto ao interesse em deixar propriedades para os filhos nascidos dentro dessa estrutura familiar. No entanto, a legitimidade dessas crianças era difícil de ser garantida, já que a maternidade era evidente, enquanto a paternidade nem sempre o era. Para resolver esse dilema, a solução adotada foi limitar a liberdade sexual das mulheres. Elas passaram a ser restringidas ao espaço doméstico, enquanto os homens tinham liberdade para explorar os espaços públicos e se relacionar com quem desejassem.

Essa lógica monogâmica passou a ser imposta exclusivamente às mulheres, com os homens detendo não apenas a posse dos bens materiais, mas também dos corpos femininos. Posteriormente, a Igreja resgatou a valorização feminina, reforçando os preceitos estabelecidos pelo patriarcado: as mulheres "virtuosas" deveriam ser castas e de difícil conquista.

Friedrich Engels teorizou que a monogamia se baseia no domínio do homem e sua finalidade básica e que a paternidade dos filhos seja indiscutível (Engels 1980, p. 81). Logo, podemos dizer que, segundo este pressuposto, a monogamia nasce como forma de exclusividade sexual feminina diante da importância que a indubitabilidade da paternidade assume em uma organização social baseada na propriedade privada e, conseqüentemente, nas heranças deixadas de pai para filhos.

A monogamia que é descrita por Engels tem laços conjugais que só podem ser rompidos pelo homem, por isso apresenta uma solidez muito maior. Além disso, ao homem está concedido o direito de infidelidade, desde que “não traga a concubina ao domicílio conjugal”. Ou seja, o adultério masculino se sobrepõe, em termos morais, à poligamia. Do outro lado, a monogamia oferece à mulher castigos mais rigorosos do que em qualquer época anterior ao que Engels chama de civilização, o que revela um caráter muito específico da monogamia, ela é válida apenas para a mulher, e não para o homem. Portanto, a origem da monogamia de modo algum é fruto do amor sexual individual. Para Engels, a monogamia é a primeira forma de família que se baseia nas condições econômicas e não naturais, o que reflete a vitória da propriedade privada sobre a comum e primitiva (Engels, 1980, p. 82).

Ainda segundo Engels, os objetivos da monogamia desde a Grécia Antiga, eram a predominância do homem na família e a procriação dos filhos que deveriam ser somente seus para que pudessem herdar. Na história a monogamia não se mostra, como um acordo entre

homem e mulher, nem tampouco uma forma mais elevada de matrimônio. Ela aparece, na verdade, como uma forma de escravização de um sexo pelo outro. O surgimento inicial do conflito de classes na história coincide com o desenvolvimento do antagonismo entre mulheres e homens na instituição da monogamia. A monogamia, portanto, teve seu início junto com a escravidão e a acumulação de riqueza privada (Engels, 1980, p. 82).

Já de acordo com Schelsky (1968, p. 34), a monogamia possibilitou a centralização da autoridade dentro da estrutura familiar, representando uma união sustentada por imperativos morais. É plausível afirmar que o princípio cristão da redenção, aliado à rigidez da monogamia, influenciou diretamente o comportamento moral da nossa sociedade. A regulamentação das relações sexuais dentro do matrimônio, fundamentada no dogma da salvação, encontra sua justificativa na história ocidental como um dos primeiros preceitos estabelecidos pela Igreja cristã. É dessa tradição que emerge um ideal de casamento que, ao monopolizar as relações sexuais dos parceiros conjugais, busca desvinculá-las de desejos pessoais, especialmente os de natureza sexual, com o argumento um bem-estar coletivo.

A cristianização do Ocidente e a ética sexual restritiva associada a ela representaram mudanças no fato de que, a partir desse ponto, as práticas dos fiéis passaram a ser monitoradas por uma estrutura de controle institucionalizada, e os comportamentos passaram a ser regidos por princípios absolutos e sagrados, aplicáveis a todos.

A evolução da abordagem cristã em relação à sexualidade pode ser dividida em duas fases distintas. Na primeira fase, os escritos de Agostinho (século V) teorizaram a rejeição da concupiscência (desejo) e do prazer, levando a uma restrição da atividade sexual ao ato de procriação, visto como desejado por Deus e pela natureza. A segunda fase foi marcada pela instituição, nos séculos XII e XIII, do casamento cristão monogâmico e indissolúvel, que delineou o contexto para a prática sexual legítima (Schelsky, 1968, p.36).

Durante a Idade Média, a Igreja Católica e seus clérigos buscavam controlar a vida moral dos fiéis, especialmente em relação à atividade sexual, por meio da prática da confissão. Nesse contexto, a confissão servia como um espaço para um interrogatório detalhado sobre os pecados da carne, com o objetivo de desencorajar a prática sexual fora do casamento e restringir o casal apenas às atividades que permitissem a procriação (Bozon, 2004, p. 26).

A partir do século VIII, a monogamia e a indissolubilidade começaram a ser sistematicamente impostas, impulsionando o papel da família conjugal e do casal nas sociedades ocidentais. No século seguinte, já não há menções à poligamia em qualquer fonte do mundo galo-romano, sugerindo que a monogamia e a indissolubilidade se tornaram práticas generalizadas tanto entre o povo quanto entre a nobreza no século X. Esse vínculo indestrutível

e compulsório pode ser considerado o aspecto mais significativo da história da sexualidade no Ocidente (Silvério, 2018, p. 13).

A luta da Igreja Católica contra a ruptura de um casamento e a realização de outro mais conveniente transformou a monogamia permanente em regra divina e a bigamia serial punida com a excomunhão. São três as inovações: 1) exigência, vinda desde São Paulo, que homem e mulher consentam no ato (ponto fundamental para a intervenção da Igreja que poderia impedir uma aliança entre famílias, se julgada inconveniente para os interesses eclesiásticos, instruindo o noivo ou a noiva para o não consentimento); 2) exigência de que as núpcias sejam públicas e não mais cerimônia privada oficiada pelo pai do noivo (inicialmente, a cerimônia era feita à porta das igrejas e oficiada pelo pai e pelo padre; depois era no interior da igreja e oficiada somente pelo padre, os pais sendo apenas testemunhas); 3) exigência de que o sexo seja honesto, isto é, sem prazer e sem luxúria (Chauí, 1988, 94).

A partir desse contexto, os códigos civis passam a ser reconfigurados como estatutos de exclusão ao reconhecerem apenas o modelo de família baseado no casamento, delineando um catálogo exaustivo de impedimentos matrimoniais e estigmatizando crianças nascidas de relações fora do casamento, entre outros aspectos. Além disso, esses códigos civis reforçavam a ideia de que o casamento é uma etapa natural na vida de qualquer indivíduo e que a monogamia desempenha um papel fundamental na organização familiar. Assim, a monogamia adquire uma importância normativa significativa, estabelecendo um padrão autêntico a ser seguido, de modo que qualquer forma de intimidade, amor ou relação sexual que não se enquadre nesses preceitos seja interpretada como uma afronta direta aos princípios familiares (Santiago, 2015, *apud* Silvério, 2018, p. 14).

Os filhos concebidos fora do casamento eram percebidos como ameaças ao patrimônio familiar, representando uma redução do espólio de herança e fragmentando o poder patriarcal em várias partes. Diante desse cenário, surge a necessidade de assegurar um legado aos filhos legítimos, baseado nos princípios cristãos de um dom divino e da sacralidade do casamento. A monogamia é então estabelecida como uma regra, cujo peso e rigor recaem especialmente sobre a figura feminina da esposa, que é esperada ser casta e reservada (Almeida, 2006).

Na Europa pré-moderna, a maioria dos casamentos era mais uma questão de conveniência, não se falava em atração sexual mútua neste contexto, sendo principalmente baseada na situação econômica. Para os pobres, o casamento era uma forma de organizar o trabalho agrícola, e era improvável que uma vida marcada pelo trabalho árduo e constante permitisse tempo para as paixões sexuais (Giddens, 1993, p. 49).

Outro importante impulsionador da monogamia foi a frenologia, uma pseudociência muito popular no século XVIII, que empregava medidas e características do crânio e da cabeça para inferir as características e personalidade das pessoas, associando a não monogamia à suposta inferioridade biológica (Silvério, 2018, p. 16).

O casamento vitoriano então emerge como um símbolo da sociedade progressista e civilizada, contrastando com os estágios considerados primitivos de promiscuidade, seguidos por modelos matrilineares. Por outro lado, o padrão poliândrico encontrado em algumas sociedades é equiparado metaforicamente à prostituição e à decadência moral das mulheres. Desse modo, as ideias evolucionistas que influenciavam a antropologia da época contribuíram para reforçar o modelo dominante monogâmico e indissolúvel, acrescentando um caráter patriarcal ainda mais acentuado (Silvério, 2018, p. 15).

A monogamia e sua hegemonia são retratadas como impositores de limites sobre a sexualidade, reduzindo-a a um sistema binário de permitido ou proibido, conforme Michel Foucault descreve como o "recurso da regra". Esta análise jurídico-discursiva do poder se baseia em "prescrições sobre o sexo" e na definição de um "estado de direito". A monogamia, de fato, emerge como um produto do biopoder, oferecendo uma série de vantagens sociais, econômicas, políticas e culturais quando praticada. Isso engloba proteção legal através do casamento, benefícios fiscais, programas de financiamento habitacional, planos de saúde compartilhados, direitos familiares e muito mais.

Na contrapartida desse pensamento evolucionista e eurocentrado, Núñez expande a análise sobre a imposição da monogamia como uma expressão da colonialidade, não apenas influenciando as dinâmicas emocionais e relacionais no contexto ocidental, mas também moldando nossa compreensão das relações entre seres humanos e não humanos (Gonçalves, 2021, p. 70).

A racionalidade cristã desempenha um papel central na construção de noções como culpa, punitivismo e mérito, exercendo uma profunda influência sobre a moralidade do mundo moderno no ocidente. Desde as cartas jesuíticas, é possível observar uma agenda cristã que se impõe como a única narrativa do que significa ser homem e mulher "verdadeiros", determinando quais são os papéis possíveis para cada gênero, qual é o lugar do prazer, da sexualidade e qual tipo de família é considerado (supostamente) natural. Essa conjuntura histórica contribuiu para o cenário político contemporâneo e nos ajuda a entender por que o reconhecimento de outras formas de família, além do modelo cristão heterossexual cisgênero monogâmico, demora tanto a ser aceito pelo sistema legal de nosso país (Nuñez, et al., 2021, p. 80).

4.2 AMOR ROMÂNTICO

Ao passo do que foi tratado no tópico anterior, a história do amor percorre sua trajetória até estar de fato associado à monogamia. Conforme apontado por Costa (1998), no século XII na Europa, o sistema de herança deixava os filhos mais jovens dos senhores feudais sem poder e propriedades. Isso ocorria devido à transmissão lateral da herança, em vez de uma transmissão vertical, o que resultava no direito dos parentes do herdeiro aos bens que não eram legados aos descendentes diretos do senhor feudal. Essa dinâmica resultava na formação de um grande grupo de jovens nobres que, para manter sua posição aristocrática e a posse de terras, tinham como única opção casar-se com uma noiva rica. E é dessa massa dos despossuídos que emergem os cavaleiros, precursores do chamado amor cortês.

Neste mesmo período surgem as primeiras tentativas de conceber uma relação amorosa mútua entre homem e mulher, com a disseminação do amor cortês. Inicialmente, era mais um jogo aristocrático e literário, refletindo tendências emergentes da sensibilidade, o amor cortês estabeleceu e codificou as condições e fases de uma verdadeira relação amorosa, caracterizada por um amor refinado (*fin'amor*). Nesse sentido, teve consequências significativas na representação dos vínculos amorosos e da sexualidade no Ocidente (Bozon, 2004, p. 32).

Conforme retratado por Rougemont (2003), o amor cortês, precursor do amor romântico tal como o conhecemos hoje, surgiu como uma reação à anarquia dos costumes feudais. O casamento, no século XII, era visto pelos senhores como um mero meio de enriquecimento e expansão de terras através de dotes e heranças. O amor cortês, então, emergiu como uma construção social, introduzindo uma nova prática cultural no Ocidente em relação ao amor. Houve uma secularização desse sentimento e uma valorização renovada da figura feminina. De acordo com Costa (1998), na época medieval, a concepção de amor estava profundamente entrelaçada com as normas cristãs, sendo visto como um sentimento sagrado e direcionado ao sagrado, onde a busca pela felicidade estava ligada à aceitação do sacrifício pessoal, em uma espécie de masoquismo em nome do amor. Com o surgimento do amor cortês, houve uma transformação do objeto ideal do amor, a dama passou a ocupar o lugar do sagrado como objeto de desejo (Costa e Belmino, 2015, p. 430).

A partir do amor cortês, o Ocidente incorporou uma dupla oposição entre o casamento e relações fora do matrimônio, uma dicotomia exclusiva do sentimento amoroso e do desejo, assim como uma tensão dialética entre o amor como sentimento e o amor carnal. Inicialmente, o casamento cristão indissolúvel, estabelecido como o único cenário legítimo para a procriação,

promovia uma suposta igualdade entre os cônjuges, porém excluía a possibilidade de estar fundamentado em um sentimento considerado tão perigoso e imoral quanto o amor. A busca pelo prazer nas relações conjugais era estritamente proibida e, por muito tempo, os maridos apaixonados ou excessivamente ardentes eram estigmatizados como "fornicadores". Essa postura, prescrita pela Igreja Católica, provavelmente refletia a atitude predominante entre a população em geral (Flandrin, 1981).

A representação idealizada do amor tem uma longa história enraizada profundamente na cultura ocidental, caracterizada por uma idealização que, segundo Costa (1998), possui duas faces: a idealização do objeto amado e do sujeito do amor. De acordo com ele, o conceito de amor como algo bom e verdadeiro surge no Ocidente a partir da Grécia Antiga, sendo concebido como um impulso voltado para o outro, o que guarda semelhanças com o amor romântico contemporâneo. Mesmo assim o amor sempre esteve ausente do matrimônio, até a sociedade burguesa inseri-lo no centro dessa relação. Até então a Igreja tratou o amor sob dois ângulos: como amor profano a ser afastado, e como amor divino; o amor sempre foi emasculado ou transformado em caridade. Agora, o amor profano recupera dignidade (Chauí, 1988, p. 100). A intensa erotização do casamento burguês e o abandono de suas funções institucionais, econômicas e sociais reduziu o casamento à simpatia individual e as relações amorosas do casal. De modo que a monogamia que havia surgido como exclusividade sexual, com a criação do amor romântico, se torna exclusividade afetiva também.

A noção de que a devoção a Deus conduz ao autoconhecimento, tornando-se parte de uma unidade sagrada entre homem e mulher, foi um preceito que se enraizou profundamente. A idealização temporária do outro, característica do amor apaixonado, encontrou-se aqui com um compromisso mais duradouro com o objeto do amor. O amor romântico introduziu a concepção de uma narrativa, o "romance", porém essa narrativa passa a se tornar personalizada, integrando o eu e o outro em uma jornada pessoal, com pouca conexão explícita com os processos sociais mais amplos. O advento do amor romântico coincidiu, em grande parte, com o surgimento da novela no século XV, evidenciando uma conexão profunda com a forma narrativa recém-descoberta (Giddens, 1993, p. 50).

Na mesma medida a concepção do amor conjugal foi uma criação que se desenvolveu ao longo de séculos dentro de um processo de evolução em direção à intimidade. Nos seus estudos, Norbert Elias descreve a transição de uma sociedade em que as emoções e as funções corporais eram visíveis e explícitas para um mundo contemporâneo, no qual os indivíduos são compelidos a dissimular e controlar, individualmente, seus afetos e as manifestações de seus corpos. Essa dinâmica se estende à sexualidade, assim como aos hábitos alimentares e às

excreções. Até pelo menos o século XVI, a expressão da sexualidade era muito mais evidente (Bozon, 2004, p. 34).

É possível identificar a presença de três formas de amor ao longo da história: o amor/philia, o amor/caritas e o amor/eros. O amor/philia, o primeiro deles, corresponde hoje mais intimamente à noção de amizade, caracterizando-se por um desejo de compartilhar a companhia do outro, sem a intenção de possuí-lo, mas sim regozijando-se em sua presença destaca que este tipo de amor perdura mesmo após o declínio da paixão entre amantes, transformando-se com o tempo para uma relação menos baseada na necessidade de domínio sobre o outro e mais centrada na satisfação de estarem juntos. Já o amor/caritas reflete um sentimento de compaixão pela humanidade como um todo, servindo como alicerce ético para diversos pensadores modernos e frequentemente associado ao cristianismo, visto que busca um compromisso ético e solidário com os indivíduos, sem esperar nada em troca. O amor/eros, por sua vez, está ligado ao erotismo e ao apaixonamento, sendo percebido como possuindo uma natureza ambígua, pois arrebatada de forma irracional e escapa ao controle, ao mesmo tempo em que pode conduzir a uma experiência divina (Costa e Belmino, 2015, p. 429).

Durante o século XVIII, teve início um processo que acabou por transformar o amor não apenas em um sentimento esperado entre cônjuges, mas na própria motivação por trás da escolha realizada pelos interessados. No entanto, somente no século XX, a Igreja Católica proclamou o amor entre cônjuges como o fundamento do casamento, e a relação sexual como uma expressão do amor conjugal. O modelo do casamento por amor, considerado absurdo durante vários séculos, havia se tornado a norma (Bozon, 2004, p. 33).

Desde então a ideia de monogamia tem sido tratada como a expressão suprema do amor e seu desdobramento mais digno. Nesse contexto, o amor verdadeiro é retratado como um sentimento contínuo, estável e direcionado exclusivamente a uma única pessoa de cada vez. Embora haja ampla aceitação em relação a relacionamentos que não envolvam o aspecto sexual, como amizade e parentesco, o mesmo não pode ser afirmado sobre os relacionamentos românticos centrados em um casal. A fidelidade tem sido formalizada nas cerimônias de casamento cristão ao longo dos séculos, onde os votos de compromisso incluem promessas de amor, respeito e fidelidade (Barbosa, 2011, p. 58).

De modo que o ideal amoroso tende a posicionar o amor como o único detentor da felicidade, passando de um meio para alcançá-la para se tornar seu atributo essencial. (Costa, 1998, p.16). Entretanto, a associação do conceito de amor romântico com monogamia cria um arranjo que impõe uma série de práticas formais e informais, tais como a noção de complementaridade, em que o cônjuge é considerado o epicentro da vida afetiva, a expectativa

de que o parceiro atenderá a todas as necessidades, diminuição na busca pela autonomia, sentimento de solidão na ausência de um parceiro e a crença de que a vida conjugal é a meta última da existência. Além de um conjunto específico de sentimentos contraditórios, como ciúme, possessividade e desconfiança (Costa e Belmino, 2015, p. 432).

Assim como a monogamia, os ideais do amor romântico afetam mais as aspirações das mulheres do que dos homens, embora, é claro, os homens também tenham sido influenciados por eles. O amor romântico tem o impacto maior sobre a situação das mulheres, na medida que reforça o papel delas no lar e das dependências, num compromisso ativo e radical com o "machismo" da sociedade moderna (Giddens, 1993, p. 10). Para além disso, o romance se tornou uma indústria de consumo, abrangendo desde comédias românticas e manuais de autoajuda até rituais matrimoniais.

Por outro lado, segundo Giddens (1993), na modernidade, surgem novas formas de relacionamentos afetivo-sexuais em que ainda persistem elementos do ideal amoroso e romântico. No entanto, destaca-se a emergência do que ele denominou "sexualidade plástica", uma sexualidade descentralizada e desvinculada da necessidade de reprodução. Essa nova forma de sexualidade é orientada pelos ideais contemporâneos de liberdade e pela crença na possibilidade de vivê-la de maneira livre, sem a obrigação de se comprometer com um relacionamento estável ou um casamento (Costa e Belmino, 2015, p. 429).

5 “TEM QUE IR NA CABEÇA QUE ALI É SÓ SEXO”: *SWING*

*Tu me chamou pro esquentar
Tava toda animada
Pensei que ia ser privê
Mas entrei numa jogada
Todo mundo se pegando
Não tava entendendo nada
Ai meu deus, é uma suruba
E eu só queria uma sentada*

Festa na Baru (2019) / Valesca Popozuda

Neste capítulo, após as análises teóricas sobre a sexualidade e amor romântico, apresento o primeiro dos formatos de não monogamia que serão analisadas: o *swing*. As falas dos sujeitos e observações de campo são mescladas com os levantamentos bibliográficos. Além das características, origens e definições, apresento os espaços de interação, as visitas realizadas a estes espaços, relatos, bem como o papel dos atores. Além disso discuto a relação com o casamento, o a liberdade sexual e a sujeição, bem como a relação entre sexo e amor.

5.1 ORIGEM, DEFINIÇÃO E CARACTERÍSTICAS

O sentido mais conhecido para a palavra *swing* está relacionado à dança, ou seja, balançar o corpo ao ritmo de música. Neste sentido, especula-se que sua utilização para definir a prática de troca de casais esteja relacionado a isso, mais especificamente durante a pregação de um pastor americano, na qual ele condenava as práticas sexuais fora da moral monogâmica. Segundo esta versão o pastor teria dito que ali entre os congregados “havia muita gente que se balançava (*swinging*) de cama em cama” (Morgado, 2006, p. 22). Ainda que o pastor não estivesse se referindo ao que o mundo viria a conhecer como *swing*, supostamente ele acabou nomeando uma prática sexual não monogâmica que ficaria conhecida no mundo todo.

É impossível definir uma origem exata para a prática de *swing*, apesar disso, encontra-se na literatura algumas possíveis raízes. A mais difundida é apresentada pelo português Júlio Morgado (2006) em seu livro “*Swing*”. Segundo este autor a origem do *swing* está localizada nos *keyclubs*²³, onde se praticava o *wife swapping* (troca de noivas), eventos, promovidos por militares²⁴ da Califórnia durante a década de 1950, onde os maridos empilhavam as chaves dos

²³ Clube das chaves.

²⁴ O casal Nena O’Neill e George O’Neill, autores do livro “*Open Marriage*” (1984) destacam que, embora possa parecer estranho os militares estarem ligados a propagação de práticas sexuais mais liberais, a contribuição destes para uma mudança na ética sexual foi fundamental no pós-guerra.

carros e as esposas pegavam as chaves aleatoriamente, o dono da chave apanhada seria o parceiro sexual da mulher naquela noite. Assim que a imprensa descobriu a existência destas festas passou a chamar a prática de troca de esposas²⁵.

O termo *swing* só passou a ser usado quando a decisão passou a ser mútua e não mais aleatória, nos anos 1970. Com a imagem negativa atribuída à prática, passou-se, nos anos 1980, a usar-se o termo *The Life Style*, mas seu uso ficou restrito aos Estados Unidos. O surgimento do *swing* é também localizado durante a Segunda Guerra Mundial, onde os pilotos da Força Aérea supostamente confiavam as esposas a outro homem em caso de morte, e atribuído ao movimento de contracultura dos anos 1960 e a poligamia dos *hippies*. As comunidades *hippies* desempenharam um papel significativo na promoção do fenômeno *swinger*. Essas comunidades enfatizavam uma grande liberdade nas relações sexuais e era aceitável que uma pessoa pudesse ter múltiplos relacionamentos de natureza sexual, além de seu relacionamento estável. No Brasil a prática teria surgido nos anos 1970, durante a ditadura militar, através de anúncios em jornais na cidade do Rio de Janeiro (Gomez, Ribeiro & Custódio, 2022, p. 1876).

Para Carvalho e Vasconcelos (2013, p. 2) o *swing* se define como

(...) a prática de relações sexuais entre casais, onde há a troca de parceiros(as) e o contato com experiências relativas a esse contexto. Com “outras experiências” se quer dizer todo o tipo de atividade da sexualidade que pode ser conferida levando em conta os parâmetros estabelecidos pelo casal. Desde a troca de parceiros, a relação entre pessoas do mesmo sexo, a relação com mais de um homem, ou com mais de uma mulher, ou mesmo a prática do voyeurismo (prazer em olhar), do exibicionismo (prazer em ser visto), ou do sexo no mesmo ambiente sem troca de parceiros.

Para Silvério (2014, p.113) o *swing* pode ser definido como uma prática em que casais heterossexuais estáveis têm relações sexuais com outros casais ou pessoas solteiras (*singles*²⁶) na companhia e/ou com o consentimento do parceiro. Mas não se limita somente a isso. Alguns autores consideram que as noções de amor, prazer sexual e intimidade são muito semelhantes às das pessoas não liberais, e que a diferença principal está na separação entre o sexo e o amor, feita pelos *swingers*, enquanto os outros grupos não os diferenciam.

No *swing* o sexo é o foco das interações e muitas vezes um sexo performático, próximo ao sexo visualizado em filmes pornográficos. O *swinger* acredita que os desejos sexuais não

Segundo este estudo os militares traziam consigo experiências e atitudes sexuais variadas.

²⁵ Atualmente os próprios *swingers* teriam questionado o termo por considerá-lo androcêntrico e ultrapassado, além de passar a ideia de que a prática não era consensual com as esposas. O termo também está longe de abranger todas as atividades sexuais que podem ser realizadas no *swing* (Silvério, 2015, p. 47).

²⁶ Pessoas que vão desacompanhadas aos ambientes *swingers*.

devam ser reprimidos, ao contrário dos sentimentos, pois no *swing* se ama apenas o parceiro, mas o sexo pode ser realizado com uma terceira pessoa ou um casal com a participação e consentimento de ambos os cônjuges. "Fazer amor" é visto como algo superior e especial, enquanto "fazer sexo", embora desejável, é associado a necessidades puramente fisiológicas. A justificativa para se envolver em relações sexuais com outras pessoas é a de que isso pode aumentar a intimidade e aprimorar a relação afetiva e sexual dentro do casamento, ou seja, pode contribuir para uma experiência mais intensa do "fazer amor" (Weid, 2010, p. 795).

A capacidade de separação entre amor e sexo é explicitamente um fator condicional para a entrada no *swing*. Uma concordância entre os casais é de que no *swing* se faz sexo, enquanto o amor é feito em casa com o parceiro ou parceira (Weid, 2008, p. 65). E esta distinção faz com que os casais acreditem na exclusividade amorosa e não sexual. Para os *swingers*, ser infiel não é ter relações sexuais com outras pessoas fora do casamento, é ter sentimentos por outros, ou ser omisso em certas atitudes (Silvério, 2014, p.560). Para Weid (2010, p. 790) a fidelidade entre os que praticam *swing* é determinada pelo amor e não pelo sexo, por isso não é permitido ter sentimento, além disso uma série de regras regulam as relações. Eles não consideram que o sexo fora do casamento seja traição, e que, na verdade, fortalece a relação.

Para Olívia Weid o *swing* é adultério consentido, mas o medo de ser traído não é abandonado. A prática do *swing* serviria como uma espécie de mitigador dessa ameaça, ao mesmo tempo em que geraria efeitos eróticos significativos. Para a antropóloga, a prática, para alguns homens, aparece como uma forma de controlar a ameaça de ser traído a qualquer momento. Dessa forma, ao possibilitar que a mulher tenha relações sexuais com outros homens sob o seu controle, ele afastaria o medo da traição. Por outro lado, permitir que a mulher se relacione sexualmente com outros homens, ressignifica a imagem do corno, gerando uma espécie de fascínio. Como algo prazeroso. Na pesquisa de Weid, os homens que foram entrevistados disseram que este é o maior prazer na prática do *swing*, maior inclusive do que envolver-se sexualmente com outras mulheres (Weid, 2008, p. 93).

A prática do *swing* desafia o estereótipo associado não apenas ao homem "corno", mas também à mulher "puta". Um homem que está ciente e permite que sua parceira tenha relações sexuais com outros homens pode ser rotulado como corno, da mesma forma que uma mulher que veste roupas sensuais, se exhibe em um palco fazendo strip-tease e se envolve sexualmente com vários homens em uma única noite pode ser chamada de puta (Weid, 2008, p. 95).

As mulheres praticantes de *swing* têm atitudes que relacionam com as apontadas por Maria Dulce Gaspar no seu livro sobre garotas de programa no Rio de Janeiro. Tais como a dança e as performances de sedução e erotização do corpo, apresentações de *pole dance*, o *strip-*

tease, as relações sexuais entre mulheres, o uso do salto alto e das roupas provocantes (Gaspar, 1985, p.45). Todos estes comportamentos também foram observados nas casas de *swing*, feitos não por uma garota de programa, mas pelas adeptas da prática.

Também há estudos sobre a prostituta como tipo social determinado: não apenas sua origem social e sua articulação com um mercado muito particular (o tráfico de mulheres), mas o vestuário, a postura, a gesticulação, a linguagem, os códigos de conduta (Chauí, 1988, p. 80).

A mulher que participa do *swing* pode ser rotulada como imoral e depravada, mas dentro da comunidade de praticantes, a ideia de uma mulher que tem uma alta libido e desfruta do sexo é vista de forma positiva. De acordo com Parker (1991), a figura da "puta" representa uma mulher que é sexualmente livre para explorar seus desejos e fantasias, alguém que aprecia o sexo e se orgulha de valorizar e exhibir seu próprio corpo (Weid, 2008, p. 94). Alguns adeptos do *swing* mencionam que a motivação por trás de sua adesão à prática é unir a mulher que está em casa com a mulher que está "na rua" (a esposa e a prostituta) em uma única mulher (Weid, 2008, p. 64). Assim, em uma esfera de negociação surge a dicotomia entre a figura da mulher que é usada para os prazeres masculinos, e aquela que usa a apresentação extremamente sexualizada a favor de sua vaidade, sendo a mulher que usa. Da mesma forma a ideia do marido traído e enganado se transforma na ideia do corno que se excita com o desempenho sexual da sua parceira com outros homens.

No entanto, apesar de toda a positividade envolta sobre uma sexualidade feminina pervertida e o marido traído, o imaginário citado por Weid, do corno e da puta parece estar em declínio, pelo menos das redes sociais. No *Sexlog* é possível encontrar várias descrições de casais que rejeitam estas denominações ou representações: "Aqui não tem corno nem puta. Tudo é feito com muito respeito".²⁷

Sobre a prostituição de fato, apesar de existir um discurso de liberdade sexual presente no *swing*, em sua pesquisa Teixeira observou que muitos homens que propagam críticas em relação aos matrimônios tradicionais e o fim da monogamia não estão ali com suas esposas, mas sim com amantes ou garotas de programa. Outro dado que ela apresenta é de que, na prática, há certa indiferença no *swing* com o vínculo do "casal", sendo que, em alguns casos, mulheres são negociadas ou contratadas para participar, por intermédio da casa ou pelos próprios clientes. Também são recorrentes as falas de que o *swing* é mais econômico para conseguir sexo do que gastos com saídas, jantares de conquista e contas de motel (Teixeira, 2015b, p. 118).

Contudo, as regras dos grupos de *Whatsapp* que foram acompanhados demonstram

²⁷ Perfil *Sexlog*. Acesso em 19/03/2021.

atenção sofre esse fato, alguns não aceitam “casal *fake*” e nem solteiros ou solteiras. Além disso, muitos casais do *Sexlog* e do CRS fazem questão de iniciar a apresentação do perfil dizendo que são casados de verdade.

O termo "*swing*" também descreve uma variedade de outras atividades que não necessariamente envolvem a troca de casais. Entre essas práticas estão o "*voyeurismo*" (observar outras pessoas envolvidas em atividades sexuais), "*ménage*" (envolvendo três pessoas em atividade sexual), "exibicionismo" (ter relações sexuais enquanto sendo observado), "*dogging*" (envolver-se em atividades sexuais em público), "*cuckold*" (obter prazer ao testemunhar, ouvir ou saber sobre as relações sexuais do parceiro com outras pessoas), sexo grupal, "sadomasoquismo" (obter prazer ao infligir ou sentir dor durante o ato sexual), "*gangbang*" (envolvimento sexual de uma mulher com vários homens ao mesmo tempo) e outras práticas relacionadas a fantasias específicas.

Limitar a compreensão da sexualidade ao ato de penetração, com foco principalmente na sexualidade heterossexual, restringiria excessivamente a análise dos contextos em que esses indivíduos estão envolvidos. Isso ocorre porque essa perspectiva representa apenas uma faceta dos desejos presentes nas interações sexuais entre pessoas. Além disso, essa interpretação está conectada a duas questões que requerem superação, uma vez que elas simplificam um conjunto de manifestações subjetivas ligadas ao desejo, que vão muito além desses pontos: a visão binária associada ao sexo heterossexual e a redução do desejo ao ato de penetração (Vasconcelos Neto, 2015, p. 139).

O *swing* acabou se tornando, portanto, um grande guarda-chuva sob o qual as mais diversas práticas sexuais não tradicionais encontram guarida. Os praticantes costumam usar os termos universo, mundo ou meio liberal para se referirem a toda gama de práticas que extrapolam o *swing*, mas que de maneira geral se submete a sua denominação. Para Vasconcelos Neto (2015) *swing* é como uma passagem para outras oportunidades ligadas ao sexo, e não só a prática da atividade:

“[...] o *swing* reúne em si um conjunto de práticas, fantasias e fetiches relacionados ao sexo que não se encerram com o significado original da palavra *swing* em muitas outras circunstâncias e configurações territoriais e locais” (Vasconcelos Neto, 2015, p. 18).

O *swing* é considerado por boa parte de seus praticantes como um estilo de vida. O ambiente *swing*, bem como os clubes acabam se tornando parte do dia a dia do casal independentemente da busca por sexo, muitos relatam ser um bom lugar para se ir à noite, beber, encontrar amigos e fazer novas amizades, como uma possibilidade de pertencimento de grupo, a fim de compartilhar prazeres, desejos, excitações, bem como amizades, bebidas e/ou lugares

voluptuosos (Silvério, 2015, p. 50). O que ocorre muitas vezes é que os casais que se conhecem através do *swing* e sentem alguma identificação para além do sexo acabam criando laços de amizade, surgindo um círculo de amizade com sexo, sendo comum programas com a família e outros amigos, sem relações sexuais.

O *swing* possui um lema internacional: “Onde tudo é permitido e nada é obrigatório”. O lema tenta transmitir a ideia do carácter liberal e hedonista dos praticantes, mas com regras próprias. A bissexualidade masculina contudo é questionável neste lema, que não é explicitamente proibida, mas que no imaginário dos adeptos, está estabelecida como banida. Somente a bissexualidade feminina é permitida e sempre bem-vinda nas casas de *swing*, principalmente na frente dos outros. As justificativas para este posicionamento passam, desde um desconhecimento das razões, ou por considerarem que ver dois homens juntos é feio e agressivo, enquanto duas mulheres, é delicado e bonito, uma consequência dos valores culturais masculinos (Silvério, 2014, p.131). A fala abaixo demonstra a restrição em relação às relações homossexuais masculinas:

Léo: Kkkkk se for coisas heterossexuais topo tudo kkkk

5.2 SWINGERS

Swingers são aquelas pessoas que tem como prática mais ou menos recorrente a troca de casais e as variantes já mencionadas. Os *swingers* dizem pertencer a um estilo ou filosofia de vida pautada, sobretudo, no hedonismo, na liberdade sexual e no rompimento das normas sexuais tradicionais. A prática do *swing* está no discurso dos seus adeptos como uma forma de viver o desejo livremente (Weid, 2008, p. 47). Teixeira (2015b) diferencia participante de praticante de *swing*, o primeiro é todo aquele que faz parte do *swing*, mesmo que seja uma primeira visita ou que nenhuma relação sexual tenha sido concretizada. Já o praticante é aquele que realiza o *swing* e faz disso uma prática (Teixeira, 2015b, p. 78).

Em um dos grupos de *Whatsapp* com temática *swing*, uma postagem faz uma comparação entre o que consideram casal *swinger* e o que eles chamam de “casal problema”:

Joel: CASAL SWING X CASAL PROBLEMA

Casal Swing: Ambos são donos da relação.

Casal Problema: Apenas um controla a relação.

Casal Swing: Escolhem em comum acordo e decidem juntos.

Casal Problema: Apenas um escolhe de acordo com "seu interesse" e a palavra final é de apenas uma parte.

Casal Swing: Sente prazer com o prazer do Par.

Casal Problema: Sente ciúmes com o prazer do cônjuge.

- *Casal Swing:* Age da mesma forma seja junto ou longe de seu companheiro.
- *Casal Problema:* Muda as atitudes nas diferentes situações.
- *Casal Swing:* Direitos Iguais
- *Casal Problema:* Privilégios apenas para um.
- *Casal Swing:* Passa todas as situações ao seu companheiro.
- *Casal Problema*: Omite situações de seu par, quando de seu interesse.
- *Casal Swing:* Da asas ao companheiro.
- *Casal Problema*: Coloca coleira em seu companheiro.
- *Casal Swing:* Sabe distinguir momentos e onde entra o respeito ao seu par.
- *Casal Problema:* Sai atirando para todo lado, deixando o par em situações constrangedoras.
- *Casal Swing:* Tem confiança plena em seu par e na relação.
- *Casal Problema:* Sentem ciúmes e insegurança.

Os *swingers* são em sua maioria casados e são mais bem vindos aos ambientes quando estão em casal. Estes casais se assumem monogâmicos, tanto emocional quanto institucionalmente, mas não praticam a monogamia do ponto de vista sexual. Alguns estudos mostram que eles são adeptos deste “estilo de vida” para exercitar suas fantasias com diferentes parceiros, e que, ao contrário do que se imagina, a prática aumenta a atração sexual entre as partes do casal, diminuindo o ciúme em relação aos demais casais. Seria, segundo os relatos, um “afrodisíaco”, melhorando a vida sexual do casal (Gonçalves e Rodrigues, 2018, p. 12).

Segundo Weid, o *swing* não aparece somente como uma forma de satisfazer impulsos momentâneos:

Os casais dizem obter com o *swing* resultados em seus próprios casamentos que associam à esfera do amor e da intimidade. Ver o outro se relacionando e ser visto, participar dessa interação como observador, traria consequências para a relação no sentido de aumentar a liberdade, a intimidade e melhorar a própria relação sexual do casal. (...) Respeito, admiração, cuidado com o outro, conhecimento do próprio prazer e uma melhor relação sexual do casal são ganhos que aparecem no discurso dos *swingers* como uma das consequências da prática do *swing* (Weid, 2010, p. 791).

A entrada para este universo se dá muitas vezes pela curiosidade e pelo desejo e coragem de contrariar a moral sexual monogâmica. Normalmente, os participantes conhecem o *swing* através da pornografia, de programas TV ou redes sociais. A liberdade e as possibilidades ofertadas, assim como as autodescobertas são os motivos apontados para a permanência, além da possibilidade de realização de diversas fantasias sexuais e liberdade sexual dentro do relacionamento (Santos, 2009, p.3).

É comum entre os *swingers* uma apologia à prática, principalmente no sentido de melhorar a relação sexual e conjugal dos casais. Os praticantes alegam que o *swing* torna a

relação mais honesta, já que os casais não precisam esconder o desejo de se relacionar sexualmente com outras pessoas, mais íntima já que estão mais abertos para explorar seus desejos e fantasias e mais animada uma vez que estão sempre se relacionando com outras pessoas (Weid, 2008, p 2).

O fortalecimento do casamento, a aproximação sexual e emocional do casal, a percepção da qualidade da parceria, o aumento do desejo e da melhora da vida sexual, uma comunicação mais honesta e aberta, são as alegações mais encontradas entre os praticantes da atividade (Silvério, 2014, p.123). A busca de inovação sexual através do *swing* no geral termina em valorização do sexo dentro da relação. Quando os casais de fato falam de sua experiência no *swing*, em termos de sexo, o que mais relatam é que o sexo com o cônjuge em casa após a ida nos clubes, é o melhor (Teixeira, 2015b, p. 85).

Assim, na contramão do que estamos habituados a pensar sobre a felicidade conjugal, sempre a partir de um modelo de exclusividade sexual, pesquisas mostram que o *swing* traz mais efeitos positivos do que negativos na vida pessoal de seus praticantes. Contudo, entre os depoimentos de entrevistados em diversas pesquisas (Weid, 2008, Silvério, 2014) o *swing* não é recomendado para um casal em crise e muito menos como forma de resgatar uma relação já deteriorada. Algumas pessoas entrevistadas por Silvério destacaram que a relação já deve ser boa antes do *swing*, que só deve ser praticado por casais que têm uma relação estável, forte e satisfatória. Para estes informantes, um erro grave é querer “salvar o casamento” entrando para o mundo liberal, ou tentar resgatar uma relação fracassada. (Silvério, 2014, p.558).

Os *swingers* acreditam que o casamento seja uma parceria tão sólida que busca transcender as necessidades sexuais. Trata-se de uma sociedade em que reconhece a fidelidade sexual como falha, mas acreditam que podem desfrutar de experiências sexuais sem abalar a união. Pelo contrário, os níveis de cumplicidade tendem a aumentar com a prática o que reflete relações mais duradouras. E apesar do forte apego ao modelo de casal, pode-se dizer que o *swinger* também transgride as normas do amor romântico na medida que dissocia afeto e sexo como faces de uma mesma moeda.

Para os *swingers* não é uma traição ter uma relação sexual com outra pessoa que não seja o seu parceiro, desde que existam regras e limites neste comportamento. A primeira e mais importante é que esta relação com outra pessoa seja consentida pelo parceiro, pois o *swing* é feito em conjunto, pelo casal. Nem sempre existe a troca de casais, muitas vezes somente um dos parceiros mantém relações sexuais e o outro observa, e podem também ocorrer trocas não

heterossexuais²⁸, mas sempre existe a participação dos dois elementos do casal (Weid, 2010, p. 804). Os informantes de Weid declararam que, “*fazer swing com outra pessoa não tem a menor graça*”. As razões dessa afirmação apontam justamente para a questão da intimidade e da descoberta e aprofundamento do prazer sexual com o parceiro (Weid, 2010, p. 794).

Olívia Weid acredita que o *swing* pode ser interpretado como uma maneira de reafirmar um forte laço entre o casal, colocam o casamento sob um “risco” que é controlado por várias restrições e regras que são inerentes a prática, e pelos acordos firmados na participação do casal. A tensão a partir desta situação gera prazer tendo como ápice a confirmação do vínculo amoroso entre o casal mesmo após a relação sexual com outras pessoas (Weid, 2008, p. 116). Este laço permite que o casal proceda com negociações que possibilitam a vivência de aventuras sexuais dentro do próprio casamento.

Relacionar-se sexualmente com outra pessoa além de seu próprio parceiro não constitui uma traição para os casais *swingers*. Mas é importante, no entanto, destacar que existem limitações e regras sobre o comportamento sexual. A principal delas é que a relação com outra pessoa só pode acontecer sob o consentimento do parceiro, com sua anuência ou na presença deste (Weid, 2010, p. 804).

A infidelidade é a causa mais comum do término das relações em cento e sessenta sociedades e tem efeitos profundos nas pessoas que estão diretamente envolvidas e nas que fazem parte de seus círculos íntimos. A pessoa traída pode desenvolver depressão, ciúme, raiva e humilhação, além de duvidar seriamente de sua capacidade de conseguir manter parcerias futuras. Já as crianças têm os sentimentos de segurança e de si próprias abalados. A traição por parte da mulher ou sua simples suspeita é a causa primária de violência doméstica e do feminicídio (Silvério, 2018, p. 37)

A fidelidade é altamente valorizada pelos casais praticantes do *swing*, sendo considerada uma condição fundamental para a preservação do casamento. De acordo com o estudo de Weid, essa importância é tão significativa que a prática do *swing* é adotada como uma alternativa para prevenir a infidelidade. Ao permitirem que seus parceiros tenham relações sexuais com outras pessoas de forma consensual, os *swingers* acreditam estar protegendo-se contra a traição (Weid, 2008, p. 120).

Em “A vontade de saber”, Foucault explora como o estímulo ao discurso sobre sexo, aparentemente uma forma de liberalização, é, na verdade, um mecanismo de controle dos

²⁸ Um dos pontos mais controversos das pesquisas sobre *swing* se refere a homo e a bissexualidade masculina. Este ponto será tratado mais a diante neste texto.

comportamentos, integrante de um dispositivo de poder. Von der Weid utiliza a perspectiva de Foucault para justificar sua tese de que a revelação dos desejos pelos casais *swingers* e sua busca permanente pela realização de fantasias podem ser percebidas não apenas como uma atitude liberal, mas também como uma forma de controle sobre a sexualidade do outro, inclusive buscando controlar a possibilidade de ser traído (Weid, 2010, p. 806).

Dentro desse contexto, os casais *swingers* enfatizam muito a importância dos acordos estabelecidos, e consideram a infidelidade como uma quebra desses acordos, envolvendo ações como mentir, esconder ou realizar algo fora do que foi previamente combinado com o parceiro. Um aspecto essencial para compreender o conceito de traição no âmbito do *swing* é entender que os envolvimento com outras pessoas são estritamente sexuais, baseados no desejo e sem envolvimento afetivo. A traição ocorre quando há o surgimento desse elemento afetivo (Weid, 2008, p. 119). A infidelidade se encontra naquilo que não foi estabelecido ou acordado entre os envolvidos na interação sexual (Vasconcelos Neto, 2015, p. 31).

Dentro da comunidade *swinger*, uma oposição entre honestidade e hipocrisia justifica a distinção entre seus relacionamentos e a infidelidade. Os *swingers* acreditam que é impossível manter o interesse sexual restrito exclusivamente ao parceiro em uma relação duradoura e buscam solucionar isso de maneira aberta e clara para que o casamento não se abale por isso (Weid, 2008, 145).

Sobre as características econômicas dos *swingers*, o economista Fábio D'Orlando (2009, p.4), afirma que esta é uma atividade cara levando em consideração a entrada nos clubes, o acesso a eles que na maioria das vezes só é possível através de carro, muitos eventos acontecem em cidades turísticas e muitos praticantes buscam casas distantes de suas residências para garantirem o anonimato.

A sexualidade não convencional é mais problemática em cidades menores, conseqüentemente, a vida urbana exerce um constante apelo sobre jovens com preferências sexuais consideradas atípicas. A migração sexual leva à formação de centros urbanos com uma concentração de potenciais parceiros, amigos e colegas de negócios, permitindo que indivíduos estabeleçam redes de afinidade adulta para suas vidas. (Rubin, 2017, p. 29).

Para Silvério, os *swingers* portugueses, onde ela conduziu suas pesquisas, possuem um perfil socioeconômico predominantemente alto, com salários e nível de instrução elevados, em cargos de gerência, posições profissionais estáveis, brancos e casados (Silvério, 2014, p. 556). O que ocorre também no Brasil, onde os *swingers*, segundo Weid, são pessoas que pertencem a uma “camada média ascendente” (Weid, 2008, p.42).

Nos *sites*, redes sociais e grupos de *Whatsapp* específicos para *swing*, é muito frequente

a ocultação do rosto. Isto ocorre porque a exposição na internet é maior do que em qualquer outro ambiente. Alguns estudos indicam que isto é uma preocupação, sobretudo, pelo fato de serem em sua maioria pessoas de classe média, posições profissionais estáveis e de gerência. A preocupação é manter a reputação, carreira, laços familiares e de amizade longe dessa face transgressora (Silvério, 2015, p. 56). É possível encontrar diversas falas que demonstram esta preocupação nos grupos analisados:

Clara: Suwing é um estilo de vida no qual escolhemos viver temos família trabalho e não queremos nós expor em uma sociedade super preconceituosa

Ingrid: Lembrando que vamos tomar cuidado com nossa vida colorida procure saber se a pessoa realmente está disposta a viver a vida de swing somos casados temos filhos e família não queremos no expor

Weid acredita que, embora sejam de classe média e estáveis profissional e financeiramente, não são pessoas cujas reputações podem ser expostas e questionadas. Para a pesquisadora estas pessoas preferem festas particulares em casas de amigos ou conhecidos, já que ir com frequência a estas casas é viver o constante perigo de ser descoberto (Weid, 2008, p.42).

A preocupação com a preservação da identidade também passa pelos nomes. Muitos adotam apelidos ou nomes fictícios e assumem personagens (Weid, 2008, p. 69). Deste modo, muitas vezes os nomes usados em *sites* de redes sociais, são fictícios. O que também gera a dúvida se os nomes apresentados nas casas e nos encontros também não seriam falsos. No campo realizado na Pousada Sol²⁹ no interior da Bahia, um casal hospedado não quis, a princípio, revelar seus verdadeiros nomes, no entanto, não pareciam estar familiarizados com esta conduta e se atrapalharam no momento das apresentações, deixando claro que se tratava de nomes fictícios. Tais apelidos não se sustentaram por muitas horas durante a estadia, e acabaram revelando seus nomes verdadeiros, além de várias outras informações pessoais, como profissão, laços familiares, experiências diversas, posicionamento político, etc. da mesma forma que os demais casais ali hospedados.

Os pseudônimos normalmente são utilizados para a esconder a identidade e manter a discrição. Nas fotos normalmente aparecem, na maioria das vezes, apenas corpos, ou partes deles, com lingerie nas mulheres, mostrando os seios ou a bunda, ou o pênis dos homens. Nos perfis destes casais há uma descrição onde é destacada a preferência dos participantes em relação a fetiches, o tipo de pessoas, se solteiras ou casais, e também os “vícios” que atribuem a si próprios (ou a recusa deles) como fumo, álcool ou drogas ilícitas (Vasconcelos Neto, 2015, p.51).

²⁹ Assim como farei em relação aos informantes, optei por criar um nome fictício para a pousada.

Indivíduos que desempenham funções públicas ou ocupam posições socialmente relevantes enfrentam uma vulnerabilidade especial. Um escândalo de natureza sexual é frequentemente utilizado como um meio seguro para perseguir alguém, resultando na sua destituição do cargo ou na destruição da sua carreira política. A expectativa de que pessoas de destaque sigam os mais estritos padrões de comportamento sexual desencoraja aqueles com preferências sexuais consideradas atípicas de buscar tais posições. Em vez disso, pessoas com orientações sexuais não convencionais são muitas vezes direcionadas para ocupações com menor influência nos principais círculos sociais e políticos. Além das consequências econômicas e das tensões familiares, o estigma associado à diversidade sexual gera conflitos em todas as áreas da vida cotidiana. As ideologias que rotulam a diversidade sexual como inferior e perigosa enfraquecem a posição dos indivíduos com orientações sexuais não convencionais (Rubin, 2017, p. 27).

Não é possível definir uma faixa etária para os *swingers*, embora não seja comum encontrar pessoas com menos de 30 anos (Silvério, 2015), e também parece ser recorrente casais com mulheres bem mais jovens que os companheiros (Weid, 2008, p. 60). Na Pousada Sol havia cinco casais, dos quais três apresentavam diferença de mais de 20 anos entre o homem e a mulher. Todos eram de outros estados, exceto um homem que era de Salvador (BA), mas sua namorada era de Jundiaí (SP), ambos funcionários da Receita Federal; outro casal de empresários moradores de São José dos Campos (SP); outro casal de empresários de São Paulo (Capital); um casal de Passo Fundo (RS), ambos médicos; e outro de Viçosa (MG), a mulher enfermeira e o homem médico. Outra característica marcante em várias pesquisas é o fato de os praticantes serem em sua maioria brancos, fato observado também neste campo preliminar onde não havia nenhum negro.

Normalmente, os *swingers* são qualificados como hedonistas, amantes dos prazeres sexuais, libertinos e imorais. Embora esta prática venha ganhando mais visibilidade nos últimos tempos, até mesmo no mundo acadêmico, o *swing* ainda é considerado uma das atividades sexuais mais estigmatizadas. Os *swingers* normalmente são considerados desviantes, pois não se enquadram nos padrões sexuais das sociedades ocidentais. Jenks (1985, *apud* Silvério, 2014, p.116) concluiu que “os *swingers* são vistos como usuários de álcool, maconha e outras drogas, além de serem tidos como pessoas que necessitam de orientação psicológica”. Outras pesquisas apontam que os *swingers* são vistos como pessoas de famílias abusivas e desestruturadas (Silvério, 2014, p. 116).

Na pousada Sol, houve dois episódios de uso de drogas ilícitas. Um casal fez uso de

maconha diariamente e uma mulher de LSD³⁰, também diariamente. Embora o uso não fosse em público, aqueles que usaram maconha não tinham como dissimular o uso, e também não pareciam buscar por isso. A mulher que usou LSD me contou isso em um momento de conversa particular. Os outros não mencionaram o uso de drogas ilícitas, embora todos usassem álcool diariamente. Também não houve qualquer repressão àqueles que usaram, nem por parte do dono do lugar, nem por parte dos outros hóspedes.

Um comportamento desviante pode adquirir um significado simbólico mais amplo, levando os outros a presumirem características indesejáveis no indivíduo. Assim, a prática de comportamentos desviantes aumenta a probabilidade de o indivíduo ser percebido como desviante ou indesejável em outras áreas da vida (Becker, 2008, p.43).

Porém, ainda que durante o campo realizado na pousada liberal tenha ocorrido o uso de drogas, não podemos dizer até o momento que, seja uma prática recorrente dos *swingers* e nem que haja alguma relação direta entre o uso e o *swing*. A despeito da fama de desviantes e imorais, os *swingers* brasileiros são politicamente conservadores e não se sentem representados por agendas progressistas³¹, muitas vezes também submetida ao mesmo rótulo de desvio e imoralidade. A visita a esta pousada ocorreu em um momento de efervescência e polarização política muito acentuada, sendo comum e inevitável o assunto. Daqueles casais, todos demonstraram apoio ao representante da direita conservadora.

Os adeptos parecem ficar por muitos anos ligados à prática e fazer planos em relação isto. Quando deixam de fazer o *swing*, as principais razões alegadas para que a prática do *swing* seja abandonada, segundo o sociólogo Richard Jenks (1998 *apud* Silvério, 2014, p.123) são:

(...)ciúme (24%), culpa (15%), ameaça ao casamento (15%), desenvolvimento de laços externos (12%), tédio com o swing (11%), decepção com o swing (7%), divórcio ou separação (6%), incapacidade da esposa de lidar com o swing (6%), medo de descoberta (3%).

As pesquisas analisadas até aqui mostram que alguns casais usam o *swing* como uma alternativa para recuperar um casamento em crise. No entanto, os *swingers* avaliam que a relação deve estar forte, estável e satisfatória, para que a adoção da prática seja exitosa. Um informante do *Tinder*, disse que manteve uma relação aberta e buscou também no *swing* uma forma de tentar fazer o marido se aproximar sexualmente. Segundo ela o casamento já não andava bem, mas resolveram, através desse aplicativo de encontros, conectar outros casais para possíveis interações sexuais. O resultado, que a princípio, pareceu satisfatório, ao longo do

³⁰ Substância alucinógena sintética. Do inglês *lysergicacididiethylamide*.

³¹ Legalização do aborto, descriminalização do uso de drogas, união homoafetiva, etc.

tempo gerou uma separação temporária, após a mulher descobrir que o marido mantinha contato com pessoas com quem haviam se encontrado juntos.

A aproximação e o fortalecimento dos entes do casal com a prática do *swing* dependem sempre de um diálogo honesto e aberto, tendo como base a parceria e o consentimento. Desta forma, é necessária uma negociação permanente, respeito mútuo e confiança. Sempre há riscos, e os parceiros precisam ser dedicados para que o relacionamento não acabe (Silvério, 2014, p. 567). Maria Silvério, com base na declaração de seus informantes, afirma que a conjugalidade *swinger* é um modelo de relacionamento em que o casal necessita de simetria, reciprocidade e negociação constante, mais do que em modelos monogâmicos (Silvério, 2014, p. 201). Ao mesmo tempo, o *swing* parece ter como consequência para a relação, a confiança, a intimidade, e a mutualidade adquiridas com a prática. Os parceiros parecem ser mais interdependentes o que leva a um desejo de um relacionamento indissolúvel (Silvério, 2014, p.202).

Os *swingers* não demonstram interesse em propagar a prática e, tão pouco, tornar sua prática pública. Parte dos efeitos positivos declarados pelos *swingers* reside no mistério que envolve a prática e talvez até mesmo o conjunto de estigmas que acompanham este sigilo. O ambiente *swing* é, em grande medida um espaço de fantasias, e parece que os estigmas, como o corno e a puta, alimentem estas fantasias.

O universo *swinger* é ambíguo e paradoxal. Ao mesmo tempo que possui características liberais, também esconde elementos de convencionalidade sociocultural. Por um lado, muitas mulheres entram para o meio ou envolvem-se em relações homossexuais por vontade, mas muitas ainda dizem fazer por pressão do companheiro. Ao passo que atos homossexuais masculinos são tabus. Adicionalmente, as mulheres no *swing* acabam tendo mais abertura para experimentar e vivenciar a sua sexualidade de forma independente à sua identidade de gênero (Silvério, 2014, p. 234).

Mas o que fica evidente é que os casais que se orientam por preceitos conjugais patriarcais encontram no *swing* uma forma de reproduzir isso, assim como em quaisquer outros ambientes e aspectos da vida, como no trabalho, nas relações familiares, no lazer etc. Já os casais guiados por valores mais igualitários de liberdade e reciprocidade, usufruem da prática de forma equilibrada e não-hierárquica. O meio *swing* apresenta características liberais e tradicionais, então a postura do casal dependerá das características do casal fora daquele universo (Silvério, 2014, p. 234, 236).

A este respeito Marina Teixeira afirma que:

A identidade do *swinger*, ou relacionada ao *swing*, também parece oscilar entre a ordem e a transgressão, numa tentativa discursiva de se

apropriar das vantagens sociais dos dois termos e de fugir às estigmatizações dos seus contrários, como é comum em várias outras construções identitárias. Os *swingers* não são perversos, mas não são “caretas”; não são possessivos, mas nem por isso, infiéis; são críticos da monogamia, mas não estão interessados em colocar em xeque a sacralidade do casamento monogâmico; são livres e, ao mesmo tempo, de uma fidelidade e lealdade exemplares, ou socialmente bem adaptados (Teixeira, 2015b, p. 116).

5.3 ESPAÇOS

Em 2004 a antropóloga Olívia Weid (2008, p. 74) estimou que existiam cerca de 55 clubes de *swing* no Brasil, sendo 47 localizados na região sudeste. Tentar atualizar estes dados é uma tarefa extremamente difícil, já que por ser uma prática marginalizada muitos clubes não levam em seu nome a proposta e outros nem se quer citam isto nos *sites* ou redes sociais dos estabelecimentos. É possível observar que, no Brasil, as casas de *swing* se situam nas grandes cidades ou em cidade extremamente turísticas, as quais possuem a estrutura para atender turistas. Cidades de médio porte como Juiz de Fora não possuem casas especializadas, mas sediam festas e eventos organizados em casas de campo ou em cidades vizinhas.³² Segundo Silvério (2014, p.91), não é só a falta de clubes nas cidades que fazem os casais se deslocarem para frequentar os clubes, o medo de serem descobertos e sofrerem discriminação faz com que a distância de casa seja um contributo para o anonimato. Alguns lugares se tornam atrativos pela infraestrutura *swinger* e acabam virando lugares conhecidos internacionalmente atraindo uma multidão de turistas interessados por estas particularidades e movimentando outros setores da economia além daquele chamado “mercado sexual”.

Na órbita do comportamento *swinger* encontram-se não apenas os clubes ou casas, mas o consumo de produtos relacionados ao sexo como produtos de *sexy shop*, eventos e encontros *swingers*, principalmente internacionais que são realizados em *resorts*, hotéis, cruzeiros e *spas*. Existem várias agências de turismo internacionais que trabalham com roteiros específicos para casais adeptos da prática liberal, promovendo viagens a diferentes lugares.

Ao redor do mundo existem cruzeiros marítimos específicos para pessoas que praticam a troca de casais, os chamados cruzeiros do *swing*³³, que são realizados em grandes navios com capacidade para centenas, as vezes milhares de pessoas, que visitam destinos turísticos em

³² Duas mulheres se destacam em promover eventos *swingers* em Juiz de Fora, as duas usam as redes sociais específicas (*Sexlog* e CRS) para fazer a divulgação.

³³ Reportagem do Portal Uol: <https://www.uol.com.br/nossa/viagem/noticias/2018/06/12/troca-de-casais-em-alto-mar-como-sao-os-cruzeiros-para-adeptos-do-suingue.htm><Acessado em 11/06/2020.>

diversas partes do planeta. A bordo há atividades que incentivam a interação, sexual ou não entre os passageiros. Há festas, o nudismo é permitido em algumas áreas, principalmente nas piscinas e há os *playrooms*, espaços comuns onde os casais podem fazer sexo e trocar de parceiros na frente dos outros passageiros. O público dos cruzeiros de *swing* costuma ser formado por pessoas que já são casadas há muitos anos, com boa condição socioeconômica, com filhos e, geralmente, acima dos quarenta anos. Assim como nas casas de *swing* algumas regras são impostas, tais como maioria jurídica e não poder tirar fotos ou filmar sem consentimento. As viagens estão mais concentradas na região do Caribe e no litoral europeu, mas já existem viagens no Brasil. Na Europa, as viagens passam por países como Itália, França e Espanha.

Fabio D’Orlando (2009, p. 6) mostra que existem outros lugares além de *Cap d’ Agde*, a *Ille de Levant*, também na França, possui dois hotéis para casais *swingers*. Ele observa que nos países europeus os *swingers*, muitas vezes, juntam-se a outros grupos como os nudistas. No entanto na descrição turística encontrada na internet consta uma advertência de que a *Ille de Levant* não é um local para sexo, embora tenha dois hotéis temáticos para a prática dos que optarem³⁴.

É importante destacar que existe um conjunto de regras de conduta para estar em um ambiente *swing* sem causar inconvenientes. Weid lista que entre estas regras encontram-se: ser sempre honesto sobre suas preferências e restrições, respeitar a vontade e os limites do outro, e ainda “não desejar a mulher (ou o homem) do próximo, quando o próximo não está próximo” (Weid, 2008, p. 74). Mas existem também as regras implícitas, porém rigorosamente seguidas: as casas de *swing* são para casais heterossexuais, apesar de a bissexualidade feminina ser recorrente.

Existe também uma ética *swing* que presa o anonimato e a discrição, mas nem sempre isso é seguido à risca. Em um encontro virtual acompanhado por mim, com mais de 50 pessoas, um participante escreveu no *chat*: “É impressionante como reconhecemos a pessoa só vendo a bunda dela. Kkkk. Deixa no ar!”. Ele se referia provavelmente a outra participante que, como orientado pela organização do encontro, usava máscara disfarçando a identidade.

Nos grupos de *Whatsapp* foi verificada uma constante divergência sobre a publicação de fotos com rostos ou não. Alguns diziam ser necessário que os integrantes mostrassem fotos de rosto ao menos na apresentação. Mas outros argumentavam que isto poderia ser um excesso

³⁴ <https://www.google.com/amp/s/www.itinera-magica.com/en/nudist-island-france/amp/> <Acessado em 11/06/2020.>

de exposição.

Plínio: Prezados, vou me retirar do grupo. Agradeço ao meu amigo Fernando e a algumas poucas pessoas com as quais tivemos contato, mas ainda bato na tecla de que tem gente que não se apresenta, não por foto de perfil, não se manifesta em momento algum no grupo. Isso é, no mínimo, estranho.

Aristides: A pessoa no mínimo deveria deixa a foto dela para as pessoas do grupo
Aqui estamos no meio de quem nós intende e vive o mesmo
Ou será que a pessoa não está no mesmo barco?

Ainda em relação a exposição da identidade, um desentendimento começou depois que um casal postou uma foto e apagou em seguida, isso gerou a indignação de outro participante:

Hélio: Vou parar de postar ou apagar pros demais nao verem nada meu.
Segunda vez que entro aqui e essa mesma pessoa apagou.
Agora quem quiser ver fotos tem que ficar de plantao pro casal aí
Ou estão com medo do pessoal sair divulgando
Mércia: N apenas n confio em ninguém além de mim msm
Hélio: Adm, eu simplesmente acho estranha a atitude aí desse casal.
Mércia: A foto é minha eu tenho direito de escolher o tempo q quero colocar e deixa esposta n seleciono quem vê
Hélio: Vamos fazer o seguinte quando for posta se não tem confiança tampa o rosto
Sei q todo mundo é livre pra poder fazer o q quiser com a imagem, mas sei la, soa esquisito.
Mércia: Deviam começar mostrando as fotos de perfil
Tá cheio de gente sem fotos por aqui
Zuleica: Mas foi o único casal que ta de frescura com foto, sei la, eu fico desconfiada e chateada.
Vamos liberar as fotos de perfil, pessoal!
Foto normal a gente "mostra a cara"
Foto com nudes, tampa o rosto, simples!

A internet é um importante ambiente para a divulgação da prática do *swing* e a maioria dos contatos entre os casais é feito por meio de redes sociais específicas. Essa é uma possibilidade relativamente recente que facilitou o encontro de pessoas com este objetivo e tornou o universo *swing* mais conhecido. A popularização do uso da internet também fez com que as práticas se tornassem mais conhecidas. É comum encontrar em *sites* de pornografia vídeos que retratem as práticas dos *swingers*.

A prática do *swing* intriga algumas pessoas, pois algumas pesquisas indicam que os casais praticantes têm um alto nível de satisfação conjugal, quando são comparados com casais monogâmicos. As pesquisas (IMS - *Index of Marital Satisfaction* de Hudson) foram feitas avaliando-se itens como amor, respeito e confiança mútua, interesses e humor partilhados e valorização do divertimento (Farias, 2012, p.5). Esta percepção também é apontada por Gomez,

Ribeiro & Custódio (2022, p. 1875) onde “o *swing* proporciona mais benefícios do que consequências negativas, não só para relação, mas também para os *swingers* enquanto indivíduos, buscando compreender como esse estilo de vida liberal pode ajudar nas relações amorosas”.

Além dos espaços reais para a prática do *swing*, há diversos *sites*, fóruns, aplicativos de celulares e serviços que facilitam o encontro dos casais. Se nos anos 1960 os casais trocavam chaves, hoje os encontros e as interações acontecem em diversos espaços e de diversas formas. Com a internet e o mundo virtual, uma infinidade de possibilidades se abriu.

Percebe-se que a prática do *swing* tem ganhado cada vez mais seguidores, impulsionada por dois motivos principais: a curiosidade e a busca por aprimorar os relacionamentos. Para estes autores, as propagandas destes *sites* são direcionadas a homens heterossexuais, com fotos mulheres no fundo. A tomada de decisão do casal para a prática liberal normalmente parte do homem. A idade média das pessoas que praticam *swing* é de trinta anos ou mais, de etnia branca e com a educação acima da média (Jenks, 1985 *apud* Gomez et al, 2020, p. 1876).

O aumento da procura dos casais por práticas liberais na internet gerou novos tipos de serviços. Um casal que se aventurou a descobrir o mundo liberal, e se decepcionou com as tentativas iniciais com *ménage*, casas de *swing* e profissionais do sexo, criou um serviço de “*coach* de *swing*”, e se consideram profissionais neste ramo³⁵. Eles ajudam outros casais a terem a primeira experiência no mundo liberal, orientação que eles dizem ter sentido falta quando iniciaram. Usam também a expressão “estilo de vida” para definir suas opções. Apesar de não considerarem proibido experiências individuais, só participam juntos das relações com outros parceiros. Chegam a fazer até dois atendimentos por semana, que pode inclusive incluir sexo. Hoje é a principal atividade financeira do casal, que resolveu não mais esconder da família e amigos suas práticas.

Lígia Figueiredo apresenta a expressão “nova economia do desejo” que foi introduzida pela socióloga Elizabeth Bernstein em sua pesquisa sobre prostituição feminina heterossexual em São Francisco, nos Estados Unidos, em 2010. Posteriormente, Miskolci ampliou e desenvolveu esse conceito no contexto das novas mídias digitais móveis. Miskolci define “nova economia do desejo” como uma situação em que “afeto, sexo e amor ocorrem em uma nova configuração econômica, de trabalho e de consumo, mediada digitalmente pelas relações sociais” (Miskolci, 2014, p. 273 *apud* Figueiredo, 2016, p. 89).

³⁵ Ver: <https://www.uol.com.br/universa/noticias/redacao/2022/05/29/coach-de-swing-ela-ensina-casais-a-viverem-experiencias-sexuais-liberais.htm> Acessado em 06/06/2022.

Diversos pesquisadores³⁶ consideram o surgimento de uma nova ética sexual mais lúdica e recreativa que pode ser compreendida como uma forma na qual as relações sexuais e o erotismo assumem um papel central na vida das pessoas, sem necessariamente resultar em compromisso, o que está em consonância com as observações de Giddens (1993) sobre a sexualidade plástica. Esta pesquisadora acredita que o conceito de "nova economia do desejo" contextualiza e contribui para a compreensão das mudanças sociais que favorecem o surgimento da sexualidade plástica (Figueiredo, 2016, p. 89).

Para muitos indivíduos das classes médias e altas urbanas, a sexualidade agora se desvincula da necessidade de um relacionamento monogâmico ou estável, com uma maior ênfase nas experiências de prazer e realização de desejos. Essas transformações no âmbito da sexualidade e do erotismo são resultado de diversos fatores, incluindo as lutas feministas, o crescimento do movimento LGBTQ+ e uma série de mudanças econômicas, tecnológicas e sociais (Figueiredo, 2016, p. 90).

Para Stack, o conceito de "nova economia do desejo" aborda as transformações na construção das relações, onde sexo, afeto e amor estão influenciados pelas mudanças sociotécnicas que criam uma nova geografia para os encontros afetivos e sexuais. Essa nova geografia é caracterizada por relações sexuais anônimas e descompromissadas. Ao examinar a construção das relações afetivas, destacam-se aspectos que definem a busca sexual, permitindo visualizar a formação de um capital sexual dominante. Nesse contexto, os usuários que se aproximam desse ideal são mais desejados nesse segmento. Por outro lado, indivíduos que se distanciam desse modelo enfrentam escassez e frustração na formação de relacionamentos *online*, expondo a desigualdade presente no mercado afetivo (Stack, 2023, p.3).

Antes das novas tecnologias de comunicação, sobretudo a internet, os *swingers* precisavam criar anúncios em jornais e revistas especializados. Isso incluía tirar fotos sensuais com câmeras analógicas e revelá-las em estabelecimentos públicos, enviar o material pelo correio, esperar a publicação, aguardar a resposta de possíveis interessados, responder a estas cartas e finalmente entrar em contato com outros *swingers*, um processo de meses. As conversas eram realizadas pelo telefone fixo, e as trocas de imagem novamente pelos correios (Silvério, 2014, p. 95).

O computador, o celular e a internet facilitaram e agilizaram indiscutivelmente a vida dos *swingers*. Ademais, a internet garantiu mais privacidade aos praticantes. Ainda que hoje

³⁶ Entre estes, Kimmel (2004), Bernstein (2010), Figueiredo (2011), Illouz (2012) e Miskolci (2014), citados por Figueiredo (2016, p. 89).

existam *hackers* capazes de invadir computadores para violar a intimidade dos outros, as correspondências eram mais desprotegidas. Isso para não dizer da exposição que representava revelar fotos em casas fotográficas.

As novas tecnologias, apesar de facilitar e agilizar os encontros também pode representar alguns perigos no que se refere a privacidade da prática, já que a mesma facilidade e agilidade também incide sobre a divulgação sem autorização de conteúdos que possam comprometer a vida dos que figuram determinadas publicações. Os integrantes com suspeita de serem “*fake*” são a principal preocupação, pois acreditam ser pessoas interessadas somente em conteúdos eróticos e não estariam comprometidas eticamente com o ideal.

Guto: Obviamente concordo que temos que preocupar com fakes
 Pois expomos nossa vida
 É o motivo de ser exclusivo para casais
 Desta forma, estaremos mais atentos e dependendo podemos remover
 pessoas

Nas propagandas *online*, é notável que a maioria delas apresenta fotografias do corpo feminino, frequentemente em posições diversas e, ocasionalmente, envolvendo interações com outras mulheres. Estas imagens, de certa forma, funcionam como uma espécie de propaganda para o casal. Por outro lado, é uma ocorrência rara que homens sejam destacados nessas propagandas. E quando isso acontece, é comum que se trate de um close do órgão genital masculino ou de uma foto conjunta com a parceira. Uma justificativa apresentada pelos entrevistados do estudo de Weid para explicar a escassez de fotografias masculinas nos anúncios está relacionada ao medo de atrair o interesse de outros homens (Weid, 2006, p.11).

Assim como em quase todas as áreas das nossas vidas, atualmente existem dois campos de interação entre os *swingers*, o mundo virtual e o mundo real. No mundo virtual, há basicamente duas formas de se conhecer pessoas, através dos aplicativos de celular como *Whatsapp* e nos *sites* dedicados ao mundo liberal. Os sites de relacionamento talvez sejam os locais mais importantes para os *swingers*. Eles foram criados inicialmente para facilitar encontros reais entre os *swingers* e pessoas em busca de outras fantasias sexuais. Mas alguns destes *sites* se tornaram uma espécie de rede social, com pessoas trocando intimidades, postando fotos, vídeos e contando suas aventuras, além de estarem conhecendo e convidando novos parceiros.

Os grupos de *Whatsapp* foram analisados entre maio de 2020 e dezembro de 2022, os dois anos de pandemia onde as interações *online* estavam efervescidas pelo distanciamento social.

Guto: Fazer do limão numa limonada seria encontrar de máscara, luvas,

e todo mundo pode passar a mão uns nós outros, coisa de ficção. Porque de fato é complicado lidar com o risco quando envolve outras pessoas. Um simples convite deixa todos sem graça quanto ao fato da pandemia. A coragem acaba cedendo lugar a essa precaução que temos mais em relação ao outro que a nós mesmos.

A formação destes grupos, segundo seus criadores, surgiu como uma forma de reunir pessoas com objetivos sexuais concernentes às práticas liberais em busca de amizades que compartilham deste hábito, além de encontros sexuais virtuais ou presenciais. Estes grupos apresentam algumas regras básicas que devem ser seguidas com a possibilidade de remoção caso haja o descumprimento das regras.

1. CASAL DEVE SE APRESENTAR COM FOTOS
2. VEDADO SOLTEIROS
3. PROIBIDO FALAR DE FUTEBOL RELIGIAO E POLITICA
4. RESPEITO SEMPRE
5. PROIBIDO CHAMARNO PRIVADO SEM AUTORIZAÇÃO
6. GRUPO É PARA CASAIS

7. No início todos serão administradores para adicionar os parceiros
8. Podem convidar outros casais...solteiros não

Boa tarde, removi o Guilherme por suspeita de não ser casal E por reclamações dele ter chamado alguns casais para sair a 3 (Ménage masculino).

Esta nos sempre atentos👁👁

Mas logo na primeira semana em que eu participava do grupo uma mulher pergunta se tem algum participante sozinho no grupo e pediu para que houvesse uma rodada de apresentações entre os membros, foi sugerido também que os perfis fossem desbloqueados para que todos tenham acesso às fotos de perfil do *Whatsapp*, ao que uma mulher se apresentou com uma foto do rosto do casal e disse que o marido não estava no grupo por não ter tempo para entrar. E sobre a sugestão de desbloquear o perfil ela respondeu:

Carina: Se chegar a ser obrigação eu prefiro nem participar mais pq tenho motivos pessoais que prefiro deixar só para contatos. Mando minha foto e do meu marido quantas vezes for preciso, mas não vou desbloquear não.

Meu marido não tem tempo para entrar

Eu e meu esposo usamos o mesmo telefone.

Sobre este assunto não se chegou a uma conclusão e o grupo continuou como estava, sem que essas pessoas sozinhas saíssem e nem adicionassem o companheiro ou companheira no grupo. Houve uma intensa troca de fotos e vídeos de sexo dos próprios participantes e muito material pornográfico nos primeiros meses. Uma mulher se destacava nesse comportamento e certa vez ela se irritou pois era a única em muito tempo que enviava fotos reais. A minoria destes vídeos não sugeria *swing* de fato.

Josias: Galera... agradecemos a atenção e o carinho de todos. Mas vamos sair, porque estamos procurando um grupo de casais etc... para encontros...swings... e percebemos que esse grupo tem mais é exibição de fotos e videos de pessoas peladas que nem do grupo são. Desculpa qualquer coisa... obrigado

Moisés: FATOOOO! Seria muito bacana a exibição de pessoas realmente do grupo. É sabido que a interação pessoal fica um pouco comprometida. Mas podíamos bolar algo com imagens, vídeos e "conferências"

Magda: Só sei que eu e meu marido tbm só mandamos foto nossas as pessoas tem ter paciência msm as coisas n acontece de uma hora pra outra n é só marca e fazer tem que ver se rola o interesse tbm

As interações na forma de diálogo ocorrem com pouca frequência, algumas tentativas de jogos sensuais ou interação entre os casais quase sempre termina de forma frustrada, sem adesão dos demais ou correspondência de outro casal abordado ali no grupo. É possível que esta interação ocorra no privado somente entre eles e não tenha ficado evidente para o grupo.

Guto: A gente precisa quebrar o gelo pra se ver em breve
Liberado PV e incentivar que chamem as garotas
Que as garotas chamem os rapazes
E aí vai

Léo: Mais tarde agente brinca
Sim, mas vamos ser mais sordidos
Estamos muito comportados

Danilo: Boa noite! Tem uma brincadeiras chamada na berlinda. Escolhemos um integrante e colocamos ele na berlinda. Ele terá que responder a todas as perguntas dentro de um tempo tipo 3 mim. Passado este tempo que esta na berlinda terá que escolher outro para ir para a berlinda. Ai começa a perguntas e ele vai ter que responde o máximo possível durante o tempo. 😊👉 e assim sucessivamente. Todos devem fazer perguntas para quem estiver na berlinda. Kkkk.

Algumas tentativas mais diretas de interação aconteciam além dos jogos, normalmente um homem elogiando a mulher do outro ou exibindo a sua companheira.

Danilo: Mandem fotos de nossas mulheres de verdade! Quero ver as esposas seminuas.

Aristides: Adoraria vê-la se esbaldar c minha esposa.
Se esbaldar de prazer

Danilo: E ai? da pra encara? Acho que vamos ser felizes com esta duas gatas no mesmo ambiente 😊

Além do relato de experiências sexuais, são recorrentes convites gerais para *dogging*, chamadas de vídeo ou encontros em bares, falam também sobre as casas de *swing* mais famosas nas grandes cidades como Belo Horizonte, Rio de Janeiro e São Paulo.

Wagner: Algum casal animado pra um dogging hj? ?
Sabado fomos em um motel com hidro eu meu marido e um amiguinho

Talvez uma conferência pelo GOOGLE MEET sem áudio, pra não dar microfonia... Podemos tentar agendar. Posicionamos os telefones estrategicamente e todos os casais em atividade.

São descritas com detalhes algumas experiências ou fantasias:

Milton: Tenho a fantasia de amarrar minha esposa vendada e umas dez pessoas interagirem com ela, passando as mãos enquanto um chupa a bucetinha dela, outros nos peitos, beijando, massageando

Certo dia um dos administradores disse que um casal queria adicionar uma solteira que seria a namorada do casal e então houve uma votação para decidir se a “solteira” entraria ou não no grupo de swing. O administrador disse que a votação se estenderia até o dia seguinte para que os 25 casais pudessem se expressar sobre a questão. A princípio alguns integrantes responderam que não se importavam, até que uma mulher diz:

Magda: Eu acho q ia vai sair o foco do grupo já q o grupo e pra casais.

Outras pessoas se sentiram mais encorajadas a votar contra a entrada da “solteira” enquanto o administrador contava os votos. Algumas questões são levantadas:

Arlete: Entrando uma solteira por que não ter solteiro?
 Pessoal, eu entendo que o nosso objetivo é só encontro de casais.
 Permitir só mulheres solteira pode parecer interessante, mas soa meio sexista
 Então se for permitir pessoas solteiras eu prefiro não participar
 Aí todos vai ter direito de pedir para adicionar um solteiro (a)

Após 29 minutos de debate com 12 manifestações (6 favoráveis a entrada da solteira e 6 contrários) o administrador fechou a questão:

Guto: Eu sempre gosto de primeiro preservar o grupo, mas também ouvir todos democraticamente
 Um casal pediu para adicionar uma SOLTEIRA, que é namorada deles
 Gostaria de saber a opinião de vcs sobre isso
 Eu não vejo problema
 Vamos ver a opinião de todos até amanhã e decidimos
 Por nós, tudo bem
 Por min tbm
 Pessoal, eu entendo que o nosso objetivo é só encontro de casais.
 Permitir só mulheres solteira pode parecer interessante, mas soa meio sexista
 Então se for permitir pessoas solteiras eu prefiro não participar
 Pelas discussões aqui expostas, entendo ser melhor NAO ABRIR EXCESSAO
 QUESTÃO FECHADA

Algumas horas depois um homem volta no assunto e pela primeira vez não se refere a terceira pessoa como namoradinha e não como solteira como estavam todos se referindo.

Wagner: Sei que o assunto já passou mas não vejo o menor problema. Leve e ela é namoradinha do casal. Nunca me oporia.

É interessante notar que o tempo todo chamaram a pessoa de solteira, não levando em consideração vínculo que o próprio casal apresentou “namorada”, somente uma pessoa, que não participou da discussão em tempo de defender a entrada da moça no grupo, se referiu a ela, não como foi apresentada, mas como “namoradinha” conotando sexualidade e inferioridade.

Os grupos são criados por um casal, normalmente, e se deixam o grupo ele perde qualquer monitoramento e propósito, tendendo a acabar em poucos dias por falta de interação.

Wagner: agora ferrou gente
os anfitriões do grupo saíram
estamos a deriva

Nos *sites* dedicados ao *swing*, quem participa muitas vezes é convidado para festas. Algumas ocorrem nas tradicionais casas de *swing* ou em casas clandestinas alugadas para este fim. Há festas a fantasia em hotéis de luxo de São Paulo e Curitiba, com dezenas de casais. O hotel fica inteiramente reservado para a festa e outras atividades programadas. São permitidos somente casais e os preços destas festas são altos, assim como as entradas nas casas dedicadas a este mercado.

Nestes espaços presenciais, como festas, clubes e casas, possui uma série de regras e normas de conduta que devem ser respeitadas por todos os praticantes. A mais ressaltada é a regra que vem ganhando coró nos últimos anos entre as mulheres, a regra do não é não! Sem necessidade de esclarecimentos ou justificativas. Isso implica respeitar as vontades e decisões dos outros, não ser insistente e saber lidar com a rejeição. Um *swinger* também não deve abordar o outro quando os respectivos companheiros não estiverem por perto. Já os *singles* não devem tomar a iniciativa e esperar que isto seja feito pelos casais. E além de tudo as pessoas não são obrigadas a se envolver em atividades sexuais somente por estarem nas casas de *swing* (Silvério, 2015, p. 98).

Alguns ambientes *swingers* aceitam a presença de solteiros, mas em sua maioria são homens que pagam mais para entrar. Na pesquisa de Maria Silvério, seus informantes dizem ter objeções em relação aos *singles*, principalmente masculinos, mas também femininas. Para eles isso foge aos preceitos do *swing*, já que “eles não têm nada para trocar” (Silvério, 2015, p.100).

Mesmo com o incentivo de entradas gratuitas mulheres desacompanhadas costumam ser raras em festas e clubes. Na pesquisa do economista D’Orlando (2009, p.9) sobre as casas de *swing* italianas ele diz que as *singles* femininas também não são bem-vindas e muitas casas

bloqueiam a entrada delas com a justificativa de que são prostitutas. Embora as pesquisas no Brasil e Portugal (Weid, 2008, Silvério, 2015) não apontem este tipo de restrição é comum relatos de falsos casais, formados, algumas vezes, por prostitutas e o cliente e em outras por amigos que buscam o acesso aos clubes de forma mais barata e livre de restrições e outros ainda frequentam o ambiente com as amantes.

Uma informante na pesquisa de Weid disse que os próprios homens solteiros têm preconceito com as mulheres sozinhas que frequentam esses lugares. Weid diz que tanto a diferença qualitativa quanto a quantitativa no tipo de conduta entre homens e mulheres solteiros que vão a estas casas podem ser ligados a uma determinada moral sexual vigente em nossa sociedade que preconiza que os homens tenham maior número de parceiras sexuais, enquanto as mulheres precisam ter mais controle, pois podem ser acusadas de serem promíscuas (Weid, 2008, p. 55).

Alguns trabalhos etnográficos em casas de *swing* (Weid, 2008, Silvério, 2015, Teixeira, 2015b, Vasconcelos Neto, 2015) relatam que as pessoas encontradas nestes lugares são comuns, com empregos comuns e uma estrutura familiar comum, muitas têm filhos e demais familiares que, normalmente, não sabem de sua frequência nesses lugares.

Outro aspecto que aparece em pesquisas nesta área, sobretudo aquelas realizadas por mulheres, é o das vestimentas usadas nestes ambientes. Tanto Silvério quanto Weid relatam questionamentos pessoais sobre a forma como deveriam se vestir para frequentar as casas de *swing*. Silvério diz que sempre esteve confiante de que não precisaria se vestir de maneira sensual para ganhar a confiança de seus informantes, embora alguns deles tenham cobrado que ela usasse menos roupas. A preocupação da antropóloga era não estar destoante do ambiente e chamar mais atenção por isso. Sobre a relação que seus informantes têm com a vestimenta ela relata que algumas mulheres escondem as lingerie e roupas mais ousadas, que usam para irem ao *swing*, outras optam por usar uma roupa discreta cobrindo as verdadeiras roupas de *swing* para não chamar a atenção dos vizinhos.

Weid relata também a mesma preocupação na hora de escolher a roupa que vestiria na situação. A antropóloga descreve com detalhes as roupas usadas pelas pessoas presentes nos clubes visitados. Por exemplo, as mulheres buscam conscientemente projetar uma imagem de desejo, algo que se reflete não apenas nas escolhas de roupas, mas também na atenção dada ao seu físico. Elas optam por blusas ou vestidos justos e decotados, saias mais curtas e roupas que realcem as características de seus seios, nádegas e pernas. Weid destaca que no contexto do meio *swinger*, as vestimentas femininas podem até mesmo indicar o *status* da mulher no grupo, se ela é novata ou experiente, ou até mesmo sua disposição para a ocasião (Weid, 2009, p. 112).

Por outro lado, no que diz respeito aos homens, essa mesma preocupação e cuidado com a aparência parecem não estar tão evidentes. A maioria deles veste trajes semelhantes aos que escolheriam para qualquer outro evento social: calça e camisa social, por exemplo (Weid, 2008, p. 85).

Sobre as interações estabelecidas no interior das casas, dois atributos parecem contar negativamente, são eles o peso e a idade. As pesquisas mostram que um casal mais velho tem mais dificuldade para se relacionar sexualmente com outros casais. No entanto, um casal em que o homem é mais velho do que a mulher, teria mais chances em ficar com outros casais do que um casal em que tanto o homem quanto a mulher são mais velhos. Sendo, portanto, a idade do homem menos importante do que a da mulher na hora da troca (Weid, 2008, p. 86).

Maria Silvério diz que existe a ideia de que frequentadores de casas de *swing* passam a noite inteira fazendo sexo indiscriminadamente, no entanto, como mostram as pesquisas não é o que ocorre. Para se chegar ao ato sexual os casais dizem ser necessário envolvimento mútuo, o que não ocorre facilmente. Em um estudo quantitativo realizado pelo sociólogo Richard Jenks (2014) a dificuldade em que os dois membros do casal se interessem pelos membros de outro casal é apontado como uma das principais dificuldades entre os *swingers*, ficando atrás apenas do medo de se contrair alguma doença sexualmente transmissível. A antropóloga também observa que durante sua pesquisa o que menos se observa é a troca de fato. Segundo ela seus informantes contam que o fato de estarem no clube lhes desperta a libido e esta será concretizada apenas com o parceiro em casa. Ainda segundo a pesquisadora, muitos participam preliminarmente do contato com outras pessoas e culminam o ato sexual apenas com seu parceiro (Silvério, 2015, p. 49).

A pesquisadora Marina Teixeira, nos mostra uma face interessante do *swing*, muitas interações sexuais ocorrem sem penetração, o que leva alguns praticantes afirmarem que nunca fizeram sexo com outras pessoas. Mas Teixeira se refere a uma “baixa densidade sexual” no ambiente no *swing*, com “indícios de desânimo generalizado ou de ansiedade pelas expectativas sexuais” (Teixeira, 2015b, p. 15).

De modo geral, podemos dizer que os *swingers* pertencem a um estilo ou filosofia de vida pautada no hedonismo, na liberdade sexual e no rompimento das normas sexuais tradicionais. Eles são em sua maioria casados e têm uma relação conjugal sólida e estável. São recorrentes os relatos de que a prática promove a atração sexual entre os membros do casal e que os níveis de ciúmes são mais baixos do que nos casais em geral. Além disso, o *swing* torna a relação mais honesta, já que os casais não precisam esconder o desejo de se relacionar sexualmente com outras pessoas. A entrada no *swing* se dá muitas vezes pela curiosidade e pelo

desejo e coragem de contrariar a moral sexual monogâmica, mas a preocupação com a preservação da identidade é grande, existe também uma ética *swing* que presa o anonimato e a discrição. Normalmente são casais de pertencentes a uma camada média ascendente, pois os gastos com o *swing* não são pequenos.

Dentro do meio não monogâmico, o *swing* é geralmente apontado como o modelo relacional mais próximo ao ideal do casal convencional, apolítico, mais heteronormativo, e com pessoas mais conservadoras do que o poliamor (Sheff, 2014 *apud* Silvério, 2018, p. 94). No grupo de *swing* as abordagens e objetivos nunca são afetivos, são sempre sexuais e práticos. Além disso, esse grupo não politiza o debate, sem abordagens de questões como feminismo, transfobia e racismo, nele também não há qualquer discussão sobre a identidade *swinger* ou outras identidades NM.

5.3.1 UM ENCONTRO DE *SWING ONLINE*

A publicação no *Instagram* a qual convidava interessados para uma festa que aconteceria de forma *online* com tema “Baile Virtual de Máscaras”, vendia ingressos para o encontro que ocorreu no dia 11 de julho de 2020. A festa convidou casais e mulheres por cinquenta e vinte reais respectivamente.

O baile começou às vinte e uma horas pontualmente pelo programa de chamadas *Zoom*, com doze câmeras conectadas inicialmente. A música, típica de boate tocava para todos, não sendo permitido aos participantes abrirem o áudio e nem controlar o destaque³⁷ da câmera. A casa havia informado que o destaque seria dado para os casais mais empolgados e com performances mais chamativas.

As primeiras câmeras apresentavam casais ainda um pouco tímidos e sorridentes trocando poucas palavras pelo *chat*, todos vestidos e alguns com máscaras que dissimulavam levemente os rostos. Aos dezessete minutos de chamada o homem de um casal disse “que iria esquentar o ambiente” e o casal começou a tirar roupa enquanto dançava, depois de, o homem completamente nu e a mulher só de blusa, começaram a fazer sexo. Este movimento do primeiro casal foi o estímulo que alguns outros precisavam para também começar a tirar algumas peças de roupas, a se exhibir iniciando alguma performance.

³⁷ Um dos controles possíveis para o anfitrião das chamadas de vídeo realizadas pelo *Zoom* é a escolha da câmera que estará em destaque para todos os participantes. Ou seja, aquela que estará ampliada durante a chamada, não sendo possível, aos outros participantes escolher outra. Neste modo, as demais câmeras, e nem todas, aparecem de forma minimizada ao lado.

Na primeira hora havia, além de mim apenas uma mulher sozinha que não arriscou performance nem nudez, mas também não ficou por muito tempo na chamada. Mais tarde outra *single* apareceu, esta, assim como a outra, não ficou nua e nem se exibiu. Ao longo da noite estiveram conectadas até 53 câmeras, a música era o único som que podíamos ouvir, mas as câmeras todas ligadas mostravam muitos casais transando e uma das câmeras evidenciava uma espécie de festa com, pelo menos, quatro pessoas. Alguns casais, só observaram como se estivessem assistindo a um filme. Um dos casais, aparentemente o mais jovem de todos, vestindo roupas íntimas, ria sem parar, e chegavam a apontar para a tela enquanto gargalhavam.

Ocorreram quatro apresentações de *strip-tease* e *pole dance* intervalando as câmeras dos participantes. Um homem e três mulheres se apresentaram, aparentemente de suas casas. Estes não participaram de toda a chamada, entraram apenas para se apresentar e saíram em seguida.

Com a aproximação da hora marcada para o término da festa, alguns casais iniciaram uma tentativa de encontros reais através do *chat* que esteve ativo a noite inteira, um casal parecia procurar alguém perto do bairro do Flamengo, no Rio de Janeiro, para sexo ainda aquela noite. Outros começaram a trocar elogios e buscar conexões que pudessem gerar algum gancho para possíveis encontros. Mas como no programa usado existe a possibilidade de conversas privadas também, não pude verificar se ocorreu algum encontro partido desta festa.

A estratégia da casa em controlar as câmeras dificultou a possibilidade de passear pelas diversas câmeras ali conectadas, mas também me forneceu informações que parecem compor algumas características do comportamento *swing*. A possibilidade de encontros reais nesta ocasião era bem pequena, por dois motivos principais. Encontrávamos em um momento crítico de aumento de contaminação por Covid 19 e, portanto, de isolamento social severo, e os recursos de encontros virtuais que permitem que pessoas se encontrem mesmo estando geograficamente bem distantes. Ainda que alguns poucos casais tenham buscado encontros reais a partir da transmissão não parecia ser a proposta da boate e nem o objetivo da maioria das pessoas participantes.

Como disse, ao longo da noite observei até cinquenta e três câmeras conectadas, o que pode representar aproximadamente cem pessoas num mesmo espaço virtual com o objetivo de se exibir enquanto faz sexo e/ou assistir outros casais fazendo o mesmo. Esse fato me remeteu aos estudos sobre *swing*, mencionados aqui, que relatam, pouca troca de casais de fato, mesmo nos espaços físicos, em que se imagina que o propósito seja basicamente este. O que constato é que boa parte dos *swingers*, se interessem muito mais pelo ambiente de liberdade sexual, pelo visual do que de fato pela possibilidade de ter relações sexuais com outras pessoas.

Outro ponto interessante que pude observar se refere aos tipos de atos sexuais

destacados na transmissão. Basicamente o destaque das câmeras foi dado para mulheres que se insinuavam enquanto dançavam e ensaiavam tirar alguma peça de roupa, penetração em diversas posições e sexo oral realizado pela mulher. Ao mesmo tempo outras câmeras mostravam mulheres se masturbando, homens masturbando mulheres e mulheres recebendo sexo oral, mas nenhum desses momentos foi destacado pela organização da festa.

É importante destacar que se tratando de um estabelecimento comercial, a opção pelos destaques está pautada pela demanda dos frequentadores e pelo que interessa este público enquanto fonte de erotização.

5.3.2 VISITANDO UMA CASA DE *SWING*

Das muitas casas de *swing* com páginas nas redes sociais, a escolha para a primeira visita de campo logo após as medidas de flexibilização do isolamento social, se deveu ao fato de eu já ter tido contato com seu funcionamento através do encontro *online* promovido durante o período de confinamento. Outro motivo que favoreceu a escolha foi a sua localização. Entretanto, antes da entrada, propriamente dita, foi preciso entender a proposta da boate através da sua página na internet. A casa possui um *site* através do qual divulga, semanalmente, a programação trazendo não só os dias de funcionamento como também os temas e as atrações de cada dia, os preços das entradas e quem será o público desejado.

A apresentação da casa é feita por fotos do interior do estabelecimento e um breve texto que diz:

Considerada desde 1995 como a melhor Bar e Lounge exclusiva para casais do Brasil, a boate é sempre uma festa. Isto mesmo a melhor Bar e Lounge/Festa para casais que querem apimentar a relação (swing, voyeurismo, exibicionismo ou simplesmente sensualizar a relação). [...] Ouse, fantasie e escape da realidade acompanhado(a) do seu amor por algumas horas aqui! Fantasiar é preciso, trair não é preciso!

Na mesma aba, abaixo, existe um manual de comportamento e dicas para os casais novatos, orientando que se aproximem de outros casais com uma apresentação e isso deixará as coisas mais fáceis. Outro ponto destacado é sobre a possibilidade de recusas, tanto suas quanto dos outros. Existe uma regra importante de que o “NÃO” deve ser sempre compreendido e respeitado, além disso controlar a pressa, combinar os limites com o parceiro e conversar longamente com o outro casal sobre as regras e os limites de cada um. O *site* também recomenda o uso de preservativos. O *site* lembra que a casa deve ser frequentada por casais compromissados e adultos que pretendem encontrar um novo conceito de diversão, onde podem

aproveitar a noite em um “ambiente seguro, sensual, contemporâneo e chic.” As dicas também lembram que às quintas-feiras é permitida a entrada de solteiros, inclusive homens.

A segunda aba se destina às programações e exibe alguns “cartazes” com imagens de casais com roupas e posições sensuais. Para além do casal, que provavelmente são dois modelos, encontram-se as informações sobre as atrações daquela semana. Além do dia, o cartaz traz o horário em que a festa se inicia e geralmente a abertura da casa é marcada para as vinte e uma horas. Nos cartazes existe um *link* de detalhes que leva para outra página com informações importantes sobre a noite, tais como uma rápida apresentação do tema, as vezes com sugestão de vestimenta. Esse *link* de detalhes também fala sobre as normas sanitárias como uso de máscaras, aferição de temperatura na entrada e álcool em gel em todos os ambientes.

E, por fim, as informações sobre os preços. A noite de sábado, por exemplo, o ingresso custou cento e trinta reais, sendo cinquenta reais convertidos em consumo no estabelecimento, mas somente para aqueles que colocarem o nome na lista ou comprarem ingressos antecipados no *site*. Para mulheres sozinhas o preço é cinquenta reais com vinte e cinco reais convertidos em consumo, homens sozinhos não são permitidos aos sábados, normalmente a entrada dos *singles* masculinos, como são chamados os homens sozinhos, ocorre às quintas-feiras e esses pagam um valor maior, trezentos reais, com cinquenta reais convertidos em consumíveis.

Figura 3: Cartaz de divulgação



Fonte: <https://www.2a2.com.br/festa/lasciva-noite-da-cinta-liga-05-11-2021/>

A permissão de homens sozinhos às quintas-feiras, também está presente no estudo realizado pelo sociólogo Edson Vasconcelos Neto (2015), realizado em uma localidade na região metropolitana de Recife em Pernambuco. Segundo ele, esse dia da semana também costuma atrair um público mais jovem que chega em grupos para se divertir. Ainda segundo o pesquisador, essa “tradição” das quintas afasta o público mais assíduo do *swing*, que se incomoda com o número grande de pessoas sem par. Vasconcelos Neto afirma que os valores

mais altos no ingresso são uma forma de colocar dificuldades na entrada desse público. O excesso de homens sozinhos pode causar desconforto e inibição. Por outro lado, a presença de mulheres sozinhas é incentivada com preços mais baixos, elas são as favoritas para o sexo a três, mesmo assim são minoria entre os frequentadores (Vasconcelos Neto, 2015, p. 120).

O que se constata é que a configuração de casal é importante para o *swinger*, menos pela possibilidade da troca, que como veremos não é a prática mais usual nas casas, e sim pela segurança de estarem interagindo com casais que, provavelmente, compartilham de objetivos semelhantes e também possuem acordos com seus cônjuges.

Em outra aba, encontramos algumas fotos de mulheres nuas e uma explicação que se refere a uma festa realizada desde 2001. Nessa festa uma mulher é eleita, dentre os casais mais assíduos da casa, a Gata do ano. O casal, além de ter um ano de ingresso grátis, passa a ser os representantes da boate nas festas do Encontro Nacional de Casais Liberais³⁸.

Outra aba chamada Livro me chamou especial atenção. Trata-se da divulgação e venda de um livro sobre *swing* escrito pelo proprietário da casa. A descrição do livro afirma que é o primeiro livro sobre *swing* lançado no Brasil, o livro é vendido por noventa reais com frete incluso para todo o Brasil. Por último, uma aba de contatos com e-mail, endereços eletrônicos, telefones e endereço.

A boate existe desde 1995 e está localizada na Zona Sul da cidade do Rio de Janeiro. O estabelecimento abre, semanalmente, de quarta a sábado, a partir das vinte e uma horas e encerra seu funcionamento as quatro horas, podendo abrir outros dias da semana em caso de feriados. A casa fica no final de uma rua sem saída, bem próxima de um cruzamento em que funcionam muitos bares que ficam bem cheios nos finais de semana. Apesar da pouca distância que separa a casa de todo o movimento dos bares, cerca de cem metros, ela está localizada em uma parte bem vazia sem qualquer movimentação, a não ser dos frequentadores da boate. Trata-se de uma casa grande, pintada de amarelo-claro, sem qualquer placa ou indicação de que funcione ali boate ou outro estabelecimento.

Em novembro de 2021, chegamos³⁹ ao lugar às vinte e uma horas em ponto, horário definido para a abertura da casa, e acabamos sendo o primeiro casal e único casal a chegar

³⁸ O Encontro já teve oito edições e acontece em diferentes cidades do Brasil. O público-alvo são casais adeptos, pessoas que querem conhecer o universo liberal e donos de casas de *swing*. O evento conta com atrações que integrem os casais, shows de strip-tease com modelos de filmes eróticos, vendas de produtos eróticos, vendas de roupas voltadas para o segmento, lançamento de livros, stand de filmes eróticos, além de palestras.

³⁹ Optei por não ir sozinha nesta primeira visita a uma casa de *swing*, nesse caso, contei com a presença de meu companheiro.

naquele horário e estivemos sozinhos por cerca de uma hora. Os *drinks* oferecidos em dobro até as vinte e duas horas não foram suficientes para atrair casais antes desse horário. A opção por chegar logo na abertura foi para podermos observar como o ambiente interno iria ser formado, com a chegada dos clientes.

Na entrada dois seguranças nos receberam na porta, ali ainda nos perguntaram se já conhecíamos a casa e explicaram como funcionaria a entrada: deveríamos deixar nossos pertences no guarda-volumes da recepção, onde receberíamos uma pulseira com um número para registrar nosso consumo durante a noite. Advertiram que o uso do celular é proibido, com vistas a uma maior privacidade em bem-estar dos frequentadores. Disse também que caso alguém fosse pego usando celular dentro da casa este teria que ser formatado ali mesmo. Logo na entrada da casa uma placa indicava a capacidade máxima de pessoas permitidas, duzentas. Perguntei se aquele número era válido diante da pandemia, o segurança nos informou que não, mas não disse qual a capacidade máxima permitida naquela situação, disse apenas que as fiscalizações da prefeitura estão frequentes. Após termos a temperatura aferida e meu companheiro ter passado por um detetor de metais, entramos na casa.

Na recepção receberam todos os nossos pertences, a orientação foi deixar a carteira, a bolsa, os celulares e tudo mais que estivéssemos portando, inclusive as máscaras de proteção contra o coronavírus. Perguntei se eu poderia continuar com a bolsa, a resposta foi que caso eu, realmente, quisesse, isso me impediria de visitar o segundo andar. Deixamos as coisas e de fato adentramos a boate vazia de clientes, apesar de o bar estar funcionando e a música tocando muito alta. Aproveitei este momento só para observar a arquitetura interna da casa.

A boate funciona em uma casa residencial que foi adaptada, o primeiro ambiente é uma sala grande com o bar a esquerda, logo depois de uma escada que naquele momento estava fechada por uma corrente zebreada. Uma barra de *pole dance* com palco ocupava o centro da sala, no canto direito, dois sofás pequenos de dois lugares cada, dispostos em L com uma mesa de centro próxima. Ao fundo desse ambiente ficava um pequeno cômodo com um carro antigo conversível. As paredes internas eram todas pretas com ilustrações de vários ícones do Rock. A luz era baixa como de qualquer boate, com jogos de luzes coloridas na área da pista de dança. As músicas tocadas são dançantes, estilo eletrônico e algumas músicas brasileiras.

Dois atendentes recebiam os pedidos do bar que só serve bebidas, *drinks*, cerveja e vinho, não há comidas. Saindo dessa primeira sala, à direita, um corredor com um balcão e alguns bancos que leva para um ambiente menor com outros dois palcos de *pole dance* lado a lado. Ali também ficam os dois banheiros, masculino e feminino, e um quarto escuro pequeno com um sofá, localizado ao fundo.

Por volta das vinte e duas horas outros casais começaram a chegar aos poucos e ocupar os ambientes da casa. Em geral, os casais chegavam, circulavam rapidamente pela casa e pegavam alguma bebida para se acomodarem em algum ponto e observar outros casais. Neste primeiro momento os casais interagiam somente entre si, sem conversas com os outros, esse comportamento se estendeu por bastante tempo.

Quando a casa já estava bem cheia o pequeno ambiente onde estavam os dois palcos de *pole dance* e os banheiros tinham se tornado uma pista de dança, onde os casais dançavam formando um círculo com as mulheres na frente e os homens abraçados nelas por trás. Ali também não havia conversas entre os casais, mas já havia um clima sexual mais desenvolvido, alguns casais se encaravam e uma mulher acariciava a bunda de outra enquanto ambas dançavam, sem que seus companheiros também participassem desse contato. Em seguida a mulher que recebia as carícias foi ao banheiro e a outra a seguiu. O cômodo escuro no canto deste ambiente continuava vazio.

As roupas usadas não diferiam das roupas usadas em outros encontros noturnos, sejam liberais ou não. A maioria das mulheres não usava roupas destacadamente sensuais, decotadas, rendadas, curtas ou justas. Os homens trajavam esporte fino, como é recomendado no *site*. As festas na casa são sempre temáticas e o motivo da noite visitada era o *Octoberfest*. No *site* havia a sugestão de que as mulheres usassem decotes generosos e dizia ainda que o maior deles seria premiado com um *drink*. Se essa premiação ocorreu, ela não foi pública, pois em nenhum momento houve qualquer menção às roupas das mulheres presentes.

Quando voltei da pista de dança, por volta da meia-noite, o segundo andar já estava aberto. Um segurança, a partir desse momento, ficou ao lado da escada a noite toda, ele impedia as pessoas que tentavam subir com copos ou taças, pessoas desacompanhadas também eram barradas. Seguimos para conhecer este segundo ambiente, lá as luzes são ainda mais fracas com alguns cômodos completamente escuros. Logo que subimos, no topo da escada, havia dois funcionários da casa, cuja camisa levava escrito a palavra apoio. Esse segundo andar contava com mais cômodos, cabines e pequenos quartos, era onde as relações sexuais aconteciam. As paredes também são pretas, mas não há a decoração inspirada no *Rock and Roll*, como no outro andar, somente móveis usados para o sexo, como camas, sofás e poltronas.

No topo da escada nos deparamos com dois quartos fechados, à direita havia um cômodo sem porta, mas completamente escuro, onde só se escutava gemidos sem saber quem estava ou como era organizado o ambiente. Era possível caminhar por este quarto, mas sem enxergar absolutamente nada, percebi apenas que era bem menos povoado que o outro ambiente à esquerda. Passando pela escada, uma saleta recuada com um sofá vermelho que não vi ser

usado, talvez por ser um ambiente ainda muito claro e muito próximo aos dois funcionários de apoio, bem perto da escada. Seguindo, encontramos o ambiente mais movimentado, uma sala maior com um grande sofá dupla face, duas estruturas de ferro como assentos altos e dois pequenos cômodos, um com uma cama somente e outro menor com uma poltrona. Não havia música específica, somente o ruído da música do andar de baixo, mas eram ouvidos muitos barulhos, como gemidos e falas sexuais.

Figura 4: Planta baixa primeiro e segundo andar



Elaborada pela autora (2023)

A movimentação no segundo andar era mais objetiva, a maioria dos casais ia direto para a sala onde se encontra o sofá dupla face e ficam por alguns instantes observando a ação dos outros visitantes, trocam carinhos discretos com seus parceiros até romper a inibição e iniciar algo que, normalmente, começa entre o próprio casal. Então esse começa a busca por um espaço no sofá, ou na estrutura de ferro com assentos altos, e é entre os casais vizinhos que as primeiras aproximações ocorrem.

Nesse ambiente o número de pessoas só aumentava, a princípio alguns casais mantinham relações sexuais independentes uns dos outros, e alguns casais no entorno da sala observando e se acariciando. Estar nesse ambiente tornava os presentes mais expostos às investidas de outros casais, investidas essas que aconteciam na forma toques, olhares, puxões e convites diretos, feitos de mulher para mulher.

Em determinado momento o segundo andar estava lotado, havia pessoas em todos os cômodos, os sofás e as camas disponíveis eram disputados. Algumas mulheres estavam completamente nuas, outras improvisavam com vestidos levantados e roupas recuadas. Os homens desorganizavam menos suas vestimentas, apenas abrindo o zíper da calça. A maioria dos casais estava se relacionando com seus pares e muitos se juntaram pela interação das mulheres na forma de carícias, beijos e lambidas, somente entre elas. Essa interação pareceu ser espontânea, sem negociação prévia ou permissões no momento, bastava estarem lado a lado

que ocorria uma espécie de teste, uma mulher colocava a mão na outra se ela aceitasse partiam para carícias mais intensas. Os homens, em menor frequência também tentavam se aproximar das mulheres com toques, mas eram poucos os que se atreviam. Não observei investidas mais decisivas de homens sobre as mulheres nesses ambientes.

Muito se fala sobre o caráter performático da relação entre mulheres no *swing*⁴⁰, pelo fato de ser apreciado pelos companheiros e ter mais aceitação de modo geral. No entanto, me pareceu que os momentos de menor performatividade eram justamente aqueles em que duas mulheres se relacionavam. Surge uma questão, as mulheres do *swing* são incentivadas a se relacionar com outras mulheres em função dos fetiches masculinos ou elas buscam no *swing* o lugar para expressar sua bissexualidade?

Nos cômodos adjacentes a essa sala, bem mais escuros, as pessoas deitadas nas camas/sofás, pareciam interagir mais, contudo, não foi possível enxergar o que de fato estava acontecendo ali. Mas, pelo menos quatro pessoas estavam deitadas enquanto várias outras cercavam tentando visualizar algo.

Resolvemos descer novamente e ver como estava a área do bar e a pista de dança. A casa estava mais cheia, acredito que bem próximo da sua capacidade máxima, pois todos os ambientes estavam povoados. Exceto a pista de dança que esvaziou após a abertura do segundo andar. Nesse momento alguns casais já conversavam entre si.

Ao longo da noite percebi que um grupo de pessoas chegou junto, três mulheres e um homem, sendo que uma das mulheres parecia estar mais próxima do homem, acredito que era a sua parceira, e as outras duas que não pareciam ser um casal estavam muito animadas e foram as únicas a usar os palcos e o *pole dance*.

Durante o período em que estivemos na casa, fomos abordados três vezes, primeiro um homem que se apresentou pelo nome e pela nacionalidade, congolês, se dirigiu ao meu companheiro dizendo que gostou muito de mim e que havia conversado com sua “amiga” sobre propor de fazermos algo. Nós dissemos que se tratava da nossa primeira vez ali e que naquele momento estávamos apenas observando. Ele nos mostrou a sua “amiga” e saiu. Mais tarde, esse casal subiu na companhia de outro com quem estavam conversando animadamente. Entre eles constatei a única troca de casais de fato no segundo andar.

A segunda, e mais direta, abordagem ocorreu quando estávamos no andar de cima observando as dinâmicas construídas ali. Acredito que foi o momento mais lotado desse ambiente que é, além de escuro e pequeno, fechado, sem janelas ou qualquer forma de

⁴⁰ Teixeira; Von der Weid, Vasconcelos, Silvério.

circulação e ar. A mulher de um casal, tentou me acariciar e nos chamou para um dos quartos, nós recusamos e ela não insistiu.

Mais tarde uma mulher muito falante que conversava com várias pessoas nos abordou perguntando, em inglês, se éramos brasileiros e mesmo assim ela continuou mesclando palavras em inglês e português. Foi a pessoa com quem mais conversamos. Ela também nos perguntou se era a primeira vez (essa pergunta apareceu outras vezes) e assim começou uma conversa instantaneamente. Contou sobre suas experiências no *swing* e nos apresentou seu namorado, um homem americano que não estava disposto a conversar e tão pouco a realizar alguma atividade sexual. Sentado ao lado dela, frequentemente, a cutucava demonstrando sua insatisfação, que ela rejeitava e voltada para mim revirava os olhos como quem está impaciente. Ela nos contou que esse namorado foi quem a apresentou o *swing* e que agora não estava disposto a fazer nada. Mesmo ele demonstrando contrariedade, ela nos convidou para fazer algo no andar de cima, deixando claro que ele estaria excluído desse encontro. Algumas vezes ele a chamava para ir e advertia que não faria sexo. Com o mesmo argumento que usamos ao primeiro convite, nos esquivamos das propostas dessa moça, mas continuamos conversando. Perguntei quanto tempo de namoro eles contavam e ela não soube responder, começou a fazer contas com os dedos e se limitou a dizer que o conhecia desde os vinte anos, em outro momento nos disse ter trinta e sete anos. O namorado vive nos EUA e ela no interior de Minas Gerais, apesar de ser fluminense. Perguntei também se ela frequentava o *swing* quando o namorado estava nos EUA, ao que ela respondeu negativamente. Ela insistiu mais algumas vezes para fazermos sexo, descrevendo em detalhes o que ela faria conosco e pela primeira vez ouvi a palavra preservativo, ela nos perguntou se tínhamos, dissemos que não, e ela pediu a um homem ao qual ela havia abraçado carinhosamente minutos antes, ele respondeu que tinha e ela nos avisou isso. O homem saiu sem deixar nenhum preservativo com ela. Não havia preservativos disponíveis na casa e não vi pessoas usando nas relações sexuais. Em determinado momento o namorado a convenceu a ir embora, e ela parece ter percebido que não aconteceria nada entre nós, se despediu atenciosamente e foi para a fila de saída, onde as pessoas já se organizavam para pagar a conta e ir. Nesse momento o relógio já marcava três horas, horário que os frequentadores já começaram a deixar a casa.

5.3.3 VISITANDO OUTRA CASA DE *SWING*

A segunda casa de *swing* visitada para esta pesquisa foi na cidade de São Paulo em janeiro de 2022. O lugar escolhido já havia sido pauta de conversas na Pousada Sol em Arraial

d'Ajuda, citada como a “melhor balada liberal de São Paulo”. Em outros momentos em conversas de *Whatsapp* dos grupos de *swing* alguns integrantes também falaram coisas positivas sobre a casa, tendo sido estas referências a justificativa para visitar esta casa e não outra das muitas existentes na capital paulista.

Existem ao menos nove casas de *swing* encontradas pelo *Google* em São Paulo, sendo quatro delas localizadas em Moema. Este é um dos bairros que com melhor qualidade de vida da cidade e sua população é formada pelas classes média alta e alta. O bairro é conhecido por ter um dos aluguéis mais caros da cidade e muitos restaurantes refinados, mas também oferece muitas opções para quem deseja curtir a noite em bares e boates.

O *site* da boate já a apresenta como a melhor casa de *swing* e balada liberal de São Paulo, e continua a descrição dizendo que a casa tem uma proposta que traz para o cenário nacional um novo conceito com ambientes projetados para proporcionar clima de intimidade e liberdade. O bar oferece porções diversas, *drinks* e cerveja.

Visitar boates em diferentes cidades possibilitou uma descoberta interessante sobre os termos usados para se referir a estes ambientes. Na descrição desta casa podemos ver em vários momentos que também se refere a “balada liberal”. Uma casa de *swing* e uma balada liberal são ambos locais frequentados por pessoas interessadas em explorar sua sexualidade de forma não convencional, mas existem algumas diferenças entre eles. A casa de *swing* seria um estabelecimento dedicado exclusivamente ao *swing*, onde casais e solteiros podem se encontrar para interações sexuais consensuais. Geralmente, tanto as casas de *swing* quanto as baladas liberais possuem áreas específicas para encontros íntimos, como quartos privativos ou espaços mais abertos destinados a interações sexuais. Ambas possuem elementos de baladas convencionais, com pista de dança, bar e áreas para socialização. A maior diferença é que as baladas liberais tendem a oferecer uma variedade maior de entretenimento, como shows ao vivo, performances eróticas e eventos temáticos.

Ambas boates visitadas possuíam as mesmas características, mas só foi chamada de balada liberal em São Paulo. Deste modo, pode-se dizer que o uso do termo casa de *swing* ou balada liberal trata-se de um apelo mercadológico que muda o sentido da prática, uma vez que balada liberal é destinada a um determinado público e *swing* a outro público diferente. Este erro propositado visa apenas atrair um maior número de clientes para o interior dessas casas. Essa distorção acaba confundindo não apenas casais recém adeptos da prática, mas também alguns mais antigos no meio (Santos, 2010, p. 134).

Costuma-se associar o termo “balada liberal” as quintas-feiras, quando as casas de *swing* assumem uma atmosfera distinta, atraindo um público mais jovem, geralmente universitário.

Grupos de jovens chegam animados para se divertir, tomar alguns *drinks*, dançar e possivelmente engajar-se em atividades sexuais com outras pessoas (Vasconcelos Neto, 2015, p. 121).

De maneira distinta do ambiente *swinger*, mas com algumas semelhanças, as baladas liberais mantêm uma separação entre seu público e seus objetivos. Nestes eventos, há poucos casais presentes e uma maior presença de "casais falsos" (formados apenas para acessar a casa, sem necessariamente qualquer relação entre eles). Essa prática resulta em casas de *swing* com um público mais jovem e solteiros em busca de encontros casuais, o que afasta o público habitual dos *swingers*. Seus objetivos são desfrutar da noite e transformar o espaço da casa em um território onde possam satisfazer seus desejos, tanto entre si como com outras pessoas disponíveis. Essa dinâmica leva muitos a olharem com desconfiança para essas baladas liberais em comparação com as casas de *swingers*. É uma tendência recente que requer atenção, pois suas práticas são pouco diferentes do que é considerado como *swing*, tanto em termos de interação quanto na forma como essas interações abordam os aspectos afetivos, relacionais e sexuais (Vasconcelos Neto, 2015, p. 123).

O *site* diz que o funcionamento está em regime especial devido a pandemia e com lotação reduzida, A programação é apresentada em formato de *baners*, divulgados no próprio *site* e nas redes sociais, estes com menos apelo sexual do que de outras casas de *swing*. Eles não figuram mulheres sedutoras e nem é mencionada a palavra *swing* ou outro termo que faça uma referência a sexo.

Figura 5: Cartaz de divulgação



Fonte: <https://www.hotbar.com.br/sao-paulo/programacao-casa-de-swing>

Na aba de contatos encontramos mais informações sobre o funcionamento da casa como

normas e restrições:

Traje esporte fino obrigatório. Proibida a entrada com boné, chapéu, gorro, touca, regata, moletom, camisa de time e torcidas, mochila, chinelo, sandália rasteirinha, tênis feminino, bermuda e calça capri, camiseta de fã clubes, cartazes, faixas, armas e drogas. Proibida a entrada de menores de 18 anos.

Nesta aba de contatos também é possível consultar os preços da entrada em cada dia da semana e horários de funcionamento. A casa abre de segunda a domingo, e os preços para casal variam entre cento e oitenta e duzentos e cinquenta reais, conforme a semana avança. Mulheres sozinhas pagam entre cinquenta e oitenta reais com a mesma variação ao longo da semana. O homem solo paga entre quatrocentos e quinhentos reais. Lembrando que a casa disponibiliza uma lista amiga em suas redes sociais e desses valores pagos, algo em torno de 80% é convertido em consumíveis para casais, 100% para mulheres sozinhas e 30% para homens. O *site* também apresenta o *link* para a página da casa em Curitiba e um *link* para uma rede social de *swing* que até então eu não conhecia, o *Hot Swing*.

Novamente contei com a companhia de meu companheiro para esta visita, chegamos por volta das vinte e duas horas e o lugar já estava bem cheio. Passamos pela recepção onde recebemos a comanda sem nenhuma orientação especial, somente sobre a possibilidade de transformar parte da entrada em consumação, já que eu havia solicitado a inclusão de nossos nomes na lista amiga via *Instagram*. Celulares e bolsas eram permitidos e somente os homens passavam pelo detector de metais.

No estabelecimento encontramos um *lounge*, com alguns sofás a direita com banheiros feminino e masculino ao fundo. O bar fica bem em frente a entrada e cerca de quatro mesas espalhadas de frente para um grande balcão onde eram feitos os pedidos, tanto as mesas quanto os sofás estavam todos ocupados, quando chegamos não pudemos nos sentar, ficamos no balcão aproveitando para observar as dinâmicas e depois conhecer os outros ambientes da casa.

Existia um espaço para shows isolado por uma porta fechada, podendo ser possível estar na casa sem participar do show, ouvindo somente a música abafada dentro do auditório, que provavelmente continha um tratamento acústico. À esquerda ficavam três mesas maiores que margeavam o caminho para o labirinto⁴¹, antes de entrar no labirinto observei um espaço externo pequeno para fumantes.

No lounge as pessoas interagiam com descontração aparentando que muitos se

⁴¹ O labirinto é o local que mais comumente é usado para trocas sexuais – tem este nome devido ao aspecto propositalmente confuso de sua arquitetura e que, aliado à pouca iluminação e às paredes escuras (SILVEIRA, 2014).

conheciam da frequência ali ou de outros ambientes. As pessoas bebiam e comiam enquanto interagiam. As mulheres se destacavam pela sensualidade das roupas que eram quase sempre bem curtas, justas e decotadas, além muito brilho, transparência e renda, nos pés saltos altos que sustentavam corpos esculturais. Embora as informações no *site* dissessem que aos sábados o clube é reservado para casais praticantes do “verdadeiro *swing*”, onde o foco é a troca de casais, o público estava bem diversificado com muitos homens e mulheres sozinhos, grupos grandes de amigos, além dos muitos casais e duas travestis.

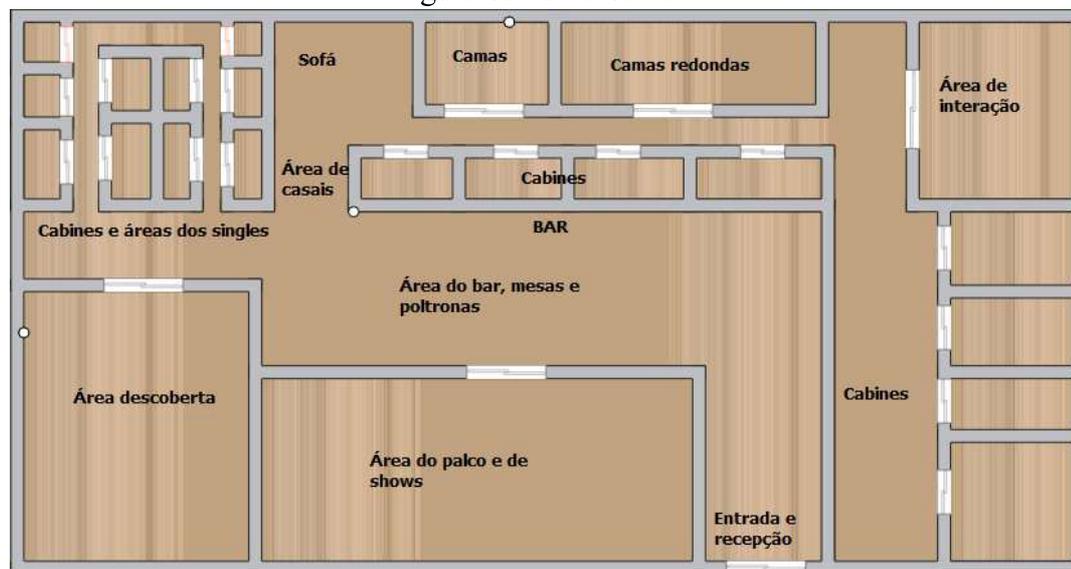
Um show de *rock* nacional estava na programação e começou por volta da meia noite. Com o início do show começaram também os movimentos no labirinto que até então estava pouco movimentado. Este ambiente se configurava da seguinte forma: um corredor curto nos leva a uma bifurcação, do lado esquerdo é o lugar destinado aos solteiros e estes não podem circular livremente por todos os ambientes do labirinto, somente neste espaço destinado a eles. Ali estive pouco frequentado durante toda a noite, alguns homens sozinhos manipulavam seus pênis a espera de interação, mas poucos casais iam até lá, quando iam eram rapidamente seguidos por estes solteiros que se exibiam, mas quase sempre sem desdobramentos. Por ser um ambiente menos frequentado, algumas pessoas que optavam por alguma prática menos pública escolhiam estes cômodos, mas nem sempre com a participação dos solteiros. Ali pude notar um banheiro, algumas cabines de *glory hole*⁴² e outras cabines fechadas e um grande sofá mais exposto em uma sala maior no centro, mas que não vi sendo usado.

Do lado esquerdo estava a parte do labirinto aberta somente para casais, ou pessoas acompanhadas. Este espaço com formato em “L” era maior que o outro lado e mais disputado também. Ele possuía três salas maiores com sofás que ficavam expostos, algumas cabines com e sem *glory hole*. Os primeiros casais a começarem a exibição logo reuniram os curiosos e *voyeurs* em volta de um dos sofás. Alguns casais que assistiam a cena de sexo se tocavam e se beijavam estimulados pela exibição dos outros. As mulheres que se exibiam fazendo sexo nos sofás recebiam toques de outras mulheres, uma delas se sentou ao lado do casal fazendo sexo e pergunta se pode acariciar as nádegas ao que é respondida: “só se for participar”. Então os dois casais começam a interagir no mesmo sofá e acontece a troca. Os toques silenciosos que ocorrem no *dark room* são considerados convites ou pedidos para participar de um ato que já esteja acontecendo. Ele acontece entre mulheres e pode resultar em sexo entre elas ou troca de

⁴² Um *Glory Hole* é uma abertura geralmente feita em uma parede, que permite a interação sexual entre duas pessoas em compartimentos separados sem que elas se vejam. Uma pessoa coloca seu órgão sexual (geralmente um pênis) através do *Glory Hole* para ser estimulado ou envolvido em atividade sexual por uma pessoa do outro lado. Este tipo de encontro é caracterizado pelo anonimato.

casal.

Figura 6: Planta baixa



Elaborado pela autora (2023)

Ao que pude observar ocorreram poucas interações coletivas, a maioria dos casais que se exibiam não interagiam com outros, mas nas cabines havia mais trocas e mais interação intercasal. Estes pareciam escolher as cabines para a troca sem exibição. Na área externa não havia toques e nem sexo, era um espaço de negociação e para quem queria se divertir em uma “balada” sem necessariamente fazer sexo. Os casais que conversavam no bar já iam juntos para o *dark room*⁴³ e procuravam um lugar reservado para se relacionarem sem a participação de mais pessoas e sem a exibição. Um casal de aparentemente uns cinquenta anos chegou logo depois de nós, eles entraram na boate demonstrando falta de naturalidade e um pouco de curiosidade, circulavam e comentavam coisas entre si, mas o que chamava mais atenção era o fato de serem os únicos a permanecerem de máscara dentro da boate, e assim ficaram por muito tempo até que uma moça bem mais nova se sentou na mesa onde eles estavam para comer alguma coisa. A moça começou um assunto e as duas mulheres conversaram longamente e cada vez de forma mais próxima até que se levantaram e foram em direção ao *dark room*, lá eles usaram uma cabine com janela de vidro para fazer sexo a três. Esta situação que me pareceu uma iniciação do casal, veio depois da observação dos outros casais fazendo sexo, muitos casais não ultrapassaram esse tipo de participação, mas parece ser recorrente que este seja o primeiro

⁴³ Em tradução literal significa quarto escuro, é um ambiente instalado em boates ou festas para a prática de atividades sexuais. Com pouca ou nenhuma iluminação para preservar a identidade dos frequentadores.

contato, em seguida o sexo com observadores e por fim, a interação com outras pessoas.

Em determinado momento já circulavam algumas poucas mulheres somente de calcinha por ali, ou com roupas transparentes, estas não pareciam estar acompanhadas. Muitos funcionários transitaram o tempo todo, seguranças na área do *dark room*, pessoal da limpeza no bar, um bombeiro civil fardado circulou a noite toda por todos os ambientes da boate, vários garçons recolhiam os copos e as sobras das mesas e ofereciam mais bebidas para os que ainda estavam sentados. Funcionários da limpeza também era bem presentes, dentro dos banheiros e limpando o chão da boate.

No espaço destinado ao show havia um palco com duas hastes e *pole dance* e um mezanino de frente para o palco. Durante o show aconteceu uma apresentação de *strip-tease*, ao longo da apresentação das *stripers* as mulheres da plateia foram incentivadas a também tirar e roupa e subir ao palco, quatro mulheres tiraram parcialmente e roupa e uma subiu ao palco se juntando rapidamente as duas dançarinas, mas desceu assim que tirou toda a roupa, exceto a calcinha. A apresentação das dançarinas foi mais longa e dançaram juntas em torno de um *pole dance*, tiraram parcialmente a roupa, permanecendo de calcinha e apliques tampando os mamilos. Dois homens que estavam bem próximos ao palco seguravam as roupas delas e olhavam fixamente para as performances que também pareciam mais dedicadas a eles. Após o show, as duas mulheres se vestiram e permaneceram ao lado desses homens dando a impressão de casais. Eles não visitaram o *dark room*.

Um dos *slogans* da casa diz que “a balada não tem hora para acabar”, de fato pessoas continuaram chegando toda a noite, não ficamos até o final, mas quando resolvemos ir, muitas pessoas também já estavam de saída por volta das três horas.

5.3.4 PARTICIPANDO DE UMA “RESENHA LIBERAL”

A partir de um dos grupos de *swing* no *Whatsapp* encontrado, fui convidada para o que chamaram de Primeira Resenha de 2023. Uma festa liberal, aberta aos participantes do grupo e convidados. Chegamos por volta da 23h de um sábado de janeiro de 2023 no endereço passado pelo *Whatsapp*, tratava-se de um sítio em uma região afastada de Juiz de Fora, porém de fácil acesso. Havia cerca de 10 casais sentados em mesas de plástico juntas formando uma grande mesa com vários lugares. Esta grande mesa se encontrava em uma área externa da casa com cobertura de telhas, havia ali também uma churrasqueira e um freezer onde os participantes deixavam as bebidas levadas. A casa propriamente dita, era pequena com cozinha, sala, banheiro e dois quartos.

O valor para participar foi de oitenta reais para o casal, quarenta reais a mulher solteira e cento e vinte reais o homem solteiro. Neste valor não estavam incluídas bebidas ficando a cargo de cada participante levar sua bebida, estas bebidas eram deixadas no freezer do lugar e cada um se servia com aquilo que havia levado, a maioria levou cerveja e alguns levaram bebidas destiladas como gim. Foi servido um caldo (canjiquinha) preparado pelos organizadores.

Quando chegamos fomos recebidos pela organizadora que nos convidou e por algumas pessoas que levantaram e se apresentaram, uma nova mesa foi acrescentada as demais e nos sentamos ali. Os assuntos naquele momento estavam distribuídos entre pequenos grupos que interagiam na mesa, mas um deles foi recorrente, a última festa. Disseram ter ocorrido um problema que resultou em uma confusão ao fim do encontro relacionada a um solteiro que teria sido inconveniente com uma série de mulheres presentes. Disseram que ele tentou participar de momentos aos quais ele não foi chamado, até que foi convidado a deixar a festa e foi banido dos grupos de *Whatsapp* administrado pelos organizadores do encontro. Também falaram sobre pessoas que deixaram de frequentar o ambiente liberal por estarem se relacionando com novos parceiros externos ao “meio”.

A maioria das mulheres estavam vestidas com roupas sensuais como lingerie, meias e calçados de saltos, cobertas por um sobretudo, já que a noite estava fria e chuvosa, apesar do verão. Os homens usavam roupas muito comuns e pareciam estar vestidos como se vestem no seu dia a dia, sem qualquer indício de uma produção mais atenta. Calças, camisetas e casacos.

Uma das falas muito recorrentes da organizadora para mim é que nada ali aconteceria sem permissão ou obrigatoriedade, esta permissão era pedida nas situações em que casais com pouca intimidade se relacionavam. O pedido se direcionava primeiro ao parceiro ou parceira e depois ao indivíduo. Por exemplo, em um jogo erótico de cartas, havia ocasiões que pessoas aleatórias deveriam se beijar ou se acariciar, nestes momentos havia o pedido de permissão, sempre aos parceiros antes do sujeito da ação.

Ao longo da festa duas solteiras chegaram e pareciam estar bem familiarizadas com a maioria das pessoas, bem como os casais já presentes que pareciam se conhecer de outras festas do meio liberal. Estas amizades também extrapolam o ambiente e convivem com as famílias uns dos outros e em encontros sem objetivos sexuais. Um grupo de pessoas mais jovens chegou por último e entre eles não ficou claro se eram casais ou todos solteiros. Este grupo ficou mais centrado entre eles e não interagiram muito com os outros participantes, quando perguntei para algumas pessoas sobre eles, a maioria não os conhecia.

Logo no início da madrugada dois participantes, um homem e uma mulher de casais

diferentes, apresentaram uma performance de sadomasoquismo. Nesta apresentação o homem portando uma mala e vestido mais socialmente que os outros, tirou dessa mala uma corda, alguns ganchos, velas e chicote de couro. Começou a amarrar a mulher que neste momento trajava apenas lingerie e sandálias de salto. Esta amarração é uma técnica japonesa chamada shibari e está relacionada a submissão dentro do sadomasoquismo.

A apresentação durou cerca de uma hora, a mulher, depois de imobilizada por nós fortes, foi suspensa por ganchos no centro do ambiente onde estava ocorrendo a festa. Uma música sensual começou a tocar e as luzes foram diminuídas, já pendurada ela começou a ser chicoteada nas nádegas pelo seu marido enquanto muitos participantes filmavam e tiravam fotos, inclusive seu marido. Logo o homem que fez as amarrações assume o chicote e começa a sessão de chicotadas mais performática que se seguiu pelo uso de velas derretidas em seu corpo, a mulher gemia e parecia sentir muito prazer com cada gota de cera quente que caía em seu corpo. A todo momento muitas filmagens e fotos foram feitas desta cena. Antes de tirá-la dos ganchos outras pessoas assumiram o chicote e bateram na mulher, chicotadas estas que ela dizia não ser muito boas por falta de técnica. A mulher ficou bem-marcada e precisou passar gelo nas áreas do corpo onde ocorreram as investidas de chicote.

Após esta apresentação os casais começaram a se aproximar e alguns formaram grupos que se dirigiram para os quartos e lá ficaram por longos minutos. Logo os dois quartos da casa se ocuparam com as portas fechadas. Estes primeiros grupos aparentemente já estavam combinados previamente e só esperavam o momento propício para irem até um dos quartos juntos.

Ao voltarem dos quartos um dos casais nos mostrou muitas fotos que foram tiradas lá enquanto se relacionavam sexualmente com outros dois casais. As fotos continham closes das genitais e muitas delas revelavam os rostos das pessoas participantes. Quando questionei sobre as fotos poderem ser propagadas e prejudicar alguém em relação a sua vida profissional ou familiar, responderam que confiam uns nos outros e que este perigo não existe, caso divulguem alguma foto, se comprometem a não revelar os rostos dos envolvidos. De qualquer forma a maioria dos presentes não pareciam estar preocupados com estas fotos tiradas a todo momento. Muitas delas foram postadas no grupo de *Whatsapp* administrado pelos organizadores da festa, mas, de fato, não havia rostos nessas fotos.

A tranquilidade e confiança demonstrada em relação as fotos e vídeos gravados durante este encontro foi um ponto que me chamou especial atenção. Primeiro pelo risco que estas pessoas correm de terem suas práticas sexuais dissidentes tornadas públicas. Em algumas conversas estes participantes também confirmaram que se trata de uma face sigilosa de suas

vidas, todos são trabalhadores comuns, como psicóloga, atendentes, funcionários públicos, estudantes, prestadores de serviço e empresários. Mesmo assim, permitiram que suas relações sexuais coletivas fossem gravadas por diferentes celulares.

Em segundo lugar me chamou atenção a discrepância com outros ambientes de *swing* investigados anteriormente. O anonimato sempre esteve narrado como ponto crucial da prática, sendo, até mesmo, motivo de desentendimentos em outro grupo. O argumento de que existe uma confiança em todos os presentes não se sustentava, já que alguns estavam ali pela primeira vez, mas mesmo assim as fotos não pareceram incomodar estas pessoas.

O jogo erótico levado por um dos convidados conseguiu reunir pessoas que não haviam interagido ainda na festa e serviu como uma aproximação e demonstração de interesses e possíveis contatos sexuais no futuro. A bissexualidade feminina, como era de se esperar foi insinuada em vários momentos, tanto nas fotos tiradas dentro do quarto quanto no jogo, onde mulheres se beijaram e trocaram carícias. A bissexualidade masculina não foi mencionada havendo algumas falas destacando que a heterossexualidade masculina é uma regra entre eles. No grupo de *Whatsapp* acontece frequentemente a apresentação dos casais e solteiros participantes, e pode-se ver que a maioria das mulheres se apresenta como bissexuais ou bicuriosas⁴⁴, enquanto os homens todos se apresentam como heterossexuais.

Em um período de sete dias de atividades neste grupo de *Whatsapp*, casais, solteiros e solteiras se apresentaram diariamente. De um total de oitenta e cinco participantes, dezoito casais se apresentaram como ele heterossexual e ela bissexual ou bicuriosa, dois casais ambos heterossexuais. Quatro solteiros heterossexuais e um gay, uma solteira bissexual e uma mulher bissexual que se disse namorada de um casal que não está no grupo. E um casal onde ambos se declaram bicuriosos na apresentação. Podemos perceber que existe uma predominância já esperada de casais com a configuração de mulheres bissexuais e homens heterossexuais, no entanto, neste grupo observamos a presença de um casal bissexual e de um homem homossexual. Alguns relatos dão conta de que exista sim a bissexualidade e homossexualidade no *swing*, mas de forma velada, neste caso as orientações sexuais foram declaradas publicamente para todos os integrantes do grupo.

Estas apresentações são a maior parte das postagens, já que o objetivo é fazer contatos, nelas eles entregam informações que julgam relevantes sobre o casal, como idade, profissão, signo, cidade, interesse sexual e o que mais gostam de praticar no *swing*. Eles se apresentam

⁴⁴ A orientação sexual bicuriosa é um termo utilizado para descrever uma pessoa que se considera curiosa ou em processo de descoberta em relação à sua orientação sexual.

várias vezes durante a semana além de postarem fotos e imagens pornográficas, nus e eles mesmos fazendo sexo. Alguns também postam fotos do seu dia a dia e de encontros com pessoas do meio em bares, churrascos etc.

5.3.5 OS APLICATIVOS DE ENCONTROS NOS CELULARES

Alguns *sites* listam os melhores aplicativos de celular para quem quer se aventurar na prática do *swing*, poliamor ou sexo a três⁴⁵. As listas variam e as preferências dos casais mudam constantemente. A maioria destes aplicativos é paga, mas alguns permitem o uso limitado, por um determinado período ou com funções restritas. A lógica destes programas de celular é quase sempre a mesma, o que muda é o público a que se dirigem. É preciso “combinar” com alguém, ou *match*, na gíria dos aplicativos, como ficou conhecida a expressão quando os dois lados mostram interesse um no outro. A dinâmica é a mesma em quase todos, você cria um perfil, define preferências de sexo, distância e o aplicativo te mostra todas as possibilidades de pessoas cadastradas que atendem aos teus requisitos. Quando o *match* acontece, o diálogo começa. Alguns destes *sites* de encontro ou paquera podem ser eventualmente usados por casais com relação aberta.

Alguns aplicativos que sempre aparecem nestas listas são o *3nder*, o mais conhecido desta categoria, para quem procura sexo com mais de um parceiro. Permite casais e solteiros e possui um modo invisível que protege os usuários de encontrar pessoas próximas ou pessoas indesejadas; o *Feeld*, também muito usado, e tem o foco em pessoas que procuram por sexo a três. Como em todos os aplicativos deste tipo, todos que se cadastram estão implicitamente aceitando as regras e procurando sexo a três; o *Pitanga Club*, um aplicativo brasileiro focado no poliamor. O aplicativo é destinado a casais e pessoas interessadas em viver relações poliamorosas, sejam elas, fantasias ou romances. Outros aplicativos muito usados são o *3Somer*, *3Fun*, *3Somes*, *BiLove*, *AffinitySW*, *Ysos* e *Tinder*.

Os *sites* de relacionamento já foram o principal local de procura e encontros no mundo virtual, mas perdeu espaço para os aplicativos de celulares. Inicialmente criados para a marcação de encontros, atualmente se tornaram redes sociais, com exposições explícitas de corpos, e em algumas situações, performances sexuais ao vivo⁴⁶. Mas muitas pessoas nunca

⁴⁵ Alguns *sites* visitados fazem o resumo destes aplicativos: Maciej Laska, na reportagem “Conheça nove aplicativos para quem quer curtir um sexo a três”. Maio de 2017. <https://catracalivre.com.br/entretenimento/conheca-9-aplicativos-para-quem-quer-curtir-um-sexo-tres/> acessado em 08/10/2021.

⁴⁶ Ver reportagem de Helena Bertho da *Universa* de maio de 2018: *Sites* de swing viram redes sociais:

saem do virtual. A maioria não mostra o rosto e usam nomes fictícios, e muitos quando transmite ao vivo usam máscaras. São *sites* que cobram dos usuários, mas que também aceitam usuários gratuitos com algumas limitações. Os principais *sites* usados por brasileiros são: *Sexlog*, com seis milhões de usuários, mostra fotos de sexo explícito e transmissões ao vivo. As mulheres são mais ativas, mas não são a maioria. A proporção é: 53% dos usuários são homens, 39,6% são casais e só 7,4% são mulheres. CRS, tem mais de 18 mil usuários. É uma rede apenas para “convidados”, as pessoas precisam ser chamadas por outros participantes e ser aprovado pela equipe do *site*. No CRS, 80% são casais, 14%, homens e apenas 6%, mulheres. O *site* possui uma versão para celular, onde o usuário pode usar um radar, que informa quando um outro casal está por perto. É um *site* brasileiro. Outros *sites* disponíveis são o *D4 Swing*, *Perfil Swing*, *C-date*, *Fuckbook*, *AdultFriendFinder*, entre outros. Sobre o CRS um integrante dos grupos de *Whatsapp* afirmou o seguinte:

Breno: CRS é um site muito sério e qualquer coisa que eles achem suspeitas . Pode levar a exclusão do perfil da pessoa e de seus padrinhos ..por isso é importante conhecer as pessoas pelas quais vão apadrinhar ..pois vc fica responsável por essa pessoa ..

Stack (2023) realizou recentemente uma revisão bibliográfica sobre os aplicativos de relacionamento, levando em consideração a importância do trabalho de Eva Illouz, que estuda as relações afetivas no contexto do amor, do capitalismo e das tecnologias móveis. Na literatura brasileira dedicada ao tema, Stack destaca as obras de Larissa Pelúcio (2017), Richard Miskolci (2017) e Lígia Baruch de Figueiredo (2016) para realizar uma análise comparativa das transformações sociais no campo afetivo. Essas obras selecionadas destacam-se por sua relevância para o tema e por estabelecerem diálogos entre si, utilizando discussões já consolidadas no campo das relações digitais. Com o surgimento de *sites* e aplicativos de relacionamento, as relações afetivas passaram por transformações e incorporaram uma perspectiva de mercado, resultando no que Illouz (2011) denomina de "capitalismo afetivo" (Stack, 2023, p.3). Estes autores citados, principalmente os brasileiros, são os que são utilizados para as análises feitas aqui sobre os aplicativos de encontros.

Uma ampla pesquisa realizada por Santos (2018) identificou e descreveu os aplicativos voltados para o relacionamento afetivo e sexual. Foi um estudo etnográfico, sobre as

sexo explícito pede likes e comentários.
<https://www.uol.com.br/universa/noticias/redacao/2018/05/03/sites-de-swing-viraram-redes-sociais-para-compartilhamento-da-intimidade.htm> . Acessado em 08/10/2021. Ver também Melhores *sites* para encontrar parceiros para swing <https://www.adeusrotina.com.br/melhores-sites-swing/> acessado em 08/10/2021. Outra reportagem de Rodrigo Barros – Sites de swing e troca de casal. <https://www.somossugar.com.br/site-de-troca-de-casais/>.

experiências e experimentações dos usuários, com a descrição, forma de uso, e principalmente, a identificação das modificações em estratégias de vivência e sociabilidade da experiência sexual e afetiva ocorrida durante a utilização dos aplicativos, que é o que nos interessa neste estudo, a partir da análise do relato aqui proposta.

(...) plataformas digitais como o *Tinder* são recursos tecnológicos que configuram formas específicas e diversas de interação com o outro, inseridas numa dinâmica mais flexível e rápida característica da contemporaneidade. Por outro, tais dinâmicas estão permeadas por especificidades culturais, elaborações pessoais e projetos relacionados com interesses e expectativas diversas dos usuários/as e de seus interlocutores/as, o que cria uma constante indeterminação nas relações ali constituídas (Santos, 2018, p.7).

Em 2013, o *Tinder* foi lançado no Brasil e já registrou mais de dez milhões de *downloads*. O país rapidamente se tornou um dos principais consumidores dessa aplicação em todo o mundo, ocupando o terceiro lugar em número de usuários, ficando atrás dos Estados Unidos e do Reino Unido, mas superando-os em termos de número de combinações (Santos, 2018, p.15) Para esta autora, quando buscou informações sobre esse tema, percebeu que havia poucos estudos disponíveis sobre os diferentes impactos dessa tecnologia no contexto brasileiro. Desde então, observa-se um aumento significativo no volume de pesquisas em andamento ou recentemente concluídas, bem como na produção de artigos que exploram as relações entre os usuários brasileiros e os diversos aplicativos de paquera, assim como seus significados sociais. Essas investigações abrangem áreas como comunicação social, marketing, tecnologia da informação, psicologia, educação e até mesmo ciências sociais.

Sobre o perfil dos usuários de aplicativos de encontros, uma pesquisa conduzida com 367 indivíduos solteiros holandeses, usuários da internet, com idades entre 18 e 60 anos, por meio de um questionário *online*, revelou que o engajamento em encontros *online* não estava relacionado aos níveis de educação ou renda. Participantes na faixa etária entre 30 e 50 anos foram os mais ativos nesse tipo de encontro. De acordo com a hipótese "*rich-get-richer*", constatou-se que pessoas com baixa ansiedade em relação a encontros, presumivelmente com um estilo de apego seguro ou evitativo, eram mais ativas em encontros *online* do que aquelas com altos níveis de ansiedade, possivelmente relacionadas a um estilo de apego inseguro/preocupado ou evitativo/temeroso. Com base nesses resultados, os autores sugerem que as teorias desenvolvidas nos anos 90 sobre interação social na internet precisam ser revisadas. Questiona-se se essas teorias ainda são válidas após 25 anos, uma vez que, na realidade atual, são as pessoas extrovertidas, em vez das ansiosas e solitárias, que tendem a obter melhores resultados ao utilizar *sites* de encontros. (Valkenburg; Peter, 2007 *apud*

Figueiredo, 2016. P.42)

Figueiredo aponta que em alguns estudos internacionais⁴⁷, existem alguns fatores preditores que fazem as pessoas a se tornarem usuárias de *sites* e aplicativos de namoro. Esses fatores incluem indivíduos na meia-idade, pessoas que se mudaram recentemente para uma nova cidade, aquelas que terminaram um relacionamento amoroso recentemente, pessoas com restrições de tempo devido ao trabalho e aquelas que conhecem pessoas que tiveram histórias bem-sucedidas de encontros *online* (Figueiredo, 2016. p.103).

As apresentações nestes *sites* se dão por fotos e algumas descrições, mas não é qualquer foto. A foto que é publicada é sempre uma imagem que represente dois pontos: a inibição da identidade e a representação da sexualidade através dos corpos erotizados. Essa valorização da face enquanto área de comunicação e de identidade subjetiva é interdita nas redes de sexo. Isso tem uma explicação óbvia: por ser tratado socialmente assim, o rosto se torna uma forma de identificar quem não quer ser identificado. Ou mesmo de revelar, algo que naquele momento não quer ser revelado, isso porque em muitas dessas relações estabelecidas na rede, o rosto só é revelado para aqueles que mantêm uma interação estreita, e merecem a confiança do usuário para ser mostrado. Parece que a verdadeira essência da identidade só se revela quando está enraizada em uma relação de confiança que transcende um simples contato *online*. O rosto passa a ter não só o valor de ser o espaço reservado para a identidade do usuário, mas o lugar que só será revelado a quem merecer tal intento (Vasconcelos Neto, 2015, p. 67).

O corpo se mantém como figura representativa. Nos homens, boa parte das imagens retrata o seu pênis. Nas mulheres, os seios, a bunda e a sua vagina. Não é incomum encontrar no *Sexlog* perfis onde o avatar do perfil – ou seja, a foto principal do usuário – é um pênis ou uma bunda. O pênis ou a bunda passam a ser uma região chave na compreensão da sexualidade desses perfis. Os homens-pênis e as mulheres-bunda são matrizes de um ramo comum: a elevação do sexual ao nível subjetivo, enquanto erotização da identidade e supervalorização do sexual e de tudo que pode ser vinculado a ele, ou seja, as fantasias, os desejos e as práticas que orbitam nesse meio (Vasconcelos Neto, 2015, p. 68).

Não há dúvida de que o corpo feminino é a principal atração do *swing*. O que pode ser constatado também nos *sites* especializados como *Sexlog* e CRS. Os perfis de casais são quase sempre estampados por corpos femininos nus ou atos sexuais que evidenciam a mulher:

“(…) se faz por força de signos que estão articulados às imagens e aos textos. Ambos pronunciam aquilo que os sujeitos querem e procuram

⁴⁷ Os estudos citados são: Valkenburg; Peter, 2007; Hogan; Li; Dutton, 2011; Yurchisin; Watchravesringkan; McCabe, 2005; Long, 2010.

na rede: falar de si, mostrar um pouco de si mesmos, em imagens e textuais, e produzir um regime de afetamentos que podem gerar, em última instância, a realização dos desejos e do sexo, muito além dos discursos sobre sexo inscritos nos seus perfis (Vasconcelos Neto, 2015, p. 52).

5.3.6 RELATO DE UM CASAL NO *TINDER*

O relato a seguir é de um casal que decidiu há três anos abrir o relacionamento e ter relações com outras pessoas, preferencialmente juntos. Casados há cerca de dez anos, Marcos e Isabel usam os mesmos argumentos de outros casais que iniciam no mundo liberal, isto é, procura de novas experiências para fugir da rotina do casamento. Inicialmente procuraram pousadas liberais, e tiveram algumas experiências de troca de casais. A primeira observação do relato destas primeiras experiências é quanto ao perfil dos casais que frequentam estes ambientes. São pessoas de classe média alta, idade entre trinta e quarenta anos, e a maioria não se considera do “meio liberal”. A maioria estava ali pela primeira vez, e mantiveram algum contato depois que deixaram o local.

Também tiveram algumas experiências com amigos. A partir daí, o casal passou a procurar parceiros em *sites* de relacionamento. Isabel está na faixa de idade dos demais casais e Marcos já passou dos cinquenta anos. Ela é bissexual e ele é não-binário. O relato a seguir é de Marcos, que sempre interagiu nos aplicativos com as outras pessoas, na maioria das vezes se passando por Isabel que segundo ele lhe deu autorização para isso já que ela “não tem muita paciência para conversas *online*” e ele percebeu que conseguia conversar com mais pessoas e por mais tempo se passando por mulher. Isabel não viu problemas nisso e ainda orientou Marcos sobre como e o que dizer para mulheres enquanto se passava por ela, o que, segundo eles, sempre funcionou:

Marcos: Depois das primeiras experiências, resolvemos experimentar o mundo virtual, muito sugestionado pelos casais que conhecemos, que falavam maravilhas do CRS, e um pouco do *Sexlog*. Convidados por um desses casais, fizemos a inscrição no CRS. Mas como o teste era por um período curto, logo desistimos. O casal que nos apresentou também saiu, aí perdemos nossos “padrinhos”. Pareceu muito forçado e um mundo de muito sigilo, mas para os que praticam, parece ser uma honra ser convidado e aceito na comunidade. Ficamos pouco à vontade e não conhecemos ninguém durante lá. Também criamos um perfil no *Sexlog*, também com nomes falsos e fotos que não mostravam o rosto. É um *site* muito explícito, e a maioria dos contatos foi de homens solteiros que queriam minha esposa. Tem alguns casais, mais tudo muito artificial, muito do “meio liberal” como eles chamam a si mesmos. Não nos identificamos com estes casais também. Não encontramos mulheres solteiras que quisessem sair. O que mais vimos

neste site são homens que mostram a genitália e maridos que exibem as esposas. Raras são as fotos de rosto. O site pode ser pago também, o que permite conversar com mais pessoas. Não encontramos com ninguém deste site também. Durante algum tempo tivemos uma relação mais próxima com um casal de amigos, e estivemos próximos de formar um quadrisal, mas algumas divergências nos separaram, contudo continuamos amigos e abertos a novos encontros.

No relato acima nota-se claramente como os *sites*, principalmente o *CRS-NOFAKE*, há uma grande preocupação com a privacidade. Os casais nunca se expõem, suas atividades liberais são mantidas em segredo. Após estas experiências fracassadas em *sites* de relacionamento para casais, criaram um perfil no aplicativo *Tinder*. Como nos *sites*, o nome foi inventado, um nome feminino, pois o aplicativo não tem como opção a criação de um perfil de casal. E com procura por mulheres, pois é outra exigência do aplicativo, o usuário deve optar por um dos gêneros nas suas buscas. Desta forma, Marcos e Isabel se tornaram apenas Isabel mas quem interagia era somente Marcos. Na descrição havia a informação de que eram um casal e que procuravam mulheres e outros casais. A idade informada foi a da mulher. Continuando o relato:

Marcos: Entramos no *Tinder* como uma opção para procurar casais iniciantes como a gente, os *sites* eram muito seletivos, para pessoas já ligadas a um meio liberal que não pertencíamos. Estamos há quatro anos no aplicativo, e tivemos experiências bem diversas. Criamos um perfil como mulher, mas na descrição já informamos que éramos um casal e que procurávamos outros casais ou mulheres. A foto de perfil é provocativa, nós dois abraçados, sem mostrar o rosto. Pensamos inicialmente que o aplicativo era para homens e mulheres somente, mas depois descobrimos que alguns casais também se declaravam mulheres mas que no nome apareciam como casais ou o nome dos dois juntos. Como é preciso escolher a preferência entre homens e mulheres, a maioria dos perfis que aparecem para a gente é de mulheres que procuram mulheres, a maioria avisando que não quer casal. Mas tem as que topam, por curiosidade ou por interesse mesmo. Nestes dois anos, penso que foram aproximadamente quinhentos “*matches*”, a maioria casais. Existem muitos perfis de homens, configurados como mulheres. Não sei se procuram casais ou se pensam que mulheres homossexuais vão se interessar por eles. O certo é que se eu aceito o perfil é *match* com certeza. Creio que, na falta de aceitação das mulheres, procuram casais interessados em *ménage* masculino, o que não nos interessou até o momento.

Quando começamos, era muito raro encontrar outro casal. A maioria dos perfis disponíveis eram mulheres, e durante meses, não conseguimos muitos *matches*, e as que aceitavam, não respondiam. Até que começaram a aparecer casais. Desde aquele tempo, até hoje, todos os casais que aparecem dão *match*. Parece que é uma regra, casal curtir outro casal. Muitos não respondem, e a maioria é de casais iniciantes, a conversa não rende muito. Muitos são *fake*, isto é, um homem interessado em transar com a mulher de um casal, diz ter uma namorada ou amiga que topa participar, mas que nunca aparece na conversa.

Outros são casais que querem somente mulheres, normalmente o homem forçando uma situação para ter outra mulher na relação. Se a troca é citada eles desfazem o *match* ou deixam de interagir. A mulher, quando aparece, diz que foi escolha de ambos e que só quer ver o marido com outra. A maioria se classifica como homem hetero e mulher bissexual, apesar de a maioria dizer que não teve experiências com mulheres. Nossas conversas progrediram melhor quando a mulher tomava a frente e conversava, expondo suas vontades e o desejo do casal. Foram bem poucos casais assim, e muitos moram longe, não pudemos encontrar. Quanto as mulheres, também foram poucas que a conversa progrediu, pois poucas respondem após o *match*, outras não querem transar com o homem, só com a mulher, mas algumas toparam sair. Nem todas que toparam encontramos, pois a pandemia interrompeu nossas aventuras no *Tinder*. Outro problema que encontramos muito recorrente foi a questão de idade. A maioria dos casais que têm perfil no *Tinder* tem menos de trinta anos. E não aceitam casais mais velhos como nós, apesar de Isabel ter menos de quarenta anos. Principalmente os homens, que afirmam que suas mulheres não aceitariam homens mais velhos como eu, que já passei dos cinquenta. Mas a fala é deles, imediata, sem consulta a elas. Se confrontados, se irritam.

O relato de Marcos apresenta o que Pelúcio (2016, p. 313) define como a "nova ética emocional relativa ao circuito sexual/amoroso contemporâneo experienciado por meios digitais", isto é a nova forma de relacionamento interpessoal e que, neste caso, chega ao "meio liberal" aqui estudado. Esta autora destaca ainda,

A internet comercial e, posteriormente, a Web 2.010 e todos os seus desdobramentos tecnológicos abriram nas últimas décadas um campo investigativo profícuo, no qual práticas sexuais invisibilizadas e, mesmo, perseguidas socialmente encontraram lócus de expressão significativo. Esses usos chamaram a atenção de pesquisadoras e pesquisadores que perceberam no on-line possibilidades investigativas e analíticas difíceis de serem acessadas no off-line (Pelúcio, 2016, p.314).

A questão da idade é também um ponto interessante a ser estudado nas relações não monogâmicas, mas que não será abordado no escopo desta pesquisa. O comportamento de muitos casais, nesta questão, parece se aproximar do que relata Weid (2009, p.108): “para alguns, o *swing* é um mundo machista, de dominação masculina e mulheres submissas. Para outros, uma experiência ousada, libertária e inovadora. Uma tentativa moderna de viver um relacionamento. O que se observa nessas posições é uma necessidade de classificar, de opor, de escolher um lado ou outro”. O casal entrevistado se aproxima mais das experiências inovadoras e se afasta do mundo machista.

A análise de Miskolci (2014 *apud* Figueiredo, 2016, p.89) sobre os meios digitais revela que os aplicativos de encontros adotam uma lógica de segmentação na busca por

relacionamentos amorosos e sexuais. Embora essa segmentação possa parecer inicialmente relacionada apenas aos interesses eróticos, uma análise mais aprofundada revela que ela também está associada a questões de classe, raça e etnia.

Em um estudo sobre aplicativos direcionados a homossexuais, Couto, Souza e Nascimento (2013) observaram que a mobilidade de um indivíduo revela sua relação econômica, não apenas pelo fato de possuir um *smartphone* de última geração, mas também pelo seu acesso a locais ou ambientes socialmente valorizados. De acordo com os entrevistados no estudo de Couto, Souza e Nascimento (2013), o poder aquisitivo também é avaliado nas relações sexuais casuais. O local onde a pessoa utiliza os aplicativos, revelado pelo GPS, pode indicar sua posição social. Isso evidencia que a tecnologia não supera as desigualdades já existentes, mas as transfere e modifica para o contexto das relações mediadas pelas novas tecnologias digitais, e neste contexto, podemos incluir o etarismo (Couto et al, *apud* Figueiredo, 2016, p. 90).

Orejuela, Piedrahita e Renza apontaram em uma revisão de literatura duas questões descritas por Moncayo (2011) que norteiam a prática do *swing*, a partir da perspectiva da identidade social e o analisa sociologicamente em termos de classe, sexo e raça. Nesse estudo, surgiram questões fundamentais: a prática do *swinger* seria um indício de rupturas e continuidades na experiência contemporânea do casal, ou seja, apesar de sua prática sexual não convencional, que rompe com os conceitos tradicionais de sexualidade, os *swingers* ainda preservam os ideais do casal convencional. Além disso, a novidade dos *swingers* é que eles estabelecem, de maneira consensual, no âmbito do casal, a forma de buscar o prazer sexual. Conseqüentemente, uma das conclusões dessa pesquisa é que o *swinger* vivencia tanto rupturas quanto continuidades em relação às tensões resultantes da abertura a novas formas de buscar o prazer. Ao mesmo tempo, há um desejo de manter e, na maioria das vezes, fortalecer vínculos afetivos estáveis (Orejuela, Piedrahita e Renza, 2012, p. 43). O relato segue com as experiências reais vivenciadas pelo casal:

Marcos: Passando para o relato de nossas experiências no *Tinder*, são três grupos distintos, além de um contato com um grupo que organiza festas liberais em um sítio em Juiz de Fora. Todos as pessoas deram "*match*" no *Tinder* e passamos a conversar pelo *Whatsapp*, em um número específico que usamos para este fim. A identificação é sempre como Isabel e não eu. O primeiro grupo são de mulheres solteiras que toparam sair com a gente. Foram três encontros marcados pelo *Tinder*. Nos encontramos em um bar, nas três ocasiões e depois fomos para casa. A interação delas foi com o casal, e não houve constrangimento ou inibição, apenas uma demora inicial em perceber o momento correto de passar da conversa ao sexo. A iniciativa partiu sempre de Isabel, em todos os encontros. Estas mulheres não fizeram mais contato conosco depois disso. Os encontros foram prazerosos, do meu ponto de vista. O segundo grupo são dos casais que encontramos e que a "troca" não

ocorreu. Com o primeiro casal deste grupo a conversa foi interessante, eram professores e a noite transcorreu tranquila. Isabel não se identificou com eles, e o mesmo parece ter ocorrido com o casal em relação a gente. Sobre o *swing*, pouco foi dito, e terminamos a noite prometendo um próximo encontro, o que nunca ocorreu. Um segundo casal que encontramos, também em um bar, foi mais interessante. São pessoas que têm um estilo de vida mais livre e que não acreditam na monogamia. Moram em uma cidade próxima a Juiz de Fora, e naquele dia tinham que voltar para cuidar de um filho. Combinamos um encontro próximo, mas só a mulher pode vir. Foi um encontro muito bom, com muita interação dos três, e esperamos que no próximo encontro seja com os dois. Continuamos em contato.

Observa-se nesta parte do relato que este casal não vive em função do mundo liberal ou que pauta suas relações somente em relações não monogâmicas. Figueiredo (2016) apresenta uma classificação dos diversos tipos de usuários de aplicativos de encontros, que pode ser passada para o caso de casais que utilizam estes aplicativos. Após uma análise minuciosa das semelhanças e diferenças nos relatos sobre o uso dos aplicativos de encontros, pode-se identificar três estilos de uso entre as participantes, que denomina de: curioso, recreativo e racional (Figueiredo, 2016, p. 108).

Embora reconheça possibilidade da existência de outros estilos, esses três estilos foram capazes de descrever de maneira adequada as entrevistas realizadas por ela e as pessoas mencionadas, tornando-se guias úteis para compreender o relacionamento com esse tipo de tecnologia. De acordo com essa análise, as usuárias dos aplicativos de encontros transitam entre os diferentes estilos de uso. Algumas começam com um estilo curioso, que pode variar entre uma abordagem mais passiva ou mais ativa, e depois passam para um uso recreativo, demonstrando mais ousadia. Outras já iniciam com um uso racional e, ao alcançarem seus objetivos, abandonam os aplicativos. Algumas pessoas também intercalam períodos de uso e afastamento dos aplicativos, adaptando sua utilização de acordo com as diferentes fases de suas vidas. Eventos como o término de um relacionamento, férias de verão e viagens influenciam os estilos de uso (Figueiredo, 2016, p. 108).

Esta autora define o tipo curioso como exploratório e geralmente serve como uma estratégia para preservar a intimidade e a segurança pessoal. Por essa razão, muitos usuários optam por esse estilo inicialmente. Com o tempo e a experiência de uso, eles podem migrar para outros estilos. O segundo estilo de uso está associado à ideia de jogar e brincar, sendo mais próximo à noção de leveza e diversão. Nesse estilo, o usuário está interessado em conhecer pessoas para se divertir, experimentar emoções e novidades. Ele já domina o funcionamento do aplicativo e não sente mais medo dos encontros. Sua vida está preenchida com amizades, trabalho ou viagens, o que faz com que não demonstre ansiedade na busca pelo amor. Se der

certo, ótimo; caso contrário, ele parte em busca da próxima aventura. No estilo de uso racional, a ordem de gênero é mantida e sustentada por crenças românticas nas quais a felicidade está condicionada à presença de um parceiro, no caso das mulheres heterossexuais, um homem protetor nos moldes tradicionais (Figueiredo, 2016, p. 109, 116 e 125).

A partir desta classificação, e extrapolando para os casais que praticam *swing* e usam os aplicativos, os curiosos são normalmente os iniciantes, que podem depois se tornarem recreativos quando estão mais seguros, sem entrarem no "mundo liberal", quando abandonam os aplicativos de namoro e passam a usar os aplicativos específicos para o *swing*, como o *CRS-NOFAKE* ou os grupos de *Whatsapp* liberais. E o terceiro tipo, os racionais, são os casais que não rompem com a monogamia, e na maioria das vezes é o homem a procura de uma mulher a mais na relação. Este terceiro tipo se afasta um pouco da classificação proposta pela autora, que vê no tipo racional a procura de um companheiro permanente. O relato do casal aqui apresentado situa-se entre o curioso e já iniciando na prática recreativa do *swing*.

Esta classificação concentra-se principalmente nos aplicativos de encontros, pois, de acordo com Orejuela, Piedrahita e Renza (2012, p. 46), existem diversos tipos de praticantes de *swing* na comunidade:

(...) agrupam os *swingers* de acordo com seu modo e posição quanto à participação na prática: o ocasional, o localizado, o personalizado e o "estilo de vida". O participante ocasional de *swing* é aquele que tem um encontro ocasional de *swing*, que não estrutura toda a vida sexual do casal; que, por mera curiosidade, decide assistir a uma prática de intercâmbio com o parceiro, mas que só o faz em determinadas ocasiões. Os *swingers* localizados, por sua vez, são aqueles que praticam o *swing* em circunstâncias específicas, e até com alguma regularidade, mas essa não é a preferência sexual do casal. (...) O *swinger* personalizado é aquele praticado por casais que preferem atividades de *swing*, mas que se isolam dos grupos em que essas são aceitas como normais. Nessas condições, a atividade do *swinger* é uma atividade furtiva, escondida de amigos e colegas; Por se tratar de um comportamento passível de censura moral, seus seguidores preferem manter oculta sua preferência para evitar o risco de ter que assumir consequências como críticas, estigmatização, exclusão ou segregação social. O *swing* como estilo de vida ocorre em casais de indivíduos que declaram "abertamente" seu status de *swinger* e que fizeram dos relacionamentos com outras pessoas de gostos sexuais semelhantes uma parte crucial de suas vidas⁴⁸.

⁴⁸ Texto original: (...) agrupar a los swinger según su modo y posición respecto de la participación en la práctica: los ocasionales, los localizados, los personalizados y los de "estilo de vida". El participante swinger ocasional es aquel que tiene un encuentro swinger eventual, que no estructura el conjunto de la vida sexual de la pareja; quien por mera curiosidad decide asistir a una práctica de intercambio con su pareja, pero que no lo hace sino en determinadas ocasiones. Los swinger localizados por su parte, son quienes en circunstancias específicas practican swinger, y aun con cierta regularidad, pero no es ésta la preferencia sexual de la pareja. (...) El winger personalizado es el que practican las parejas que prefieren las actividades swingers, pero que están aislados de los grupos en los que aquellas se aceptan como

O relato segue, com mais um "desencontro", mas este mais interessante para a discussão dos questionamentos aqui levantados sobre o *swing*:

Marcos: O terceiro casal que conversamos pessoalmente mas que não aconteceu nada foi o mais intrigante e estranho. Disseram que nunca saíram com um casal, e que eles já tiveram uma "namorada" do casal, mas não ficou claro se esta mulher transa com os dois ou só com ele, mas o encontro era com os dois. Em seguida ele se declarou bissexual, e perguntou se nossa troca poderia envolver uma relação entre os homens. Eu disse que não via problema e que isso dependeria do que rolasse na cama. Mas ele tinha condições para que transassem com a esposa dele: ser somente ativo em relação a mim. Nós não falamos muito, contamos um pouco das nossas experiências. Isabel ponderou muitas coisas, eu fiquei calado. O longo discurso dele sobre a bissexualidade não era coerente com as exigências para transarmos. A impressão que ficou é que ele queria me excluir, para que a transa ocorresse somente com Isabel. Combinamos de marcar um novo encontro para sermos gentis, mas já sabíamos que nunca aconteceria.

O relato do casal sobre este novo desencontro, parece corroborar o que fala Marina Teixeira, que a prática do *swing* é uma manifestação que reforça o modelo androcêntrico da família patriarcal, monogâmica e heterossexual. Nesse contexto, os homens falsamente enaltecem as mulheres no *swing*, embora a prática esteja marcada por troca de parceiras, violência simbólica e controle. A associação do *swing* com a comercialização em estabelecimentos conhecidos como "casas de *swing*" coloca ainda mais ênfase na conexão da prática com o mercado do sexo, em detrimento de seu suposto universo moral de abertura e liberdade. A importância atribuída a uma vivência furtiva, rápida e instável de emoções, às vezes contraditórias, ocorre em um contexto de espetacularização das identidades de gênero e de uma participação efetiva limitada nas trocas sexuais, dentro do ambiente social do *swing*. (Teixeira, 2015b, p. 14).

Para Fontoura Jr, embora tenham sido adotados discursos de liberação sexual e igualdade entre homens e mulheres, é importante reconhecer que elementos patriarcais característicos da família nuclear ainda são amplamente visíveis. Nas práticas é comum observar que os homens assumem a maioria das responsabilidades, enquanto as mulheres são frequentemente retratadas nas fotografias. A bissexualidade masculina é altamente desaprovada, enquanto a feminina é desejada e incentivada. Além disso, algumas mulheres não têm o poder

normales. En estas condiciones, la actividad winger es una actividad furtiva, que se oculta a los amigos y colegas; por tratarse de una conducta que puede ser censurada moralmente, sus adeptos prefieren mantener oculta su preferencia para evitar el riesgo de tener que asumir consecuencias como la crítica, la estigmatización, la exclusión o la segregación social. El swinging como estilo de vida se da en parejas de individuos que declaran "abiertamente" su condición swinger, y que han convertido en una parte crucial de su vida las relaciones con otros de gustos sexuales similares. Minha tradução.

de veto em relação a outros casais, sendo obrigadas a aceitar ter relações sexuais mesmo quando não desejam o parceiro ou marido da outra mulher, ao contrário dos maridos. Essas práticas revelam a persistência de desigualdades de gênero e um viés patriarcal mesmo dentro dos discursos de liberação sexual e igualdade aparentes (Fontoura Jr, 2015, p.7).

O *swing* é uma prática sexual que suscita dissidência, no entanto, Weid (2009, p. 108) ressalta a “ambiguidade ou imprecisão na compreensão que as pessoas têm dele”. Essas posições revelam a necessidade de classificação, oposição e escolha de um lado ou outro. Existem vários estigmas associados às pessoas que praticam o *swing*, como se fossem libertinas, adeptas do sadomasoquismo, descuidadas com sua saúde ou portadoras de doenças sexualmente transmissíveis (DSTs). Essa rotulagem está relacionada aos valores morais tradicionais da sociedade heterossexual. O *swing* representa uma ruptura com as formas convencionais de casais, buscando novas formas de prazer e tendo como objetivo o controle da infidelidade, uma vez que todas as ações são consentidas pelo parceiro. No entanto, é interessante observar que, no *swing*, os homens são heterossexuais e as mulheres podem ser bissexuais, como relatado por diversos autores⁴⁹ (Gomez et al, 2020, p. 1877). Mas no caso específico do relato de Marcos, o casal que eles encontraram propuseram uma troca com interação total, inclusive dos homens, mas como um "preço a pagar".

Seguindo o relato do casal, finalmente os encontros no *swing* acontecem:

Marcos: Nossa primeira troca levou um tempo para acontecer. Já tínhamos tido pequenas experiências com amigos, mas eram próximos e não foram completas, as interações eram induzidas e rápidas, sem trocas efetivas. A inexperiência nos deixava receosos do que aconteceria e o que iríamos sentir, se poderia haver ciúmes. Combinamos com um casal, e antes de acontecer a troca de fato, saímos três vezes. De certa forma, havia uma dificuldade em saber como começar e como conduzir. Pura inexperiência. Finalmente tomamos coragem e transamos. Eu fiquei inibido, Isabel não, se soltou mais. Foi bom, mas nós dois achamos que o sexo foi muito mecânico. Mas nos sentimos seguros depois disso.

A segunda experiência foi bem diferente. Como falei, eu conversava, mas me identificava como a Isabel. Quando encontramos com o casal, a mulher disse que estava encantada com a Isabel, com as conversas e que queria muito ficar com ela, sem saber que a conversa era comigo. Quase nos contradizemos nas perguntas. Foi engraçado. As duas já se beijaram no bar mesmo. Fomos para a casa deles, e elas foram para o quarto sozinhas. Fiquei conversando na sala com o rapaz. Depois nos chamaram e transamos todos. Elas aproveitaram mais. Combinamos um segundo encontro, na nossa casa, e a sequência se repetiu. Um pouco frustrante para os homens, pois as mulheres já haviam se pegado. Depois disso ocorreu um fato que mudou a relação com o casal. O rapaz começou a mandar mensagens e poemas para Isabel. A menina não

⁴⁹ Entre estes autores podemos citar Vieira, 2013; Weid, 2009; Silvério, 2014.

gostou nada e eles se separaram. Isabel saiu um dia com ela, que explicou a situação. Um tempo depois eles reataram e decidiram fechar a relação. Não os vimos mais. A pandemia interrompeu nossas aventuras por um bom período. Gostamos muito de nos vermos com outros, nos sentimos mais seguros com nossa relação. Percebemos que sexo é separado do amor que sentimos um pelo outro, e é bom fazer sexo entre a gente e com outras pessoas, sem culpa, sem ciúmes. A sensação de segurança de nossa relação está sendo a melhor parte, por isso queremos continuar, não no mundo liberal, mas quando encontrarmos pessoas interessantes e que pensam como a gente. Continuamos sempre na procura.

O relato de Marcos e Isabel parece coincidir com os que defendem o *swing* com uma prática positiva. Alguns estudos⁵⁰ já abordaram o assunto e argumentam que o *swing* oferece mais benefícios do que consequências negativas, tanto para os relacionamentos quanto para os indivíduos envolvidos. Essas pesquisas buscam compreender como esse estilo de vida liberal pode contribuir para as relações amorosas. As alegações mais frequentes são de que essa atividade fortalece o casamento, aumenta a percepção da qualidade do relacionamento, aproxima o casal emocional e sexualmente, melhora o desempenho sexual e eleva a autoestima (Gomez *et al*, 2020, p. 1875), o que parece ser o caso deste casal cujo relato foi apresentado.

Observa-se que o *swing* tem atraído cada vez mais adeptos, impulsionados por dois motivos: curiosidade e busca pelo aprimoramento do relacionamento. Apesar da existência de uma cultura popular, social e religiosa que enfatiza a ideia de que relações extraconjugais são prejudiciais, o *swing* subverte a noção tradicional de união monogâmica. O sexo fora do casamento não é considerado traição, mas sim uma forma de fortalecer o casal. Ao contrário das relações poliamorosas, o *swing* geralmente é praticado por casais heterossexuais em relacionamentos estáveis, com envolvimento com outros indivíduos limitados principalmente à esfera da intimidade física, sem desenvolver outros vínculos. Nessa perspectiva, os casais *swingers* devem estabelecer limites claros e manter uma comunicação aberta. Para lidar com problemas de ciúme, por exemplo, eles seguem regras pré-acordadas para garantir que ocorra apenas a troca de intimidade sexual, sem envolvimento romântico. Em outras palavras, é proibido desenvolver sentimentos profundos (Gomez *et al*, 2020, p. 1875). Outro ponto a ser destacado neste relato é que este casal não criou vínculo com os demais, sendo todas as experiências únicas. No último caso relatado, os poemas enviados pelo homem para a Isabel quebraram as regras do outro casal, que se separou e voltou em seguida.

⁵⁰ Os estudos citados por esses autores são: BERGSTRAND; SINSKI, 2010; Weid, 2010; Weid, 2012; JENKS, 1998.

5.4 A MULHER NO *SWING*

Na sociedade ocidental, de modo geral, as emoções sempre estiveram mais associada à figura feminina, enquanto a razão, à figura masculina. E por serem “mais sentimentais” e afetuosas que os homens as mulheres teriam mais dificuldade ou menor interesse pelo *swing*, já que uma das principais características da prática é a separação entre amor e sexo. Neste sentido, alguns estudos dizem que muitas mulheres entram para o *swing* unicamente para satisfazer seus parceiros e por medo de perdê-los, da mesma forma são estimuladas a fazer sexo com outras mulheres para realizar um desejo masculino.

Um exemplo pode ser visto em uma comparação feita pelo informante de Weid, quando se falava a respeito da assiduidade às casas de *swing* e surge a comparação com o uso de drogas. A casa de *swing*, de acordo com eles, pode se tornar um vício. No depoimento mencionado, a ideia de "tornar-se viciado em sexo" é retratada como uma característica masculina, enquanto às mulheres caberia o papel de equilibrar o relacionamento, apontando os momentos em que seria necessário se afastar desse estilo de vida (Weid, 2008, p. 113). Essa fala induz ao distanciamento da mulher em relação ao sexo por prazer, localizando-a no lugar do medo do sexo, da vida privada e romântica do casal monogâmico. Essa visão pode refletir estereótipos de gênero e papéis tradicionais atribuídos a homens e mulheres na sociedade.

Enquanto os homens são frequentemente concebidos como sujeitos autônomos de desejo, as mulheres ainda são percebidas como objetos a serem possuídos, ou melhor, como sujeitos de desejo moderado, conscientes do impacto que podem ter no desejo masculino. Às mulheres é atribuída a responsabilidade de resolver as tensões da sexualidade: espera-se que elas tentem estabilizar e regular o desejo dos homens, mantendo-os comprometidos em um relacionamento ou em um casal. Nas relações sexuais, espera-se que seus motivos sejam puramente amorosos ou conjugais (Bozon, 2004, p. 94).

Teixeira afirma que a ideia de frequentar o *swing* costuma partir do homem e, quando parte da mulher, no geral, vem acompanhada de uma tentativa de salvar ou melhorar o relacionamento, ou de sentimentos de revanche ou de desilusão do que se esperava de fato em termos de sexo, de relacionamento e dos homens. Assim sendo, segundo esta autora, a frequência das mulheres no *swing* não poderia ser pensada exclusivamente como uma atitude subversiva, uma vez que estas apresentam trajetórias de vida difíceis, com privações tanto emocionais quanto econômicas (Teixeira, 2015b, p. 138). Ela sugere que as mulheres do *swing* estão ali muitas vezes como uma tentativa de salvar o casamento diante de uma pressão do marido. Ou seja, frequentam o *swing* para evitar serem abandonadas ou traídas. Destacando

sempre que os relacionamentos são demasiadamente marcados pela assimetria econômica o que as impediria de impor a sua vontade ao cônjuge e optar por não ir ao *swing* ou fazer suas próprias escolhas nele. Uma característica marcante no *swing* é a forte assimetria dos cônjuges, que pode ser geracional, econômica, étnico-racial ou de capital cultural (Teixeira, 2015b, p. 138).

Outro problema do *swing* apresentado por Teixeira é sobre a objetificação da mulher, que segundo ela é valorizada pela aparência e incentivada com descontos ou gratuidade no ingresso e em bebidas alcoólicas (Teixeira 2015b, p. 124).

A mulher, independente de seu *status* de esposa, namorada, amiga, amante, acompanhante, é virtualmente uma esposa, a mulher genérica que vai se constituir em atributo masculino, índice de virilidade necessário ao homem para participar das trocas simbólicas através da troca de mulheres com seus pares, que mantêm a estrutura de gênero ativa (Teixeira, 2015b, p. 132).

A autora argumenta que, apesar de o *swing* parecer, à primeira vista, contestar a institucionalização do casamento e a monogamia, uma observação mais aprofundada revela evidências em sentido oposto. Ela destaca que a valorização do casamento e a prática consensual de troca de parceiros que ocorre no *swing*, acaba mantendo certos valores e estruturas presentes do modelo tradicional de casamento monogâmico heterossexual (Teixeira, 2015b, p. 126).

As funções da mulher no *swing* parecem ser bem definidas, à mulher cabe a função de abordar outras mulheres e negociar uma possível relação. Neste sentido, quanto mais bonita, melhores negociações podem ser feitas. Recaindo então sobre a mulher a pressão de ser boa negociadora, além de atraente para o outro casal. Segundo pesquisa em psicologia sobre o tema, uma informante diz que: “Existe uma pressão muito grande na mulher para ela ter que fazer alguma coisa; fazer e acontecer [...] tem muito essa pressão, ela precisa ser bissexual, ela precisa estar sempre depilada e ela precisa chegar na outra mulher e no casal e tal.” (Gonçalves e Rodrigues, 2018, p. 12).

É impossível negar que o ambiente do *swing* seja machista e objetificador da mulher, assim como todas as relações sociais de uma sociedade patriarcal. Em um dos grupos, certa feita, um membro postou um *sticker* de sexo anal com os dizeres: “valoriza a mulher que da o CU, pois a buceta todas dão”. Em seguida o mesmo homem escreveu em caixa alta:

Crispino: MULHER
QUE NÃO DÁ CU
PRÁ MIM NÃO TEM VANTAGEM ALGUMA...
ORAAAAAAA A MELHOR PARTE DA FODA
É FURAR O CUZINHO DELA.
MULHER TEM QUE SER COMPLETA NA CAMA.
POIS A PPK JÁ TEM QUE DAR MESMO... NÃO É? ? ?

(opinião)

Ao que foi rebatido por algumas participantes e um homem:

Angela: Ninguém tem que

René: É importante compreender que o prazer anal feminino depende de vários fatores. O prazer anal masculino é maior por conta da próstata, não tem como comparar com o da mulher... muitas pessoas não compreendem essa questão biológica. Aí muitas mulheres sentem a obrigação de “dar o cu” pra agradar o parceiro e não pode ser assim! O anal pode ser sim muito gostoso, mas com muita intimidade, conversa, lubrificação, descobrir a melhor posição, paciência, etc, etc...

Elásio: Discordo totalmente, a minha mulher não curte anal e eu tenho mais que respeitar

Segundo Maria Silvério, casais guiados por valores mais igualitários participam do *swing* de uma forma mais igualitária e equilibrada. Mas se existe hierarquia de gênero no casal, no *swing* é o espaço que que reproduzem e perpetuam estes princípios (Silvério, 2014, p.137), assim como o reproduzem em outras instâncias da vida, não exclusivamente na esfera sexual, mas na família, nos afazeres domésticos, na criação dos filhos etc.

Entretanto, para a mesma pesquisa o *swing* convida a mulher a vivenciar uma série de experiências sexuais, desde a bissexualidade, passando pelo sortimento de parceiros e parceiras até a realização de fetiches. Em especial há um incentivo para o chamado “bifeminino”, o que não acontece com o homem (Gonçalves e Rodrigues, 2018, p. 9).

Nas entrevistas de Weid, também são relatados casos em que mulheres afirmam se envolver no *swing* devido ao desejo de seus maridos, movidas pelo medo de ficarem sozinhas. Essas mulheres podem sentir-se pressionadas para atender aos desejos do marido, mesmo que não estejam totalmente confortáveis com a prática. A motivação por medo de solidão e a assimetrias na relação são fatores que podem influenciar a decisão das mulheres nesses casos específicos (Weid, 2008, p. 60).

No entanto, é importante ressaltar que essa visão não representa necessariamente a totalidade das experiências e práticas relacionadas ao *swing*. Existem diferentes formas de vivenciar o *swing*, com variações nas dinâmicas e nas concepções de relacionamento. Weid (2008, p.60) também enfatiza que a análise da prática do *swing* não pode ser restrita à noção de dominação masculina. Entre as onze mulheres entrevistadas por ela, sete relataram ter tido poucas experiências sexuais antes de se envolverem no *swing*. Quatro delas haviam se relacionado apenas com um homem além de seus parceiros, enquanto duas perderam a virgindade com seus parceiros atuais. Elas afirmaram que, ao começarem a praticar o *swing*,

passaram a ter relações sexuais com diversas pessoas, e essa oportunidade abriu caminhos para uma maior exploração do próprio prazer e um maior autoconhecimento.

Segundo Weid (2008, p.62), as mulheres que participam do *swing* relatam ter experimentado uma ampla variedade de experiências sexuais, como envolvimento com outros homens na presença de seus maridos, observar seus parceiros se relacionando com outras mulheres, envolvimento em sexo grupal com dois, três ou até oito homens em uma única noite, e o envolvimento sexual com mulheres. Essas experiências contribuíram para que essas mulheres desenvolvessem um maior autoconhecimento de seus corpos e de suas potencialidades sexuais.

Embora as formas de opressão de gênero ainda estejam presentes no contexto do *swing*, estudos revelam que as mulheres parecem vivenciar sua sexualidade de forma mais livre, sem preconceitos ou medos de serem rotuladas. O ambiente do *swing* propicia a experimentação de práticas sexuais que, em outros contextos, ainda são consideradas uma ameaça à reputação feminina. No *swing*, as expectativas de respeitabilidade e virtuosidade impostas socialmente às mulheres são deixadas de lado, permitindo que elas desfrutem da mesma permissividade sexual historicamente associada aos homens. Curiosamente, no contexto do *swing*, os maridos muitas vezes se tornam os principais incentivadores e cúmplices das mulheres, apesar de, fora desse ambiente, eles valorizarem a ideia de uma mulher respeitável (Silvério, 2014, p.136).

De acordo com Silvério (2014, P. 126), o discurso das mulheres que participam do *swing* indica que essa prática permite que a sexualidade feminina se torne propriedade das próprias mulheres, promovendo sua autonomia, reflexão sobre sua identidade e sua maneira de se posicionar no mundo. O *swing* oferece às mulheres o direito de separar amor e sexo, algo que os homens já desfrutam. As mulheres adeptas do *swing* quebram com o ideal compulsório de que sexo e amor são sinônimos para elas.

Os quatro grupos de *Whatsapp* analisados são criados e administrados por mulheres, em dois deles elas se apresentam como casal, mesmo assim, o que se observa é a maior atividade da mulher na condução do grupo. Os dois últimos grupos possuem um protagonismo ainda maior das mulheres, não só pelo fato de se apresentarem como administradoras, independentes dos seus parceiros, mas pelo número de postagens muito grande delas. As mulheres desses dois grupos são altamente participativas das interações virtuais publicando frequentemente fotos de seus corpos, rostos e experiências.

Angela: Ontem me acabei

René: Saindo para encontrar um amiguinho
Hoje acordei pegando fogo e não tem ninguém para apagar

Isso é maldade não tô nem conseguindo trabalhar direito hoje!!!!
 Tesão da que tá!!!! Meninos vcs são malvados 😈😈😈😈

É interessante observar que as mulheres são as que mais destacam as mudanças a nível individual decorrentes do envolvimento no *swing*. Parece que essa prática permite que elas tenham acesso a uma esfera pública que antes estava predominantemente reservada aos homens, contribuindo para transformar a maneira como lidam com diferentes aspectos da vida (Silvério, 2014, p.559). Entre as mulheres que Weid entrevistou, algumas disseram que depois que entraram no *swing* puderam ter um comportamento que normalmente é atribuído aos homens e negado socialmente às mulheres. Uma entrevistada da antropóloga relata: “transei com mais homens casada do que quando era solteira” (Weid, 2009, p. 117).

Outra característica diz respeito ao fato de que a feminilidade não parece estar diretamente relacionada a uma determinada prática sexual. Elas parecem ter uma liberdade maior para atravessar certas barreiras sem ter sua identidade de gênero questionada. O feminino está presente nas roupas, no corpo, mas não especificamente em uma prática sexual (Weid, 2008, p. 74). Neste contexto, a bissexualidade feminina está quase sempre presente nas relações *swingers*.

René: Pegar, chupar, lamber gosto mtooooo, mas confesso que tbm gosto de uma bucinha. E o mais importante tem que ter um cheiro bommm.

O relacionamento entre mulheres é comum entre as que praticam o *swing*, e isto não faz com que sua heterossexualidade seja questionada, nem pelos outros nem para elas mesmas (Weid, 2009, p. 110). Assim como, as mulheres acompanhadas por outras mulheres nas casas de *swing* também são consideradas desacompanhadas, e quando acompanhadas de homens, mesmo sendo apenas um amigo, são consideradas acompanhadas (Teixeira, 2015b, p. 126).

O falocentrismo contribui para a opressão da mulher, principalmente pela suposição de uma sexualidade inativa. Este pensamento, entoadado pela psicanálise, fez com que a relação homossexual feminina não seja considerada relação sexual de fato, pela ausência de penetração e assim parece ser vista no *swing*. Ao contrário dos homens, as mulheres no contexto do *swing* não têm sua feminilidade posta à prova. O simples fato de estarem acompanhadas de seus maridos ou namorados é suficiente para garantir esta posição (Weid, 2008, p. 79).

O fato é que a movimentação da mulher é maior e com possibilidade de experimentações múltiplas, experimentações estas que se vividas abertamente fora do ambiente *swing*, as exporia ao risco de sofrer acusações preconceituosas muito severas. Para Teixeira, o *swing* também se apresenta como um espaço onde essas mulheres bissexuais e homossexuais solteiras podem se

sentir mais à vontade para interagir com outras mulheres, independente da orientação sexual, uma vez que são convidadas ou incentivadas a frequentar as casas (Teixeira, 2015b, p. 98).

Swingers afirmam que não há homofobia no *swing*, entretanto, somente práticas homossexuais femininas são bem-vindas. Neste caso, não é à orientação sexual que pretendem dar ênfase, mas à disponibilidade de mulheres e principalmente de mulheres que topam participar de *ménage*. O que se pretende atrair não são casais de mulheres, mas mulheres desacompanhadas de homens e mulheres que se dispõem a fazer sexo com outras mulheres (Teixeira, 2015b, p. 97).

O corpo feminino é usado como uma forma de propaganda do casal, uma espécie de “cartão de visitas” e “vitrine” através das fotografias postadas na internet, das roupas sensuais e dos *strip-teases* realizados em algumas situações. A exibição dos corpos femininos não difere muito da lógica patriarcal de operar como uma demonstração do poder masculino. O desejo de ver a parceira se relacionar com outro homem, fantasia extremamente comum no meio, também pode ser visto como uma prova deste poder através da revelação da performance sexual da esposa.

No contexto do *swing*, o corpo feminino adquire um valor significativo, tornando-se um símbolo de distinção e motivo de orgulho para o casal (Weid, 2006, p.11). Essa dinâmica ressalta como a hierarquia de gênero permeia as interações sexuais e reforça a importância de uma análise crítica sobre o papel do corpo feminino na construção das relações de poder e prazer.

A consideração da mulher como atraente e fonte de tentação pode aumentar o poder do marido, uma vez que ele é visto como o "escolhido" e o "dono" do objeto de desejo. Parece haver uma clara dominação masculina nesse contexto. No entanto, a dinâmica entre dominação e submissão não é tão simples, e não se resume a uma oposição entre senhor e escravo, algo e vítima. É uma visão muito simplista interpretar a atitude das mulheres como uma simples reprodução de um modelo de submissão patriarcal, pois elas têm também vontade própria (Silvério, 2018, p. 98).

Deste modo, não é possível dizer que essas mulheres agem unicamente por submissão, uma vez que os ganhos de uma relação sexualmente não monogâmica também é desfrutado por elas. Dizer que estão dominadas por interesses masculinos apenas, ocorreria em dizer que as mulheres não gostam ou não se sentem realizadas no ambiente *swinger*. Isto é, o sexo sem amor não é um terreno confortável para mulheres. Cairíamos no ideal da mulher romântica que só faz sexo por amor.

Casais que permanecem no *swing* e, que o transformaram em estilo de vida, afirmam

que é difícil permanecer nesta prática mantendo uma relação machista. Além do que, o *swing* requer uma negociação consensualmente compartilhada e dificilmente a submissão ao desejo do outro se perpetuaria por muito tempo, nesse meio. (Santos, 2010, p. 89). Portanto, é questionável a afirmação de que essas práticas seriam privilégios masculinos, pois isso desconsidera o poder de escolha das mulheres e as retrata como incapazes de se beneficiar de sua própria liberdade sexual. O mesmo raciocínio é empregado para descreditar a bissexualidade feminina, como se a liberdade sexual e emocional das mulheres bissexuais fosse concebida unicamente para atender aos interesses patriarcais. (Ritchie e Barker, 2007 *apud* Pilão, 2019, p. 6).

Carole Vance (1984, p.17), faz uma crítica a ideia de que as mulheres, em uma cultura patriarcal, seriam incapazes de apreciar práticas sexuais. A autora argumenta que é crucial reconhecer como as mulheres foram subjugadas através do sexo, sem, no entanto, alegar que o ato sexual em si seja intrinsecamente humilhante. Rubin (1984, p.301-303) identifica essa visão como uma "demonização" que enfatiza os aspectos negativos da sexualidade para rejeitá-la completamente.

5.5 O HOMEM NO *SWING*

Ao contrário das mulheres, que estão muito preocupadas em parecer desejáveis, a preocupação do homem em relação ao seu corpo parece estar focada em um único aspecto: o pênis (Weid, 2008, p. 123). Há uma diferença intrínseca nas sexualidades masculinas e femininas, as mulheres dão menos ênfase à genitália do que os homens. No contexto do *swing*, é possível observar que a sexualidade das mulheres é expressa e vivenciada de maneiras diversas. Nesse ambiente, as mulheres têm a liberdade de expressar sua sexualidade de maneiras que podem incluir roupas sensuais, performances eróticas e exibição de seus corpos. A dos homens está focalizada no pênis operante (Weid, 2008, p. 90). Eles não estão tão preocupados com a beleza, a forma física e vestimenta, os homens se preocupam aparentemente muito mais com a sua performance sexual. Mais especificamente com a performance do pênis.

É comum observar nas páginas da internet que abordam o tema do *swing* uma tendência de retratar predominantemente mulheres em diversas posições e, ocasionalmente, interagindo com outras mulheres. No entanto, é menos frequente encontrar fotografias de homens nessas páginas. Quando isso ocorre, geralmente são retratados em close do órgão genital masculino ou em fotografias acompanhados por suas parceiras (Weid, 2008, p. 78). Isso se mostra muito presente também nos grupos de *Whatsapp* analisados em que os homens tendem a mostrar

predominantemente seus pênis, enquanto as mulheres exploram fotos mais sensuais e criativas de várias partes do corpo, como pés, pernas, seios, bunda, coxas e rosto. As diversas fotos de close nos pênis postadas, vêm com dizeres do tipo: “Ela adora”, “Quero te conhecer”, “Precisando de um carinho”.

Outro ponto importante para o homem no *swing* é exibição do corpo da sua mulher, ela exerce a função de honrar o homem a quem está ligada. Esta lógica parece estar presente na forma como os corpos femininos são mostrados no meio do *swing*. As mulheres usam roupas curtas e sensuais, tiram fotografias nuas para a internet e fazem *strip-tease* (Gonçalves e Rodrigues, 2018, p. 12). Pode-se pensar que o prazer derivado de ver a sua mulher exibida ou com outro homem é uma prova de poder masculino, através da exibição da performance sexual e do corpo de sua esposa. Se ela for considerada uma mulher atraente e sensual aumenta o seu poder, uma vez que ele é o “escolhido” do objeto de desejo de todos, além de comprovação de sua virilidade (Weid, 2008, p. 92).

Se por um lado os homens do *swing* têm uma visão atípica sobre a relação sexual de suas esposas com outros homens, situação que desafia regras importantes relativas ao casamento monogâmico, por outro, existe uma grande preocupação destes homens em demarcar sua masculinidade através da não aceitação de relações homossexuais masculinas. Diferentemente do que acontece com a maioria das mulheres que frequentam o *swing*, a oposição binária hetero x homo é reproduzida com destaque pelos homens. Os homens do *swing* desafiam um dos grandes tabus e fonte de descrédito que seria a mulher manter relações sexuais com outras pessoas, ao mesmo tempo em que são extremamente enfáticos em sua postura contrária à prática de relações homossexuais masculinas (Weid, 2006, p.5).

As pesquisas indicam que, no contexto do *swing*, a estrutura binária de gênero ainda é predominante, embora essa rigidez seja aplicada principalmente aos homens. De acordo com os estudos de Weid, os casais entrevistados estabelecem claramente uma diferenciação entre homens e mulheres em relação às suas práticas sexuais. Os homens evitam o contato físico de conotação sexual com outros homens e dizem que não se envolvem sexualmente com eles. Além disso, a bissexualidade masculina não seria bem-vista nem pelas mulheres (Weid, 2008, p. 74).

O papel do homem no *swing* se mostra, portanto, ambíguo. Ali ele brinca com uma das regras mais caras à masculinidade em nossa cultura, o lugar do “corno” como é popularmente conhecido. Talvez seja por isso que em contrapartida eles depositem muita importância às outras marcas de masculinidade como a virilidade e a heterossexualidade.

Não podemos afirmar que as relações homossexuais estejam tão ausentes do *swing*

quanto propagam. Há homens bissexuais, porém, geralmente, essa orientação é mantida em sigilo. Em locais como casas de *swing*, eles tendem a não expressar essa faceta de sua sexualidade. Essa vivência costuma ser mais reservada, acontecendo em ambientes privados, como encontros com outros casais ou em festas restritas (Vasconcelos Neto, 2015, p. 144).

Sobre os corpos masculinos, o que pode ser observado é que a maioria dos sujeitos não possui um estereótipo do “homem bombado e sarado”, em detrimento das mulheres que precisam estar sempre atraentes. O papel do homem é provar virilidade na forma de uma ereção contumaz, ocasionando algumas vezes um sofrimento quando isso não acontece. (Vieira, 2013, p. 100).

6 “COM AMOR É BEM MAIS GOSTOSO”: POLIAMOR

*É que eu acho que eles dois me caem tão bem
E essa desventura dessa tal contracultura de amar
É sofrer
O tempo em que pensamos que o outro é o mundo
Nos tira a liberdade de testar!
E quanto àquela história de só sermos nós
Porque queremos, não por ter de continuar?*

Poliamor (2015) / A Flauta Véterbra

O segundo formato de não monogamia analisado, o poliamor, seguirá a mesma estrutura do capítulo anterior, relacionando às questões teóricas e as falas e observações de campo de grupos de *Whatsapp* e campos presenciais. As principais características deste formato serão apresentadas, seguido pelo estudo dos formatos e configurações, os espaços de interação, a propagação e apoio, e as relações entre casamento, família e maternidade.

O amor, na sua construção histórica e social, carrega consigo a compreensão de que precisa ser sentido e vivido segundo algumas normas, que estão estabelecidas no amor romântico patriarcal, de monogamia compulsória e heteronormativo. Partindo deste entendimento, o poliamor, compreendido aqui com uma relação amorosa com mais de duas pessoas em que todos consentem, aparece visando retirar do amor as regras que o paralisam, dando-lhe novos significados. Então, torna-se importante o entendimento de como o poliamor se expressa e como os poliamoristas vivem (Peres e Palma, 2018, p. 2).

6.1 PRINCIPAIS CARACTERÍSTICAS

O Poliamor é entendido como uma alternativa à monogamia na qual é possível manter mais de um relacionamento afetivo e amar mais de uma pessoa ao mesmo tempo de forma consensual e honesta. No poliamor o conceito de afeto é central para os discursos. Isto é claramente revelado na própria análise etimológica da palavra, na qual ocorre a combinação de elementos latinos (amor) e gregos (poli). Segundo Klesse (2008) a criação do termo passa pela preocupação de elaborar uma palavra que não se assemelhe aos termos sexológicos patologizantes, como aqueles em que se usa o sufixo “filia” para designar afeição, gosto ou preferência.

A respeito da origem do termo e do seu uso como identidade de quem é capaz de amar mais de uma pessoa ao mesmo tempo, Cardoso (2010) apresenta os meandros pelos quais o termo percorreu. O primeiro registro do adjetivo “poliamorista” é de 1953 e foi encontrada

no volume 1 da *Illustrated History of English Literature* numa referência ao Rei Henrique VIII. Já o termo “poliamoroso” aparece em uma obra de ficção, *Hind’s Kidnap*, de Joseph McElroy, de 1969.

O uso do adjetivo “poliamoroso”, para se referir a pessoas que tivessem relações amorosas ou sexuais com mais de uma pessoa simultaneamente, apareceu em uma revista em maio de 1990. Meses mais tarde em um evento com a Igreja de Todos os Mundos em Berkeley na Califórnia, criou-se um “Glossário de Terminologia Relacional” onde foi incluída a palavra “poliamor”, em uma lógica religiosa, pagã e espiritualista. Deste movimento surge Debora Anapol⁵¹ (CARDOSO, 2010, p. 11).

Algumas premissas são buscadas por aqueles que se designam poliamoristas e talvez a característica mais marcante seja o enfoque no vínculo afetivo e a busca pela diferenciação de relações absolutamente sexualizada. O poliamor, na sua própria definição, busca se distanciar do sexo, numa tentativa de ganhar maior aceitação (Cardoso, 2010, p. 23). Podemos perceber que nas narrativas poliamoristas o amor ocupa posição central, se consideramos que uma relação só é vista como poliamorista se existir uma profundidade emocional (Pilão, 2012, p.102).

Esse fato é destacado muito frequentemente pelos poliamoristas. Neste sentido, o sexo casual é evitado e, muitas vezes, visto como um ato menor ou “não tão gostoso”. Nos grupos de *Whatsapp* muitos participantes que estão em busca de relacionamentos fazem questão de deixar claro que o objetivo não é sexual, mas sim relações afetivas, sérias e duradouras. Nota-se a valorização da possibilidade de estabelecer mais de um vínculo, mas estes devem ser igualmente íntimos, profundos e intensos (Pilão, 2012).

Pablo: olá Boa tarde pessoal nos estamos aqui pra ver se nos achamos uma pessoa que seja honesta que queira realmente algo sério com nos é não sexo qualquer coisa me chama la no PV

Acima a fala de um participante que usa o grupo para a possibilidade de conhecer pessoas e buscar relacionamentos, que como eles mesmos indicam, ultrapasse o encontro casual e sexual. Outro tipo de abordagem no grupo costuma ser repudiado, mesmo quando o participante deixa claro que o interesse não se trata de sexo apenas.

Os interessados entram nestes grupos por vários motivos: busca de conhecimento e informações, troca de experiências sobre poliamor e organização política e identitária. As pessoas que entram em busca de relacionamentos quase sempre são reprimidas pelos demais

⁵¹ Deborah Taj Anapol (1951–2015) foi uma psicóloga clínica americana e uma das fundadoras do movimento poliamor. Conhecida por seu trabalho em espiritualidade erótica, ecosex, neotrans e Integração Pélvico-Coração, ela era uma defensora do amor múltiplo e da sexualidade sagrada.

participantes, principalmente aquelas que aparentam buscar sexo casual, com especial repulsa aos casais que procuram por unicórnios⁵²:

Cássio: Olá a todos. Seguindo as regras vamos nos descrever. Casal ela 25 ele 35 a procura de uma namorada. Não queremos nada casual e sim uma amizade sincera que possa evoluir para um amor a três. Somos do Sul mas viajamos bastante. Meninas fiquem a vontade para nos chamar ... um beijo em todos e todas.

Sofia: Boa noite, caçadores de unicórnios

Pietro: Olá gente tbm sou um casal tbm estou procurando uma amiga para brincar com a gente em SP

Arthur: Oi Pietro, tudo bem? Penso que seria interessante sua parceira também estar aqui no grupo, que acha?

Pietro: Até acharia legal mas ela não gosta muito de grupos ela é mais discreta entendeu

Arthur: Além disso . Hummm Voce disse brincar o que sugere um ménage. Já que com amor não se brinca

E abaixo, recado de uma das administradoras de um dos grupos. Estes recados são dados, normalmente quando algum participante infringe as regras postuladas nas descrições dos grupos ou quando alguns comportamentos tendem mais para o interesse sexual do que amoroso e filosófico:

Lúcia: Recado importante, principalmente aos novos no grupo: Aqui construímos diariamente um ambiente seguro voltado ao poliamor. Há pessoas aqui q além do poliamor, tb são adeptas ao mundo liberal ou fetichista, mas o foco aqui não é esse.

Como podemos observar a centralidade do amor e da intimidade no discurso poliamoroso caminha junto com a tentativa de secundarização do sexo e da busca por prazer sexual.

Gerson: Acho que uma primeira paquera deve ser despretenhiosa conotação sexual. O objetivo eh quebrar o gelo, mostrar interesse pela pessoa (e não pelo corpo), conhecer o mínimo da pessoa, colher infos suficiente para numa eventual segunda conversa ja ter assunto mais entrosado. Elogios sutis da beleza, cabelo, olhos, vestimento, estar em forma, etc, sao sempre bem vindos, mas sem conotacao sexual explicita. Hoje pra mim procuro alguém pra dividir projetos de vida, intelectuais, artísticos, o sexo pode estar fora disso.

Pablo: Sexo e bom delícia todo mundo faz e tem vários fetiches etc e tal ... Mas acho que no lance do poliamor isso fica em segundo plano.....

Gerson: hj em dia na vdd, sexo por sexo, sem nenhum sentimento, eu

⁵² As mulheres dispostas a se relacionar com um casal já formado antes dela são chamadas unicórnios. Essas mulheres solteiras e bissexuais são procuradas por casais em que, normalmente, a mulher também é bissexual e o homem hétero. “As unicórnios” devem viver em função do casal, sem ter outras relações e espera-se que ela se distancie do casal quando eles considerarem conveniente. O termo “unicórnio” tenta exprimir a ideia de raridade das mulheres que queiram ou se dispõem a vivenciar esses relacionamentos, diferente dos “caçadores” que são bastante comuns e geralmente enfrentam oposições ríspidas nas comunidades poliamoristas (Silvério, 2018, p. 50).

dispenso ...

Há uma busca por valorizar o sexo, somente quando ele está dentro das relações afetivas e duradoras, menosprezando encontros sexuais mais breves e estabelecendo, assim, uma diferenciação entre aqueles que só querem sexo e fantasias sexuais, e os poliamoristas “reais”. Entre os “falsos poliamoristas” estão, principalmente, os casais que procuram uma “namorada”, as mulheres que se submetem aos desejos do companheiro de fazer sexo com outra mulher e os homens que procuram *ménage féminin* (Silvério, 2018, p. 72).

Sandra: mtas das vezes qdo o casal procura uma mulher e mais pra realização do homem, porque ele se acha o fodao tendo duas mulheres ali transando pra ele.

Principalmente qdo são casados, eles nunca vão deixar a sua rotina a sua vida por causa dessa pessoa que entrou na vida deles mtas das vezes apenas pra momentos de prazer

Acho que é a falta de cultura e leitura mesmo. Acha que poliamor é putaria

Lígia: é importante deixarmos claro que esse é um grupo sério, e não é bagunça não. Inclusive o foco principal do grupo não é arrumar parceiros.

Pablo: Participei de um grupo de whats. Aparecia de vez em quando um casal perguntando se tem alguma garora a fim de um poli amor hoje a tarde?

A crítica gira em torno do fato de que estas pessoas, não estão dispostas a abrir mão do modelo monogâmico de fato, buscando apenas momentos de um sexo “diferenciado”. Estas pessoas não estariam interessadas no debate político que a NM propõe e nem mesmo estariam preocupadas com as expectativas criadas pelas outras pessoas sobre a relação, uma vez que o casal inicial apresenta uma centralidade inabalável em relação às outras relações.

O medo de uma super sexualização vista como negativa pela moralidade vigente leva os poliamoristas a alimentar uma dicotomia entre sexo e amor. Acreditam que por estarem apoiados no amor, algo valorizado e positivo na sociedade, estariam mais próximos da aceitação e respeito. Neste sentido, ocorre de transformarem o poliamor em algo platônico e até mesmo comparado a monogamia algumas vezes. Além disso, secundarizando o aspecto sexual, contribuem para o desprezo a outras subculturas ou identidades sexualizadas sobrepostas ao poliamor, como bissexuais, BDSM⁵³, trabalhadoras e trabalhadores do sexo, sexualidade sagrada ou tântrica e *swingers* (Silvério, 2018, p. 72).

Olga: Bem isso qdo se fala em poliamor já pensam em suruba... Meu

⁵³ É a sigla que denomina um conjunto de práticas consensuais envolvendo *Bondage*, Disciplina e Dominação, Submissão e Sadismo, e Masoquismo, além de outros tipos de comportamentos sexuais relacionados.

marido mesmo qdo comecei a conversar com ele sobre isso ele achava ou ainda acha q eh só pq quero fze coisas c outra pessoa

Lúcia: Confundir com fetiche que acho paia... ou dizerem que é por pura safadeza ou putaria... já apelei com isso

Clara: As festas de swing continuam

Justa: ah sim, não duvido que continuem, assim como outras festas das pessoas irresponsáveis nesse momento crucial

Ney: Nessa linha, penso no que uma amiga, adepta do swing, me comentou esses dias. Que está se sentindo tão presa, que quando liberar as casas, vai romper todas as suas regras e seus medos e fazer "de tudo". Que a primeira coisa que fará um bukakke⁵⁴

As falas de Clara e Ney, se referem ao isolamento social forçado pela pandemia do Corona Vírus. As falas sugerem que os *swingers* seriam irresponsáveis e que os encontros estariam ocorrendo normalmente. A outra fala afirma que uma amiga *swinger* estaria sentindo falta das relações sexuais a ponto de “fazer de tudo”. Inclusive algo pouco desejado e até mesmo desaprovável, mas não para quem é *swinger*.

A sexualidade desprovida de elo emocional é desvalorizada e até mesmo condenada: “putaria”. Portanto, o laço amoroso assume uma posição de destaque, contrastando com a objetificação sexual. A predominância do amor em relação ao sexo é evidenciada pela constante busca dos poliamoristas por desvincular o poliamor de práticas estritamente sexuais. Cardoso (2010) afirma que o medo de ser sexualizado entre os grupos de poliamoristas acaba criando hierarquias entre amor e sexo e vinculações patologizadas no plano sexual (Cardoso, 2010, p.24).

Roberto: Sexo para mim é conexão, por isso escolho muito bem com quem quero me conectar, isso para mim é sagrado. Como terapeuta tantrico trabalho muito com sexualidade consciente, e a corrida desesperada para transar mostra para mim uma baixa autoestima. Onde eu espero no outro aquilo que falta em mim.

Manoel: Ow, essa visão poliamorista é uma luz no fim do túnel, porque eu sempre tive aversão ao modelo tradicional, muito sério e também não gosto da relação de uso, aquela coisa de sair pra uma boate e ficar com desconhecido q não tem nem afinidade

Amizade sim, sair para um barzinho, um passeio no parque, uma ida ao cinema, a paquera o flerte, nada de sexo casual e descompromissado. O sexo pode rolar, pode, mas tem que ser claro que a intenção é avançar para algo mais, não ficar somente nisso.

No entanto, alguns integrantes também demonstram que se incomodam com o lugar

⁵⁴ Consiste em uma modalidade de sexo grupal em que uma pessoa, normalmente mulher, recebe a ejaculação de diversos homens.

extremamente desprestigiado que a maioria dos poliamoristas designam ao sexo:

Lívia: Eu priorizo sexo nas minhas relações afetivas. É importante pra mim. Quando deixei em segundo plano (ou terceiro, quarto...), me senti mal e afetou a relação. Já fui casada em monogamia
 Pra mim o sexo casual até é bom e gostoso, mas quando amo a pessoa, sexo é outro nível e também uma forma importante de intimidade, de troca energética, de demonstração de amor, carinho, respeito e desejo
 Com amor é bem mais gostoso
 Confiança pra se libertar e realizar fantasias
 Pietra: Concordo com vc. Tema central seria relações estabelecidas entre os envolvidos a sexual seria uma dentre outras
 Clóvis: E muitas vezes é mal visto
 E não deveria
 Que porra de conservadorismo é esse?
 Penha: Interessante. Penso que ao mesmo tempo que não deve mesmo ser o debate central, mas também não pode ser dissociado dos demais. Poliamor é sobre amor, sobre ética, sobre responsabilidade com o outro, mas também é sobre sexo.
 E as pessoas que buscam o poliamor, buscam também sexo com outras pessoas SIM. A questão é que não buscam só isso. Digo por mim mesmo, se fosse sexo só pelo sexo, não tinha a menor necessidade de buscar o poliamor

Leva-se em conta que o sexo é um elemento importante das relações afetivas e por isso deve ser tratado com mais atenção e menos reprovação. O conceito de conservadorismo no sentido expresso no diálogo designa ideias e atitudes que visam a manutenção do sistema existente e seus modos de funcionamento, apresentando-se como contraparte das forças inovadoras (Bobbio *et al*, 2002, p. 242). O conservadorismo baseia-se no fato de que a natureza humana é basicamente má, irracional e violenta, se deixada a seus próprios meios. A única maneira de controlar esse potencial destrutivo consiste em impor rígidos códigos morais através de fortes tradições, instituições sociais e uma sociedade hierárquica governada por elites, cujo poder repousa na superioridade inerente e na propriedade privada, herdada através de gerações. Isso implica que a desigualdade social inevitável e, na verdade, necessária para manter a sociedade (Johnson, 1997, p. 50).

A discussão continua com elementos do estilo de vida liberal e outras formas NM como a polifidelidade:

Cleide: tem preconceito dentro da própria comunidade com as pessoas q além d poliamoristas, também são liberais
 Como se o único jeito d viver o poliamor fosse polifidelidade, relações não mono fechadas
 Assim como tem outros grupos não mono q falam q poliamor fechado é monogamia com mais d duas pessoas como se fosse necessariamente repetir quase todos os pontos tóxicos do patriarcado
 Rita: Descobri, lendo um texto que mandaram aqui, que pelo visto o modelo que busco seria de polifidelidade. Mas realmente, não consigo enxergar como "putaria" pessoas que tem relações diversas, se as partes

estão de boas com isso. Sexo em si não é putaria, sexo é ótimo. Putaria é não ter responsabilidade e respeito com alguém que você diz que ama.

A polifidelidade ou poliamor fechado que tratam na conversa se refere a um formato de poliamor no qual as pessoas inseridas na relação vivem em um regime de fidelidade entre elas, independente de quantas estejam fazendo parte do grupo. Ou seja, os acordos giram em torno do fato de que são vetadas relações afetivas ou sexuais fora do grupo original.

É comum também os relatos daqueles que conheceram o poliamor através de curiosidades sexuais e acabaram por chegar em um viés mais reflexivo. Alguns admitem que a entrada no poliamor foi inaugurada por uma abordagem NM estritamente sexual. A conversa entre Cleide e Rita aborda questões de preconceito dentro da própria comunidade poliamorista. Existe uma ideia de que o único jeito correto de viver o poliamor é através da polifidelidade, que envolve relações não monogâmicas fechadas. Elas também apontam que alguns grupos não monogâmicos criticam o poliamor fechado, chamando-o de monogamia com mais de duas pessoas, sugerindo que ele pode reproduzir padrões tóxicos do patriarcado.

Alceu: começamos monogâmicos, mas já conversando sobre o quanto não acreditávamos no modelo tradicional, ambos já tinham tido problemas em relações normativas, então quando tivemos oportunidade começamos a explorar juntos, primeiro o swing, onde demos os primeiros passos, desconstruindo posse sexual, mas ainda com muitas regras limitando ações sozinhos, impedindo envolvimento amoroso e outras regras meio básicas de quem tá começando a desconstruir, aos poucos fomos conhecendo pessoas que viviam modelos diversos e começamos a ter contato com pessoas poliamoristas e aos poucos fomos observando e experimentando liberdades diferentes e as regras foram se modificando. e caindo. Estudamos muito também, os dois somos de humanas, e isso permitiu ampliar muito o horizonte também. Com o tempo começaram a surgir as relações afetivas paralelas, pessoas que ficávamos com frequência e por fim namoros de fato. O ultimo passo que demos foi desconstruir hierarquia. Entendemos que ela só por existir já criava uma comparação que desencadeava em competição. Tivemos uma experiência bem ruim com um namoro dela, fruto dessa hierarquização.

O reconhecimento e a valorização das particularidades no contexto do poliamor resultam na desvalorização e até mesmo condenação da sexualidade desprovida de intimidade. Nesse sentido, o vínculo afetivo ocupa um lugar de destaque, contrastando com a visão de objetificação do sexo. A prioridade dada ao amor em relação ao sexo é evidente na constante busca dos poliamoristas por dissociar o Poliamor de práticas puramente sexuais. Cardoso (2010) afirma que há um receio de ser "sexualizado", pois isso acarreta uma conotação negativa, levando à criação de distinções no discurso poliamorista entre o que é "proibido" e "negativo", "patológico" e "saudável". Para Klesse (2006) existe uma política para diferenciar as demais

formas de não monogamia do poliamor, especialmente o *swing*, que é rotulado como promiscuidade. Além disso, Klesse argumenta que a manutenção da categoria de promiscuidade implica a perpetuação de um ambiente de estigmatização daqueles que buscam sexo apenas por prazer e têm múltiplos parceiros sexuais sem buscar relacionamentos duradouros (Pilão, 2012, p. 107).

Entre eles valoriza-se aspectos como intimidade, compromisso, consenso e honestidade, em detrimento da satisfação sexual pura. Esta explicação toca em dois temas extremamente importantes nos discursos NM: honestidade e consenso. Enquanto o ideal ético de consenso só pode ser trabalhado em um processo de negociação, a honestidade é a condição para tal (Klesse, 2008, p. 572, 573).

A tentativa de fugir da acusação de promiscuidade resgata a discussão sobre as formas legitimadas de experiência sexual. Geralmente são os polifíeis que mais utilizam a noção de promiscuidade. Eles buscam delimitar as experiências amorosas dividindo-as em duas grandes categorias. A primeira engloba o sexo desprovido de amor, visto como banal, profano, cotidiano, formal e público. A segunda compreende o sexo com amor, que é considerado especial, sagrado, superior, privado e íntimo. A premissa de igualdade e de reconhecimento do outro como sujeito é o que fundamenta a crítica e a distinção dos poliamoristas em relação aos monogâmicos e adeptos do *swing* (Pilão, 2012, p. 107).

Para Klesse (2011) o “altruísmo” e a “dedicação ao outro” são valores estruturantes do amor poliamorista. O que pode ser encontrado no conceito de responsabilidade afetiva. Este termo é utilizado no contexto ético para organizar a proposta não monogâmica, fundamentado no consentimento de todas as partes envolvidas. Segundo eles a responsabilidade é exercida através do diálogo e da honestidade entre os parceiros. Fato esse, que faz as pessoas poliamorosas acreditarem que o poliamor é mais igualitário, honesto, anti-machista e libertário em relação a outros modelos relacionais (Pilão, 2015, p. 396).

Klesse (2006) afirma que os poliamoristas se apresentam como representantes de uma ética avançada que ultrapassa o hedonismo banal e simples busca por prazer.” Neste sentido ele minimiza a tendência *queer*⁵⁵ do poliamor, afirmando que são “mantidos binarismos identitários, em especial na oposição promíscuos x não promíscuos” (Pilão, 2015, p. 403).

Clóvis: Inclusive sexualidade dentro do poliamor é um tema tabu também

O que eu acho muito esquisito

Penha: Ainda não vivenciei o poliamor mas não sabia que esse assunto

⁵⁵ Termo que diz respeito a quem não se identifica e não se rotula em nenhum gênero, sem correspondência à heterocisnormatividade. A tradução literal seria “estranho”.

era tabu

Clóvis: Ainda há uma preocupação muito grande dentro da comunidade de desassociar "putaria" de Poliamor

E quando se permeia esse tema, muitas vezes há uma rejeição

Só que o sexo, ao meu ver, é o start inicial pra você se interessar pelo tema poliamor

Pq sexo justamente é tabu

Quando se trata de Monogamia, a primeira coisa que vem a cabeça quando se trata de infidelidade, é fazer sexo fora da Relação

Penha: O que seria "putaria"?

Swing? Transar com várias pessoas?

Clóvis: Sexo por sexo no geral

Vivências envolvendo mais de uma pessoa

Por aí vai

Pietra: Sim. As pessoas sexualizam tudo. Até as pessoas q estão cercadas de tabu para com o sexo

Clóvis: Aí vc vê gente procurando comunidades de Poliamor por sexo com mais de uma pessoa

O que não é o debate central

Porém a busca por sexo com pessoas fora da Relação, consensual, é um gatilho inicial pra abandonar a monogamia

A conversa entre Clóvis, Penha e Pietra aborda a relação entre sexualidade e poliamor. Clóvis menciona que a sexualidade é um tema tabu no poliamor, o que ele acha estranho, pois o sexo é frequentemente visto como um ponto de partida para o interesse no poliamor. Ele argumenta que dentro da comunidade poliamorosa há um esforço para dissociar a ideia de "putaria" (sexo casual ou múltiplos parceiros). O participante vê as pessoas tendendo a se interessar pelo poliamor inicialmente por questões relacionadas ao sexo, especialmente porque o sexo é um tabu em muitas culturas. Ele também menciona que a infidelidade na monogamia está associada principalmente ao sexo fora do relacionamento. Clóvis conclui que algumas pessoas buscam o poliamor por interesse em sexo consensual com várias pessoas, mas isso não é o foco principal do poliamor. Ele observa que a busca por sexo consensual fora de uma relação monogâmica pode ser um motivo inicial para considerar abandonar a monogamia.

Como observado no trecho anterior, a perspectiva de secundarização do sexo não é unânime e produz muitos debates na comunidade poliamorosa e não monogâmica que defendem a não-exclusividade sexual, o sexo casual e outras práticas consideradas dissidentes desde que sejam consentidas e equânime. O consentimento, bem como o diálogo aberto nas relações leva a uma preocupação muito constante com as expectativas do outro, o que é definido pelos poliamoristas como responsabilidade afetiva.

Responsabilidade afetiva é um termo que vem se popularizando e é usado com muita frequência nos meios NM, trata-se de assumir o seu papel quanto às expectativas criadas em uma relação. Segundo os poliamoristas, a responsabilidade afetiva é um ato que envolve muitas

conversas, empatia, honestidade, respeito e cuidado consigo e com o outro.

Gerson: Enfim, pra mim, a base de uma relação poliafetiva saudável é a equidade e a consensualidade em tudo

Keila: É importante demais saber mais tudo q uma implicação poliamorosa implica.

Poliamor não é somente sobre ter "liberdade de se envolver com quem quiser simultaneamente" é mto mais.

É sobre saber conduzir essas relações com verdade, respeito e *responsabilidade afetiva

Uma das premissas para uma relação com responsabilidade afetiva está na capacidade de comunicação clara, sincera e frequente. Sendo esta uma demanda importante dentro das relações poliamorosas. Responsabilidade afetiva refere-se ao cuidado e consideração com os sentimentos e expectativas das pessoas com quem se tem relações, sejam elas românticas, familiares ou de amizade. Trata-se de ser honesto, transparente e respeitoso, evitando causar danos emocionais intencionalmente e mantendo um diálogo aberto sobre sentimentos e limites.

Carmen: vejo como uma forma de responsabilidade afetiva que essa comunicação aconteça. Não no sentido de pedir permissão, mas no sentido do cuidado. E se importar como o outro se sente, saber como o seu comportamento reflete nele não significa que vc não vai fazer. A pessoa tem que lidar com isso se vc escolher esse envolvimento com alguém próximo dela mas nem todo mundo consegue lidar numa boa. Já vivi isso e sei que é uma situação que pode envolver gatilhos de abandono, comparação, insegurança, etc.

João: Checagem um com o outro o tempo todo, eu chequei com a minha parceira de maior frequência sobre a moça interessante, temos várias pequenas drs saudáveis, não sou obrigado a dar satisfação mas e se eu me apaixonar perdidamente, imagina o susto para outra pessoa, pra mim ética do amor livre é sobre isso

Também se debate os próprios limites e a noção de autorresponsabilidade como complementar ao conceito de responsabilidade afetiva. Ter responsabilidade afetiva não se trata de corresponder às expectativas do outro por completo, e não, necessariamente trata-se de reciprocidade.

Lívia: Eu preciso estar em constante vigilância para não transformar responsabilidade afetiva em negligência comigo mesma.

Então preciso do lembrete de ser autorresponsável tb.

O pessoal distorceu o q é responsabilidade afetiva

Ela é ter consideração e dar apoio aos sentimentos alheio

Mas também inclui se respeitar

Theo: Respeito, carinho e cuidado

Não significa ser babá d sentimentos mal resolvido das outras pessoas

Theo: Surgem organicamente

Não é algo a ser cobrado

Esse é o rolê

Lívia: São todos adultos, então autorresponsabilidade acima de tudo

Pode ser cobrado se a parceria não tá se comportando d acordo
 Pq tem gente q vai passando o rodo e não quer se envolver em
 conversas difíceis
 Egoísmo é o q não falta na humanidade

Lívia e Theo discutem a importância de equilibrar responsabilidade afetiva com autorresponsabilidade. Lívia enfatiza a necessidade de vigiar para que essa responsabilidade não se transforme em negligência consigo mesma, ressaltando que responsabilidade afetiva envolve consideração pelos sentimentos dos outros, mas também inclui o respeito por si próprio. Theo acrescenta que respeito, carinho e cuidado devem surgir naturalmente e não significam assumir responsabilidade pelos sentimentos mal resolvidos dos outros. Lívia concorda que, sendo todos adultos, a autorresponsabilidade é fundamental, mas é importante cobrar isso quando a parceria não age de acordo, destacando que algumas pessoas evitam conversas difíceis e agem de forma egoísta.

Outro assunto tratado recorrentemente nos grupos de poliamor e que caracteriza estes sujeitos são as categorias de sexualidade, bem como as nomeações que descrevem as mais diversas preferências e orientações sexuais: “Poliamor é sobre LGBT+”. A princípio pelo fato de que os trisais e quadrisais envolveriam pessoas do mesmo sexo, de forma que um amplo conjunto de direcionamentos sexuais são observados no poliamor o que corresponde a uma grande diversidade sexual e formas múltiplas de se relacionar.

A luta coletiva do poliamor se associa com outros importantes movimentos identitários como o feminismo e o movimento LGBTQIAPN+. O poliamor assimila profundamente a crítica feminista ao patriarcado, às relações de poder, gênero e heteronormatividade associadas aos relacionamentos afetivo-sexuais e a outras questões como corpo, compreensão e autonomia da pessoa sobre si mesma. Estes paradoxos fazem com que as mulheres não monogâmicas fiquem vigilantes aos comportamentos e práticas de homens do meio (Silvério, 2021, p. 31). No entanto, de acordo com Barbosa, pode ocorrer um fenômeno de guetificação, no qual são excluídos todos aqueles que discordam do regime de verdade predominante. As divisões resultantes da adoção de identidades como bandeiras diminuem a capacidade de ação dos movimentos de resistência (Barbosa, 2011, p. 81).

Os poliamoristas também se apropriam dos discursos da comunidade LGBTQIAPN+ para validar seu movimento e para explicar as opressões e dificuldades que enfrentam. No entanto, existe uma distinção fundamental entre os dois: o discurso LGBTQIAPN+ está centrado na busca pela igualdade hierárquica com a heterossexualidade, enquanto o movimento poliamoroso surge a partir de uma crítica à monogamia e da afirmação de uma alternativa. Além disso, observa-se uma disparidade nas relações entre essas duas comunidades, uma vez que o

movimento poliamoroso está envolvido tanto na luta contra o preconceito e a marginalização LGBTQIAPN+ quanto na sua própria luta. No interior dos grupos LGBTQIAPN+, as atitudes em relação à não monogamia consensual são ambíguas, gerando admiração e respeito por parte de alguns e condenação por parte de outros. Em linhas gerais, a monogamia é abordada por meio de discursos que defendem a liberdade sexual e não necessariamente a multiplicidade afetiva. Essa distinção destaca como os discursos e objetivos das duas comunidades, apesar de compartilharem algumas semelhanças, divergem em termos de foco e ênfase nas suas reivindicações e narrativas (Silvério, 2018, p. 80).

O poliamor não está intrinsecamente ligado a uma identidade sexual ou de gênero específico, abrangendo relações entre pessoas heterossexuais, homossexuais, bissexuais, cisgênero e transgênero entre outros, às vezes dentro da mesma rede de relações. No entanto, a incidência da bissexualidade nas não monogâmias é significativamente maior do que em qualquer outro contexto, e há um número significativo de pessoas bissexuais envolvidas em relacionamentos poliamorosos (Pilão, 2017). As orientações sexuais referem-se às diferentes formas de atração sexual, romântica e emocional que as pessoas podem sentir por outras. Essas orientações variam amplamente e são parte integrante da identidade pessoal de cada indivíduo. Além da bissexualidade demais orientações sexuais são tratadas nas conversas.

Lívia: Pode ser q vc seja bissexual, heteroafetiva e heterorromântica q seja asexual com homens e assexual grey com mulheres.

O poli amor costuma apresentar a oportunidade de explorar as várias nuances das categorizações de orientação sexual, uma participante diz que a possibilidade de se relacionar com mais de uma pessoa, neste caso um casal, seria ideal, já que ela se classifica no espectro da assexualidade.

Brenda: Pra mim que estou no espectro de Assexualidade seria muito bom me relacionar com um casal q já está junto há algum. Pq curto mais a parte afetiva do que a sexual. No mundo Asexual (não assexual) essa possibilidade seria só um menage pra realização com fins sexuais apenas. Não é isso q procuro

Lívia: Sou asexual, mas aprendi muito sobre minha sexualidade depois q estudei assexualidade e conheci mais pessoas aces

Brenda: Sim existem muitas atrações além da sexual

Muita pessoas acreditam q assexuais não gostam e não fazem sexo mas apenas os estritos⁵⁶ e sex repulsive⁵⁷. A um espectro grande com outras variantes. Pra mim foi libertador entender essa Nuance da minha

⁵⁶ O termo assexual estrito é usado para definir assexuais que não se encontram no espectro cinza e que não sentem nenhuma atração sexual por ninguém em nenhum momento. Assexuais estritos ainda podem sentir atração romântica ou serem aromânticos.

⁵⁷ Sex repulsed são pessoas que consideram o sexo algo repulsivo, não desejam fazer de forma alguma; além de não sentirem prazer, o sexo é algo incômodo, uma violação do próprio corpo.

sexualidade.

Alosexualidade refere-se à experiência de atração sexual regular e típica por outras pessoas. É um termo inclusivo que ajuda a diferenciar as experiências de pessoas que sentem atração sexual daquelas que não sentem, como os assexuais. Reconhecer a alosexualidade e a assexualidade é essencial para promover uma compreensão mais abrangente e inclusiva da diversidade sexual, valorizando e respeitando as diferentes formas como as pessoas experimentam e expressam sua sexualidade.

Assexualidade é a falta de atração sexual por qualquer gênero. As pessoas assexuais podem ou não sentir atração romântica e podem ou não ter interesse em formar relacionamentos românticos. Inclui uma ampla gama de experiências, desde completa ausência de atração sexual até uma atração muito limitada, e pode incluir termos como demissexualidade (atração sexual apenas após uma forte conexão emocional) e graysexualidade (atração sexual rara ou ocasional).

Lívia: Cupiossexual não sente atração sexual mas acredita q relações sexuais possam ser sim prazerosas

Parece estranho mas é assim mesmo somos mais de responder a estímulos iniciados pelo nosso parceiro. Não somos assim no meu caso não flerto nem sou seduzir mas se estiver afim daquela pessoa posso ser recíproca entendeu

Cupiossexual é um termo utilizado para descrever uma pessoa que, apesar de não sentir atração sexual, deseja ter uma relação sexual. Em outras palavras, cupiossexuais são indivíduos que não experimentam atração sexual, mas ainda têm o desejo ou a vontade de participar em atividades sexuais por diversas razões, que podem incluir intimidade, conexão emocional, curiosidade ou a busca de prazer físico. Já a graysexualidade descreve uma orientação sexual onde a atração sexual é rara ou experimentada em condições específicas. As pessoas graysexuais podem sentir atração sexual ocasionalmente ou sob circunstâncias específicas, estando entre a assexualidade e a sexualidade plena em um espectro de atração sexual.

Além das orientações sexuais, as orientações românticas descrevem a atração emocional e romântica, que pode ou não coincidir com a orientação sexual. Inclui termos como heterorromântico, homorromântico, birromântico, panromântico e arromântico, correspondendo às orientações sexuais, mas focadas na atração romântica em vez de sexual.

Demissexualidade é uma orientação onde a atração sexual só se desenvolve após uma forte conexão emocional ou romântica. As pessoas demissexuais não sentem atração sexual inicial por alguém, mas podem desenvolver essa atração após conhecer e se conectar emocionalmente com a pessoa. É muitas vezes considerada uma subcategoria da assexualidade.

Lívia: Alosexual é o contrário d assexual, ou seja, quem tá dentro da sexonormatividade: se tá tudo bem, sexo é uma consequência normal

no relacionamento.

Assexual pode ser estrito, q nunca sente interesse em sexo, ou dentro do espectro cinza, podendo ser demissexul, q é só ter interesse sexual com quem tem algum vínculo afetivo, ou grey, q são pessoas q raramente sentem vontade sexual ou só em circunstâncias específicas.

A flexibilidade e diversidade nas relações poliamorosas podem proporcionar um ambiente onde um demissexual pode desenvolver várias conexões emocionais profundas, cada uma potencialmente levando a uma relação sexual se essa conexão se tornar forte o suficiente. Ambos os conceitos valorizam conexões profundas e consentimento, criando um ambiente onde demissexuais podem prosperar em suas múltiplas relações emocionais e, eventualmente, sexuais.

6.2 HIERARQUIAS, PRIORIDADES E RELAÇÕES PRIMÁRIAS

Outra característica marcante dos discursos poliamoristas são os questionamentos acerca da hierarquia nas relações, este tema gera muitos embates e discordâncias. No contexto do poliamor, a hierarquia de relacionamentos pode variar bastante dependendo das preferências, acordos e estruturas de cada grupo ou indivíduo. A hierarquia de relacionamentos pode ser explicitamente estabelecida ou rejeitada, dependendo da filosofia e das necessidades emocionais dos envolvidos. No poliamor hierárquico, há uma clara distinção entre diferentes relacionamentos, com algumas parcerias sendo priorizadas sobre outras.

Wal: Refletindo aqui, essa questão da "hierarquia ou não hierarquia", poderíamos trocar por prioridade?

Pq em muitos momentos de nossas vida temos que priorizar certas coisas, pra dar a devida atenção necessária pra aquilo que queremos que cresça, fortaleça, enfim...

As definições de uma relação hierárquica também variam, e há quem pondere sobre a inevitabilidade deste elemento nas relações. Embora a hierarquia seja algo controverso na filosofia do poliamor é comum os discursos apresentarem certa dificuldade em lidar com a ausência de um modelo minimamente hierárquico. Assim surgem argumentos que defendem a possibilidade de eleger algumas relações mais importantes ou mais próximas do que outras. Para tanto os poliamoristas mobilizam o conceito de “frequência afetiva” e aqui observa-se um tom de ponderação sobre as relações hierárquicas:

Geórgia: Por ter aberto a relação há apenas 5 meses, não tenho muita experiência. Porém, meu namorado se envolveu com uma mulher que criou expectativas em relação ao tempo disponível para ela. Querendo ou não, nossa vida é corrida, ele trabalha e estuda, ou seja, um caos né hahaha ele chegou a explicar pra ela a situação mas ela levou isso mais

para o lado dela ser “secundária” na vida dele. Estamos em uma relação há 11 anos e acho natural que ele queira passar mais o tempo que ele tem disponível comigo e ela ficou chateada.

Clóvis: Aqui em casa temos alguns limites. A casa é dela, mas também é minha. Nosso acordo é não trazer afetos pra nossa casa, até porque, temos uma filha de 7 anos e seria mais uma pessoa pro convívio dela.

Existe, de certa forma, uma pressão sobre como as relações devem ser em relação a hierarquias, expressas nas falas acima como julgamento em relação aqueles que ainda estão amparados por uma visão hierárquica para organizar suas relações NM. A justificativa se baseia no fato de que, embora hierarquias possam causar sentimentos de exclusão ou ciúmes se não forem geridas com cuidado e comunicação adequada. Mas também podem fornecer clareza sobre expectativas e responsabilidades, ajudando a evitar conflitos, pois permite que os indivíduos criem relacionamentos que atendam às suas necessidades emocionais e práticas. Ainda que manter múltiplos relacionamentos com diferentes níveis de compromisso possa ser emocionalmente e logisticamente complexo.

Bento: E hierarquização. Um casal principal que pode ter namoradas fora. Relacionamento afetivo, mas com menos prioridade que o casamento.

Pode dar certo, mas a chance de dar problema é bem grande...

Mariah: Como solteira, se eu entro em uma relação já formada, eu faço questão de saber, quais os acordos entre as partes.

Estou chegando em um terreno que já tem sua estrutura firmada, chego pra agregar, e respeito a hierarquia

Lívia: Eu queria entender pq é problemático se são todos adultos consentindo pra cada configuração de relacionamento

Acho problemático quando se engana as pessoas

Acho bem normal se eu morar com uma das minhas parcerias e namorar outra, eu dar prioridade pra quem eu divido minha casa e sou casada. Mais ainda compreensível dessa diferença de hierarquia com parcerias só de sexo casual ou amizades coloridas. Sou a favor das pessoas terem liberdade de escolherem a configuração de seus relacionamentos sem julgamento alheio. Se é pra julgar, pra q formarmos comunidades de não monogamia ética/consensual?

A hierarquia de relacionamentos no poliamor pode variar desde uma estrutura bem definida até uma abordagem completamente igualitária. No geral os elementos imprescindíveis em qualquer configuração é a comunicação aberta, o consentimento mútuo e a flexibilidade para ajustar as dinâmicas conforme necessário. Compreender e respeitar as necessidades e limites de todos os parceiros envolvidos é essencial para manter relacionamentos NM satisfatórios. As necessidades e desejos podem mudar ao longo do tempo, por isso é importante que os relacionamentos poliamorosos tenham espaço para adaptação e renegociação das

hierarquias conforme necessário.

Liz: Por exemplo tem um cara que eu fico que ele nunca ta disponivel, ai tem la meu parceiro que ta sempre ali pra mim. Ai tem um final de semana que os dois estariam disponiveis, se eu preferir estar com alguem no caso, pra mim é natural estar com alguem onde a reciprocidade é maior
 É que eu ja me vi tentando manejar as relações de forma igual mas elas nao me tratam igual sabe
 Eu vou de certa forma priorizar quem me trata melhor

No entanto, muitas vezes, a definição de hierarquia é apresentada como uma relação que é considerada superior e possui poderes sobre as outras. No contexto dos relacionamentos, isso significa que uma relação principal (por exemplo, com um parceiro ou parceira com quem se é casado) é vista como a única realmente válida, enquanto as outras relações são subordinadas a ela. Porém argumenta-se por outro lado que ter diferentes arranjos e interesses nas relações não implica necessariamente em hierarquia. Por exemplo, uma pessoa pode estar casada e ter filhos com um parceiro, mas também ter outras relações afetivas que não seguem o mesmo caminho (como morar junto ou constituir uma vida comum). Essas outras relações não são menores ou inferiores, apenas diferentes. Neste sentido é comum encontrar argumentos que desafiam a ideia de que relações diferentes em termos de compromissos e dinâmicas precisam ser hierarquizadas. A diversidade nas formas de relacionamento pode coexistir de maneira saudável e sem subordinação de uma relação a outra.

Lian: Há hierarquia quando uma relação é realmente superior e possui poderes sobre as demais. É como se a nossa relação com o nosso parceiro principal fosse a única de fato válida e as outras relações estariam a ela subordinadas, entende? É como se as outras relações servissem à relação principal. Alguns arranjos nas relações e interesses nas relações podem ser diferentes e isso não implica em hierarquização, por exemplo, a gente pode ter a nossa relação com a pessoa que a gente é casado, mora junto, tem filhos, etc., e ter outras relações afetivas com outras pessoas que não querem seguir na mesma "escada rolante" dessa relação principal, e isso não quer dizer que uma vale mais que a outra o está subordinada a outra, são apenas diferentes. O fato de nem todos quererem morar juntos, ter filhos, constituir vida comum e fazer a "fusão" não quer dizer que é menor ou inferior ou está sujeita aos "caprichos" daquela relação principal. Dá pra entender?

O que se observa neste grupo é uma flexibilização do conceito de hierarquia, argumenta-se que existe uma idealização na não monogamia de que se deve direcionar afeto igualmente para todas as pessoas. Mas o que parece ser mais aceito é a ideia de que, embora todas as pessoas devam ser tratadas com respeito, há uma diferença natural na maneira como trata-se aqueles que são recíprocos e mais presentes. Pessoas que compartilham mais momentos significativos e constroem uma relação sólida tendem a receber mais atenção e cuidado. Segundo eles é irreal

e artificial tentar manter um nível igual de afeto por todas as pessoas, mesmo em contextos de não monogamia. Em vez disso, acredita-se que seja mais adequado que os laços afetivos e o cuidado variem de acordo com a profundidade e a reciprocidade das relações.

Liz: Eu acho maior idealização na NM que temos afeto igual por todo mundo, não acredito.

São diferentes, agora dizer que não vamos tratar pessoas que são recíprocas, que estão mais conosco com mais atenção e cuidado, baita mentira .

Só se a pessoa não tiver nas noções normais, conheci uma pessoa ontem, vou tratar com respeito, mas a que está comigo nas horas mais difíceis construindo uma relação e espaço, vai ter um olhar e laços afetivos diferentes .

Penha: Me somo a vc Liz em isso não idealizar a NM nos sentimentos e tratos. Se nós todes somos diferentes então não tem como tentar impor padrões (de sentimentos nem de atitudes que não respondam à nosso caráter). Eu me pergunto, se eu sinto amorosidade por todas as pessoas, que é uma amorosidade indiferenciada, isso pode me abrir a expressar ela em forma de afeto indiferenciados também. Isso pode confundir as pessoas entendendo que eu tenho um afeto e atitude especial por elas?

Então aí entendi a Liz quando fala de ter claro valores e critérios para tratar as pessoas segundo as características pessoais delas e deixar claro sentimentos e atitudes diferenciados para com elas.

Estas falas desafiam a ideia de uma igualdade rígida e propõe uma abordagem mais realista e honesta, onde o tratamento diferenciado é baseado na reciprocidade e na profundidade da conexão. Isso reflete uma compreensão mais pragmática e humanizada das relações afetivas, onde o respeito é constante, mas o afeto e o cuidado variam conforme a natureza e a história das relações.

As definições entre primárias e secundárias entre as parcerias se referem ao nível dentro de uma possível hierarquia. As relações primárias são frequentemente consideradas a base emocional dos indivíduos. Eles fornecem o suporte emocional e os laços de confiança que são fundamentais para o bem-estar pessoal. As relações secundárias, por sua vez, são vistas como a estrutura funcional, essenciais para a realização de papéis e cooperações específicas.

Os relacionamentos primários são relacionamentos que recebem maior prioridade e podem envolver coabitação, finanças conjuntas e decisões de vida compartilhadas. Os parceiros primários frequentemente têm a palavra final em decisões importantes e são considerados os principais relacionamentos na vida dos indivíduos. Exemplos incluem maridos, esposas ou parceiros de longa data. Os relacionamentos secundários são importantes, mas não têm o mesmo nível de prioridade que as relações primárias. Elas podem ser mais flexíveis em termos de tempo e compromisso. Como por exemplos parceiros que não compartilham a mesma residência, finanças ou criação dos filhos.

Diego: Poli hierárquico é quando existe um sistema de classificação entre relações afetivas-sexuais. No topo está o relacionamento primário de uma pessoa. As relações primárias geralmente convivem e compartilham recursos, tomam decisões em conjunto e passam a maior parte do tempo juntas.

Os secundários são como soam, são os relacionamentos secundários. Um parceiro secundário terá menos tempo e recursos e, frequentemente, terá menos voz no que parece com o relacionamento deles com alguém.

Às vezes, uma relação primária mantém o direito ao poder de veto, o que significa que ela pode exigir que seu parceiro principal termine um relacionamento secundário.

O poder ao “veto” narrado por um dos participantes do grupo apresenta a principal problemática nas configurações hierárquicas em uma relação NM. Isto porque este poder se sobreporia aos desejos dos outros parceiros, ferindo de alguma forma a liberdade dos indivíduos, sobretudo ao que se refere a existência de um casal central. A liberdade pessoal envolve a capacidade de tomar decisões independentes, seguir interesses individuais e manter uma identidade própria. Quando se está em um relacionamento conjugal, essas liberdades podem ser restringidas pelas necessidades e expectativas do parceiro. Assim, se insere aqueles discursos contrários a hierarquização, mesmo em contextos de casamento ou longos relacionamentos.

Sandra: Pra mim essa descentralização do casal é fundamental para de fato viver a NM. Se não, sempre teremos relacionamentos primários e secundários.

Neste contexto, descentralizar o casal significa não atribuir status especial a uma única relação em detrimento das outras. No contexto tradicional, um casal muitas vezes é visto como a unidade central ou principal, enquanto outras relações podem ser vistas como adicionais ou secundárias.

Não havendo essa descentralização, haverá uma tendência de classificar os relacionamentos em primários (mais importantes) e secundários (menos importantes). Essa hierarquia pode criar desequilíbrios e ressentimentos, contradizendo os princípios da não monogamia igualitária. A questão da hierarquia, em relação ao incomodo provocado em algumas situações está mais ligada a presença de um casal central do que exatamente a prioridade dada nas diferentes configurações. Pois esta centralização do casal impede que todas as relações sejam vistas como igualmente valiosas, promovendo uma abordagem menos equilibrada e inclusiva nas dinâmicas afetivas.

Neste contexto, dúvidas são lançadas sobre a prerrogativa da não hierarquização das relações NM. A participante transcrita abaixo afirma que, ao estudar a NM, percebe que o que está vivendo provavelmente não se encaixaria no que é geralmente considerado como tal. Isso

sugere que há elementos de hierarquia que são incompatíveis com os princípios que ela entende serem fundamentais para a NM.

Brígida: Tenho muita dúvida porque conheço a Não Monogamia através de um afeto que tem uma relação “casamento mesmo” e é visível que existe a hierarquia. Venho estudando e o que ele vive não se enquadra na NM

Liz: NM, todos falam a não hierarquia não é pra todos, para alguns não rola.

Aqui no Brasil tomou essa proporção de um critério, para ser não mono
Pra quem ainda tá entendendo seu lugar é bem opressor

Para algumas correntes da NM, sobretudo aquelas mais próximas da anarquia relacional, a ausência de hierarquia tomou a proporção de um critério rígido, vista como essencial para que uma relação seja considerada não monogâmica. Entretanto, para diversas pessoas, a pressão para aderir a um modelo específico pode ser difícil e constrangedora. Liz então fornece uma visão mais abrangente, afirmando que a ausência de hierarquia na não monogamia não é universalmente aplicável. Ela destaca que, no Brasil, a não monogamia sem hierarquia é frequentemente vista como o modelo ideal, mas essa expectativa pode dificultar a entrada daqueles que estão tentando encontrar seu caminho e lugar dentro da NM.

Sandra: A primeira vez q escutei sobre relações anárquicas a pessoa descreveu como falta de responsabilidade afetiva, então eu tinha um pé muito atrás. Depois q li a respeito e vi q era quebra d padrões em todos os relacionamentos, não só amorosos, aí fez mais sentido pra mim, mas não consigo viver essa falta d hierarquia. Eu não imponho hierarquia, mas ela acontece organicamente e é dinâmica, mutável

De qualquer forma, a meta de uma relação na qual não haja um casal nuclear ou membros mais importantes é almejada sempre que se consegue constituir uma rede mais duradoura. A possibilidade de estabelecer múltiplos vínculos também passa pelo fato de que essas relações possam ser especiais e singulares independente das demais (Silvério, 2018, p. 74). Estes não acreditam que seja bom atribuir a um único indivíduo uma posição diferenciada dos outros (Pilão, 2013, p.513). E buscam rejeitar as polarizações: superior e inferior; mais relevante e menos relevante; principal e secundário; escolhido e descartado. (Pilão, 2015, p. 416). Em narrativas mais críticas, as posições hierárquicas são ditas submissões.

Sandra: Aí é que está, talvez minha compreensão pouca sobre isso, o que eu entendo de anarquia relacional se resume aos artigos que li da Sororidade não mono e outros sites da internet. Na minha compreensão a hierarquia não se dá pelo sentimento, ela ocorre quando existe uma submissão a outra pessoa independentemente se essa submissão ocorra por causa de sentimentos, ou por um hábito social, ou necessidade financeira etc. Por exemplo: eu saia com um casal (nem gosto de usar

esse termo porque eu não me considerava saindo com um casal, isso parece que existe um núcleo e estou me inserindo nele) chegou um momento que não quis mais ficar com ele, do fiquei com ela. Ele começou a não gostar da ideia e começou a proibir ela de sair comigo. Bem, nesse caso ela poderia seder porque gosta mais dele que de mim, porque tem dependência financeira, porque tem um status social consolidado que quer manter. De toda forma, seja por quaisquer dessas vias existe uma relação de dominação. Eu acredito que não haver hierarquia não significa gostar igual de todos mas que nenhum interfira na sua decisão pessoal de se relacionar com outros. Se essa pessoa chegasse para mim e falasse: -não vou sair mais com você porque eu não quero. Eu a consideraria uma anarquista relacional, mas no caso ela falou para mim: -não vou mais sair com você porque meu companheiro não quer. Se existe alguém que tem o poder de controlar a vida de alguém não existe espaço para 2 governarem essa pessoa, haverá hierarquia, aquele que governa será sempre superior. O autogoverno impede que haja hierarquia.

Théo: Hierarquia a meu ver é quando independente da situação alguém SMP estará centralizado na sua vida, independente do que ocorra. Agora priorizar de acordo com as demandas não se trata de hierarquia.

Alguns participantes são irredutíveis sobre sua crítica aos formatos hierárquicos e associam a NM e ausência de hierarquia necessariamente. No poliamor não-hierárquico, todas as relações são consideradas de igual importância e não há uma classificação explícita de prioridade entre elas. Este modelo enfatiza a igualdade e o equilíbrio entre todas as parcerias. Todos os parceiros devem ser tratados de forma equitativa, sem que um relacionamento tenha mais importância ou autoridade sobre os outros. As decisões importantes são tomadas com a consideração de todos os parceiros envolvidos, buscando um consenso ou compromisso.

Mércia: Gente da Terra e do Céu. Eu não tô entendendo mais nada. Parece que estão todos lutando contra seus sentimentos monogâmicos e não se entregando a NM de fato. Eu confesso que estou sem saúde física e sem tempo de cair de corpo e alma na NM. Mas tem muita monogamia nos sentimentos aqui em casais centrais. Lá vou eu de novo demonizar a centralidade acreditando que essa hierarquia fere os demais afetos. Eu tenho um parceiro de vida, Pai dos meus Filhos, Vovô da minha neta, uma relação de 33 anos e se eu estiver a fim e qualquer afeto meu me chamar pra sair, eu vou. Definitivamente, pra mim, o tempo e tudo mais que construímos juntos está sendo desconstruído, com desconfortos? Sim! Mas se tiver hierarquia nessa baseada na relação central, me desculpem, mas não consigo entender isso como relação NM

Vanessa: A responsabilidade afetiva é maior com a parceria central que com as outras? Isso eu não acho legal. Sou a que teve que desaparecer porque a parceria central não estava tão bem com a nossa conexão quanto achava que estava

Nesta perspectiva a contradição entre liberdade e conjugalidade contribui para que

muitos pesquisados a fim de descreverem a forma como vivem ou como desejam viver se remetam à amizade como modelo ideal de relacionamento, fazendo com que gravitem entre os modelos tradicionais de conjugalidade e a amizade. Do namoro e do casamento, por exemplo, se apropriariam do sexo e do amor, renegando, por sua vez, o sentimento de posse e os ciúmes. Da amizade, valorizariam a espontaneidade, a liberdade e a possibilidade de ilimitados vínculos (Pilão, 2015, p.).

Mércia: Eu tava falando outro dia com uma amiga minha, tem casais mono q parece q o "namoro" ou "casamento" gira em outra esfera diferente da amizade, eh como se fosse uma outra parada q nao se mistura em nada

A contradição entre liberdade e conjugalidade surge do aparente conflito entre o desejo de autonomia individual e as expectativas de compromisso e exclusividade típicas das relações conjugais. Esse conflito pode ser entendido em várias dimensões, incluindo a pessoal, a social e a cultural. As relações conjugais geralmente envolvem alto grau de compromisso, o que inclui compartilhar tempo, recursos e responsabilidades diversas.

A liberdade inclui a possibilidade de explorar novas experiências, relacionamentos e oportunidades. Para alguns, a necessidade de explorar diferentes aspectos da vida, incluindo a vida sexual e romântica, pode entrar em conflito com os papéis esperados em uma relação conjugal. Essas expectativas podem pressionar os indivíduos a conformarem-se a modelos de relacionamento que não atendem plenamente às suas necessidades de liberdade.

Júnia: O que me incomoda na monogamia é que algumas pessoas querem que vc não tenha um tempo sozinho, acaba criando uma situação que vc fica só vivendo o casal e os amigos de lado (principalmente no caso de nós mulheres), questão de querer casar que não quero, morar junto tbm não me interessa, homens querendo forçar um "sonho de maternidade" em vc, etc etc
E recentemente a questão familiar que me afeta e gostaria de construir laços para além dos que possuo agr!
Acaba a liberdade, a autonomia, o mistério, a saudade.. mais um monte de coisa boa que se tem qdo há uma certa distância.

Relações conjugais frequentemente envolvem responsabilidades compartilhadas, como criação de filhos, administração financeira conjunta e cuidados mútuos. No contexto conjugal, a liberdade pode ser restringida pela necessidade de coordenar e negociar com o parceiro.

Em muitos casos, a identidade de um indivíduo pode se tornar fortemente associada à identidade do casal, levando à perda de uma identidade individual distinta. A conjugalidade pode promover uma fusão de identidades que, embora fortalecedora em alguns aspectos, pode ser limitante em outros.

Tânia: Aqui com meu parceiro principal a gente combinou desde o início do relacionamento que cada um tem sua vida e seu espaço individual e que se algo estiver faltando, vamos conversar. E sempre que houvesse ciúmes, conversar. Isso foi fundamental pra gente conseguir, anos depois abrir a relação e hj viver poliamorosamente. Não dá pra se relacionar sem confiar e sem conversar.

O poliamor se apresenta em contraposição aos mecanismos do amor romântico, por buscar desconstruir a contradição entre individualidade e conjugalidade, pois dizem que é possível ter relações conjugais sem perder a independência e autonomia e não há uma unidade com o outro, sem negar o vínculo amoroso. Em vez disso, o poliamor se forma pela “defesa de ligações íntimas e profundas”, mas que sejam realizadas sem que a autonomia seja perdida (Pilão, 2015, p. 410).

Flávia: Quando as pessoas estão juntas elas começam a agir como se fossem uma, nossa pizza favorita, nosso filme, nossa música. Não é errado ter coisas em comum, mas quando isso começa a ser para tudo, começa-se a perder a individualidade. Você entra em um relacionamento, seja com quantas pessoas forem, para viver COM a pessoa (s), e não para ou como ele(s)

Mirtes: A simbiose que a monogâmia trás, é além de tóxica trás muita coisa como " comparações" que as pessoas em pares não percebem

No entanto, as observações de Joice e Heitor refletem a tensão entre idealizações de amor romântico e a realidade dos relacionamentos. Enquanto o amor verdadeiro pode trazer muita felicidade e apoio, é importante reconhecer que todos os relacionamentos exigem esforço e compreensão mútua.

Heitor: Claro se há amor verdadeiro tudo é válido tudo fica leve os problemas se tornam zero.

6.3 O QUE É SER POLIAMORISTA

De modo geral as pessoas poliamoristas são tidas como liberais, com “cabeça aberta” para mudanças socioculturais e preocupadas com a justiça social e com inclinação a propostas políticas mais progressistas. Além disso, há uma intensa interseção com outras comunidades minoritárias como LGBTQIAPN+, feministas, coletivos negros, entre outros. Todos esses grupos influenciam sobre o que pensar em relação ao poliamor, sobretudo no que se refere ao discurso político que crítica a monogamia como uma estrutura do regime patriarcal a princípio e, mais tarde capitalista e cristão.

Breno: os estudos sociológicos apontam mais para o início da agricultura. Ou seja, antes do ser humano começar a cultivar, as comunidades eram nômades e buscavam se estabelecer com base na

caça. Homens e mulheres caçavam juntos. Os filhos eram criados e educados pela comunidade, sabendo apenas quem eram as mães, mas não os pais.

Quando descobrimos a agricultura e sabíamos que podíamos nos "assentar" em um local veio a ideia da herança pelas terras conquistadas. Mais terras, mais agricultura, maior poder. Dessa forma o homem começou a "fechar" a mulher em casa (sim, foi o início do patriarcado tb), afinal, ele queria garantir que o que conquistou ele deixaria para os próprios filhos e não para o filho dos outros. Veio então os contratos familiares, a monogamia e a retirada do direito das mulheres de ir e vir. Foi também o fim das comunidades e o início da ascensão da ideia de poder.

A transição da monogamia para o poliamor não possui rituais precisos e não implica no completo abandono da identidade monogâmica. Permanece, portanto, uma espécie de resquício a ser constantemente enfrentado, especialmente quando relacionado aos ciúmes. O poliamor representa mais um ideal do que uma identidade nesse sentido, ou ainda, uma identidade a ser alcançada. Os desafios nos relacionamentos poliamoristas são frequentemente atribuídos à persistência de comportamentos e sentimentos "monogâmicos" (Pilão, 2012, p. 41). As críticas vão desde uma arqueologia da origem da monogamia e justificativas políticas que pesam mais a questões estruturais que infligem opressões de gênero, até aos males cotidianos que julgam limitantes sobre as relações e os indivíduos.

Ainda assim, o poliamor busca maior liberdade em comparação à monogamia, uma vez que estabelecer um relacionamento não impede outros relacionamentos e recusa o ciúme e a possessividade como forma de demonstrar cuidado e amor. A monogamia é considerada limitante devido à restrição a uma única relação legítima de cada vez, e o poliamor é visto como a libertação desse modelo de relacionamento. Além disso, o poliamor também é considerado mais igualitário do que a monogamia, na medida em que os poliamoristas a percebem machista. O poliamor é visto como uma forma de combater o machismo, permitindo que tanto homens quanto mulheres tenham mais de um amor ao mesmo tempo.

Por isso, um dos pontos iniciais da jornada poliamorista é a crítica à mononormatividade. No universo do poliamor, há muitos discursos que criticam a monogamia, mas existe uma divergência fundamental entre os seus defensores. Para uns, a crítica se dirige à compulsoriedade da monogamia. Para outros, a monogamia está no terreno das escolhas sencientes e conscientes e por isso não poderia exercer uma força coercitiva sobre os indivíduos que escolhem o aquilo que mais os atenderia em termos relacionais.

Lívia: Todos nós temos dificuldades pq vivemos numa sociedade em q monogamia é a normativa

Pedro: A monogamia nao eh uma prisao, mas eh um sistema institucional quase compusorio, vigiado pelos seus parentes, seus

amigos, seu chefe, etc, e até há pouco pela polícia (costumava ser crime trair). Até hoje a monogamia é esperada de todos, pela imensa maioria das pessoas. Você pode se rebelar contra essa tentativa de coerção social, como muitos nesse grupo aqui fazem, inclusive eu e minha esposa. Mas hoje isso ainda pode ter consequências negativas e ser passível de preconceito com os amigos, com a família, com o emprego, com vários grupos sociais e profissionais. Firmar posição pro não-monogamia hoje ainda é um ato político corajoso, passível de retaliação sutil por parte de muitos conservadores, pessoas que estão por toda parte.

Eu vejo a situação sendo muito parecido como era com homossexuais há 50 anos ou casais interracializados há 100 anos. Espero que daqui a algumas décadas relações não-monogâmicas sejam vistas pela maioria como uma escolha possível e tão decente como a monogamia.

Diego: A monogamia é opcional e praticada por seres sencientes e conscientes.

Monogamia só é prisão para quem a vê assim, até porque muitas pessoas preferem a monogamia, e não há nada errado nisso. Afirmar que o poliamor é mais livre ou "evoluído" é ser leviano. Cada pessoa se identifica com o que melhor lhe atende e podem tanto entrar quanto sair. Monogamia não é nem nunca foi prisão. Ela pode ser restritiva em muitos pontos mas o Poly e qualquer outro modelo também é.

Lívia: Gente, fiquei de fora do debate e não li quase nada, mas o lance é: se queremos ser aceitos como não monos na sociedade, temos que respeitar quem escolhe ser mono

Podemos fazer questionamentos a essas pessoas para elas refletirem se querem isso mesmo conscientemente ou se só estão reproduzindo um padrão imposto sócio-culturalmente.

O debate apresenta diferentes perspectivas sobre a monogamia e a não monogamia, destacando como essas relações são vistas e tratadas na sociedade contemporânea. Os participantes discutem as normas sociais, a liberdade de escolha e os desafios enfrentados por quem opta por uma estrutura não monogâmica. Embora haja um reconhecimento geral da pressão social para seguir a monogamia, há também um consenso sobre a importância de respeitar as escolhas individuais, sejam elas monogâmicas ou não monogâmicas.

Ser poliamoroso ou poliamorosa significa assumir uma identidade relacional ou vivenciar um arranjo afetivo subversivo porque amar várias pessoas em público desafia abertamente o modo hegemônico de amar e se relacionar (monogamia), podendo afetar significativamente o modo mais comum de viver a sexualidade (heterossexualidade) e arriscando-se a gerar mais instabilidade na forma hegemônica de vivenciar o gênero (cisgeneridade). Portanto, o poliamor possui também uma dimensão de posicionamento político. (Silva, 2021, p. 97)

Breno: Tem um outro lado também... A monogamia passou a ser a forma normativa de se relacionar não sem querer, mas porque quem sempre mandou no mundo foram as mesmas pessoas (homens, brancos, ricos, cis, hétero) então aos poucos os formatos de se relacionar que não beneficiavam eles foram sendo deixados de lado

A monogamia e o amor romântico é um resultado direto do patriarcado. Então parte de ser não mono é também questionar "calma, isso foi imposto em mim, será que faz sentido?" Vejo na NM oportunidade de poder ser eu, descobrir cada vez mais de mim e as pessoas ao meu redor serem quem são tb.

Tem sido libertador e cada vez mais fluido.

É mencionada a percepção de que as estruturas patriarcais e cristãs historicamente influenciaram e continuam a influenciar as percepções de culpa e submissão, especialmente em mulheres e outras pessoas com vagina. Diante disso, uma série de dificuldades estão impostas com essas influências, por isso uma abordagem gradual e respeitosa de autoconhecimento e mudança, respeitando o processo de desconstrução dessas influências culturais profundas. Defendem a necessidade de se organizar em grupos para lutar por uma identidade poliamorista e estão mais próximos de discursos feministas e socialistas, já que situam a monogamia em um regime patriarcal e capitalista.

Liz: Estamos impregnadas de patriarcado e cristianismo. Nada contra quem curte Cristo, mas as religiões Cristãs, querendo ou não vem com toda uma carga do patriarcado, da branquitude europeia, da escravidão. Pega muito para pessoas com vagina sentirem esse lugar de culpa e submissão, em minha visão.

Tenho várias travas tb.

Geórgia: Mas vamos um pouquinho de cada vez. A coisa pra mim, é me dispor a viver e ver como me sinto, observar meus limites, respeitar eles e o das outras pessoas.

A princípio uma pessoa não precisa estar envolvida com outras para que seja considerada adepta do poliamor. Algumas pessoas que se dizem poliamoristas nunca se quer viveram uma relação com mais pessoas. Assim, não são as experiências que determinam o reconhecimento como adepto do poli amor, mas a identificação com a possibilidade e desejo de manter mais de uma relação ao mesmo tempo, seguindo aquelas premissas básicas como honestidade, consensualidade, igualdade e responsabilidade afetiva.

Portanto, considerar-se ou ser considerado um poliamorista não está necessariamente vinculado à quantidade de pessoas com quem a pessoa está ou já se relacionou ao mesmo tempo, de modo que, não viver uma relação poliamorosa ou nunca ter vivido, não tira da pessoa a identidade NM. Algumas pessoas relatam que nunca se encaixaram no modelo mononormativo e por algum tempo lidaram com a ideia de inadequação, o que muitas vezes era vivido na forma de traição. Assim, desafiar uma estrutura mononormativa e seus liames se configura como uma importante e imprescindível característica de pessoas poliamorosas.

Mary: Força pá nós tude!

Se desconstruir não é mole e é pra sempre.

Quem não quer trabalho continua vivendo os padrões e ok.

Questão de escolha e do que cabe a cada pessoa, né!?

Poliamor é sem dúvidas muito complexo, mas extremamente gratificante para todos os envolvidos, quando todos estão na mesma página e sabem que as regras da monogamia não se aplicam nas relações. Esse pra mim é o maior desafio do poliamor, romper com a matriz e pensamento monogâmico.

Para Pilão (2012) existe a percepção de inadequação pessoal a monogamia, basicamente fundamentada sobre interesses por mais de uma pessoa ao mesmo tempo. Para aqueles, cuja percepção de inadequação vem acompanhada pela crença de que não se deve reprimir os desejos e nem trair, sendo, portanto, mobilizados valores de liberdade e sinceridade, considerados contrários à monogamia (Pilão, 2012, p. 28). Ainda segundo Pilão a ênfase dos poliamoristas está na busca por legitimar a própria liberdade de amar, o que é reforçado pelo pequeno número de poliamoristas que efetivamente vivem uma relação poliamorosa (Pilão, 2012, p. 113).

Diego: Acho que se resume entre balancear o "deixar o outro ser ele mesmo" e o "certas atitudes que esperamos". Acho que as melhores ferramentas para encontrar o equilíbrio são "autoconhecimento" e "resolução de conflitos/acordos". Independência (inclusa emocional) ajuda a baixar as expectativas. Buscar alguém "compatível" ajuda a ter menos pontos a se trabalhar. Não monogamia/círculo social ajuda a dividir a sua demanda entre os afetos/amigos. Rsr (Opinião ainda em formação kk).

Tal individualidade preservada no campo de pesquisa de Pilão se evidencia nos grupos analisados aqui na forma de autoconhecimento.

Diego: Se vc gosta de mergulhar no autoconhecimento, super recomendo.. é espelho por toda parte, dar de encontro com as suas sombras e não ter como não desviar o olhar mais. Indico pra quem tá aberto e com disponibilidade pra isso

Liz: Dando certo ou não já estou encarando como exercício de autoconhecimento.

Muito bom ouvir o relato de todos e sentir que não estamos "erradas" de seguir esse caminho de tanta desconstrução, mas que tbm é de muito amor, cura e autoconhecimento.

Vejo na NM oportunidade de poder ser eu, descobrir cada vez mais de mim e as pessoas ao meu redor serem quem são tb.

Tem sido libertador e cada vez mais fluido.

É um lugar de reeducar-se mesmo.

A característica interessante que trata de uma aparente inquietação ou não-conformidade com a monogamia vem acompanhada de apontamentos sobre as dificuldades de se viver a não monogamia.

Diego: Poliamor é uma loucura, recomendo apenas a quem tem vocação

Nao monogamia recomendo a todos

Rola solta! O povo acha que é simples, que é só putaria, que não há

amor... Coitados... Não fazem ideia de quanto estudo, autoconhecimento, conversas e mais conversas são necessárias pra chegar no mínimo. Não é nada simples, não é nada superficial. As vezes é exaustivo.

Saulo: Exatamente! As pessoas (e a gente também) se ilude! Vivemos num sistema monogâmico, baseado na ideia do amor romântico, e não dá pra viver o poliamor com a matriz da monogamia, temos que pensar e viver fora da caixa todo dia, pq senão não funciona. Posso dar exemplos práticos disso.

A ideia de que é necessário um nível especial de maturidade para viver a NM pode ser uma forma de justificar a escolha pela monogamia ou de reconhecer as complexidades que a NM pode trazer.

Sandro: Eu tb nunca vivi uma relacao poliafetiva. Mas assim como vc tenho uma natureza não monogâmica, sempre pensei ser pode amar e manter relações com mais de uma pessoa...

Liz: Meus amigos mono sempre comentam: eu nao teria essa maturidade. Eu respondo: que maturidade? To aqui so o pau da placa. Hahaha é mais uma escolha que uma capacidade

Penha: Essa frase é constante mesmo. Eu sempre respondo que ninguém tem a maturidade pra viver a NM é mais sobre o autoconhecimento também, né?

A não monogamia é vista como uma escolha informada pelo autoconhecimento, e não apenas uma questão de possuir uma maturidade especial. Reconhecer as complexidades e desafios dessa escolha é parte do processo de viver autenticamente de acordo com sua natureza e valores pessoais.

Para outros, estes mais afastados da ideia política de NM, dizem que se “descobriram” poliamoristas ou que “sempre foram poliamoristas”, aproximando o poliamor de uma característica individual, e não de uma forma de se relacionar. Isto é, como uma “condição” inerente e “natural” para alguns:

Josias: Monogamia pra mim tem a ver com qualquer tipo de exclusividade. E isso por si só não é o nosso natural.

Felipe: Desde o período em q estive casado me questioneei o fato de não conseguir ficar apenas com uma pessoa. O q me levou influenciou ao divorciar e após isso passar a buscar informações sobre a minha condição. E ao mesmo tempo não mais mentir... sobre o fato de não conseguir ficar apenas com uma pessoa.

As falas sugerem que a NM pode estar mais alinhada com a natureza humana. E que o conhecimento sobre outros formatos de relacionamento ajuda na busca pela honestidade consigo mesmo e com os outros sobre a incapacidade de algumas pessoas de manterem a exclusividade.

Laura: Tb n consigo me manter fixa com uma pessoa. Parece q tenho essa necessidade em ter junto outra pessoa.

Lira: Me descobri a alguns meses e está sendo muito complicado.

Mérida: Quando me sentia presa e limitada descobri que estava me relacionando de uma forma que me fazia mal.. mas desde adolescente sempre foi natural gostar de várias pessoas e querer estar com várias pessoas.. nunca foi uma necessidade a exclusividade

As informantes relatam como não conseguem se fixar com uma única pessoa e sentem a necessidade de estar com outras pessoas. Suas experiências destacam a necessidade pessoal e emocional de múltiplos relacionamentos. Esse reconhecimento, dizem ter quebrado o paradigma da exclusividade e mudou sua forma de ver e viver os relacionamentos.

Joice: Descobri quando ao observar e refletir sobre as práticas dos casais próximos a mim, não faziam sentido e, até mesmo me causavam incômodo.

Eu percebi que o que eles viviam, a forma que se tratavam, se relacionavam, era algo que eu não queria pra mim.

Estava ciente de que se fosse pra viver da forma que eles viviam, então eu preferia estar "sozinha".

Foi então que, conheci um ser iluminado (kkk...) Que em conversas a respeito de formas de se relacionar, acendeu uma luzinha pra que eu estudasse sobre NM. O que fez eu me identificar com o movimento.

Úrsula: Para mim, quando eu que fui muito claramente exclusivista no afeto amoroso e no relacionamento descobri pela força dos fatos que eu era capaz de gostar, desejar e de amar com qualidade a mais de uma pessoa, nesse momento quebrou o paradigma da exclusividade e me reconheci Não Monogâmico. Isso mudou toda minha forma de ver e de viver os relacionamentos.

Os relatos compartilham como a transição para a NM foi influenciada por uma sensação de aprisionamento na monogamia e um desejo por maior autenticidade e conexão com múltiplos parceiros. A descoberta da NM é frequentemente descrita como libertadora, permitindo uma reavaliação e transformação dos relacionamentos e das normas sociais.

Pilão (2012, p. 67) encontra, em seus trabalhos, baseado nas dicotomias propostas por Haritaworn *et al* (2006) e Barker e Langdridge (2010), as seguintes categorias de posicionamento entre seus pesquisados: autoajuda ou apolítica, política de representação ou política de identidade, *queer* ou anarquistas. Os primeiros estariam mais preocupados em resolver os problemas práticos dos relacionamentos, focados nas contingências pessoais. Os discursos são despolitizados, sem críticas às estruturas de poder sobre gênero, etnia, sexualidade e classe. Ênfase psicologizada das capacidades individuais ao lidar com os relacionamentos. Os discursos apresentados nos relatos acima se assemelham a este grupo elaborado por Pilão, na medida em que as preocupações de caráter social e político são substituídas por argumentos

como natureza, descoberta e necessidade.

Segundo estes mesmos autores, a literatura sobre poliamor se dividia entre os gêneros autoajuda e esoterismo. Os escritos de autoajuda seguem a linha de ajudar os leitores a construir relacionamentos poliamorosos de sucesso. Estes discursos não produzem normativas, endossam o individualismo abstrato sobre as críticas das relações de poder em torno de raça, gênero, sexualidade e classe. Esse discurso de autoajuda tende a psicologizar e individualizar processos de divisões sociais, pois localiza a problemática no âmbito da livre escolha pessoal e agência. O autoconhecimento é descrito como condição de uma vida poliamorosa de sucesso, assim como a honestidade, a revelação, as técnicas de comunicação focadas no parceiro e a prontidão para a negociação permanente, ignorando “como as emoções e desejos são socialmente construídos em locais históricos específicos e relações de poder⁵⁸” (Haritaworn *et al.* 2006, p.520).

Barker e Langdrige (2010, *apud* Pilão, 2012, p. 64) observam que dentro da comunidade "poli" existe um discurso político que posiciona a monogamia como um componente de um regime patriarcal e capitalista. Isso é suportado por argumentos fundamentados em perspectivas feministas, marxistas, anarquistas, *queer* e pós-estruturalistas. Essa abordagem política do poliamor busca contextualizar sua escolha dentro de um quadro mais amplo de análise crítica das estruturas sociais e das ideias convencionais sobre relacionamentos.

Segundo Pilão, os poliamoristas pesquisados por ele buscam resolver a contradição entre conjugalidade e individualidade rejeitando a formação de uma unidade com o parceiro. Isso não significa negar o vínculo amoroso; pelo contrário, segundo os pesquisados o poliamor se baseia na defesa de ligações "íntimas" e "profundas", porém, com a possibilidade de mantê-las sem perder a autonomia.

Com relação a liberdade o relato abaixo mostra que a NM pode ser vista como uma forma de aliviar a pressão de compromissos conjugais. Olga acredita que a NM oferece espaço para recusar sexo quando não está com vontade, sem que isso afete negativamente a autoestima do parceiro ou o relacionamento em geral. Em vez de aumentar as demandas, a NM, para ela, permitiria que ela se nutra emocionalmente e não se sinta sugada ou exaurida.

Olga: Na monogamia, você é a única pessoa com quem o seu parceiro teoricamente pode transar, então você fica totalmente responsável pelo quanto que ele se sente homem, pela autoestima dele, pelo quanto que ele se sente amado/desejado, atraente, etc. É um peso enorme pra mim.

⁵⁸ No original: This ignores how emotions and desires are socially constructed in specific historical sites and power relation (minha tradução).

Então eu não vejo a NM como um aumento de demanda, muito pelo contrário, eu vejo é que aí sim existe espaço pra eu dizer não, pra eu de fato me nutrir nos meus relacionamentos e não simplesmente ser sugada e exaurida por eles.

O que suscitou o meu problema aqui é esse conceito de "poliamor", porque me parece que as relações poliamorosas também são calcadas na manutenção da frequência sexual, e isso me sugere que caso a frequência seja menor, seja como no caso da monogamia, em que a pessoa não entende que eu não deixo de ama-la só porque não quero transar em determinado momento ou em determinado período, mesmo que esse período seja logo. E a tendência é que uma vez que eu me sinta pressionada pra transar, aí mesmo é que eu perco totalmente o interesse sexual na pessoa, entende? Então a minha questão é se em algum momento eu poderei me considerar poliamorosa, uma vez que o poliamor também me parece que vem com o sexo obrigatório, e eu não me dou bem com isso.

E eu não sou assexual. Não me considero assex, nem demi. Só que quando eu era mono, de uns 3 anos pra cá eu percebi que as minhas relações "não assumidas" eram aquelas em que o sexo era melhor, porque como eu não devia nada pro cara, eu tinha liberdade de dizer não (e aí mesmo é que o meu sim era gostoso). Já nos meus relacionamentos sérios, estava no contrato do relacionamento a transa, era pressuposto que eu quisesse, caso contrário o meu afeto era questionado. O único problema dos relacionamentos não assumidos era que eu não podia dizer que eu o que sentia era amor, paixão, não podia tratar dessa forma. Era esse o único problema. Porque na monogamia você só pode admitir que ama se o negócio estiver enquadrado em um protocolo de relacionamento sério.

Mesmo assim a integrante do grupo tem preocupações sobre o destaque dado ao amor no poliamor, particularmente a ideia de que também poderia haver uma pressão para manter uma frequência sexual alta. Ela teme que, como na monogamia, possa haver uma expectativa de que o amor e o desejo sexual estejam sempre presentes e, se ela não estiver interessada em sexo em determinados momentos, seu afeto poderia ser questionado. Nesses casos, ela sentia liberdade para dizer não, e essa liberdade tornava o seu consentimento e desejo mais genuínos e prazerosos. Então, Olga questiona se o poliamor pode realmente oferecer a liberdade e a nutrição emocional que ela procura, sem a pressão sexual que sentiu na monogamia.

Neste sentido a diferenciação com outras NM volta a fazer parte da identidade poliamorista. Se por um lado a diferenciação em relação ao *swing* e relação aberta, é clara e fácil de se declarar, quando se esbarra em NM de forma geral, as diferenciações se tornam turvas e muito competitivas.

Tadeu: Poliamor me trás mais visualização das coisas.

Entretanto, como conheço a historicidade sei que anarquia relacional nasceu do manifesto dos poliamores não hierárquico, entretanto misturou com questões pós modernas.

Dentro da NM, existem várias subcategorias, incluindo liberais, anarquistas e NM políticos, o poliamor é admitido como uma vertente do Amor Livre. Para muitos na comunidade NM, a prática tem um aspecto filosófico, especialmente para aqueles que se identificam com a NM política. Isso sugere que, para esses indivíduos, a NM é mais do que uma prática relacional, é também uma postura filosófica e política. As comparações são muito usadas para definição do poliamorista, uma vez que, segundo eles mesmo, a sua identidade é negativa, não mono é o que não se é.

Cátia: É que o grupo de pessoas NM é muito diverso, né... A gente se identifica pelo que a gente não é, ou seja, a gente não é mono... Quer dizer, fora mono, a gente pode ser qualquer coisa...

Liz: Os poliamorosos são mais ativos, o Nm que usam lá fora é NM consensual
E NM mais guarda chuvas engloba várias práticas.

Contudo, a “inclusividade” do poliamor é parece ser apreciada, uma vez que ele busca incluir todos em vez de criar conflitos. Cátia vê isso como um ponto positivo em comparação com outras formas de relacionamento. O poliamor, segundo os relatos aqui apresentados é uma comunidade, em geral, é bem organizada e que muitos estão sempre buscando mais informações e material sobre o assunto. Admitem que às vezes o poliamor possa ser mais restritivo do que a NM, por limitar as relações a um grupo finito de pessoas, enquanto outras formas de NM podem ser mais abertas.

Cátia: Por isso amo o Poli amor
Sempre tenta incluir todo mundo ao invés de tratar
porque na real todos são Nm pra achar mais material
Eles são mais organizados ...NM bem geral.
Meu medo eh q poliamor parece mais restritivo q NM, no meu
entendimento. Onde poli restringe a um grupo "finito" de pessoas
Ao contrário
Liz: Poliamor é vertente do amor livre
Nm tem: liberais, anarquistas, nm politicos(que nasceu aqui a pouco).
Então signfiica que pra muitos deles se trata de uma questão filosofica,
como os NM políticos.

A diferenciação entre as várias formas de não monogamia, como liberais, anarquistas e poliamorosos, surge da necessidade de categorizar e entender as diversas maneiras como as pessoas escolhem organizar suas vidas amorosas e sexuais fora dos padrões tradicionais monogâmicos. Enquanto a não monogamia inclui uma variedade de práticas que desafiam a exclusividade tradicional dos relacionamentos, o poliamor se destaca por enfatizar múltiplas relações amorosas e afetivas. As práticas liberais focam na não-exclusividade sexual, e os anarquistas rejeitam a hierarquização, tratando todas as relações como iguais. Essas diferentes

abordagens permitem que os indivíduos encontrem o estilo de relacionamento que atenda às suas necessidades e desejos.

Diego: Liberais: Não exclusividade Sexual.

Anarquistas: Não hierarquização, que também nasceu através do manifesto de poliamorosos não hierarquicos.

A diferença está, poliamorosos não se restringe afetivamente é geralmente é poliafetivo, muitos Nm podem atuar de várias formas, entretanto podem ser monoafetivos.

Poliamor fala de amor, afeto, mesmo aqui tendo tomado uma vetente esquisita, quando vc vai estudar a fundo o poliamor acaba sendo o mais aberto por falar e aceitar livremente qualquer forma de viver sua não monogamia, sexual e ampliada, romântica ou não.

Cada abordagem reflete diferentes valores e filosofias de vida. Por exemplo, os anarquistas valorizam a igualdade e rejeitam hierarquias em todas as formas, aplicando essa filosofia também em suas relações afetivas. Em contextos de não monogamia, diferenciar as práticas ajuda as pessoas a comunicar suas expectativas e limites com clareza aos seus parceiros. A diferenciação permite que as pessoas encontrem comunidades de apoio com valores e práticas semelhantes. Identificar-se como poliamoroso, liberal ou anarquista pode ajudar na construção de identidade e pertencimento.

Sandra: A diferença está que justamente eles tem uma visão mais amorosa, afetiva e isso cabe todas as formas e você que desenhar.

E se você estudar bem, os que mais conseguem por em prática há muitos anos, reações na prática, de forma estável para demonstração, com famílias poliafetivas e etc inclusão de famílias, Pluralidade e etc.

Norma: e existe também uma intersecção que vc pode estar em varias práticas, entretanto pra mim o diferencial está em ser poliafetivo mesmo.

Nutrir relações preservando a forma amorosa. Dando novo significado ao amor dentro da não mono e não destruindo ela como linguagem humana.

Mauro: Sem dúvida, eu não vejo erro em nenhum tipo de relacionamento, seja RA, Poliamor ou Anarquia Relacional, apenas temos que deixar claro as coisas para ninguém sair enganado do rolê, porque vejo muita gente do RA se dizendo Poli e muitos Anarquistas se declarando os experts em Poli

Exatamente e vejo que temos que definir os conceitos e padronizar as situações para podermos argumentar de forma lógica perante a sociedade e assim abriremos o nosso espaço.

Contudo, a ideia do que é ser poliamorista algumas vezes parece carregada de uma espécie de patrulha que avalia as falas e comportamentos “suspeitos”. O primeiro deles e mais repellido acontece quando um dos parceiros, normalmente o homem, fala pelo casal que estão procurando uma “amiga” ou uma “namorada”.

Hércules: Olá, alguma mulher bi solteira?

Breno: Boa sorte pra vcs. Mas se permitem uma dica, mais importante q a busca por uma mulher bi e solteira, é aprender sobre o poliamor e sobre a não monogamia.

Diego: Chegar em uma grupo de whatsapp e dizer: buscamos uma mulher para nossa relação não é tão interessante quanto chegar no grupo e se abrir, expor medos e histórias de vcs. Vocês irão atrair alguém mais fácil que postar o anúncio.

Gui: Bom dia pessoal, me ajuda a achar uma mulher que curta uma relação HMM, toda mulher que falo isso me manda procurar um medico fala que eu tô doido

Oswaldo: Cara chegar convidando para um modelo de relação pre estabelecida eu acho um lance meio OLX ou vaga de empregos.

Isso que queima a imagem da Não Monogamia e do Poliamor.

Diante dessa recorrência um dos administradores criou uma espécie de triagem que consistia em entrevistas prévias aos “candidatos” a participar do grupo de *WhatsApp*. Nesta triagem aconteciam entrevistas que avaliavam se a pessoa realmente gostaria de conhecer mais sobre poliamor ou somente buscar alguém para “apimentar” a relação de um casal.

Diego: Juntamos de tudo, tarados em busca se sexo, casais egoístas em busca de Unicórnios 🦄.

Existem várias formas de viver o poliamor, e o que mais vejo é pessoas entendendo poliamor como aquele casal buscando a mulher.

A partir desse momento do grupo o administrado Diego passa a narrar um receituário de como os interessados em poliamor podem se desenvolver pessoalmente. Ele sugere que uma relação poliamorosa de qualidade surge de maneira orgânica, a partir de interesses e valores compartilhados.

Diego: Queria falar um pouco sobre a observação em formar um trisal , estou no grupo de entrevistas e vejo de tudo por lá. O que mais vejo é : queremos uma menina para nosso casamento. Queria primeiro ajudar e passar umas dicas. Mais para os HOMENS.

Se quer alguém para entrar na sua relação com sua esposa, entenda algumas coisas:

Seja um casal foda, ame sua mulher, sua companheira, curta , escute, seja um cara que cuida.

Poliamor se trata de amar, muito, muitas pessoas. Se não ama sua esposa, por que acha que seria bom para ela , você ter duas namoradas?

Entenda os conceitos:

Poliamor é amar mais de uma pessoa e criar uma relação afetiva.

Swing é trocar experiências afetivas e sexuais entre casais, amor aqui não faz muita falta.

Relações livre: relacionar com mais de uma pessoa, sem regras ou condições.

Poligamia é ter duas mulheres e elas não se relacionam entre si. São relações onde o cara tem duas mulheres para estar junto mas , cada uma na casa dela. Elas sabem uma da outra.

Orgia: todo mundo com todo mundo. Sentimento aqui é salve-se quem puder.

Tudo isso é válido e super legal.

Mas polyamor é criar relações íntimas e verdadeiras. Onde todo mundo se relaciona amorosamente mas não necessariamente sexualmente.

Se quer ter mais de uma namorada isso não é poliamor.

Se ama mais de uma pessoa e querem todos curtir este amor, aí começa o poliamor.

Então pare de buscar este alguém e curta a vida, conheça pessoas, crie conexões, se abra, uma hora vcs irão conhecer uma pessoa legal e vai chegar a hora onde irão dizer que saudade dela, que vontade de ficar mais tempo juntos, aí então esta surgindo uma relação poliamorosa.

Diego também critica a abordagem de alguns homens que buscam "duas mulheres" sem primeiro estabelecer uma relação forte e amorosa com a parceira atual. Ele aponta que buscar diretamente uma terceira pessoa sem ter uma primeira relação sólida é ingênuo e ineficaz. O relato de Diego enfatiza a importância de entender os conceitos e dinâmicas dos diferentes tipos de relações não monogâmicas. Ele sugere que, para formar uma relação poliamorosa saudável, os casais devem se concentrar em construir uma base sólida em seu relacionamento atual, desenvolver-se pessoalmente, e permitir que novas conexões surjam naturalmente e organicamente.

Diego: Agora chegar no grupo e dizer quero duas mulheres, e nem tem a primeira é muita inocência de achar que este anuncio vai dar em algo. Primeiro, leia livros, domine algum assunto legal, faça algo que te motive, seja feliz. Ache alguém legal que curta esta filosofia. Aí então busque uma terceira pessoa que pensa como vocês. Você acha que as meninas do grupo irão pular no seu colo, porque vc quer ter duas namoradas. Esta errado.

O que os participantes dizem é que o poliamor está atraindo diferentes grupos de pessoas, mas há uma distinção entre a adoção teórica do conceito e a prática real de formar relações poliamorosas duradouras e significativas. Existe uma diferença entre as expectativas das pessoas ao se envolverem em diferentes formas de não monogamia e a realidade dessas relações. Muitas pessoas podem ter a esperança ou a intenção de evoluir suas relações para o poliamor, mas poucas realmente conseguem fazer essa transição. O poliamor está se expandindo e sendo adotado por pessoas de diversas origens e práticas, mas essa adoção não necessariamente significa que todas essas relações atingem a profundidade e a complexidade que o poliamor “verdadeiro” pode oferecer.

Uma discussão no grupo apresenta as diferentes perspectivas sobre o que considerar NM de fato:

Sheila: Hoje ouvi de uma NM bem campainha no instigaram que, quando tem um casal central, ela já não considera NM porque a NM vai contra essa construção

Carol: monogamia é somente com um parceiro tem dois ja não é

mono

triangular é difícil até com nossos pais piorou relação amorosa vivendo todo dia

Sheila: Mas eu acho que vc pode sim ter perspectivas mono dentro de um modelo não moni

Não eh pq eh um rótulo que impede que haja perspectivas mono Tipo hierarquizar relações

Vc pode ter mais de um e seguir com práticas monogâmicos

Carol: se vc quebra isso diariamente se dispondo a uma relação triângulos

Sheila: eu acabei tendo uma puta reflexão sobre como fui monogâmica diversas vezes dentro da minha relação e como eu promovi violências por isso

Carol: tem dinâmica a tres são 9 relações ao mesmo tempo

Sheila: Então tipo, tinha controle, tinha ciúme, tinha exclusão cada um deles tem 3 relações pra lidar diariamente

Tinha hierarquia do casal "principal"

Tinha divisão de tempo igualitária pra cada um

Como que isso não é monogamia?

A não mono é uma filosofia

Carol: poliamores vivem mais na pratica que qualquer um kkk todo dia

Sheila: Dessa forma, tem como vc ser minigamico numa relação poli poraue ter vários parceiros transitórios é fácil agora construir de forma duradora

Transitorio, cansou troca agora vc ser desafiada todo dia dentro de uma estatura não mono normativa e conseguir manter isso então essa é a diferença deles, eles gostam desse trabalho a longo prazo e vai ter perengues de relações, ciúmes etc etc pra quebrar mais eles buscam se manter

Sheila argumenta como algumas práticas e comportamentos dentro de relações não monogâmicas que podem ainda refletir características da monogamia, especialmente quando há hierarquias ou comportamentos típicos de relações monogâmicas. Para Carol algumas práticas hierárquicas não anulam o potencial NM nas relações. Ela menciona que se quebra a dinâmica monogâmica assim que se estabelece uma relação triangular, pois a vivência diária é difícil e manter relações duradouras dentro da NM é um trabalho árduo, mas não são invalidadas por isso. Elas podem existir e serem geridas dentro da NM, reconhecendo a complexidade dessas relações.

Carol: A não mono quer desconstruir os deveres na relação

E aí vem a própria não mono tacar um monte de regra

O negócio eh pra ser construído entre as pessoas, é pra levar em consideração a subjetividade e aí caga regra até não poder mais

Pérola: Ele falou que a única regra é não ter regra.

Ele falou isso pra mim. Fui estudar a respeito e achei uma cagação de regra, ele respondeu isso. Que a única regra é não ter regra

Isso aí TB de não ter regra, parece desculpa pra pessoa não ter responsabilidade nenhuma

A questão aqui continua sendo a administração da liberdade. Carol enfatiza a liberdade e a desconstrução dos deveres rígidos que caracterizam as relações monogâmicas. Ela argumenta que as relações NM devem ser construídas de maneira personalizada, considerando as necessidades e subjetividades individuais. No entanto, essa ênfase na liberdade pode levar à falta de estrutura que, para alguns, pode resultar em insegurança e confusão dentro da relação. Pérola critica a ideia de "não ter regras" como uma possível desculpa para evitar responsabilidades. Ela argumenta que a ausência total de regras pode permitir comportamentos irresponsáveis e prejudiciais. A questão que surge aqui é como equilibrar a necessidade de liberdade com a necessidade de responsabilidade para garantir que todas as partes se sintam seguras e respeitadas.

O pressuposto desse equilíbrio seria o autoconhecimento e a comunicação honesta entre os parceiros, uma maneira de evolução pessoal que converte o ciúme em compersão (Pilão, 2012, p.89). Em vez de ciúme e controle, valoriza-se a flexibilidade e a compersão. O neologismo compersão é uma tradução do inglês *compersion* e é considerado um sentimento novo, oposto ao ciúme, resultante de um movimento de superação do sentimento de posse, por meio da aceitação da liberdade de amar dos parceiros (Pilão, 2012, p. 88).

Cláudia: Aqui quando aconteceu crises assim eu foquei em duas coisas, uma reforçar minha autoestima, fazia coisas que me deixavam bem. E analisava a origem do sentimento, do ciúme, da insegurança. Quando eu começava a analisar via que (comigo) isso era muito sobre mim projetando coisas que já passei pra esse momento da relação. E também ajudou entender que a monogamia não iria me livrar de sentir isso, a diferença era que privaria o outro. E sempre conversei muito com o parceiro, dizia esta insegura, com ciúmes, que ele não devia mudar nada, mas que gostaria que ele soubesse que eu estava sentindo e que estava tentando resolver isso internamente. Ah, terapia também ajuda.

Sandra: Boa tarde, gente. Ciúmes é bucha. Acho que é algo que precisamos lidar praticamente sempre na não mono. Mas, com o tempo, com o processo de conseguirmos vivenciar as experiências e TB de encontrarmos o nosso próprio caminho, ele vai diminuindo, mas não sei se um dia deixa de existir. Espero que sim e essa é a minha meta. Mas, TB me acolho, pq o ciúmes sempre quer dizer algo e esse algo geralmente é com alguma ação que precisamos fazer pra que o foco das relações não seja a relação do outro, mas como a nossa relação com o outro esta acontecendo.

Fato é que nada do que estamos vivendo tem um formato (até pq esses formatos pre estabelecidos privilegiam a estrutura desigual que a gente vive) e encontrar maneiras de viver o mais livre, porém sem aquela individualização que não nos permite coletivizar os afetos. Tô lendo o livro da Brigitte vasallo e recomendo muito.

O ciúme é um desafio constante mesmo nas relações não monogâmicas e embora ele possa diminuir com o tempo e a experiência, é algo que pode nunca desaparecer completamente.

Este reconhecimento da presença persistente do ciúme reflete uma compreensão realista das dinâmicas emocionais em relações NM. Neste sentido o ciúme é um sinal de que há algo a ser abordado ou trabalhado na relação. Em vez de focar nas relações dos parceiros com outros, a participante propõe que a atenção deva ser direcionada para a qualidade e a dinâmica da própria relação com o parceiro. Esta perspectiva transforma o ciúme de um problema a ser eliminado em uma oportunidade para introspecção e melhoria relacional. A "coletivização dos afetos" sugere uma abordagem relacional que aparentemente busca valorizar o bem-estar coletivo e a interconexão emocional, em vez de uma abordagem individualista que poderia isolar os parceiros. Isso implica um compromisso com a comunidade relacional, onde as emoções e necessidades de todos são consideradas.

Cláudia: Analisando meus sentimentos aprendi que gosto de saber e naturalizar as relações, quando ele (minha única relação atual) meio que esconde de mim, me bate uma insegurança. Mas quando ele fala dela normalmente, compartilha o que é possível ser compartilhado, isso me deixa bem mais confiante. E ele tem feito isso. Ajudou muito
Tereza: ciúmes é um sentimento que pode estar na nm como na m. Independente do tipo de relacionamento eu acho que é bom você atender duas coisas diferentes. Uma é na relação com seu parceiro. Eu penso que seria muito bom para você e para a relação que você comunique o que sente. A comunicação permitirá ter seu parceiro mais perto acompanhando você.

Ambas falas ressaltam a importância da transparência nas relações NM. Para Cláudia, saber sobre as outras relações de seu parceiro e ter essa informação compartilhada abertamente ajuda a naturalizar e aceitar essas relações, promovendo confiança e segurança. Isso demonstra que a abertura e a honestidade são essenciais para a confiança nas relações não monogâmicas. Tereza ainda enfatiza a comunicação aberta como uma ferramenta crucial para lidar com o ciúme. Ao comunicar os sentimentos de ciúmes, os parceiros podem trabalhar juntos para entender e mitigar esses sentimentos. A comunicação honesta é uma ferramenta que para eles permite que os parceiros estejam mais conectados emocionalmente, fortalecendo a relação.

Lian: É preciso entender internamente esse sentimento. Encontrar a lógica, analisar e entender o mecanismo de proteção natural que gera essas ciúmes.

O controle nas relações é uma manifestação de estruturas de poder mais amplas que perpetuam desigualdades e reforçam comportamentos possessivos. O comportamento controlador, a posse e propriedade privada, conceitos enraizados na sociedade patriarcal. São vistos como uma extensão da cultura que valoriza a posse, inclusive de pessoas.

Cátia: Talvez essa pergunta já tenha rolado aqui. Mas vocês já se perceberam mto controladores em seus relacionamentos? Em casa ou

a distância, as coisas que acontecem na rotina acabam sendo frustrantes não porqu estavam erradas, mas porque não era o que você esperava. To me percebendo assim e infelizmente to sem terapeuta no momento por questões de grana. Alguém tem alguma referência legal sobre isso pra eu ler e me aprofundar nisso?

Tereza: Sim. Rola muito. Acho que perceber esse padrão já é muito importante pra melhorar, se vigiar. Controle tá totalmente ligado à posse e à propriedade privada. Patriarcado. Aprofundar mais sobre esses temas creio que seja uma ferramenta

Liz: Eu acho que o controle também pode vir do medo. Você pode estar tentando proteger alguma coisa que é muito valiosa pra você. Ou até se proteger de uma situação que possa vir a ser dolorosa.

De uma perspectiva mais psicologizada o controle pode ser uma reação ao medo. Isso pode envolver a proteção de algo valioso ou a prevenção de dor emocional. Essa visão humaniza o comportamento controlador, vendo-o como uma forma de autodefesa. Desta forma, entender que o controle pode ser motivado pelo medo permite uma abordagem mais empática para lidar com esse comportamento, tanto em si mesmo quanto nos outros.

6.4 CONFIGURAÇÕES, FORMATOS E ACORDOS

As configurações das relações no poliamor não é algo bem delimitado, havendo muitas variações. A essência do poliamor, por estar nos laços afetivos, prevê que as configurações sejam determinadas pelos sentimentos suscitados em cada relação e todas as partes envolvidas. O aspecto mais importante não é o número de parcerias que cada pessoa tem, mas sim a atitude interna de deixar que o amor se desenvolva em outras relações. Neste sentido, alega-se que esse amor pode ser somente emocional, espiritual, sexual ou reunir a combinação de qualquer um destes (Cardoso, 2010, p.5).

Joana: Desde que as pessoas se sintam felizes e contempladas com os termos dos acordos e com as definições que dão para o que sentem.

Que cada caminho seja livre para ser e para se descobrir como se define, com o que se identifica mais, ou até mesmo com a possibilidade de não ter definição nenhuma, até porque nenhuma definição é assim tão exata, quando se trata de emoções e relacionamentos.

Contudo, é possível destacar algumas características que normalmente são usadas para designar as várias formas de relações, como o número de pessoas envolvidas, os níveis de exclusividade, de intimidade e de comprometimento. (Silvério, 2018, p. 49). Um dos formatos mais comuns e emblemáticos do poliamor é o trisal, que consiste na reunião afetiva de três pessoas. A maioria dos trisais que se apresentam nas redes sociais é formado por duas mulheres e um homem, sendo também comum trisais formados por três homens. Segundo Pilão (2012, p. 57) isso acontece em função de que as mulheres são mais aderentes a bissexualidade,

enquanto relação poliamorista com mais de um homem ocorre, mais frequentemente, somente com gays.

Carla: Sei que mulher tem TPM sei que mulher tbm é cheia de coisinhas mais é mais uma opção minha me sinto confortável num relacionamento MHM aquela coisa de hermandade mesmo com outro homem apesar de eu ter amigos homens muito queridos teria mais dificuldade teria que ser um homem praticamente igual meu marido nada ciumento sincero honesto que não conte vantagem entendi.

O formato MHM é a estrutura mais procurada entre poliamoristas e um dos motivos de maior debate. Muitas pessoas acreditam que a busca por este modelo representa sexismo, machismo e objetificação da mulher. Nota-se maior facilidade por parte feminina em se envolver com alguém do mesmo sexo e isto ter consequências menores para a sua representação de gênero, o que não ocorre entre os homens também.

Mauro: Cara de sorte. Duas mulheres maravilhosas.

Olga: achei dahora

Sorte ou capacidade, né kk

Quer dizer, nem é questão de sorte... pq pode ser q elas também estejam muito no lucro e na "sorte", se é q podemos chamar assim. hehe,

Mauro: Nem tanto. Não é tão raro um homem aceitar duas mulheres. Seria sorte deles se rolasse outro homem e o marido topasse.

Diego: Sempre achar o cara foda porque come duas, mas as duas namoradas que tivemos eu e minha esposa, elas vieram por causa da minha esposa. E em um trisal si vai dar certo se todos se dao bem. Nao tem ninguém foda ou sortudo. Todo mundo sofre e todo mundo se dá bem. Se nao for assim nao dura.

Outra questão que diz respeito a este formato se refere aos relatos sobre a resistência dos homens para aceitar que a parceira se envolva com outros homens, criando restrições a isto. Além de tudo, é corrente o relato de pessoas que buscam apenas pelo ménage feminino como fetiche sexual e não uma relação poliamorosa de fato.

Carmen: Eu acredito que poliamor tem muitas nuances e cada família poliafetiva tem sua formatação. Tem gente que mora junto, separado, Tem gente que quer viver discretamente sem assumir abertamente e vive feliz assim e outros que assumem o relacionamento abertamente e também vivem felizes; relacionamentos que não. passam do namoro rápido, outros que duram pouco ou até anos...

O que na minha opinião não pode é usar as pessoas como mero objeto sexual, brincar com os sentimentos de alguém ou manter uma relação abusiva.

Estes trisais podem ainda ser abertos ou fechados, ou seja, os acordos permitem que os membros possam ou não ficar com outras pessoas fora do trisal. Os vínculos abertos pressupõem a possibilidade de viver um relacionamento com uma ou mais pessoas sabendo que

pode haver envolvimento emocional entre os companheiros e novas pessoas. O poliamor aberto não prima pela hierarquia, de modo que os vínculos posteriores possam vir a fazer parte do arranjo central.

Vera: inclusive, pois as regras do trisal são muito parecidas com as das relações monogâmicas. Pois a relação é construída sobre a ideia de exclusividade, enquanto outros formatos de poliamor constroem relações com base na liberdade e autonomia individual sobre seus corpos e afetos.

Diego: Na minha mente era 3 pessoas morando junto, todos na mesma cama e tal.

Como naquela série da Netflix eu, tu e ela

Pelo que estou percebendo, não existe uma regra

Heitor: Por isso que trisal fechado acho ilógico

Liz: Eu não acho ilógico acho q os 3 terem exclusividade eh uma forma de viver bem nenhuma forma de amor eh ilógico so o monogâmico brincadeira mas acho q tudo vai do combinado

Heitor: Mas quebra a base da nao monogamia que é liverdade

Liberdade

Vejo apenas trisais MHM se pronunciarem

Fechados

As relações poliamorosas fechadas, também conhecidas como polifidelidade, exigem exclusividade afetiva e sexual entre os membros da rede, ou seja, restringem as relações entre as parcerias já estabelecidas com três ou mais pessoas. Os adeptos da polifidelidade acreditam que ao aumentar o número de parceiros, os contatos sexuais se tornam mais superficiais, o que pode inviabilizar e banalizar o amor (Pilão, 2013, p. 513). No entanto, existem críticas em relação a essa perspectiva, argumentando que a polifidelidade, nesse sentido, pode ser considerada um desdobramento arquitetônico monogâmico, pois isola e hierarquiza essas uniões em relação a outras formas de afeto.

Nas relações com formato aberto prevalecem os acordos resolvidos pelos integrantes da rede. Anapol (2010, p.66) enfatiza que enquanto no antigo paradigma relacional é considerado apropriado manter segredos, guardar certas informações e até mesmo dizer mentiras para garantir a estabilidade do relacionamento, no novo valoriza-se a “revelação”. Paralelamente, por mais que tudo isso possa parecer excessivo, limitador ou até patriarcal, representa para as pessoas liberdade e oportunidade com a sensação de segurança (McDonald, 2010 *apud* Silvério, 2018, p. 122)

Um dos acordos existentes, consiste no “*Don’t ask, don’t tell*”⁵⁹, neste acordo as

⁵⁹ Não pergunte, não fale.

pessoas envolvidas no relacionamento estão “autorizadas” a ter envolvimento fora da relação principal, mas sem que isto seja falado. Ou seja, apesar de o acordo permitir que se relacionem com outras pessoas, o ideal é que o parceiro ou parceira não deixe que isso chegue até o outro. A intenção é preservar o casal inicial de desgastes que outras relações possam gerar.

Diego: Tem casal que vive a regra dos 100km, ou DADT (Don't Ask, Don't Tell - não pergunte, não conte) e estão bem dessa forma. E se alguém vir algo, vai achar que é traição, mas não é.

Liz: Isso aí! Eu não julgo jamais! Mas pra mim essas regras dos 100k e DADT não funcionam mesmo! Eu acho horrível o DADT! Transformou a confiança que havia em desconfiança! Tudo eu achava que ele tava trepando com outros, foi horrível demais!

Ângelo: Comigo rolou o DADT por causa do ciúmes, a ideia de saber que o outro está ou esteve com outra pessoa era assustadora, era um monstro... claro que a relação acabou em pouco tempo depois disso... era muita desconfiança.

Entendi que pra ter uma relação saudável eu tinha que domar o ciúme e anular a posse, me tirar da equação e exercitar a compersão... foi difícil e demorado, mas valeu a pena.

Tanto Liz quanto Ângelo descrevem a ansiedade e desconfiança geradas pela falta de informação sobre as atividades do parceiro. Essa incerteza pode corroer a confiança e a segurança emocional no relacionamento. Ângelo ainda menciona que o ciúme e o sentimento de posse exacerbados pelo DADT eram insustentáveis, indicando a necessidade de trabalhar esses sentimentos para alcançar uma relação mais saudável.

Diego: Eu acho que esse arranjo "DADT" - não pergunte, não conte - PODE ser uma porta de entrada para o casal se acostumar com a ideia de que o parceiro tem outras relações sexuais principalmente, mas não necessariamente.

O bicho pega quando ocorre exatamente isso, a pessoa, por não saber o que está acontecendo, assume que o parceiro está sempre envolvido com outros parceiros, gerando mais ansiedade, insegurança e estresse. Nada substitui a conversa franca, honesta e sem julgamentos, não concordam?

Norma: Acho que qdo o parceiro diz “Faça mas não me conte”, isso é praticamente uma traição consentida

Diego e Norma ressaltam a importância da comunicação aberta e honesta para evitar mal-entendidos e fortalecer a confiança. A falta de comunicação pode ser vista como uma forma de traição consentida, que não resolve os problemas subjacentes de confiança e segurança emocional. Ângelo sugere que aprender a sentir alegria pela felicidade do parceiro com outras pessoas (compersão) é um passo importante para superar os ciúmes e a posse. Este conceito é fundamental em todos arranjos não monogâmicos.

Mesmo nas relações ditas poliamorosas a questão sobre falar ou não o que cada um vive deve ser acordada. Há casais que entendem como desnecessária algumas informações até que a

relação esteja “evoluindo para algo mais sério”.

Carmen: Também não pergunto. Até por que é a privacidade do outro. Acho que uma vez eu perguntei se transou ou não, mas depois me arrependi pois na verdade isso não deveria importar.

Júnia: Sim, e muitas vezes não afeta em nada. A não ser em uma eventual frequência afetiva por que você teria que compartilhar o tempo dele/dela com o outro.

Carmen: E se tiver rolando um envolvimento emocional, eu peço pra ser atualizada sobre o andamento da relação (caso vire algo mais "sério", sabe?)

Júnia: Mas, no geral, acho que essas trocas e limites vão sendo construídos aos poucos...

No início a gente se contava antes e depois o que rolou (nada, beijou, transou...) mas sem detalhes. Depois paramos, pois nos pareceu que cada um tem sua vida e que dar satisfação ao outro era uma forma de controle tb (no nosso caso, sei que para outras pessoas está fácil compartilhar e reforça a intimidade). Nunca colocamos nenhuma regra, mas se uma coisa incomodava a gente podia falar e o outro era livre de acatar ou não o pedido.

Carmen: Fico pensando em contexto de algumas pessoas que nem é da minha realidade. Tem gnt que precisa saber qnd poderá ou não ver alguém. Se sou mãe e tenho que arranjar alguém pra ficar com meus filhos, preciso ter datas, alinhar expectativas. Importante conversar e falar "vou poder te ver a cada 15 dias", etc. Alguém que trabalha e não tem mta disponibilidade, precisa saber qnd poderá ver alguém tbm. Senão o relacionamento não rola.

Para além do formato triangular as pessoas poliamorosas também se organizam como quadrisal são as configurações em que todos os envolvidos se relacionam de forma afetiva (Assis, 2018, p. 5). Outras formas que podem ser representadas por letras também são comuns e se diferenciam pelo fato de que não, necessariamente todos os envolvidos se relacionam entre si. A relação em “V” por exemplo, ocorre entre três pessoas em que somente uma (vértice), se envolve com as outras duas (pontas). Outras letras também são usadas para ilustrar os formatos sempre o vértice representando o elo entre os envolvidos “N”, “W”, “X”, “Y”. Os termos usados para se referir a estas configurações podem ser “redes”, “afetos” e “vínculos”. Todos indicando o grupo de pessoas que pertencem ao círculo de relações, independente de envolvimento afetivo-sexuais ou coabitação. No contexto do poliamor, o termo metamor se refere ao parceiro ou parceira de seu parceiro (Vértice), com o qual você não tem uma relação romântica ou sexual direta, mas que ainda é parte importante da dinâmica relacional. Por exemplo, se você está em um relacionamento com uma pessoa que também se relaciona com outra pessoa, essa outra pessoa é o seu metamor. Em relacionamentos poliamorosos, os metamores podem ter interações próximas, amigáveis ou até mesmo manter um certo distanciamento, dependendo das preferências e dos acordos entre todos os envolvidos. A relação entre metamores pode ser

desafiadora, mas também pode gerar suporte mútuo e uma sensação de comunidade dentro do relacionamento.

Figura 7: Modelos relacionais publicados em um grupo de poliamor



Fonte: Grupo de poliamor no *Whatsapp*

Lívia: Eu tenho preferência por relacionamento em v com dois caras héteros pra casar e ter uma namorada com quem eu não more junto. Acho q essa é a minha nova configuração idealizada, mas tb não me fecho pra outros formatos até pq isso vai se moldando conforme quem se conhece e como tá a vida em cada momento

Olga: Nem toda relação poliamorosa é trisal. Eu vivo uma estrutura de poliamor, mas eu não estou envolvida com a namorada do meu namorado. Eu não poderia chamar minha forma de me relacionar de poliamor pq não tenho envolvimento com ela?

Para os que praticam o poliamor, existem diversas maneiras de vivenciar esse tipo de relacionamento, conforme as regras previamente estabelecidas entre todos os envolvidos. Uma configuração citada em um dos grupos também parece ganhar espaço, são os solopoli. Estas pessoas acreditam que o poliamor seja a melhor forma de se relacionar e se pautam por suas

premissas, sem, contudo, renunciar a se sentirem como pessoas sós.

Liz: eu me achava mega errada por isso, egoísta, sem responsabilidade afetiva etc etc ...

Mas na verdade, é que não vejo sentido em simbiose, e demandando esforço psíquico em escalas, do tipo, ficar, namorar, casar.

Solo poli diz respeito a autonomia. E mesmo assim, ainda se reconhecer poliafetivo.

Miguel: Acredita que em um grupo, uma pessoa disse “ah, reinventaram o conceito de solteiro em 2022”, num grupo NM. Nem acreditei rs

Liz: Perspectiva monogâmica

Sempre desvalida as demais porque o povo vive a vida pra se relacionar. Foram ensinados que o sucesso é estar em relações.

Dai acha alguém autônomo, egoísta, sem responsabilidades...etc sendo que não é nada disso.

Qdo diz que no solo poli por ex você "namora consigo e tem afetos secundários" isso soa bem egoísta e narcisista... E não acho que solopoli vai nesse sentido. Ou qdo ele diz que os outros afetos "ficam com as migalhas" ou que um é "capitão e os outros têm "medalha de participação"... Achei umas analogias toscas que vão fazer quem porventura estiver nesse formato se sentir bem mal e envergonhado mesmo.

O poliamor solo é uma abordagem onde os indivíduos mantêm sua independência e autonomia, sem priorizar uma relação específica sobre outra. Eles podem ter múltiplos parceiros, mas não há uma intenção de mesclar vidas ou compartilhar responsabilidades de longo prazo. Cada pessoa mantém sua própria casa, finanças e estilo de vida, sem integrar esses aspectos com seus parceiros. Há uma ênfase na liberdade e flexibilidade para explorar diferentes relações sem a necessidade de uma hierarquia rígida. Há também o relacionamento Mono-Poli que é quando um dos parceiros é monogâmico e aceita que o seu companheiro tenha relacionamentos externos.

As letras “M” e “H” também são muito usadas no poliamor, mas estas para indicar “homem” e “mulher” na rede, como, por exemplo, um trisal formado por dois homens e uma mulher seria assim representado: HMH (Silvério, 2018, p. 51). E apesar de o poliamor questionar que o amor só pode ser vivido entre duas pessoas, percebe-se que a estrutura predominante é o casal, inclusive a base para a formação de uma rede (Pilão, 2012, p. 56).

De modo geral, as configurações são acompanhadas também de acordos sobre como a relação vai se estabelecer na prática. Inicialmente é comum a tentativa de normas rígidas, isto porque a ideia da primazia de um casal ainda está muito viva, e esta referência pode perdurar por muito tempo. As regras são sintomas do sentimento de ameaça dos novos envolvimento afetivos e/ou sexuais por parte dos parceiros e proximidade com a ideia de casal monogâmico em que as regras são muito definidas e limitadoras da liberdade do outro.

A regra mais aceita seria a honestidade, manter o parceiro sempre informado sobre seus sentimentos e desejos. Segundo Silvério, as relações poliamorosas não são pautadas por regras, mas por acordos construídos, desconstruídos ou reconstruídos com tanta frequência quanto as necessidades, vontades e transformações individuais e relacionais (Silvério, 2018, p. 168).

Joana: Escrever os acordos é um processo bem legal que recomendo
E lembrando que pequenos acordos acontecem o tempo todo: diferentes combinados a respeito de um evento que vai juntos por exemplo, ou quem vai cuidar do que na casa naquele dia, quem decide o que vão cozinhar, etc.

Temos um acordo por escrito, mas sempre que necessário conversamos a ou alteramos algo

Alguns poliamoristas afirmam que estabelecer limites é importante para ajudar os parceiros a se adaptarem e protegerem suas redes de apoio. No entanto, a flexibilidade e a capacidade de revisar esses acordos são igualmente importantes à medida que o relacionamento evolui.

Joice: Eu e meu companheiro temos um acordo, embora possa ser limitante, de não ficar com amigos próximos.

Principalmente por estar sendo um processo difícil pra mim adentrar a NM, preciso preservar minhas amigas como rede de apoio e se acabar misturando, nesse momento, pode ser bem ruim tudo.

Então fizemos esse combinado por enquanto.

Acho importante refletir o qto não ele cumprir acordos feitos te afeta, te magoa... gerando ou não ciúmes, pq acho que são coisas distintas. E aí ver qualé a dele nisso. Tipo, é tudo bem pra ele te desrespeitar, ignorar os acordos?

Nesse sentido a primeira coisa que me vem à cabeça é a expectativa de que os acordos estabelecidos no começo seriam eternos. Mas aí depois de uma semana vc já vê que num faz sentido e muda kkkk

É destacado que o não cumprimento dos acordos estabelecidos pode causar mágoa e afetar a confiança, independentemente de gerar ciúmes. A confiança e o respeito são elementos cruciais para a estabilidade e saúde emocional do relacionamento. A reflexão de Joice aborda a expectativa de que os acordos feitos no início do relacionamento não são necessariamente imutáveis. A importância de uma comunicação aberta e honesta é enfatizada. Os parceiros devem discutir como os acordos os afetam e se ainda fazem sentido. Esta prática ajuda a ajustar expectativas e garantir que ambos se sintam respeitados e ouvidos.

Théo: Melhor então recortar o escopo: se fala aqui do amor erótico; não do amor fraternal, paternal, maternal, de amigo, ou qualquer outra coisa.

Joana: O pior de tudo é a pessoa que proíbe o parceiro de ficar com outras pessoas com quem ele quer, ou proíbe de ficar com alguém em específico, justamente por ciúmes ou sentir-se ameaçado de "perder o lugar". As pessoas gostam umas das outras de maneiras diferentes, o fato de você amar uma não diminui o seu amor pela outra. Se as pessoas

tivessem maior interesse em se entenderem, perceberiam que ajudar quem você gosta ficar com mais alguém que ele tbm gosta fortalece a relação, e que a única pessoa capaz de destruir algum relacionamento é ela mesma justamente por atitudes de aprisionamento

A verdadeira ameaça a um relacionamento não vem de outros parceiros potenciais, mas das atitudes de desonestidade de descumprimento de acordos, bem como comportamentos de posse e controle. Quando alguém tenta aprisionar o outro em uma relação exclusiva e controlada, isso pode levar ao ressentimento e à eventual destruição do relacionamento.

Diego: Na verdade a traição nada mais é que a quebra de um acordo pré decidido por ambas as partes.

Um contrato é um acordo e precisa ser decidido previamente por todas as partes que participam dele. Qualquer coisa fora disso é uma traição, pequena ou grande.

Lívia: Os limites vão e vem, a forma como lidamos com o ciúme e outras coisas também muda. Aqui em casa, também foi assim. Minha parceira já se apaixonou algumas vezes, e eu sempre senti que precisava correr atrás De lidar com tudo sozinha... foi bem difícil. Ela até tinha bastante dificuldade em entender minhas dores e processos... até que comecei a me apaixonar. Aí ela passou a entender meu lugar e eu comecei a entender o lugar dela. Hoje conseguimos lidar com tudo de um forma mais amorosa e respeitosa, mas ainda é um desafio diário.

A transparência e o consenso são essenciais, pois o caráter clandestino e a traição presentes em muitas relações extraconjugais nas uniões monogâmicas não têm lugar nas relações não monogâmicas (Lopes Jr e Moreira, 2018, p.617). A única regra implícita nas relações NM é o conhecimento de todos os envolvidos, consensualidade e afeto, não existindo uma padronização rígida dos relacionamentos.

Neste sentido, os acordos são parte fundamental do poliamor, presentes em quase todas as configurações. Eles acreditam que estabelecer combinados é determinar o que será confortável para o relacionamento. Entender os limites de cada pessoa e se importar com os seus meta-amores. Apontam como importante que as regras sejam estabelecidas em comum acordo com o parceiro, não apenas impostos de uma das partes.

Vera: Bom dia. Acho importante regras e acordos para que a coisa toda não degrading. Uma vez que tive uma relação poli, uma das regras, era que nossas coisas fossem decididas sempre em conjunto e nao formar par e só comunicar o outro/outra. Tinhamos ate grupo no whatssap de nós. Outro ponto, que dava um pouco de polêmica, era em relação as transas. No inicio as transas eram acordadas apenas entre nós 3 e juntos. Dava uma confusãozinha, pois nem sempre os 3 estavam afim de transar no mesmo dia e hora. No geral, as regras sao importantes

Para eles é necessário estabelecer acordos, na medida em que a ausência destes acordos pode gerar maiores problemas.

Liz: Mas senti que sempre o deixar fluir é sempre deixar no vácuo pro outros resolver sua vida amorosa e afetiva

Cada pessoa tem sua demanda de relação, e quando a gente coloca o outro dentro de uma disponibilidade pessoal nossa de entendimento de "deixar fluir" e usando essa premissa para não definirmos nossos sentimentos, e trabalhando as relações...

Também é uma forma de controle.

O fluir, e assim como margens de rios, tem margem a margem de cada local fluído precisa se encontrar, e não deixar o outro dizer pois o outro está apenas usando a premissa de "fluir" para não assumir suas relações, sentimentos e coisas próprias de qualquer relação.

Além do mais, quem não nomeia o que sente, e vai definindo no percusso o seu desejo corre o risco do outro definir isso.

Então eu mesma ja usei muito esse discusso, até perceber que até o meu "fluir" era exercer controle e tentar modelar a minha vontade as demandas e desejos relacionais dos outros.

Uma colonolizacao também.

E mais ainda, quando a gente é minoria, em um estado patriarcal, os homens continuam no privilégio, e a estrutura que atinge homens e mulheres perpetuando isso de forma velada, por exemplo mulheres já casadas ou com relações primárias na NM darão status primário para seus maridos e suas relações secundarias?

Dai para quem tem uma estrutura primária, é fácil fluir tendo tudo atendimento enquanto os seus secundários tem que ficar no vácuo do fluir do outro.

Muitas vezes, o conceito de "deixar fluir" é utilizado para evitar definições claras sobre sentimentos e expectativas dentro de uma relação. Isso pode criar uma falsa sensação de liberdade, quando na verdade, pode ser uma maneira de evitar responsabilidade emocional, segundo os poliamoristas. Em um contexto patriarcal, onde os homens tradicionalmente detêm mais privilégios, o "deixar fluir" pode perpetuar essas desigualdades. Por exemplo, em relações não monogâmicas (NM), mulheres casadas podem dar prioridade a seus maridos, relegando parceiros secundários a um papel menos importante.

Aqueles com uma relação primária tendem a ter suas necessidades atendidas mais facilmente, enquanto parceiros secundários podem sentir-se negligenciados. Isso revela uma dinâmica de poder onde "deixar fluir" favorece aqueles em posições mais privilegiadas dentro da estrutura relacional.

Embora o conceito de "deixar fluir" possa parecer uma abordagem liberadora, na prática, ele pode esconder formas sutis de controle e perpetuar desigualdades nas relações. Definir claramente sentimentos e expectativas parece evitar a delegação involuntária de poder ao outro. Essa clareza é especialmente importante em contextos não monogâmicos, onde as dinâmicas de poder já são complexas e podem facilmente favorecer os mais privilegiados.

Na maioria das vezes os acordos surgem para evitar conflitos ou apaziguar aqueles que

surgiram durante a relação. Não podemos dizer que seja fácil lidar com as situações afloradas da não monogamia.

Gerson: Ao mesmo tempo que lidamos com a individualidade de cada relação, o convívio da relação primária pode se tornar difícil.

Conversa sempre é um bom caminho, mas quando um meta não aceita o outro, o conflito se torna inevitável.

A decisão final é sempre da pessoa que se envolve com ambos: ela pode optar por manter o outro meta ou se afastar dele. Mas não imagino que qualquer parceira tenha o poder de decidir sobre a vida do outro

Liz: é complicado... no meu pensamento atual, creio que o primeiro relacionamento deva ter um pouco mais de peso, porém acho que isso não concede "direito de veto, sabe... tudo vai do bom senso...

eu não iniciaria um segundo relacionamento se minha parceira do primeiro relacionamento não se desse bem com a pessoa, pq a boa convivência é o mínimo q eu vou querer num convívio. aí se as pessoas se dão bem, todos os envolvidos devem ter a mesma importância. e se em algum momento a pessoa do primeiro relacionamento se sentir prejudicada de alguma forma, devemos conversar e ver oq tá acontecendo e oq pode ser feito. tudo se resolve bem se há diálogo

Um dos principais temas tratados que geram conflitos e desconfortos é a chamada ENR (Energia da Nova Relação). Trata-se do estado de êxtase das novas relações, também popularmente conhecido como paixão.

Joana: Eu acho inevitável a ENR não interferir no que já estava lá. Mas com estudo, terapia e rede de apoio tudo vai se acertando

Thales: Sim, pode ser que role uma ENR e isso é bem delicado pois ver os nossos afetos se apaixonarem não é fácil, mas lembre-se que ela se apaixonou por você também e lembre-se o quanto foi bom para vocês dois. Ai entramos na questão da compensação. De querer que os nossas parcerias sejam felizes independentemente de estar com a gente ou não. Algum post sobre não desvalorizar a relação mais antiga durante a ENR? Sentindo minha companheira meio nervosa por nosso relacionamento estar mais calmo. Senti ela puxando uns papos de início de relação, e hoje ela disse que mesmo comigo, sentia minha falta

Esses dias estive afastada da minha parceira, pra ter um tempo da ENR dela

Uma das finalidades das normas é mitigar emoções desagradáveis, como o ciúme, frequentemente considerado como um grande desafio. No entanto, o que muitas pessoas não monogâmicas costumam afirmar é que a principal dificuldade reside no "gerenciamento do tempo". Geralmente, a exclusividade é vista como uma forma de evitar o ciúme, um sentimento não necessariamente negativo, mas sim como um indicador de comprometimento e amor.

Entretanto, estes sentimentos geradores de conflito e desconforto tendem a ser substituídos pelo sentimento de compensação. Pelo menos este é o objetivo principal dentro das relações NM. É base deste pensamento a ideia de que a nova relação não representa uma ameaça às relações já existentes.

Cláudia: Pensar que cada relação tem sua razão de ser.. eu penso assim: o que eu construí com minha parceira só nós mesmas podemos destruir. Então essa união pode ter razões para acabar mesmo que eu não tenha outros afetos. Uma relação nasce, vive e respira independente de outra. N entramos na NM para substituir pessoas. Estamos formando rede de afetos, é soma e não subtração.

Norma: É muito mais fácil vc conseguir sentir a compersão numa relação onde vc se sente segura que o contrário. Geralmente, quando estamos inseguros numa relação, é mais fácil sentir ciúme.

Na própria definição de compersão há a divergência sobre este ser um sentimento ligado aos afetos sexualmente estabelecidos ou se para todas aquelas relações em que possa haver ciúmes:

Pérola: Que interessante. "Compersão é o sentimento de alegria ou de felicidade de uma pessoa ao ver seu parceiro amoroso feliz com outra pessoa. O termo é mais usado quando esta felicidade do parceiro inclui um prazer sexual com o terceiro, mas não é restrito a isso. A compersão é a ausência ou a superação do ciúme entre parceiros amorosos."

Eu acho que vai além disso. Acho meio ruim usar a compersão apenas quando falamos de parceiros amorosos, ainda mais ligado ao prazer sexual. Depois falar que é a ausência ou a superação do ciúme (entre parceiros amorosos). Afinal, podemos sentir ciúme de um amigo, de um colega, de alguém da família. Assim sendo, a compersão pode existir também nesses casos.

Lian: Eu acredito que a compersão vai mais longe que apenas "feliz em ver o parceiro amoroso feliz", acho que a compersão pode ser vista em todos os lugares onde vemos ciúmes. Seja com um familiar, com um colega de trabalho, com um amigo, etc.

Compersão é um conceito que vai além da alegria em ver o parceiro amoroso feliz com outra pessoa. É uma habilidade emocional que pode ser aplicada em qualquer relacionamento, seja ele amoroso, familiar, de amizade ou profissional. Superar o ciúme e experimentar alegria genuína pelo sucesso e felicidade dos outros é uma forma poderosa de fortalecer todas as relações humanas. Contudo, fala-se do dilema do ciúme e o quanto romper com este sentimento é complicado:

Joana: Conheço várias pessoas que dialogam bastaaaante com suas parcerias, e mesmo assim sentem ciúmes, inseguranças, confusão, autojulgamento por acreditar numa teoria, mas na prática sentimentos contrários surgirem, etc.

Diego: Esse q é o problema: a maioria das pessoas preferem continuar limitadas do q evoluir. Evoluir requer dedicação e trabalho. As pessoas constumam preferir o q é MAIS FÁCIL, e não o q é MELHOR

É comum que indivíduos enfrentem uma dissonância entre suas crenças teóricas e seus sentimentos na prática. Eles podem acreditar firmemente na validade e nos benefícios da não monogamia, mas, ainda assim, se deparam com ciúmes e inseguranças. Essa dissonância pode

levar ao autojulgamento, onde a pessoa se culpa por não conseguir alinhar seus sentimentos com suas convicções teóricas.

Joice: Eu trabalho para alcançar a compersão, porque acredito até seja a síntese do Poliamor ideal.

Mas sentir compersao me parece anos de evolução. Algumas coisas não florescem p todos

A compersão é frequentemente descrita como uma meta evolutiva no contexto das relações poliamorosas. Ela é vista como um estado avançado de maturidade emocional e relacional, algo que muitas pessoas que praticam o poliamor aspiram alcançar. Essa visão sugere que, para se aproximar da forma mais pura e idealizada de poliamor, é necessário desenvolver a capacidade de sentir prazer ao ver o parceiro feliz com outra pessoa, superando assim os sentimentos tradicionais de ciúme e possessividade.

Por outro lado, há quem veja a compersão e o poliamor não como algo a ser arduamente trabalhado, mas como uma característica natural de algumas pessoas. Essa perspectiva sugere que, assim como alguns indivíduos são naturalmente mais inclinados ao poliamor, outros podem possuir uma predisposição natural para a compersão. Esse ponto de vista pode levar a interpretações de que a compersão é algo que não pode ser forçado ou plenamente ensinado, mas que emerge de maneira espontânea em certos indivíduos.

Liz: Sobre a COMPERSÃO, pra mim sempre foi mt natural, eu já nasci assim. Mas eu tenho consciência q pra quem não nasceu já assim realmente é todo um trabalho pra chegar nesse ponto. Meu marido passou por isso. E dps q chegamos lá, é uma maravilha 😊😊

Mas olha, eu entendo que chegar nesse nível de sentir compersão é o ápice, o melhor dos mundos e tem que ser muito, muito trabalhado pelos envolvidos

No âmbito das configurações se discute a necessidade de categorizações, tanto para os formatos estabelecidos, quanto para as identidades de gênero e orientações sexuais. Alguns defendem que as categorias ajudam na compreensão, na organização e na identidade.

Hugo: Eu, particularmente, não gosto de categorizações, mas elas são oportunas para que as pessoas compreendam.

Quando certas categorias se consolidam, fica mais fácil a compreensão para as pessoas.

Ajuda a não nos sentirmos "diferente". Nos torna mais próximos de outras pessoas. E nos tira da obscuridade.

Lorenzo: Sim...importante esse processo de identificação com outras pessoas.

Traz a sensação de apoio,afinidade...

Hugo: Exatamente. A pessoa se sente acolhida. Até comentei aqui que, no começo, eu achava que toda a relação MHM tinha viés machista, até que umas amigas me ajudaram a compreender melhor.

Lorenzo: Perfeito! Conceituar é bom para compreender, mas não pode ser limitante e excludente.

A discussão entre Hugo e Lorenzo destaca a importância das categorizações como ferramentas úteis para compreensão e identificação, sem esquecer a necessidade de flexibilidade e inclusão. Enquanto as categorias podem oferecer clareza e um senso de pertencimento, elas também devem ser usadas de maneira que permitam a diversidade e a complexidade das experiências humanas. Em relações não monogâmicas, isso é particularmente crucial para evitar a criação de novas normas restritivas e para promover uma cultura de aceitação e apoio mútuo.

Lívia: Eu sinceramente nunca me senti limitada ou presa por nenhuma classificação. As classificações são identificações, nomeações do que sou ou faço. Se mudo o que faço, muda a classificação ou eu simplesmente não pertencço a nenhuma classificação até então existente ou que eu conheça. Queria muito entender esse lance de se limitar por rótulos.

Hugo: Concordo com vc, acho também importante para nós organizarmos e iniciarmos um processo de luta pelos nossos direitos na sociedade civil.

A conversa entre Lívia e Hugo destaca a utilidade das classificações como ferramentas de identificação, comunicação e organização social, enquanto também reconhece a importância de mantê-las flexíveis e não limitantes. As classificações são descritivas e mutáveis, alinhadas com suas práticas e identidades em constante evolução. Hugo complementa, enfatizando o papel crucial das classificações na luta por direitos e reconhecimento social. A chave está em usar as classificações de maneira que promovam a inclusão, a visibilidade e a autenticidade, evitando que se tornem restritivas ou normativas. No entanto, outros acreditam que seja desnecessário:

Simone: Eu não entendo que o pessoal mesmo alguns aqui nesse grupo tem horas que eles querem colocar as coisas em caixinhas: olha essa caixinha do bandagem, essa caixinha é do lado masoquista, essa caixinha do monogâmico e com essa caixinha ele não monogâmico esse aqui é binário aqui é não-binário sendo que a gente é só ser humano.

Enfim, reticente com essa sanha classificatória

Cleber: Parece que a tudo tem que ter um nome...

Da mesma forma que pra uma pessoa monogâmica, não tem diferença nos tipos de relacionamentos não monogâmicos

Eu me sinto um pote de maionese no mercado

A conversa acima ilustra a tensão entre a utilidade das classificações para comunicação e pertencimento e os riscos de simplificação excessiva e imposição de normas. Simone critica a tendência de colocar as pessoas em "caixinhas", enquanto Cleber expressa um sentimento de rotulação excessiva. A chave está em usar as classificações de maneira inclusiva, flexível e respeitosa, reconhecendo a complexidade e a diversidade das experiências humanas sem reduzir

as identidades a meros rótulos.

Ainda na pauta das classificações existe uma categoria de mulheres dispostas a se relacionar com um casal já formado antes dela, são chamadas “unicórnios”. Essas mulheres solteiras e bissexuais são procuradas por casais em que, normalmente, a mulher também é bissexual e o homem hétero. E trata-se da opressão mais conhecida e praticada por muitos casais que se consideram poliamoristas, essa mulher que se sinta atraída pelo casal, deve ficar longe de qualquer porção de convívio social do casal em questão, porque o casal tem uma vida própria, eventos em família, com amigos, às vezes com filhos.

O termo unicórnio tenta exprimir a ideia de raridade das mulheres que queiram ou se dispõem a vivenciar esses relacionamentos, diferente dos “caçadores de unicórnios” que são bastante comuns e geralmente enfrentam oposições ríspidas nas comunidades poliamoristas (Silvério, 2018, p. 50).

Mesmo quando a intenção declarada é a formação de um trisal, existe a desconfiança de que seja um convite para uma relação sexual sem nenhum envolvimento afetivo ou interesse posterior. Ainda que se questione o fato de que um trisal será muito difícil começar a partir de três ao mesmo tempo, o tratamento com aqueles que procuram uma mulher para compor o trio continua sendo “mal visto”. Já que uma queixa recorrente é o tratamento diferenciado entre a esposa e a “unicórnio” sendo a segunda tratada, frequentemente, como um membro externo e sem o mesmo peso sobre as decisões.

Jonas: Pela minha experiência um trisal nunca surge dos três envolvidos ao mesmo tempo, normalmente um dos dois do casal se interessa por uma pessoa e a situação caminha para o envolvimento dos três.

Gabriel: Mas encontrar uma nova integrante pra família e mais difícil do que a gente imaginava.

Acredita-se que a busca seja na maioria das vezes por *ménage* e mesmo quando a busca é por uma namorada isso não melhora as coisas, devido a hierarquia presente entre o status de esposa e namorada.

Tânia: As vezes eu fico desanimada de ver uns anúncios do tipo: "somos um casal em busca de uma meninas"... As pessoas não se dão nem ao trabalho de investir individualmente seu tempo/empenho em conhecer/seduzir alguém sozinho. Querem encontrar uma pessoa já disposta a gostar de duas ao mesmo tempo. Se já é difícil hoje achar alguém que tenha afinidade com a gente e esteja disposto a se relacionar, imagine duas ao mesmo tempo! Daí vejo que pra muitos casais (que são quase uma instituição única e só falam enquanto casal) é muito fetiche mesmo em torno da mulher bi. As vezes a gente acaba se sentindo como um bolo numa vitrine, pronto pra ser comido. E as vezes chega uma mulher/homem legal, atraente, inteligente, que

desperta nosso interesse e quando a gente acha que tá começando algo legal a pessoa já nos empurra goela abaixo o(a) parceiro(a), sem o menor cuidado. Não é pq sou bi que vou gostar de todo cara nem de toda mulher né? E as vezes a mulher ou o homem do casal perde a chance de conhecer uma pessoa legal e ter uma relação, pq só se permite pé dar enquanto casal. As vezes essa estrutura aprisiona e objetifica.

Além disso, essa terceira pessoa é fetichizada o que causa incômodo entre os poliamoristas.

Josias: Ser a 3º pessoa do casal, de forma idealizada e fetichizada. Inicialmente, chamavam de unicórnio as mulheres bi, dispostas a se relacionarem com casais. Depois, o termo se expandiu e se reconfigurou. Hoje, na maioria dos casos, é pejorativo.

Inacio: Quando se vê aquele casalzinho entrando em grupos de poliamor, buscando uma mulher bi, para uma "relação saudável", basta algumas perguntinhas que irá ver que eles buscam um unicórnio

Um dos membros expõe sua aversão pela busca de “unicórnios” de maneira bem veemente:

Diego: Ja tivemos 3 namoradas e hoje optamos pela ignorância 3 namoradas ao mesmo tempo ou ao longo da relação? E era como isso? Eram namoradas "do casal", tipo um unicórnio? Só curiosidade... :) Odeio unicornio, prefiro puta! Foram pessoas que convivemos anos "Espera-se que o unicórnio transe com mais ninguém além do casal"

Os casais que tentam se justificar dizendo que não se trata de um *ménage* ou sexo casual:

Théo: Mas na maioria das vezes elas acham que é somente ménage E não é isso que queremos. Queremos dividir a vida. Ter novas histórias. Poder estar ali sempre”

Livia: Quando é unicórnio eles te abordam claramente para sexo. Te fazem só perguntas sexuais e quem faz é a esposa. Quando é um casal poliamoroso eles estão preocupados com a pessoas, com contas, com criança, com cachorro, comida e sexo é consequência.

Muito da crítica passa pelo fato de que desconfia-se da não monogamia destes casais na realidade, já que a “entidade” casal não se desfaz.

Théo: Tem casal que por acordo interno não se permite ter seus afetos em separado e só falando junto, como se fossem uma pessoa só. Acho muita perda de individualidade sabe?!

Sônia: É somente relação liberal e não, a não monogamia como proposta

Théo: Sim, é casal mono fazendo ménage.

E as vezes dizendo que na verdade estão em busca de formar um trisal, mas na prática não se esforçam nada individualmente pra que a coisa aconteça. Eles só ficam politicamente corretos perante a objetificação, mas na prática é só ménage mesmo

A maior questão, portanto, sobre o conceito de unicórnio diz respeito ao fato de as

mesmas estarem excluídas da vida social do casal e logo dos direitos e tudo mais que a oficialidade de uma relação garante.

Flávia: Sim, essa é a maior dificuldade no poliamor, por isso q quase sempre acaba em um casal inicialmente mono + unicórnio, e o unicórnio é o que mais sofre, pq sempre fica meio excluído, nunca recebe o afeto devido...

A fala da integrante do grupo, dá uma noção da perspectiva da esposa e mostra que há hierarquia sim, ou seja, o tratamento diferenciado entre a “namorada” e a esposa oficial:

Flora: Porém, nunca “opine!” a respeito da disponibilidade dele pra ela e inclusive, ele já comentou com ela o quanto a vida estava corrida e que ele não poderia corresponder às expectativas dela quanto a frequência deles se verem. Mas é complicado mesmo
Agora eles decidiram que não vão continuar se vendo mais por isso :/
Claro, todos precisam respeitar todos mas relacionamentos diferentes dentro do poliamor tem maturidades diferentes. O marido e esposa geralmente ja carregam mais vinculo, mais tempo juntos, alem de filhos, familia, bens, etc. A pessoa que chegou depois no relacionamento precisa saber respeitar todas essas questoes. Senao nao da certo ... Alias foi por isso que meus namoros eventualmente terminaram, as namoradas evetualmente queriam mais do que eu poderia dar sem estressar meu casamento....

Uma outra função apontada pelos poliamoristas que acaba sendo opressor para as mulheres que se posicionam no papel de “unicórnio” é a de equilibrar, concertar ou mesmo apimentar a relação inicial.

Sônia: Unicórnio é um termo um pouco problemático... Mas vai do ponto de vista e da interpretação. Tipo tem gente que não aceita ser unicórnio, pois quer ser parte igual da relação e querendo ou não, quando vc coloca a pessoa na posição de unicórnio, vc tá jogando em cima dela toda a responsabilidade sobre "equilibrar" "concertar" (ou qualquer outra palavra que vc queira usar) sua relação inicial.

Dentro no contexto dos acordos eles entendem que há a possibilidade de casais encontrarem suas “unicórnios” ou namoradas, desde que os acordos sejam claros e satisfatório para todos os envolvidos:

Saulo: Qto à isso a primeira coisa q vcs dois precisam saber é o q realmente vcs querem em relação à essa terceira pessoa
No meio poli isso se chama acordos
Os acordos precisam ser bom para os 3
E claro q podem ser revistos e reajustados sempre q necessário
Mas o importante é q tudo seja feito com respeito e com mta verdade
E nunca esqueçam q a terceira pessoa é uma PESSOA e q os anseios e querereres dela tb precisam ser ouvidos e levados em consideração

Túlio: Sou Túlio. 39 anos. Tijuca. Hétero casado em busca de uma mulher pra apimentar nossa relação
Fernanda: Já procurou em grupos/sites de swing ?

Túlio: Ainda não, estamos buscando alternativas e viemos parar aqui.
 Fernanda: Mas vcs querem uma mulher para interação sexual somente?
 Aqui é um grupo d poliamor...q visa conversas e tb interações entre os participantes.
 Claro q falamos Tb sobre nossas questões sexuais...pq ninguém aqui é monge rrsrses
 Mas falar q querem uma mulher para "apimentar" a relação é d um tom extremamente objetificador e um tanto machista tb...
 Sugiro q vcs repensem a abordagem e um bom exercício seria vcs verem como vcs gostariam d serem tratados nessa mesma situação

Na fala da administradora, mulheres para apimentar a relação devem ser procuradas no *swing*, e esta é uma recomendação bem comum nos grupos. Pessoas que entram demonstrando interesse por sexo são orientadas a procurar grupos ou casas de *swing*.

José: Meu nome e José sou de cabo frio RJ tenho 27 anos, casado querendo uma mulher para agradar no prazer
 Fernanada: Vc quer uma mulher pra transar com vc e sua mulher é isso?
 José: Mais o menos isso
 E exatamente isso rs, ela sempre teve curiosidade mas medo por também vir de uma família cristã, depois de uma boa conversa ela se permitiu a chance de se explicar
 Fernanada: Eu acho q vcs deveriam tb procurar um grupo liberal ou d swing. Aqui é um grupo voltado pra debates sobre poliamor...não q não possam surgir conexões entre os componentes do grupo. Mas o objetivo principal não é satisfazermos nossas fantasias sexuais...
 José: Assim mil perdões
 Fernanda: Sem problemas. Acontece mto isso
 Seria bom vcs tb conhecerem sobre o poliamor, caso vcs julguem interessante
 José saiu
 Fernanda: Qual o grau d dificuldade q essa galera q quer entrar no poliamor e q já frequenta ou não o meio liberal de entender q "busco uma amiga pra mim e pra minha mulher" é uma das frases mais toscas q existe
 Primeiro q amizade não se busca...ela acontece...nós conhecemos pessoas no dia a dia e esse contato pode evoluir ou não para uma amizade...para um relacionamento...para um sexo bom...

Pelo exposto, percebe-se um mal-estar evidente no grupo, quando ocorre a procura por mulheres para compor um ménage com finalidade estritamente sexual, ou mesmo quando o objetivo é conhecer uma namorada para o casal. Observa-se muitas vezes nas redes sociais um movimento que procura separar entre os “verdadeiros” e os “falsos” poliamoristas, sendo que os falsos são os homens que procuram sexo “fácil” e que o poliamor só vale com as mulheres dos outros e entre as mulheres, as que aceitam os desejos do parceiro (Pilão, 2012, p. 70).

Érica: E sempre é homem dizendo "minha namorada e eu" estamos procurando alguém (mulher) para formar um trisal.
 Joana: Perfeito resumo, e pior que é o dia a dia hahahahahahaa
 Pessoal entra nos grupos pensando que vai receber convite de orgia.

Érica: Na maioria das vezes, a pessoa fala em poliamor, mas quer possuir mais de uma pessoa, não amar.

O que mais vejo é "somos um casal e estamos procurando uma mulher para formar um trisal".

Deveria ser como aquele pagode: "deixa acontecer, naturalmente..."kk

Lívia: O dilema do cardápio de gente

Érica: Sim. E, como sempre, nós mulheres sofremos mais com isso.

Eu sinto que espero muito de mim e dos outros como se o fato de se autodeclarar não mono tivesse que vir ja com o combo de ferramentas e atitudes todas saudáveis,, e quando muitas vezes nos pegamos sendo tóxicos ... vem toda uma culpa um nao acolhimento tanto nosso quanto as vezes das parcerias

Um outro termo, surgido recentemente, aparece algumas vezes nos discursos, talvez com menor peso pejorativo. O termo “marmitta de casal” é usado como uma referência a pessoas que querem fazer o *ménage* ou sexo casual com casais. Neste sentido o termo pressupõe que este terceiro elemento será uma opção passageira e provavelmente sem envolvimento emocional.

Figura 8: Fantasia de carnaval, Rio de Janeiro, 2023



Fonte: <https://noticias.uol.com.br/cotidiano/ultimas-noticias/2023/02/26/nao-e-trisal-mas-cabe-mais-um-marmitta-de-casal-vira-nova-opcao-de-sexo.htm>

Este termo não é muito usado pela comunidade poliamorista, devido ao fato de não estar relacionado a uma relação afetiva de fato, ele pressupõe relação casual e o termo mesmo suscita algo de objetificado.

No carnaval de 2023 foi uma das fantasias encontradas em várias cidades do Brasil,

momento em que este termo se popularizou e, como pode ser visto na foto, as pessoas se autointitulam marmitta, ao contrário do que ocorre com as “unicórnios”, que não se auto identificam assim. É mais comum elas serem identificadas por terceiros, já que esta denominação também não surge do casal.

Simone: Acho essa configuração “marmittas de casal e unicórnios” (acho os nomes muito estranhos também hahaha) super válidas se todo mundo ali tá de fato feliz! Eu não ficaria! Mas sei que muitos estão ótimos com essa configuração e ok!

Tânia: Também acho que vai muito do que as pessoas procuram pra elas e menos do “existe uma entidade casal”...

As relações com as “unicórnios” que, em princípio não se trata de uma relação casual, mas talvez de uma pessoa em uma posição desfavorecida, também podem ser escolha dessa mulher.

Simone: "queremos uma mulher, nada de homem pra minha esposa", parece estar muito ligado a esse conceito!

Joel: Nem sempre, mas em muitos casos sim

Conheço mulheres que fazem esta escolha

Nem sempre é imposição ou manipulação do cara

Paloma: Então, tem gente que consegue aceitar bem ser um unicórnio. Não é problema. O problema mesmo é quando o casal não diz que é isso que busca...

Este reconhecimento passa pelo viés do feitiço, uma vez que os grupos de poliamor também parecem ser espaço em que os fetiches, como BDSM, são pauta.

Livia: Vem da ideia de caçar algo raro (a mulher bissexual que se sujeite a esses termos de relacionamento), que vai ficar de souvenir, para pura apreciação de quem a “possui”. A “unicornização” é, então, o processo de busca ou de submissão da mulher a tais condições.

Ainda sim eu quero ser unicórnio. Porém de um casal já formado q se ama e se respeita. Que possui uma linda história Gostaria de compartilhar momentos mas não apenas sexuais. Mas dentro de acordos e contextos poliamoristas e não em App de ménage.

Sandro: Então, gente, mas perai... Eu acho que se as coisas são transparentes e honestas não há problema algum. A comunicação é o mais importante.

Além disso, só é possível consentir se tudo for comunicado.

Joel: Ou seja, tem gente que quer ser unicórnio, por 'n' motivos. Essas pessoas geralmente não querem ter a preocupação de um engajamento com um casal. Ela prefere os bons momentos, o sexo e só. Ela aceita ser um unicórnio, mas isso tem que ser claro desde o início. O que me incomoda são casais que propõem o poliamor como relação, mas no fundo no fundo estão apenas buscando um unicórnio. E é por isso que tanta gente acaba ficando frustrada.

Daniela: Por um tempo, eu fui "unicórnio"! Gostava disso

Por fim, fica evidente que a participação em um casal, por mais que seja estigmatizada e que esteja impregnada por uma ideia de menor valor na relação, o que mais parece interessar aos poliamoristas é o consentimento e a comunicação aberta do que se busca em cada relação e com cada pessoa. Apesar de duras críticas de alguns, outras insistem que ser “unicórnio” não é uma configuração tão ruim assim, dentro do que se espera. Uma amostra deste olhar também pode ser vista nas recentes marmitas de casal.

Joel: A melhor forma de alguém tomar uma decisão, é sabendo da verdade. Se alguém diz que busca um unicórnio, fica mais fácil encontrar do que não falar a verdade. É aí que acabam magoando as pessoas.

Vera: Pra mim, sério é dizer que a pessoa não é descartável, que não é secundária e que não será um simples unicórnio. Que ela pode e tem o direito de tomar uma posição primária dentro da relação. Isso, pra mim, é uma relação séria.

Olga: Mais questão de gosto mesmo não tenho apreço em satisfazer dois homens admiro mais não é pra mim talvez se fosse uma relação sem sexo da minha parte blz mais meu esposo teria que ser bi ele super me deixou a vontade que se viesse um homem pra relação eles tipo seriam melhores amigos mais não teria intimidade ele até queria que fosse um homem mais um pra cuidar de mim etc mais eu não consigo só como eu disse só se eu caísse de quatro pé por um homem que meu coração se afeiçoasse mais a ideia na minha cabeça ainda é muito difícil. Só isso mesmo nada contra vejo bastante grupos pedindo trisal hmh ontem mesmo vi um no Facebook e desejo toda felicidade pra quem ama dessa maneira.

Júlio: Pelo que eu entendi: em um trio HMH é mais difícil para a mulher gerenciar os conflitos e as expectativas e se dividindo em duas do que no MHM, pois, para ela, no modelo MHM seria o homem a pessoa que se divide para atender as necessidades das duas mulheres.

Pilão (2012) ressalta que é essencial perceber que os arranjos poliamoristas se distinguem de outros relacionamentos conjugais contemporâneos não é apenas a proximidade entre amizade e intimidade sexual, mas, principalmente, a interconexão entre amor e amizade. No poliamor, os afetos e a sexualidade podem ser compartilhados com um número indefinido de pessoas, o que tende a diluir o papel socialmente diferenciado de um cônjuge tradicional. O amor, ao não ser compreendido como algo exclusivo, assemelha-se mais à dinâmica de amizade que muitos poliamoristas idealizam, uma vez que a amizade não é regulada por contratos ou obrigações, mas sim uma escolha mútua, onde os amigos permanecem juntos por vontade própria (Pilão, 2012, p. 106).

Alguns participantes alegam que a falta de conhecimento sobre o poliamor e as suas definições os deixaram confusos com suas escolhas e até mesmo em conflitos com relacionamentos monogâmicos anteriores. Mas é comum que a elaboração da ideia de incluir

um novo parceiro no casal esteja mais desenvolvida, pelo menos no discurso. Entretanto, os solteiros não se sentem à vontade entrando em uma relação que já existe.

Vicente: Compartilhando uma experiência minha. Um casal de amigos, muito próximos. começamos a conversar bastante sobre experiências. Eles nunca cogitaram de abrir o relacionamento. Mas rolou um ménage, repetimos algumas vezes. Quando se viu, estávamos nessa há 8 meses. Eles não convidaram nenhuma outra pessoa e eu não ficava com mais ninguém.

Nunca assumimos um relacionamento, mas na prática era.

Eles ainda não estavam preparados para algo assim. Tanto que logo em seguida, quando eles engravidaram, acharam melhor acabar.

Betina: O que se vê no que tu descreve eh um relacionamento

Vicente: Sim, mas para eles não era.

Eles se sentiam desconfortáveis com a ideia de ser um "relacionamento".

A experiência que Vicente compartilhou traz à tona várias questões importantes sobre a natureza dos relacionamentos no contexto da não monogamia. A relutância do casal em chamar a situação de um "relacionamento" pode refletir medos, inseguranças ou expectativas culturais e pessoais sobre o que constitui um relacionamento. Explorar esses aspectos pode ajudar a entender melhor as barreiras psicológicas e emocionais que pessoas enfrentam em contextos de não monogamia.

A experiência também mostra que nem todos estão emocionalmente preparados para manter um relacionamento não monogâmico, mesmo que, na prática, estejam vivendo um. No caso de Vicente, a gravidez pode ter acentuado a necessidade de redefinir prioridades e limites, levando ao fim da dinâmica que eles tinham. A gravidez do casal foi um evento significativo que mudou a dinâmica do relacionamento. Eventos de vida importantes muitas vezes servem como pontos de inflexão em relacionamentos, levando a reavaliações e mudanças nas estruturas e nos acordos estabelecidos. Relacionamentos não monogâmicos, como qualquer outro, requerem flexibilidade e a capacidade de se adaptar a mudanças nas circunstâncias e nas necessidades emocionais das pessoas envolvidas.

6.5 ESPAÇOS DE INTERAÇÃO, DISCUSSÃO, PROPAGAÇÃO E APOIO

Para Pilão (2017), a internet é uma das grandes responsáveis pela visibilidade e expansão do poliamor por permitir a proliferação simultânea de comunidades em diferentes países sem depender da formação de grupos presenciais. Desta forma, em vez de atingir apenas pequenos círculos comunitários, como nos anos 1970, agora o poliamor alcança de modo organizado um público muito mais abrangente. A maior parte das pessoas conhece o termo, aprofunda-se na temática e até mesmo encontra possíveis parcerias ou amizades de forma

virtual (Pilão, 2017, p.186).

Com o surgimento do poliamor nos Estados Unidos no início da década de 1990 e sua subsequente difusão em outros países, emergiram grupos com o propósito de consolidar identidades e práticas não monogâmicas, lutando pela visibilidade política desse tema. No Brasil, os primeiros grupos de poliamoristas começaram a se organizar nos anos 2000, utilizando a internet como principal ferramenta de divulgação. Ainda nessa década, foi criada em Porto Alegre a Rede de Relações Livres, que se tornou bastante influente no Sul do país (Bornia Jr, 2021, p.14). Anapol (2010, p. 6) afirma que as NM talvez sejam a última minoria sexual a ter que “sair do armário”.

Diego: Mas com assuntos de Poliamor eu não ganho nada, porém, ainda assim gosto de compartilhar pq ajudo outras pessoas, assim como também as outras pessoas q compartilham ajudam a mim.. Foi através do compartilhamentos de outros q eu conheci o Poliamor e esse mundo todo de diversidade das relações. Acho super importante ter pessoas q dão a cara a tapa sobre o assunto, graças a essas pessoas vai chegar um dia q o Poliamor terá o apoio e respeito que merece...

Os poliamoristas não possuem um espaço físico definido como os *swingers* que têm as casas, pousadas, clubes, etc., mas ocupam amplamente os espaços virtuais. Existem muitas páginas, blogs, canais e grupos de *Whatsapp* dedicados a divulgação e mobilização, bem como apresentação de conceitos e informações sobre eventos e cursos. Os grupos de *Whatsapp* analisados neste trabalho, possuem administradores que organizam o funcionamento do grupo da seguinte maneira: os novatos são sempre convidados a se apresentar. Em alguns períodos a apresentação também é solicitada periodicamente, para os participantes mais antigos. As apresentações seguem as regras dos grupos, citando também as experiências ou expectativas com o poliamor.

As pessoas entram nestes grupos por dois motivos básicos. O primeiro, e mais aprovado pelos outros membros, é a busca de conhecimento, informações e troca de experiências sobre poliamor.

David: Prazer a todos procuro conhecimento e compartilhar momentos de amizade sou casado a 8 anos queríamos conhecer mais sobre o assunto

O segundo, e mais passível de censura, é a busca por relações e/ou relacionamentos. As pessoas que entram nos grupos dizendo que procuram relacionamentos, normalmente especificam o formato que preferem como MHM, HMH, MMM, HHH. As pessoas que entram com o este interesse costumam ser repreendidas imediatamente. Mas, apesar desse incômodo com casais que entram nos grupos a procura de uma terceira pessoa, é mais comum que as

relações poliamorosas se originem a partir de um casal inicial (Pilão, 2012, p. 57).

Geovana: Casal hm 38 e 42 anos funcionario publico somos de Goiânia Goiás, algum tempo nos interessamos pelo Poli do qual temos preferencia hmh

Ruan: aqui não é tinder, dona

Geovana: Se foi pra gente irei desconsiderar

Até pq no momento não estamos em busca de alguém, mais sim conversar com pessoas de bom senso que queira compartilhar de sua experiência, pois com exemplos de alguns podemos tirar duvidas e ter mais conhecimento no assunto.

Ruan: Me incomoda quem chega dizendo: buscamos mhm queremos tal coisa, como se fosse um supermercado que tu vai escolhendo na prateleira

Felipe: O foco do grupo é mais para conversar e aprender sobre o poliamor. Os encontros acabam ficando em segundo plano.

O incômodo que isso causa nos demais membros é claro, principalmente, quando há a suspeita de que a busca é apenas sexual e não afetiva. É bastante comum também que homens e mulheres entrem nos grupos em nome do casal a procura de outra mulher para compor a relação. Homens costumam ser imediatamente questionados sobre a ausência da companheira. Diante das explicações que normalmente são:

Daniel: ela vai entrar depois
ela não tem paciência pra grupo
ela está aqui do meu lado

Pietro: Olá gente tbm sou um casal tbm estou procurando uma amiga para brincar com a gente em SP

Arthur: Oi Pietro, tudo bem? Penso que seria interessante sua parceira também estar aqui no grupo, que acha?

Pietro: Até acharia legal mas ela não gosta muito de grupos ela é mais discreta entendeu

Arthur: Além disso. Hummm... Voce disse brincar o que sugere um ménage.

Já que com amor não se brinca

Sempre ocorre o pedido para que elas também participem do grupo. As mulheres que entram para o grupo em nome de um casal também são convidadas a incluir os parceiros, mas são menos inquiridas sobre a ausência dos mesmos.

Outra coisa inadmitida nos grupos de poliamor analisados é pornografia ou vídeos e fotos de nus. Eles entendem que este é um ponto importante sobre a coexistência de diferentes interesses e práticas dentro de comunidades de poliamor. Enquanto alguns apreciam a inclusão de elementos sexuais e fetichistas, outros preferem manter essas áreas separadas. A criação de espaços diferenciados, com regras claras e um entendimento compartilhado, pode ajudar a acomodar a diversidade de preferências e manter a integridade e o respeito dentro dessas

comunidades.

José: Inclusive, tem vários grupos de poliamor, que são bem movimentado, sim.

Cheio de fotos, nudez, pornografia.

Todo mundo gosta! Eu amo putaria, mas não misturo oeu estilo de vida

Ede amar, com o fetiche das pessoas

Marta: Gente, eu tenho vários fetiches, eu adoro putaria..

Não sou uma falsa moralista, nem quero ser...

Mas, tem gente que confunde...

Lívia: Aqui e todos os grupos tem isso bem claro desde o início: todos ou quase todos os grupos d poli q conhecemos, tem esse lance d nudes, e tem gente q não gosta ou tá cansada, então o Diego criou espaços diferenciados

A existência de aplicativos de relacionamentos que atenda a busca dos poliamoristas leva a debates, pois no entendimento de alguns os aplicativos existentes somente atendem às pessoas que buscam uma relação sexual a três, o ménage.

Gerson: Fato é que não tem nenhum app que realmente supra nossas expectativas nos parâmetros que nós poliamoristas temos

Escreve "namoro à três" e a maioria dos apps que aparece é pra ménage ou swing...

Quase nada mono-normativo...

Diego: Tinder é monogâmico

Lívia: Não é meeesmo! Dei match com cariocas casais e mulheres não mono

Gerson: Na verdade eu testei quase tudo que tem na rede Badoo, Tinder, Casal Real, Pitanga e não achei nada de Poliamor, achei muito Swing, Ménage, Polipuruba, Polipurubaria, mas gente mesmo entendo e querendo Relacionamento sério quase ninguém.

O *Tinder*, como aplicativo de encontros, não é intrinsecamente monogâmico ou não monogâmico. Ele é uma plataforma neutra que pode ser usada por pessoas com diferentes preferências e orientações em relação a relacionamentos. O que determina a natureza do relacionamento é a intenção e o acordo entre os usuários que se conectam através do aplicativo. Assim, pessoas que praticam não monogamia também podem usar o *Tinder* para encontrar novos parceiros. Alguns usuários explicitam em seus perfis que estão em relacionamentos não monogâmicos e que estão buscando conexões adicionais.

Sônia: Eu e meu noivo nos conhecemos pela Internet, a um pouco mais de um ano e queríamos muito formar um trisal..

Fizemos um perfil no Tinder, com uma bio sincera e divertida, com as nossas fotos (pois a maioria dos perfis de casais no Tinder são sem as fotos ou com aquele papo de sigilo).

Foi isso, começamos a dar like e ver o que dava.

No primeiro dia de perfil demos match com uma pessoa que o papo desenrolou bem, saímos e no primeiro encontro falamos sobre aquilo que queríamos, deixamos BEM CLARO que queríamos um relacionamento e que se ela também queria, podíamos seguir cvs e

vendo, mas se não era a intenção dela, a gente não queria ""perder tempo""...

No fim, ela disse que estava procurando fazer parte de um trisal e que o nosso perfil no Tinder era diferentes do dos outros casais e isso chamou atenção.

As coisas correram bem e vamos pedir ela em namoro kk

O *Tinder* é uma ferramenta versátil que pode ser adaptada a uma variedade de tipos de relacionamento. Ele não é inerentemente monogâmico ou não monogâmico, mas pode ser usado por pessoas com diferentes perspectivas e preferências para encontrar conexões que atendam às suas necessidades e desejos. A chave para um uso satisfatório do *Tinder* reside na clareza de intenção.

Quando alguém entra e sai rapidamente do grupo, sugere-se que esta pessoa entrou em busca de um ambiente “promiscuo” ou que seu único objetivo era pegar números de telefones para fazer contatos individuais. Fica evidente o receio dos poliamoristas em relação ao estigma do sexo fácil, receio este justificado muitas vezes pelo fato de que as categorias de NM ainda não estão bem claras para o público em geral. De fato, existe grande confusão entre poliamor e RA, *Swing*, Relações Livres, etc. Essa preocupação leva muitas vezes os poliamoristas a posicionamentos imperativos em relação às classificações com as demais formas de NM.

Lívia: É q várias pessoas entram achando q é oba oba, q querem cardápio d gente, aí quando veem q não é isso, caem fora.

Sem contar os q entram, ficam alguns minutos pra pegar contato da mulherada e saem do grupo invadindo os pvs

Taís: Acho que, em geral, as pessoas confundem poliamor com espaço para catar parceiros sexuais, por isso que os grupos se calam.

Uma fala recorrente se refere as pessoas que procuram por relacionamentos é a de “cardápio”, fazendo alusão próprio *Tinder*.

Diego: Pessoas não querem fazer amizade, querem cardápio de mulheres, entram, rouba contato das meninas e sai e fica disparando: quer dar para mim e minha esposa”

Ainda que esta procura seja cercada de explicações de cunho sentimental, acredita-se que essas pessoas não estão comprometidas com o poliamor e nem seriam capazes de levar uma relação deste formato, mas buscam apenas relações sexuais com uma terceira pessoa ou mais. Estas buscas são rebatidas pelos poliamoristas pois acreditam que isto os reduz ao sexo o que é muito desagradável para eles.

Moisés: Prazer em conhecê-los

Moisés saiu

Fernanda: Essa figura ainda veio no meu PV

Qdo descobri q foi aqui q ele pegou meu contato eu falei "ué vc entrou

e saiu na mesma hora"...ele respondeu "eu vi q o povo lá não interagia"...

Porram em 3 segundos...tomanocú né

Ranço desse povo sem noção

Keila: Ele deve ter imaginado que ao entrar aqui, todo mundo estaria em um surubão virtual ininterrupto, 24h por dia...

Afinal, esse negócio de poliamor é "aquele pessoal que gosta de putaria, né?"...

Para além da internet, alguns grupos e pesquisadores do poliamor e NM propõem encontros, picnics, grupos de estudos, e até mesmo retiros. Algumas destas propostas foram visitadas por mim e apresento aqui a experiência em um retiro NM no interior de São Paulo. A proposta de um “retiro não mono” partiu de uma página no *Instagram*, organizado por duas psicólogas muito conhecidas no meio poliamorista:

Cada atividade foi cuidadosamente elaborada para que possamos colocar em prática conceitos como confiança, responsabilidade afetiva, consentimento, amorosidade e autoconhecimento. No fim de semana de 18 a 20/3, você terá um espaço seguro para se aprofundar emocionalmente, com acolhimento dos seus limites e necessidades. Através do apoio e o afeto do grupo somos mais potentes na realização de transformações significativas.

“Refletir sobre não monogamia e conectar pessoas afins” são os pilares da página. As psicólogas organizam, além da página no *Instagram*, reuniões, encontros, *podcast* e grupos de *Whatsapp* para tratar de temas ligados a relações saudáveis, poliamor e não monogamia. A divulgação de um retiro me chamou atenção devido ao fato de ser uma das primeiras iniciativas presenciais após a pandemia. A proposta foi realizar um retiro imersivo como o objetivo de “partilhar e expandir as premissas de uma não monogamia ética”. O encontro aconteceu em março de 2022 em um sítio no interior do estado de São Paulo. O valor era de setecentos reais por pessoa com hospedagem e alimentação vegana incluídas para o final de semana.

Cerca de dez pessoas participaram do retiro, além das facilitadoras, uma psicóloga e uma terapeuta que formam um casal. Na sexta à noite houve um jantar e uma dinâmica de apresentação dos participantes. Na manhã seguinte seguimos a programação preestabelecida e praticamos uma aula de acroyoga⁶⁰. As dinâmicas quase sempre buscavam a interação entre os retirantes, que a princípio não se conheciam, formando pares ou trios para a interação. Após o almoço tivemos uma dinâmica chamada círculo do consentimento, ele consistia num exercício de consentimento, hora negando, hora permitindo que o par realizasse coisas conosco, poderia ser uma massagem, um cafuné, um beijo, ou qualquer outra coisa pedida.

Outra dinâmica chamada afetoterapia encistava o auto afeto e a possibilidade receber

⁶⁰ Posições de yoga e meditação acrescidas de movimentos acrobáticos.

carinhos físicos de pessoas desconhecidas, a dinâmica se passou boa parte com os participantes vendados trocando carícias de formas diversas. Uma dinâmica mais rápida nos levou a fazermos perguntas pré-elaboradas, muitas incluindo a não monogamia, foi a primeira menção a não monogamia nas dinâmicas, apesar das conversas paralelas e da apresentação já ter tratado disso. Na noite de sábado ainda houve uma festa com música e bebida.

No domingo uma meditação foi proposta, eles a chamaram de meditação do renascimento, e consistia em um controle de respiração rápida que leva à perda de consciência com efeitos físicos, como dormência e confusão mental. Muitos reagiram com gritos, choro, gargalhadas, gemidos e contorções, enquanto um meditava havia outra pessoa ao lado impondo as mãos e acolhendo aquele que estivesse mais desorientado. Enquanto isso os facilitadores caminhavam e assistiam, dizendo palavras de consolo e afeto, na maioria das vezes convidando o retirante a se entregar ao estado. Após o almoço foi proposta uma última atividade artística envolvendo tinta guache e pintura no corpo, a nudez era encorajada em vários momentos, e neste, algumas pessoas tiraram a blusa, homens e mulheres.

Meses depois do evento um texto publicado em uma plataforma *online* de publicação de conteúdos que permite a escritores, jornalistas, blogueiros e leitores compartilharem histórias, ideias e opiniões, causou certa polêmica no grupo administrado pelas organizadoras do retiro. Neste texto o autor criticava a mercantilização dos conhecimentos e debates NM. Ele iniciava o texto apresentado as inúmeras possibilidades NM, desde ser um não-modelo, relações sem exclusividade, prática artesanal de cunho anticolonial, acordos rígidos e bem definidos, alguns vivem de forma autônoma, outros permanecem vinculados a sua identidade de casal, alguns buscam ampliar o formato de casal incluindo mais parceiros, e tem aqueles que querem abolir o casamento. Demonstrando que ainda não existe um consenso definitivo sobre o que defina a prática não monogâmica. O autor traz todo este panorama para provar que estamos nos referindo a um conceito em disputa, que nem sempre é amistosa, pois existem visões antagônicas, que nem o fato de todos serem marginalizados pela estrutura monogâmica, provocará conciliação.

Há diversos recortes que permeiam o tema e não podem ser vistos de forma homogênea, diferentes perspectivas de raça, credos, gênero, classes e orientações sexuais (para citar alguns) devem ser levados em conta. Neste sentido, é interessante observar o que o autor chama de NM de cunho liberal e NM de cunho revolucionário. Segundo ele, tendo em vista a popularização do debate, ele traz consigo uma resposta reacionária, tanto na forma de oposição direta (a onda neoconservadora de proteção à família, do resgate de valores cristãos e exaltação do amor romântico se enquadram nessa oposição) quanto na forma de cooptação e higienização de

pautas. Cujos discursos dóceis (quase infantilizados) fantasiados de “acolhimento” que vem tomando corpo na comunidade, também na forma de retiro místico NM que pedem valores significativos e inacessível para muitos. Ele chama essas iniciativas de NM passiva, que naturaliza desigualdades, que entorpece a luta com retóricas conformistas e liberais, que busca uma convivência pacífica com a estrutura de opressão monogâmica, uma NM branca de gente privilegiada, de “retiros espirituais” caríssimos, de venda de *merchandising*, de desenvolvimento de marca, essa NM é a síntese da norma que o grupo, representado por este autor busca combater.

O fato é que este texto foi muito mal recebido pelo grupo que tratou de dar apoio às organizadoras:

Júnia: Olha .. eu vou falar uma coisa... Já tem um tempinho que eu estou cansada desse discurso ofensivo e segregador que muitos dos "guardiões da verdade absoluta da NM" vem cagando regra pros outros... E eu imagino o quanto as meninas tem de paciência pra aguentar e seguir em frente! [...] Elas abrem as portas pra quem justamente está começando e está perdido! De uma forma tão delicada, tão receptiva, tão amorosa que chega realmente dar raiva de quem tem coragem (sob a desculpa de qualquer pretexto) para atacar o trabalho delas! recebam todo meu carinho, respeito e gratidão! Estamos juntos nessa luta! Beijão carinhoso!

O que levou a apresentação de contrapontos e controvérsias da perspectiva apresentada. Uma das participantes do grupo levanta uma questão interessante de ser trazida, segundo ela, muitos movimentos NM estão sendo liderados por homens, tirando o protagonismo feminino do debate. A denúncia é sobre uma página cujo comentário dessa mulher foi apagado:

Liz: Eu entendi que ele está frustrado, e comentei com o Juan que entrei em outra página (bem famosa), e o cara falando sobre solo poli, que é uma versão capitalista e etc etc e não monogamia está tomando um viés político de "coletivo", e por minha vez eu critiquei e falei ser solo poli é proteção em uma sociedade machista, aonde proselitismo político nunca vai beneficiar minorias, que não seja na retorica bonita, na prática nunca me beneficiaram, sou mulher bi.

O homem simplesmente apagou meu comentário. Foi ai que entendi que na verdade, mulheres que irão defender autonomia na não monogâmia, vão incomodar alguns sim.

Neste sentido existe uma crítica em relação a alguns coletivos que parecem silenciar vozes femininas.

Marina: Também já tive debates com amigas de esquerda dizendo que a NM é para beneficiar os homens que querem um harém. Sempre eu tenho que explicar como a não monogamia é libertadora para as mulheres e como nos devemos nos apropriar dela e lutar por ela.

Gabriela: Agora pegando um gancho na questão do patriarcalismo e no quanto é nítida a visibilidade que damos aos homens qdo eles falam...

O texto dele teve 148 curtidas, o nosso tem 69. Ele tem 715 seguidores, nós temos 38 mil.
Curioso não é?

Este fato faz pensar sobre as mulheres no ambiente da NM e seus espaços de atuação. Além deste fator político, ainda existe um duplo padrão de moralidade que afeta as mulheres de forma desproporcional em comparação aos homens. Diante disso, elas têm ainda mais dificuldade em assumir seu modelo relacional devido à resistência da família, das parcerias, das amigas que acreditam que elas tentarão roubar seus namorados e dos homens em geral que tendem a enxergá-las apenas como uma oportunidade para sexo fácil. Elas também são vistas como oferecidas, disponíveis, libertinas, vadias ou putas que não sabem com quem querem ficar e por isso andam com todo mundo, não sabem amar, não gostam de compromisso, são manipuladas ou coagidas. Há ainda a percepção das mulheres em NM a partir da ideia de excesso, por exemplo de desejo, masculinidade ou vontade de sofrer, bem como de ausência, por exemplo de autoestima, maturidade emocional ou autonomia intelectual (Silvério, 2018, p. 129).

Na maioria dos grupos poliamoristas, observa-se um alto nível de reflexividade, contestação e ativismo, com o objetivo de transformar a vida privada e íntima em um processo político (Silvério, 2018, p. 4). No entanto, a prática efetiva do poliamor enfrenta diversos desafios. Um desses desafios reside no estigma social e na falta de aceitação. Optar pelo poliamor muitas vezes significa enfrentar julgamentos e discriminação por parte da sociedade, o que pode levar alguns indivíduos a relatarem em assumir publicamente sua escolha. Além disso, a comunicação e a negociação desempenham papéis fundamentais na manutenção de relacionamentos poliamorosos saudáveis. Gerenciar múltiplos relacionamentos requer habilidades excepcionais nessas áreas, bem como um compromisso genuíno com o bem-estar de todos os envolvidos.

Taís: A gente pensa que comunidades pequenas, que discutem um modo de vida diferente do "aprovado pela sociedade", são cabeças mais pensantes, e que por isso não há preconceitos. Mas nem de longe é assim. Tem muito preconceito no BDSM. Tem muito preconceito no swing. Então para mim não é surpresa que haja preconceito no poliamor.

Encontrar parceiros compatíveis também é um desafio significativo. Nem todos estão abertos à ideia do poliamor, o que pode restringir as opções de relacionamento para aqueles que desejam explorar essa forma de vínculo. Além disso, equilibrar a equidade e a justiça emocional e física entre os parceiros é essencial para garantir que todos se sintam valorizados e respeitados.

A gestão do tempo e dos recursos também se torna uma preocupação em relacionamentos poliamorosos, especialmente quando há múltiplos parceiros envolvidos. Encontrar um equilíbrio satisfatório que permita que todos os relacionamentos sejam nutridos adequadamente é crucial.

Por fim, aspectos legais e financeiros podem criar complicações adicionais. Em muitas jurisdições, o reconhecimento legal e os direitos dos relacionamentos poliamorosos são limitados, o que pode criar desafios em áreas como herança, custódia de filhos e benefícios previdenciários.

O amor pelo outro ou outros é recorrentemente narrado e com ele o sofrimento. O sofrimento aqui se encontra muito nas tentativas de se levar o poliamor preservando a liberdade do outro e a sua própria, mas há constantes narrativas de pessoas que procuram os grupos para desabafar dificuldades como ciúmes e insegurança.

Joice: Boa tarde, pessoal!

Tenho um relacionamento o com meu marido há alguns anos, mas o combinado foi que não conversáramos sobre isso e deixar rolar.

Nisso, me relaciono tb com um outro homem sem ele ter o conhecimento.

Porém, nesse último fim de semana ele foi viajar pra ver uma pessoa e acabou trazendo muitos sentimentos.

Conversamos sobre o assunto, eu entendi a situação e tinha ficado bem, até eu saber coisas que ainda não estava preparada, como ver a foto por ex, gostos dela, que são muito parecidos com os do meu marido.

Nisso, me vi num momento complicado, de ciúme, medo, comparação...

Coisas inúteis, mas que sei que preciso ver com atenção, pra não piorar.

O ciúme é um sentimento complexo que envolve emoções como insegurança, medo de perda, desconfiança e ansiedade em relação a um relacionamento importante, seja ele romântico, familiar ou de amizade. A psicologia tem investigado o ciúme em diversos contextos, buscando entender suas causas, efeitos e formas de lidar com ele.

Fernando: Olha, insegurança, ciúme, fazem parte.

Se eu puder sugerir algo é, acolha as inseguranças dela, mas não deixe de viver o que sente vontade. Sem perder o cuidado, respeito, responsabilidade afetiva, sabe!?

Só vivendo vcs vão descobrir como lidar com as inseguranças e talvez dissolver a simbiose.

Um dos desafios de ser NM é sair da zona de conforto quase o tempo todo.

Nos relacionamentos não monogâmicos, o ciúme ainda pode ocorrer e é tratado de forma semelhante, mas com uma ênfase adicional na compersão que pode ser cultivada como uma resposta positiva ao ciúme, em estabelecer acordos claros e manter uma comunicação

contínua e transparente sobre sentimentos e necessidades é fundamental aprender sobre não-monogamia e trabalhar continuamente no autoconhecimento e a gestão emocional.

Cler: Tô em um daqueles momentos de achar que a não mono não é pra mim, que não vou conseguir. Na teoria parece tudo lindo, mas na prática é difícil demais! São processos densos, dolorosos, as vezes parece que é mais fácil só retroceder e fechar de vez a relação. Pela primeira vez estou tendo que lidar com minha companheira se apaixonando por outra pessoa e isso tem doído mais do que eu imaginava, muito mais! A insegurança tá gritando aqui dentro de mim, medo de me tornar menos interessante pra ela, medo que ela prefira estar mais com essa outra pessoa do que comigo, medo de me sentir deixada de lado na relação, parece que não vou conseguir, parece que é mais fácil só desistir de vez disso tudo, pq dói muito

Cler expressa uma angústia que muitas pessoas enfrentam quando navegam pelo mundo da não monogamia. A teoria frequentemente apresenta a NM de uma forma idealizada, mas a prática pode ser desafiadora e emocionalmente intensa.

Cler: Entao eu tento, qndo consigo respirar e pensar, fazer um paralelo com paixões minhas, com como eu continuei amando quem eu amo mesmo aparecendo pessoas novas. É isso basicamente q me segura de não pirar: saber q a paixão de um afeto meu é igual todas as paixões, não é nada de outro mundo, todos já passamos por isso, etc.

Entender que paixão é uma parte da experiência humana e que muitos passam por ela é uma alternativa buscada pelos poliamoristas, pois ajuda a desmistificar a situação e reduzir o medo e a insegurança. Fazer paralelos com as próprias paixões e experiências, é uma abordagem reflexiva para lidar com a não monogamia. Esse entendimento de que o amor pode ser expansivo e inclusivo, e não limitado ou exclusivo, é um passo para encontrar equilíbrio nas relações.

As mensagens que expõem angústias e dificuldades com a NM são recebidas com atenção e sugestões se tornando, o grupo, espaço de trocas e acolhimento.

Simone: Bom, só posso falar de mim: não é algo que se procura ou controla. E qdo aconteceu veio junto culpa, por saber que geraria sofrimento geral. E eu fico me privando de viver as coisas pro marido não sofrer mto.... o que é uma bosta (pq a outra pessoa corresponde meu sentimento).

Bia: Eu procuro tentar me acalmar e fazer algo que eu goste. Se for pra chorar, eu choro, porque uma hora a gente para de chorar e tentar racionalizar. Sei que nessas horas é difícil porque estamos lidando com sentimentos intensos, mas me ajuda bastante pensar no “motivo” de estar passando por isso. Se desconstruir não é fácil, é uma luta diária. Os posts e podcasts me ajuda muito também

O ciúme é frequentemente visto como um reflexo direto de sentimentos de amor e apego. A ideia de que "se não tem ciúmes, não gosta" é comum, mas o que é mais plausível é que o

ciúme é mais um reflexo de inseguranças e medos pessoais do que uma medida do amor.

Joel: Pra n ter ciúmes é só n gostar da pessoa.

Se tiver sentimento é certo ter ciúmes

Lívia: Sentir ciúmes é natural, mas inútil e só traz sofrimento pra todos, não ajuda em nada em nenhuma relação, então é um exercício controlar o sentimento e transformar ele em compersão

Liz: Pois é... Mas o ciúme é aceito e desejado culturalmente, então ferra tudo. Eu não aceito me relacionar com gente ciumenta. Ciúme pra mim tá no mesmo nível da inveja e do egoísmo. Sentimentos negativos, que existem, mas que não devem ser nutridos, pois não servem pra nada de bom.

Culturalmente, o ciúme é muitas vezes visto como uma prova de amor, o que pode complicar ainda mais as coisas. Essa aceitação cultural pode tornar difícil lidar com o ciúme em contextos NM.

As conversas nos grupos perpassam muito pelas experiências dos membros em relações poliamorosas que costumam contar suas vivências, dificuldades e conflitos. Estas narrativas parecem inspirar aqueles que não experimentaram este formato de relação ainda, no sentido de mostrar que é possível. Mas o mais comum são relatos que destacam as dificuldades, tanto de se encontrar as parcerias desejadas, quanto de mantê-las.

Sônia: Aí gente, bom dia, hoje eu acordei completamente destruída e exausta com a não monogamia, viu? Meu parceiro não me conta nada e eu acabo descobrindo as coisas sozinhas, ele tá cagando com o que eu sinto e penso, não dialoga nada comigo, tá fazendo o relacionamento a maneira dele e acaba jogando a bomba de uma única vez pra eu suprir. Eu realmente acho que a não monogamia jamais vai me fazer feliz. Ontem eu decidi deixá-lo fazer exatamente como ele quer, pq eu não tava suportando mais tentar direcionar pra me deixar confortável também. Ele sabe que pra mim é difícil e eu achava que o diálogo era a solução, mas ele simplesmente nunca fala nada e só conta tudo em uma só vez, o que me deixa arrasada e com um sentimento de fracasso imenso.

A comunicação deficiente é uma das principais causadoras de frustração e alienação nas relações NM. Sônia acredita que o diálogo é a solução, mas seu parceiro não se comunica de forma eficaz, resultando em uma falta de entendimento e cooperação no relacionamento. O impacto dessa situação leva os participantes a questionar a viabilidade e a felicidade dentro dessa estrutura relacional.

A ansiedade por vivenciar a NM leva, no início, muitas pessoas a necessidade de ter várias relações simultâneas para validar sua identidade não monogâmica. Isso pode ser uma reação à pressão social ou uma tentativa de se encaixar em um determinado modelo. A liberdade na não monogamia é compreendida como a capacidade de fazer escolhas conscientes e informadas sobre com quem e como se relacionar. Isso inclui a liberdade de não estar em

múltiplas relações se isso não for o que traz felicidade e equilíbrio. Reconhecer que a não monogamia é mais sobre a qualidade das conexões e a liberdade de escolha do que sobre a quantidade de parceiros é um passo importante na jornada pessoal.

Sandra: Por muito tempo achei que tinha que manter muitas relações para validar minha não monogamia. Mas hoje vejo que tem mais a ver com a paz e liberdade em exercer minha autonomia, pelo menos pra mim tem sido assim. Aquela coisa de cuidar do seu jardim primeiro, a quantidade de borboletas é consequência

Há também um esforço conjunto na busca por aumentar a presença do poliamor nos meios de comunicação, nos diálogos acadêmicos, nas plataformas de mídia social e por meio da formação de uma comunidade ativa, de apoio e de compartilhamento de conhecimento. (Pilão, 2012, p. 37). Neste sentido a identidade poliamorista não reside apenas no campo de uma escolha pessoal, mas como um movimento político. É perceptível que a formação de comunidades de apoio é essencial para oferecer um espaço seguro onde os indivíduos possam discutir suas experiências, aprender uns com os outros e promover a aceitação social do poliamor.

6.6 CASAMENTO, FAMÍLIA E MATERNIDADE

Atualmente, o código civil brasileiro preceitua como uma das regras norteadoras da sociedade o Princípio da Monogamia. Ele proíbe o casamento com mais de uma pessoa e estabelece a necessidade de fidelidade mútua entre marido e esposa. Isso significa que todas as relações afetivas, de companheirismo, íntimas, deveres e obrigações devem ser realizadas apenas com um cônjuge. Esse conceito se tornou a base para estabelecer a instituição da família, que recebe proteção especial do Estado. No Brasil, as famílias poliamorosas não são reconhecidas, com o argumento de que a monogamia é um princípio fundamental da sociedade.

Em 13 de fevereiro de 2012, foi formalizada a primeira escritura pública de uma união poliafetiva no Brasil. O evento ocorreu no Tabelionato de Notas de Tupã, em São Paulo, envolvendo duas mulheres e um homem. A oficialização desse vínculo inspirou outros cartórios a registrarem escrituras que incluíam mais de duas pessoas. Esse marco desencadeou uma intensa controvérsia no meio jurídico e na mídia, gerando debates sobre a legalidade e moralidade dessas uniões. Com a divulgação desse reconhecimento em cartório, o poliamor ganhou destaque no debate público, contribuindo para a disseminação do termo em nível nacional. Anteriormente, o conceito estava mais restrito aos círculos intelectualizados dos grandes centros urbanos (Pilão, 2021a, p. 104.).

Como afirma Schelsky (1968, p. 28) o casamento não deve ser considerado um mero regulador das relações sexuais, pois engloba grande número de elementos não sexuais. Nem tão pouco deve ser considerado como uma exclusividade das relações sexuais do casal. Alguns costumes, leis ou convenções sociais podem admitir relações sexuais extraconjugais. Mas o casamento assume uma função importante que é a dessexualização de outros terrenos da vida social, em benefício dos quais, certas energias são contornadas.

Ideologicamente, tanto o casamento quanto o namoro são acordos que alguns poliamoristas não se identificam, visto que eles envolvem contratos que limitam a liberdade individual e mantêm um núcleo monogâmico inicial (Pilão, 2012, p. 106). Portanto, uma marca importante do poliamor em relação ao matrimônio estaria na sua recusa em formar uma unidade ou uma identidade coletiva. Os poliamoristas afirmam se esforçar para manter e enfatizar suas diferenças individuais, não apenas em relação à estrutura familiar, mas sobretudo dentro de seus próprios relacionamentos amorosos. Para Pilão os poliamoristas dizem se entender como indivíduos "inteiros" que se "complementam" uns aos outros, evitando a formação de uma unidade coletiva, muito propagada pela ideia de amor romântico (Pilão, 2012, p. 99).

Heitor: Na sua opinião, o que deve ser combatido no casamento? Que elementos? Ou ele todo?

Théo: O casamento como contrato social. Que torna alguém propriedade de outrem. Relacionar-se com alguém não pode ser uma obrigação contratual, baseada no econômico.

Neste sentido os poliamoristas não consideram o casamento e a formação de uma família mononuclear como o único lugar capaz de acolher o envolvimento emocional. Já que eles não acreditam ser necessário escolher apenas uma pessoa e depositar nela todas as emoções e expectativas de vida, conferindo a ela uma posição absolutamente diferenciada dos outros. A ampliação das possibilidades amorosas enfatiza que muitas pessoas podem ser especiais, singulares e amáveis (Pilão, 2012, p. 109). De modo que, este assunto não é um dos mais recorrentes nos grupos, mas quando se menciona os temas, o que se fala é sobre os aspectos jurídicos para que ocorra uma oficialização, as questões das famílias formadas anteriormente aos relacionamentos não monogâmicos e os casais já formados que buscam um aditivo ao relacionamento principal, neste caso, violando um dos princípios mais básicos do poliamor.

Lívia: Sim, a luta é a retomada da união estável Poliafetiva, o STF revogou a Lei que permitia essa união, porque o restante do Código Civil brasileiro, não está ajustado para o reconhecimento de famílias poliafetivas e entra em conflito.

Liz: Ok. Sabido essa parte jurídica vc não acha que em termos de herança e materiais uma pessoa que chaga para ser o "terceiro" fora do

papel já não está numa condição onde pode ser prejudicada? Enquanto os outros dois casados tem seis direitos de propriedade garantidos?

Em relação as questões jurídicas, o Direito, antes oferecia aos novos modelos de família somente a invisibilidade. A condição de inexistência foi, então, substituída pela punição. No intuito de desencorajar a infidelidade conjugal, o Judiciário determinou que as uniões constituídas em paralelo a outro casamento ou outra união estável consistiam em formas de concubinato, afastadas do conceito de família, cujos efeitos repercutiam apenas na seara obrigacional. Negando completo reconhecimento enquanto família e, conseqüentemente, direitos (Veras, 2013, p. 72).

Júlio: O ideal no poliamor é abrir uma holding familiar, cada integrante tem sua cota societária e a partilha da cota daquele que falece, bem como uso dos bens, são determinados no Estatuto Societário.

Agora, compensa fazer isso quando a família tem uma casa e um carro?

Judith: Brasileiro mal sabe ler, vai entender de holding?

Uma sugestão de uma amiga advogada

Não resolve todos os problemas (como inventário, quando há falecimento de um dos membros), mas já dá alguma proteção legal

Afrânio: Sim, tem também algumas gambiarras jurídicas que dá para fazer

Silvia: Mas é absurdo galera ter que fazer malabarismo jurídico

Pois quando essas pessoas pensam em ter até mesmo uma família, ela não consegue ver opções, e existem acordo parental, para esses espectros muito mais simplesmente não pensar em família nos moldes tradicionais

Nesse contexto, há um número significativo de autores do direito que elencam a monogamia como um princípio do Direito das Famílias, ou seja, como parte de um núcleo intangível da vida conjugal. Ao mesmo tempo, a monogamia, assim considerada enquanto princípio jurídico, tem sido corriqueiramente utilizada na defesa da impossibilidade do reconhecimento das uniões simultâneas como forma de família. É impossível negar que os valores monogâmicos se encontram arraigados profundamente nas sociedades ocidentais (Veras, 2013, p.90).

Liz: Muito pior viver em trisal ou quadrisal é só uma parceria ter vários benefícios do casamento, como por exemplo direito a seguro saúde juntos.

Roudinesco (2003 *apud* Veras, 2013, p.79) afirma que o temor dos conservadores se inverteu, no sentido de se incomodarem com o fato de práticas sexuais marginalizadas quererem submeter-se à norma. O grande desejo de normatividade das antigas minorias perseguidas gera problemas na sociedade. Muitos temem que isso sinalize uma decadência dos valores tradicionais da família, escola, nação, pátria e, sobretudo, da paternidade, da figura paterna, da

lei do pai e da autoridade em todas as suas formas. Como consequência, não é mais a contestação do modelo familiar que incomoda os conservadores de todos os lados, mas sim a vontade de se submeter a ele.

Boa parte dos integrantes dos grupos não monogâmicos não se posicionam exatamente contra o casal monogâmico, muitos também querem manter relações de longa duração em que são especiais para ao menos uma pessoa. É como se a não monogamia fosse necessária para o casal se manter enquanto uma autonomia sexual pois outras regras de exclusão são criadas para manter a estabilidade e o carácter de relação “especial”. Os novos prazeres explorados são proclamados como aspectos do autodesenvolvimento e possibilidades de autoexpressão. Para Silvério, relatos de diferentes maneiras de ser um casal são muito mais comuns do que narrativas de formas de intimidades alternativas ao casal”. Neste sentido, as maneiras pelas quais as NM são discutidas ou vivenciadas parecem ser limitadas em processo e multiplicidade, além de legitimarem perpetuamente práticas relacionais tradicionais e as restrições a elas inerentes (Silvério, 2018, p. 40)

A análise das transformações familiares mostra que, embora existam mudanças aparentes nos comportamentos e identidades, as estruturas tradicionais frequentemente persistem. Veras (2013) aponta que a modernização rápida é superficial, destacando que "tudo só muda rapidamente na superfície. O novo e o moderno convivem com o arcaico e antiquado" (p. 73). Ele enfatiza que, no campo da subjetividade, as mudanças ocorrem de maneira mais lenta e não acompanham necessariamente as mudanças sociais, indicando a dificuldade de aplicar o conceito de modernização a processos subjetivos (Veras, 2013, p. 74).

A visão predominante da monogamia na sociedade pode levar a suposições incorretas sobre a natureza dos relacionamentos poliamorosos. Isso inclui a ideia de que um relacionamento adicional deve significar o fim de um relacionamento existente. A monogamia, por ser a norma, leva as pessoas a terem dificuldade em imaginar formas de relacionamento que fogem dessa norma. Mesmo que alguém inicialmente aceite a ideia do poliamor, eles podem apresentar preconceitos e expectativas internalizadas ao longo do tempo.

Theo: A verdade eh que muita gente nao consegue entender esse lance de poliamor. Sempre que comeco um namoro explico que me dou super bem com minha esposa. Ja tive mais de 1 namorada que fingiu que acreditou e 3 ou 6 meses depois me pergunta "mas quando eh que vc vai terminar esse seu casamento falido?" ...

A sociedade muitas vezes promove a monogamia como a única forma aceitável de relacionamento, o que pode levar a sentimentos de culpa e inadequação quando alguém sente desejo por outras pessoas.

Moisés: Eu me casei, um casamento legal, bacana... durou 7 anos... mas me separei quando me dei conta de que eu tinha também interesse por outras mulheres... sem deixar de amar minha esposa
 Mas isso na cabia no meu casamento
 E eu achei que o problema era meu... que porra de homem escroto safado era eu que, estando bem casado, ainda tem interesse em outras mulheres? canalha, cachorro, bandido

A experiência narrada reflete uma luta interna que muitas pessoas enfrentam quando se deparam com desejos e sentimentos que não se encaixam nas normas tradicionais de relacionamento, especialmente na monogamia. Este é um conflito comum que confronta a falha de caráter com uma expressão da identidade e desejos emocionais.

Tereza: Tô pensando aqui, eu acho que sinto uma culpa monogâmica. Me sinto culpada de sentir desejo e vontade de estar com outra pessoa também. Quando minha companheira não está bem, a gente faz uns combinados de ir com mais calma, de termos tempo de qualidade, vamos ajustando. Mas mesmo dentro desses combinados, quando eu fico com a outra pessoa que estou envolvida, parece que estou fazendo algo desnecessário

Tereza descreve essa sensação de culpa como sendo associada ao sentimento de desejo por outra pessoa além de sua companheira. Isso pode ser resultado das normas e expectativas sociais que favorecem a exclusividade emocional e sexual nos relacionamentos monogâmicos. Neste contexto, as impossibilidades reais se apresentam, tais como a incompatibilidade entre os integrantes de um casal, o que na prática mitiga as experiências concretas de casamentos coletivos.

Saulo: Boa noite, pessoal... tudo bem? Gostaria de compartilhar com vocês um dilema que estou passando... Está super complicado... Eu tenho um casamento perfeito, que eu sempre sonhei, que respeitasse minha individualidade/liberdade e que tivesse muito diálogo e compreensão...
 Porém, minha esposa já disse com todas as letras que é monogâmica e que, se eu for NM, iremos nos separar pq é um limite pra ela: a não exclusividade...
 Eu já sei que sou NM, mas ainda não contei por medo... De perder um casamento maravilhoso pra viver uma jornada um tanto difícil (como dividimos vários relatos)... 😞

O poliamor é frequentemente idealizado como uma forma de relacionamento onde todos vivem em harmonia, sem ciúmes ou inseguranças. Na prática, no entanto, muitas pessoas enfrentam desafios emocionais intensos, como a dificuldade de equilibrar múltiplas relações de forma saudável. A ideia de que o poliamor é uma "solução mágica" para todos os problemas emocionais é, na verdade, uma simplificação excessiva.

A maioria das famílias ainda segue o modelo monogâmico tradicional, tanto por

questões culturais quanto por ser um modelo socialmente mais aceito e compreendido. Isso não significa que o poliamor seja inviável, mas indica que há barreiras culturais e sociais significativas que as famílias poliamoristas enfrentam. A construção de uma família poliamorosa requer um nível de comunicação, confiança e flexibilidade emocional que muitas pessoas podem achar desafiador.

José: Acho que tem muita gente que vive bem assim! Afinal conheço ZERO família que vive poliamor e todas as outras vivem o amorzão romântico! Já vi inúmeras pessoas aqui que querem viver , mas tem muita vontade e pouca vida real. Os poliamor ficam em experiências, mas não é algo duradouro! Mesmo havendo abertura dos parceiros!

Muitas pessoas experimentam o poliamor de forma temporária, talvez como uma fase de suas vidas ou como parte de uma busca por um estilo de vida mais alinhado com suas necessidades emocionais. Isso pode dar a impressão de que o poliamor é algo transitório ou experimental. No entanto, há também exemplos de pessoas que conseguem manter relações poliamorosas duradouras e estáveis, embora sejam menos visíveis e representem uma minoria.

José: Se os aprisionados homens e mulheres estivessem esperando o poliamor para construir uma família nesse molde , não sei como estavam , pq tem pouca gente p contar história. Muita gente aqui tem um casamento convencional e experiências acessórias. É o que vejo. Alguém vendo diferente? Acho lindo as coisas do poliamor. Mas as vezes parece só uma filosofia. Com exceção de um ou outro trisal que ai de fato vive algo bem diferente. Mas ainda é uma minoria.

A diversidade de experiências é grande. Enquanto algumas pessoas conseguem encontrar felicidade e estabilidade em relações poliamorosas, outras encontram desafios insuperáveis. Para alguns, o poliamor pode ser mais uma filosofia ou uma aspiração do que uma realidade prática. No entanto, isso não invalida sua importância como uma forma de desafiar e expandir as concepções tradicionais de amor e relacionamento. Mesmo que o poliamor não seja uma solução prática para todos, ele pode oferecer *insights* valiosos sobre a flexibilidade e diversidade das relações humanas.

Pode-se observar que o poliamor é vivenciado de maneira distinta por homens e mulheres, influenciado pelas pressões sociais que definem os estereótipos de gênero. Os homens aparentam encontrar maior facilidade em praticar o poliamor, enquanto as mulheres o enaltecem como um suporte filosófico que as liberta do papel de propriedade de seus parceiros e lhes permite ser verdadeiramente livres (Perez e Palma, 2018, p. 9). Essa diferença de percepção e vivência do poliamor entre os gêneros sugere a existência de desafios e oportunidades únicas enfrentadas por homens e mulheres nesse contexto.

Apesar desses aspectos, uma queixa frequente nos círculos brasileiros é que o poliamor estaria sendo apropriado pelo patriarcado, favorecendo principalmente, ou em particular, a liberdade sexual masculina. Os homens são acusados de utilizarem as NM para ampliar suas possibilidades sexuais sem preocupação, cuidado ou responsabilidade afetiva. Alega-se que a luta feminista seria usada contra as próprias mulheres através de coações ou cobranças por uma atitude sexual mais permissiva. Nesse contexto, o machismo presente nos relacionamentos não monogâmicos consensuais é equiparado ao machismo encontrado nos relacionamentos monogâmicos, com o agravante de que as opressões de gênero podem ser mascaradas sob um discurso feminista que enfatiza a igualdade e a liberdade das mulheres. Diante disso, defende-se nos grupos e comunidades *online* uma desconfiança e vigilância permanente aos homens, considerados de antemão um inimigo, principalmente o branco, cis, heterossexual (Pilão, 2017).

Muitos são os termos utilizados pelas mulheres brasileiras para caracterizar esses homens: “esquerdomacho”; “feminista”; “anarcomacho”; “macho” “desconstruidão” ou “moderninho”; além de outras definições correlacionadas como o fato deles buscarem “polisexo” ou “poliputaria”, e não poliamor (Silvério, 2018, p. 231).

A valorização das conquistas feministas e a defesa da igualdade de direitos entre homens e mulheres nos relacionamentos amorosos são temas frequentes nos discursos dos poliamoristas. Nesse contexto, a comunidade poliamorosa acredita que o "machismo" é incompatível com o poliamor. No entanto, nos grupos pesquisados, observa-se uma constante acusação ou identificação de indivíduos "machistas" que buscam mulheres apenas para encontros sexuais sem compromisso. Além disso, é mencionada com pesar a busca por uma mulher para se juntar a uma relação diádica heterossexual, na qual as namoradas ou esposas são percebidas como influenciadas a satisfazer os desejos de seus parceiros. Esses dois cenários recorrentes de acusações refletem uma problematização do desejo sexual não monogâmico masculino. Esse desejo é considerado potencialmente machista, perigoso e condenável, em contraste com o desejo feminino, que é visto como legítimo quando não é submetido aos desejos do parceiro (Pilão, 2019, p. 10).

No que diz respeito à formação de uma família, o questionamento envolve a guarda de filhos e filhas por pessoas poliamorosas, que podem ser consideradas pais ou mães inadequados devido à sua condição não monogâmica. Vivenciar o poliamor em público pode resultar na impossibilidade de usufruir plenamente de direitos sociais básicos, como aparecer em público com parceiros e parceiras sem que sua idoneidade moral como pais e mães seja questionada, supostamente em nome dos direitos das crianças e adolescentes. O “direito”, nesse caso, seria o de viver em uma família monogâmica e heteronormativa que reproduza os costumes e

tradições, desconsiderando que tais costumes e tradições também têm uma história e foram instituídos porque correspondiam ao modo de vida dos grupos que se tornaram dominantes (Silva, 2021, p. 94).

A despeito de ser uma organização antiga, a família vem passando por muitas transformações, de tão significativas que são, chegou-se a vaticinar o fim da família. Mas o que se observou foi justamente o contrário. A família revelou-se com imensa capacidade de regenerar-se e recompor-se. Além disso, percebeu-se que o desejo de família ainda estava presente nos projetos das pessoas, mesmo sob outras bases e configuradas em novos modelos. (Veras, 2013, 71.)

Butler argumenta em "O parentesco é sempre heterossexual?", as variações nas relações de parentesco que se afastam do modelo tradicional de uma "família heterossexual", que é estabelecida através do casamento, geralmente são vistas como arriscadas para o bem-estar das crianças e desafiam as convenções tidas como naturais e culturais que sustentam a compreensão convencional das relações humanas (Barbosa, 2019, p. 29).

Sara: Bom dia! Pessoas que tem filhos, como vcs nomeiam os afetos para es filhes? Com a minha filha eu me refiro a ele pelo nome. Mas pessoas questionam ela "sua mãe tem namorado?" "Quem é o Alex?"
Ela fala: amigo da mamãe
Mas ela está numa fase de perguntar mto e outro dia na escola um amiguinho tentou beijar uma amiguinha na boca e a professora falou: "amigo não beija na boca e criança não namora" o q eu super concordo. Mas aí ela me questionou se o Alex é meu amigo pq já me viu beijando ele na boca. E eu não curto usar a palavra namorado por causa de todo o peso monôgamico em q namoro está numa "escada" rumo ao casamento e tal.

A combinação de maternidade e não monogamia é outro território complexo e desafiador. Existem diversos aspectos a se considerar quando se vive a não monogamia enquanto se é mãe. Uma das preocupações primárias é garantir que os filhos tenham um ambiente estável e seguro. Isso inclui assegurar que eles se sintam amados e cuidados, independentemente da estrutura de relacionamento dos pais. Dependendo da idade e maturidade dos filhos, uma abordagem adequada para explicar a dinâmica familiar é necessária.

A sociedade pode ser bastante crítica em relação à não monogamia, especialmente para mães. Pode haver medo de julgamento por parte de familiares, amigos, e até instituições como escolas. Equilibrar o tempo entre os cuidados com os filhos e a manutenção de múltiplos relacionamentos também pode ser desafiador, mas planejamento cuidadoso e apoio dos parceiros podem ajudar a gerenciar essa dinâmica.

Liz: A questão da maternidade é um ponto sensível enquanto o cuidado

não for des-generificado ou desgendarizado, ou seja, enquanto não deixar de ser um problema das mulheres. Quer pessoa aqui que se relacione com pessoas que maternam, devem ter sensibilidade pra isso.

A não monogamia pode proporcionar uma rede de apoio mais ampla, com múltiplos adultos envolvidos na vida familiar. Isso pode significar mais recursos emocionais, práticos e financeiros para os filhos. Mas o que ocorre, segundo falas nos grupos, é que as responsabilidades com os dependentes continuam sendo quase exclusivas das mulheres. Esse peso desproporcional sobre as mulheres impacta diversos aspectos de suas vidas, desde a carreira até a saúde mental e emocional. Para que essa situação mude, é crucial que o cuidado com os filhos e as responsabilidades parentais sejam des-generificados ou desgendarizados, ou seja, que sejam vistos como responsabilidade de todos os envolvidos, independentemente do gênero.

Sandra: Minha crítica a NM "coletiva", é que ela não serve para mães e mulheres

Pois outras mulheres assumem em todas esses movimentos o coletivo. Mais responsabilidades elas assumem. Afinal coletivo sem quebrar patriarcado é isso.

Sempre por trás desses discursos inflamados masculinos, há mulheres segurando a onda e eles usufruindo mais ainda da NM .

A individuação, a autonomia afetiva, a emancipação é única defesa contra abuso que mulheres tem, quando o próprio coletivo se torna abusivo e impõe papéis.

A observação de que, muitas vezes, os homens usufruem mais plenamente das liberdades da NM enquanto as mulheres carregam a maior parte das responsabilidades é um reflexo direto das dinâmicas patriarcais. Isso perpetua uma desigualdade onde as mulheres são vistas como cuidadoras primárias, seja de crianças, idosos ou outras responsabilidades domésticas. Por isso, muitas mulheres dentro da NM dizem que é necessário desgendarizar o cuidado, pois é uma questão de justiça e igualdade.

A hierarquização dentro das relações, onde as parceiras são tratadas de forma desigual, é problemática. Quando um homem trata uma parceira como prioritária devido à presença de filhos e outras como secundárias, isso reforça estruturas de poder desequilibradas e prejudica a autonomia e o bem-estar emocional das mulheres envolvidas.

Jorgina: Essa parte de todos são pais é delicado demais ..

É delicado, mas se não houver hierarquização, eu totalmente toparia ser co-mãe de um filho de um companheiro meu (eu não quero ser mãe, mas adoro criança). Por outro lado, se o cara ficar hierarquizando e ficar me tratando como uma bostinha de passa-tempo só porque tem uma mulher com filho, eu já não estaria com ele, pra começar.

A ideia de co-maternidade, onde as responsabilidades de cuidado são compartilhadas de

forma equitativa entre todos os parceiros, aparece como uma solução viável. No entanto, é uma preocupação que isso não se traduza em mais trabalho não remunerado e não reconhecido para as mulheres.

Jorgina: Se ser co-mae for tipo ser pai, que não precisa estar lá pro filho 24h, nem é cobrado por isso top demais. Se ser co-mae for abrir mão dos sonhos individuais constante para criação da criança aii.o bicho pega.

Questão é que aí a criança além do pai, teria duas mães co-amoras. Já tiraria uma carga da mãe biológica.

E uma vez que as cidades e condomínios não são projetadas pra vida em comunidade, a solução seria a coabitação ou então morar muito perto, porque tem que ajustar a logística dos compromissos da criança.

No entendimento dos poliamoristas, para que a co-maternidade funcione, especialmente em contextos urbanos onde a vida em comunidade é rara, soluções práticas como a coabitação ou morar perto são essenciais. Isso ajudaria na logística e na distribuição equitativa das responsabilidades de cuidado. É vital que a co-maternidade ou qualquer forma de cuidado compartilhado permita que todos os envolvidos persigam seus próprios sonhos e projetos de vida. A criação de uma criança deveria ser uma responsabilidade compartilhada que não sacrificasse a individualidade e os objetivos pessoais de nenhum dos parceiros.

Jorgina: Tenho debatido muuuuito com o meu companheiro sobre essa questão de gênero e de maternar. Pq observo muitas relações de amigos que se dizem NM, mas só eles vivem plenamente e as mulheres ficam super largadas na relação.

Os relatos das mulheres pesquisadas indicam que elas acreditam que a verdadeira coletividade em relações NM deve significar a distribuição igualitária de todas as responsabilidades, não apenas os prazeres e afetos. Isso inclui o cuidado com idosos, mães solas e outras responsabilidades que muitas vezes recaem desproporcionalmente sobre as mulheres.

Jorgina: Por exemplo, pessoal fala coletivo, deixa ter mulheres mães, pra ver quem vai cuidar. E vi também pessoal usando demais esse discurso e na vivência, os homens vivem e as mulheres não.

Meire: Então o coletivo pra cultivar vários afetos todo mundo quer, os perrengues dos cuidados com idosos, mães solas e vulneráveis fica centralizado em uma pessoa, normalmente mulher.

O poliamor ainda enfrenta estigmas sociais e preconceitos. Muitas pessoas em relações poliamorosas optam por manter suas práticas discretas para evitar julgamentos e discriminação, o que pode limitar a visibilidade e a aceitação do poliamor como um modelo legítimo de relacionamento. Por isso alguns poliamoristas não revelam para seus familiares seu estilo de vida.

Às vezes, o nome ou rótulo pode trazer preconceitos ou mal-entendidos, enquanto a

essência e a prática cotidiana podem ser mais acessíveis e compreensíveis para os familiares. É um equilíbrio delicado entre ser autêntico consigo mesmo e encontrar formas de comunicação que permitam aos outros entender e aceitar a jornada poliamista.

Olga: eu morro de medo de me abrir para a minha família tbm, de me expor e eles me julgarem, falarem um monte da minha vida pessoal. mas acabou acontecendo deles saberem que estou vivendo a não monogamia, mas sem nomearmos a NM. sinto que eles acabam me acolhendo por entenderem todo o contexto e se eu usasse as palavras "Não Monogamia" com eles, eles já não acolheriam da mesma forma...

A não monogamia, por sua natureza menos convencional, pode enfrentar mais resistência e mal-entendidos. Muitas pessoas ainda não estão familiarizadas ou confortáveis com essa forma de relacionamento, o que pode levar a reações de estranhamento, julgamento ou até mesmo discriminação.

Sônia: Os nossos relacionamentos não são segredo mas tbm não são explícitos
Infelizmente a sociedade atual não está pronta
Eu mal posso assumir um relacionamento "normal", imagine não monogamico.

Lívia: Sim! Eu sou assumidamente NM e falo abertamente sobre o assunto com qualquer pessoa, mas quando as pessoas veem acontecendo ao vivo elas ficam em choque

Vera: Minha família nem imagina que sou poliamorista... Mantenho minha vida privada bem reservada para eles. Eles acham que eu só tenho 1 namorado, sendo que eu tenho 2, e ambos não participam da minha relação familiar... Eu não sou muito de família, então isso não é um problema.
falar abertamente que sou/estou NM para parentes é difícil ou evito.

Compartilhar as escolhas e estilo de vida com amigos e familiares para os poliamoristas é uma experiência complexa, especialmente porque essas escolhas não se alinham com as normas sociais predominantes, como no caso do poliamor.

Marcela: Consegui expor e ter apoio de 3 dos meus 4 maiores amigos, a 4 pessoa é alguém que idealiza a vida toda a monogâmica e o casamento e afins. Não me sinto à vontade ainda de expor o que escolhi viver. A minha família eu sinto provavelmente não contarei, se em algum momento eu digo que vou passar uma noite fora já dizem que estou namorando imagina se fala que não seria com a mesma pessoa? Mas confesso que não me incomoda se não tiver "aprovação" deles pra isso.

É comum a narrativa sobre a discrepância entre as percepções familiares e os poliamoristas.

Débora: Eu não sou muito de apresentar minhas relações para minha família. Acho que iam enlouquecer! Kkkk

eu sou:
 - pansexual
 - fetichista
 - não mono
 - liberal
 - poliamorista
 minha família é:
 - católica
 - tradicional
 - homofóbica
 agora imagina rs

Na fala anterior a pessoa menciona suas próprias características e contrasta com as características da família, o que, segundo ela dificulta apresentar as relações para os familiares. Dentre as características familiares ela cita a religião, como uma coibição contra a sua identidade monogâmica. Nessa perspectiva, fala-se sobre a relação entre religião e não monogamia que é multifacetada e varia amplamente dependendo das tradições religiosas, contextos culturais e interpretações individuais.

Débora: Acredito que o grande problema do poliamor atualmente é a questão religiosa que dita regras sociais até hoje.

A maioria das denominações cristãs defende a monogamia como a norma ideal para o casamento, com base em interpretações do Novo Testamento. Embora o sexo esteja essencialmente atado ao pecado, todas as atividades sexuais que não tenham finalidade procriadora são consideradas ainda mais pecaminosas, colocadas sob a categoria da concupiscência e da luxúria e como pecados mortais. Além disso, como o sexo é função vital de um ser decaído, quanto menor a necessidade sexual sentida, tanto menos decaído alguém se torna, purificando-se cada vez mais. (Chauí, 1988, p. 87). Na Epístola aos Coríntios, escreve: "Penso que é bom para o homem que não toque em mulher. Entretanto, para evitar a impudícia, que cada um tenha sua mulher e cada mulher tenha seu marido. Que o marido de à sua mulher o que lhe deve e que a mulher aja da mesma maneira com relação ao seu marido" (Chauí, 1988, p. 91).

Marcela: As vezes me pego perguntando se isso não seria um pecado diante de Deus.

Mas eu não estou prejudicando ninguém, não estou traindo, não estou sendo desleal nem sem caráter com meu proximo

Em estudo realizado com jovens universitários poliamoristas, Assis (2018) afirma que existe a convicção de que não haveria uma condenação de Deus pelo tipo de relacionamento que escolheram ter, o medo incide sobre o julgamento por parte dos círculos religiosos. Estes jovens, de alguma forma, optaram por não deixar de viver a experiência do relacionamento

poliamorista e acreditam que há a possibilidade de conciliar a fé com seus relacionamentos desde que não haja uma mistura do ambiente religioso com suas realidades afetivas (Assis, 2018, p. 12).

A pesquisa em questão conclui que o medo constante da exclusão no meio social é uma reclamação mais recorrente que o medo de ofender o sagrado. Surpreende-me que em nenhum dos casos foi feita menção a possível entrada no céu negada ou a garantia de ida ao inferno. Não é que não exista uma preocupação em não desagradar a Deus, todas reconheciam que seus relacionamentos eram vistos como uma forma de pecado. No entanto, ao que parece, para aqueles praticantes do poliamor que vivenciam uma realidade religiosa, o relacionamento não monogâmico não é necessariamente considerado um pecado imperdoável. Em vez disso, é percebido como um desvio das condutas predefinidas pelo cristianismo (Assis, 2018, p. 13).

Alguns membros compreendem e assumem uma incoerência de fazerem parte de religiões que valorizam a monogamia, principalmente porque foi o próprio cristianismo que estruturou o relacionamento monogâmico ocidental e deu as diretrizes da moral que vivemos hoje, independente de qual seja nossa religião, ou até mesmo a ausência de uma.

Carmen: Essa questão de religião é complicada
 Eu sou kardecista desses os 12 anos, creio em quase tudo ali, deu sentido a minha vida.
 Sigo ali o q preconizam, a caridade, amor ao próximo, a beneficência e a não maleficência.
 O q eu farão se for errado aos olhos de Deus ou de qlqr outra instituição espí-rita, eu pagarei, sabendo q isso pode acontecer.
 Deus me mandou assim, amando assim.
 Nos prÃximos planos reencarnatorios eu pago, aceito....
 Provavelmente nos escolhemos em nossos planos passar por provações.
 Como essa de amar muitas pessoas, pensa q em algumas religiões isso é normal, em outras culturas TB.
 Mas se o Deus é o mesmo (na maioria das vezes) como se explica o conceito de pecado.
 Aprendi em meu centro que ovelhas desgarradas o pastor leva no colo

Movimentos como o poliamor enfatizam a ética do cuidado e a honestidade, valores que podem ressoar com princípios éticos presentes em muitas tradições religiosas. A ética sexual nas religiões geralmente está ligada a conceitos de fidelidade, compromisso e harmonia. Se há um forte foco em tratar os parceiros de maneira justa e respeitosa, eles entendem então que o poliamor não está em contradição tão evidente com os preceitos religiosos.

Olga: Poliamor não comporta hipocrisia
 Nem cinismo
 Nem moralismo falso

Em outro ponto, é comum que exista uma dupla medida em relação a homens e mulheres

na não monogamia. As mulheres frequentemente enfrentam mais julgamento e estigma quando são vistas desfrutando de liberdade sexual e afetiva, enquanto homens muitas vezes são mais facilmente aceitos ou até mesmo encorajados a ter múltiplos parceiros.

Débora: Ah mas se chocam sim viu
 Eu diria se chocam bastante. Ainda mais se for mulher a que desfruta de tanta liberdade sexual e afetiva
 Pois sim.
 E aceitam melhor se for um cara fazendo o harem
 Na nossa sociedade, todo homem é visto como "não monogâmico".

O machismo nas não monogâmias é um tema relevante e complexo que destaca como as estruturas e comportamentos patriarcais podem se manifestar mesmo nas relações que buscam romper com as normas tradicionais de monogamia. As não monogâmias, que incluem poliamor, relacionamentos abertos e outras formas de relações consensualmente não exclusivas, muitas vezes são vistas como alternativas progressistas às formas tradicionais de relacionamento. No entanto, isso não as torna imunes ao machismo.

As dinâmicas de gênero e o patriarcado influenciam a forma como relacionamentos não monogâmicos são propostos e vivenciados. O patriarcado perpetua a ideia de que os homens têm maior liberdade sexual e que a exploração sexual é mais aceitável para eles do que para as mulheres. Isso pode levar muitos homens a se sentirem mais confortáveis e recompensados ao propor ou aceitar a não monogamia, principalmente se visualizarem isso como uma oportunidade para explorar suas fantasias sexuais sem considerar igualmente os desejos e limites de suas parceiras.

Simone: Uma coisa que percebi ao longo dos anos sobre abrir relacionamentos ou transições de monogâmia para a não monogamia é que normalmente os homens tendem a sugerir ou aceitar com mais facilidade que as mulheres.
 Acredito que devido ao próprio patriarcado isso acontece.

Existe uma ideia disseminada de que as mulheres são naturalmente bissexuais, o que pode ser usada por alguns homens para justificar a abertura do relacionamento em termos que favorecem suas próprias fantasias. Quando a não monogamia é proposta, pode ser com a expectativa de que as mulheres se envolvam com outras mulheres, enquanto o envolvimento com outros homens é menos aceito.

Diego: O patriarcado defende que toda mulher é naturalmente bi. Junte-se isso a um macho-alfa. Antes de propor abrir o relacionamento, o homem já aceitou. E ainda vai fazer com que tudo pareça ser responsabilidade da mulher. Agora, se a proposta for abrir o relacionamento para um ou mais homens, a coisa muda de figura.

A resistência de muitos homens em aceitar outros na dinâmica não monogâmica é uma extensão do machismo e da necessidade de afirmar controle e dominância (o papel do "macho alfa"). Essa resistência muitas vezes reflete o medo de perder status ou poder dentro do relacionamento.

É bem comum as falas de que alguns homens usam o poliamor ou a não monogamia como um pretexto para legitimar a busca por múltiplas parceiras sem enfrentar o estigma social associado à infidelidade. Isso pode criar uma situação onde as mulheres são manipuladas ou pressionadas a aceitar arranjos que não são verdadeiramente consensuais ou equilibrados.

Diego: O problema é q são VÁRIOS caras q fazem a mesma merda! usam a desculpa do poliamor pra tentar transar com um monte de mulher!

Muitos (praticamente homens) querem usar o poliamor para conseguir realizar fantasias sexuais

As mulheres podem sentir pressão para aceitar a não monogamia para agradar seus parceiros ou por medo de perder o relacionamento. Essa pressão pode ser sutil ou explícita, mas, de qualquer forma, reflete a desigualdade de poder nas relações. Em muitos casos, as mulheres são responsabilizadas por manter o equilíbrio e a harmonia nos relacionamentos não monogâmicos, carregando um fardo emocional maior enquanto os homens podem se sentir livres para explorar sexualmente.

Diego: A dificuldade está na questão dos homens mesmo, terem o preconceito de ter um homem a mais na relação, infelizmente entra a questão do machismo, de querer ser ele apenas o alpha da relação. Ter somente ele o poder sobre as parceiras, e não querer dividir com outros homens

Muitos usam as mulheres para ficarem com outras mulheres! Machistas de merda!

Segundo relatos, para um homem é muito mais fácil assumir que é poliamorista e ter a experiência de se relacionar com mais de uma mulher ao mesmo tempo, ou, sendo bissexual, com mulheres e homens. Para uma mulher, porém, seria bem mais difícil realizar o mesmo tipo de investida. Mesmo que ambos percebam que são capazes de amar mais de uma pessoa ao mesmo tempo e que gostariam de vivenciar essa identidade relacional, a posição da mulher na sociedade gera muito mais dificuldades, pois ela já enfrenta outras formas de opressão (Silva, 2021, p. 93).

Liz: Uma mulher antes precisa pautar sobre isso, para saber limites desse abuso social em qualquer uma dessas comunidades.

E eles jogam isso como um discurso capitalista. Porém, existe outro lado da moeda em você dar poder econômico e emancipar mulheres= liberdade.

Além disso, há uma ironia na forma como a sociedade muitas vezes aceita melhor traições e infidelidades do que relações não monogâmicas consensuais e honestas. Isso reflete uma falta de compreensão e aceitação da diversidade de experiências e escolhas pessoais nas relações humanas.

Diego: As pessoas aceitam melhor traições do que saber que um relacionamento é NM

Neste capítulo, foi abordada a complexidade do poliamor, explorando suas características, configurações, e os impactos nas dinâmicas familiares e sociais. Discutiu-se o que é ser poliamorista, uma visão de mundo onde o amor não se limita a um único parceiro. As configurações poliamorosas são variadas e podem incluir desde tríades até redes complexas de relacionamentos. Os acordos são cruciais para definir os limites e expectativas de cada relacionamento, garantindo que as necessidades emocionais e físicas de todos sejam respeitadas. Os espaços de interação para poliamoristas incluem grupos de *Whatsapp*, redes sociais, e páginas específicas onde se discutem experiências, se compartilham desafios, e se oferecem apoio mútuo. Esses espaços são vitais para a propagação da prática e para o fortalecimento das redes de apoio.

7 “PRECISAMOS SEPARAR”: QUEM SÃO OS NÃO MONOGÂMICOS?

*Não tá fácil pra ninguém
Ainda mais pra quem não tem alguém
Se você tem mais de um, pode ser pior do que não ter nenhum
Criam catálogos, colocam rótulos
E para ler não precisam de óculos,
Sonham com plásticas e usam máscaras
Para se encaixar no formato que acabaram de inventar
Meu amor é mais de um,
pode ser três ou pode ser nenhum
Já que preciso me encaixar vou inventar uma definição
Classificam meu amor como algo sem explicação*

Botoclip Musical (2012) / Botolevers

A partir dos dois formatos apresentados nos capítulos anteriores, analiso a disputa em torno do conceito de não monogamia, destacando como essas categorias constroem significados em relação à sexualidade e à identidade das pessoas não monogâmicas. Diversos modelos de não monogamia consensual são discutidos, incluindo *swing*, relacionamento aberto, anarquia relacional, não monogamia política e relações livres. Para isso, recorro a Gayle Rubin e sua abstração da hierarquia da sexualidade, expressa pelo círculo encantado, para problematizar a concorrência interna na conceituação da não monogamia.

7.1 A RELAÇÃO ENTRE AS NÃO MONOGAMIAS

Nos discursos dos poliamoristas, o que sustenta a base ideológica do poliamor tende a ser a liberdade, a igualdade, a honestidade e o amor (Goldenberg & Pilão, 2012, p. 68). Mas ser ou não ser poliamorista gera grande debate nos grupos, principalmente no que se refere a diferenciação com outros grupos NM. Este capítulo trata do que está sendo construído como problema desta pesquisa: em que medida as categorias pesquisadas elaboram as significações acerca da própria sexualidade e de outros grupos não monogâmicos na busca pela identidade dos verdadeiros não monogâmicos? Ou seja, a identidade adquirida pela vivência não monogâmica passa por uma disputa em que as categorias assim intituladas tentam destituir as demais em busca de uma classificação única desta identidade. Neste contexto se encontra em Gayle Rubin e sua abstração de hierarquia da sexualidade expressa pelo círculo encantado, uma possível interpretação de como ocorre uma disputa pelo conceito de não monogamia.

As NM são modelos de relacionamento que sustentam a possibilidade de envolvimento afetivos e/ou sexuais entre mais de duas pessoas com o conhecimento, concordância e aceitação

de todas as partes envolvidas, como no caso do relacionamento aberto, *swing*, anarquia relacional, poliamor e relações livres (Silvério, 2018, p. 2). Apesar das não monogâmias consensuais muitas vezes serem retratadas de maneira generalizada, o fato é que existem diferentes modelos definidos tanto em termos teóricos quanto de vivências e experiências. Isso não significa, porém, que dentro de uma mesma categoria as interpretações sejam compreendidas exatamente da mesma forma pela literatura ou vivenciadas de forma idêntica por todas as pessoas. Uma das principais características de diferenciação, sobretudo tendo como base de análise um casal, é a extensão na qual a monogamia é rompida: em seu aspecto sexual, emocional e/ou prático. A seguir apresento os cinco modelos de não monogâmias consensuais mais discutidos pelos poliamoristas: *swing*, relacionamento aberto, anarquia relacional (AR), não monogamia política (NMP) e relações livres (RLi).

Samuel: O poliamor nada mais é que um espectro dentro da não monogamia. Existem várias formas de se relacionar dentro desse guarda-chuva. Relação aberta, anarquia relacional, relações livres, entre outras fazem parte também da NM.

As noções de não monogamia e poliamor são geralmente confundidas, segundo Pilão, em 1992, Jennifer Wesp empregou o termo poliamor como sinônimo de não monogamia. A substituição ocorreu, de acordo com ele, por considerar que o primeiro termo apresenta apenas aquilo que não é. No entanto, o uso com intuito de sinônimo se torna problemático na medida em que existem outras formas de relacionamentos não monogâmicos além do poliamor (Pilão, 2012, p. 63). Basicamente, o conceito de poliamor, assim como o de NM representa a suposição de que é possível e válido manter relacionamentos íntimos, sexuais e amorosos com mais de uma pessoa. Contudo, poliamoristas apresentam recorrentemente a necessidade de classificar de forma separada cada uma das formas. Em conversa em um grupo de poliamor houve o seguinte diálogo:

Diego: Precisamos separar:
Relacionamentos eticos monogamicos
Nao monogamia
Poliamor

Samuel: Ah sim, daí tem tudo quanto é tipo de doido... O anarquista relacional talvez não consiga se relacionar com o poliamorista... O poliamorista talvez não dê certo com o Assexual aromantico... O Assexual aromantico talvez não veja sentido em se relacionar com o casal liberal... E por aí vai

Guido: Ah entendi agora, com certeza, tô descobrindo cada dia que existe um espectro amplo de como as pessoas vivem a nm, e me identifico mais com umas e menos com outras

Lívia: Tem gente que quer coabitar, tem gente que não quer... Tem gente que demanda uma frequência afetiva maior, tem gente que não,

que precisa de mais tempo sozinho (meu caso). Tem gente que ama bem a distância, tem gente pra quem a distância esfria...

Embora o poliamor tenha suas raízes na oposição à monogamia, a realidade das práticas conjugais dos participantes revela limitações em relação a esses extremos binários. Apenas uma minoria efetivamente vivencia relacionamentos poliamorosos. Há uma série de desafios a serem superados para transcender a monogamia, incluindo a necessidade de assumir publicamente a escolha pelo poliamor e encontrar parceiros que compartilhem dessa visão. Existe a persistência de resquícios de uma mentalidade monogâmica, especialmente relacionados ao sentimento de ciúmes e hierarquias, que devem ser constantemente confrontados, tornando assim nenhum poliamorista completamente isento das influências da monogamia. Apesar das dificuldades inerentes os poliamoristas acreditam que é preferível enfrentar esses desafios a retornar a um modo de relacionamento monogâmico. No decorrer do seu estudo, Pilão demonstra que os discursos poliamoristas são diversificados e que a principal tensão observada reside na reconciliação dos princípios de liberdade e igualdade (Pilão, 2012, p. 121).

Mauro: A não monogamia, em algum aspecto pode significar também buscarmos mais qualidade do que quantidade de relações, então é possível que os conflitos diminuam, ou muito possível também que possamos gerenciar com muito, mas muito mais qualidade e de uma maneira mais saudável estes conflitos.

Lira: Na monogamia, a impressão que eu mais tenho é de gente que pouco ou mal se comunica, vive pisando em ovos e que quando um não anula ou silencia o outro, acaba jogando a maior parte da “bronca” para debaixo do tapete.

Na monogamia a regra é mentir se surge algo fora do permitido.

Aí se mente para não causar dor, ciúmes e também para não criar problema.

Mauro: Mas na não monogamia, se existe liberdade consensual assumida, não seria necessário mentir.

Você teria que ver se ele mentiu porque sabe que doi em você ou porque ele no fundo tem ainda padrões monogâmicos.

A presença de outras modalidades de relacionamentos não monogâmicos instiga os praticantes do poliamor a buscar formas de distingui-lo, complexificando a dualidade entre poliamor e monogamia. Nesse processo, eles desenvolvem uma percepção hierárquica das identidades, onde a monogamia, o *swing*, o relacionamento aberto e o poliamor estão posicionados em uma escala evolutiva. No extremo mais primitivo dessa escala, a monogamia, associada a uma maior prevalência de sentimentos como ciúme, competição, controle, possessividade e desonestidade. Por outro lado, no poliamor, tais sentimentos são questionados ou, no mínimo, examinados, representando o patamar mais elevado de evolução na escala. Isso se relaciona com valores como igualdade, liberdade, compersão, cooperação e honestidade.

Segundo a perspectiva de Pilão, essa percepção gera uma dicotomia identitária em que a monogamia é percebida como o oposto absoluto do poliamor, enquanto o relacionamento aberto e o *swing* são vistos como intermediários nesse espectro (Pilão, 2012, p. 64, 65).

Desta forma, o poliamor se contrapõe também aos mecanismos do amor romântico. Para Pilão, o que buscam os poliamoristas é desconstruir a contradição entre individualidade e conjugalidade, pois dizem que é possível ter relações conjugais sem perder a independência e autonomia e não há uma unidade com o outro. Não significa, contudo, que este arranjo negue o vínculo amoroso. Em vez disso, o poliamor se forma pela “defesa de ligações íntimas e profundas”, mas que sejam realizadas sem que a autonomia seja perdida (Pilão, 2015, p. 410).

O poliamor como um processo de transição da amizade para a parceria, o que implica um contínuo fluido entre essas formas de relacionamento (Klesse, 2008, p. 570). O entendimento de poliamoristas sobre o amor romântico é de que se trata de um ideal ultrapassado, que se baseia na ética do mérito pelo sacrifício, sendo preciso abrir mão dos bens mais valiosos (a liberdade e a singularidade) para cumprir a exclusividade. A busca por conciliar amor e liberdade está, não apenas na possibilidade de “escolha” de sua “cara metade”, de um cônjuge exclusivo, mas de se relacionar com quantas pessoas desejar, o que inclui nenhuma e (por que não?) apenas uma:

Vera: Eu sinto que algumas vezes divago nessa de amor "genuíno" ou "verdadeiro" mto por conta dos preceitos do amor romântico que ainda me atravessam

Se você investe numa relação, o lucro esperado é, em primeiro lugar e acima de tudo, a segurança em muitos sentidos: a proximidade da mão amiga quando você mais precisa dela, o socorro na aflição, a companhia na solidão, o apoio para sair de uma dificuldade, o consolo na derrota e o aplauso na vitória; e também a gratificação que nos toma imediatamente quando nos livramos de uma necessidade. Mas esteja alerta: quando se entra num relacionamento, as promessas de compromisso são "irrelevantes a longo prazo" (Bauman, 2004, p. 15)

Vânia da Silva (2021) analisa que, em nossa configuração moral das relações faz parecer que quem resiste e não se conforma com os padrões hegemônicos seja visto como alguém que escolheu outra forma de viver, colocando o poliamorista em uma posição mais elevada em relação a alguém que apenas reproduz algo já estabelecido socialmente. Quem vive de acordo com o posicionamento monogâmico estaria apenas seguindo o curso natural da vida, mais fácil, portanto, já que não exige profundos questionamentos.

Sob esta ótica, o estilo de vida monogâmico confere certos privilégios e acarreta menos restrições. Aqueles que aderem ao modelo considerado adequado pela sociedade encontram nas

leis garantias para serem, amarem e desfrutarem plenamente da vida em comunidade, sentindo, assim, que seu projeto individual de busca pela felicidade é válido e protegido. Por outro lado, indivíduos que não desfrutam desse privilégio enfrentam desafios para obter reconhecimento, da sua sexualidade e identidade relacional. Eles encaram diversos obstáculos no espaço público e, até mesmo, correm o risco de sofrer interferências do Estado em sua vida privada por não se alinharem aos padrões normativos que definem a maneira “aceitável” de exercer seus direitos relacionais (Silva, 2021, p. 100).

Silva (2021) ainda ressalta o peso da mononormatividade, heteronormatividade e cisonormatividade nas relações de poder entre as práticas conjugais. Estas normativas, como todas as outras, anula as capacidades afetivas não hegemônicas (Silva, 2021, p.101). Este questionamento aparece nas falas dos poliamoristas que dizem criticar o caráter imperativo da monogamia e não o modelo em si.

Mauro: Eu não questiono a monogamia, mas sim a monogamia compulsória.

Entre o poliamor e a monogamia existem pontos de convergência, como a expectativa de associação entre afeto e atração sexual na escolha dos parceiros. No caso do poliamor, que frequentemente começa com um casal buscando uma terceira pessoa ou até outro casal para compor a rede, busca-se uma afinidade afetivo-sexual mútua para aceitar os novos parceiros. A associação entre amor e sexo é uma característica importante tanto para parceiros monogâmicos quanto para poliamoristas; em ambas as configurações, esse vínculo é muitas vezes uma condição para que o relacionamento aconteça. Enquanto o sexo dissociado do amor, promovido pela revolução sexual, é comum nos relacionamentos abertos e no *swing*, na monogamia e no poliamor, o vínculo tradicional entre amor e sexo permanece preservado e até mais valorizado (Lopes Jr e Moreira, 2018, p.620).

Discursos muito comuns são aqueles que buscam enaltecer o poliamor, tratando este modelo como uma alternativa mais ética e sublime para se viver a não monogamia. Estas falas passam por explicações espirituais e de valores e morais.

Diego: Acho mesmo que o polyamor e pra quem avançou um passo a mais na questão espiritual
As pessoas de um modo geral são superficiais... logo buscam por relacionamentos superficiais..... Acredito que o poliamor para ser vivido em sua plenitude deve ser algo mais além da superfície.... que vai mto mais profundo...e que infelizmente poucas pessoas estão preparadas para viver e que as vezes podem usar isso como desculpa para alimentar seu ego e transar com várias pessoas.... O que tudo bem também mas sem hipocrisias
Não acho que um praticante de sexo casual possa realmente viver um polyamor

Só se a pessoa passar por uma profunda expansão de consciência ... são coisas mto diferentes

Roseana: Respeito quem busca aventuras, até por que aventura é bom. Mas o poliamor é muito melhor

Ocasionalmente, surgem algumas confusões nas quais o termo poliamor é erroneamente chamado de poligamia. No entanto, esses equívocos ocorrem somente entre novos membros do grupo e são prontamente corrigidos. É perceptível que a definição de poligamia não está em consonância com os princípios do poliamor. A poligamia geralmente refere-se a um homem casado com várias mulheres ou uma mulher casada com vários homens, resultando em apenas um dos cônjuges mantendo múltiplos relacionamentos. Isso difere significativamente da concepção de que tanto homens quanto mulheres podem ter múltiplos relacionamentos, como é característico do poliamor. Além disso, a poligamia enfoca a possibilidade de múltiplos casamentos, sem considerar a existência de múltiplos amores, e frequentemente envolve hierarquias dentro dessas relações (Pilão, 2012, p.108).

Cris: Uma dúvida de iniciante. Já foi falado sobre isso mas não anotei. Sim! Anoto tudo que acho relevante nesse processo de transição. Qual a diferença entre a poligamia e o poliamor?

Lola: Os termos têm origens diferentes e isso faz com que a explicação as vezes fique confusa. Hoje em dia, de forma geral/popular, a poligamia é usada pra descrever grupos onde existe uma pessoa no centro e várias ao redor, como em grupos mórmons, enquanto o poliamor é usado para grupos as pessoas possuem uma relação fechada/exclusiva com as pessoas daquele grupo sendo que essas podem se relacionar entre si ou não

Mas acho que essa é uma definição popular e atual, não é literal, porque o significado da palavra poligamia na sua raiz é simplesmente "união conjugal de uma pessoa com várias outras" o que enquadraria muitos tipos de relações poliamorosas

Mas acho que por conta da mídia e do surgimento do movimento não mono, as pessoas hoje associam poligamia com esse tipo de formato meio como harém e a palavra vem perdendo seu sentido literal

Associado a esta essência afetiva do poliamor, uma das questões mais discutidas nos grupos é a diferença entre poliamor e “orgia”, “suruba” e *swing*. Existe uma atenção constante sobre alguma fala que incorra nessa confusão e sempre são corrigidas. Essa distinção se contrapõe aos adeptos do *swing* e outras formas de relações, que veem o casal como o espaço de profundidade emocional, enquanto o clube de *swing* ou os encontros casuais são vistos como espaços de anonimato e apropriação de corpos genéricos e despersonalizados. Os poliamoristas, por outro lado, afirmam valorizar a singularidade e geralmente a buscam em cada experiência amorosa (Pilão, 2012, p. 109).

Letícia: Eu já fiz mhm...

Mas tenho tido curiosidade pra fazer hmh
 Homem hetero, para puro prazer da mulher.
 É uma pira, que tenho querido
 Livia: Fazer é bem mais fácil se vc pensar só em sexo. Ter
 relacionamento não mono aí já é beeeem mais complexo
 Letícia: É, eu não tenho interesse em relação
 Livia: ? ?
 Letícia: Tipo, por enquanto, em uma relação duradoura
 Livia: Não entendi...
 Se vetá só procurando experiências sexuais, aqui não é o lugar. Pra isso
 tem grupo d festas liberais e swing
 Joice: Gente, cansada de gente que fantasia poliamor, pra sexo com 2
 mulheres...
 Ou 2 homens...
 Cara, onde fica o amor?
 Banalizou?
 Poliamor virou fetiche?

A menção da oposição entre o *swing* e o poliamor é sempre presente nas redes sociais analisadas. A comparação com o *swing* ofende os poliamoristas, uma vez que o consideram muitas vezes libertinagem sexual. Por defenderem elos emocionais estáveis acima de tudo, acreditam que o *swing* seja apenas troca sexual sem envolvimento afetivo e por isso menor. Como os objetivos do *swing* são somente sexuais, não são necessários vínculos emocionais para que ele ocorra. Para os praticantes do poliamor, o *swing* é descrito como uma maneira pela qual o casal pode escapar da rotina em sua relação, incorporando parceiros em suas experiências sexuais.

Lúcia: O fato é que a grande maioria das pessoas busca apenas por sexo ... E tudo bem ninguém está julgando tá... Mas a maioria das pessoas vê o sexo como algo banal e quer fazer com geral kkk e ok sem julgamentos.... acho que a questão do poliamor e muito mais ampla sabe tem mto menos a ver com sexo mto menos mesmo E uma questão mto mais espiritual de amor carinho envolvimento e liberdade de conceitos construídos pela sociedade ocidental...

O poliamor frequentemente envolve a quebra de normas sociais tradicionais sobre relacionamentos monogâmicos, permitindo que as pessoas construam relações baseadas em suas próprias necessidades emocionais e afetivas, em vez de seguir um modelo único de relacionamento. No poliamor, há uma valorização da autenticidade e da liberdade emocional, onde as pessoas buscam conexões genuínas e profundas com múltiplos parceiros, sem necessariamente limitar seus afetos. Muitos praticantes de poliamor enfatizam que o sexo não é o aspecto central ou mais importante de suas relações. Em vez disso, valorizam a intimidade emocional, a comunicação aberta e a construção de vínculos significativos.

Vera: Acredito que o poliamor tem mto mais a ver com a libertação de

amarras sociais e realmente estar disposto a buscar amores incondicionais e verdadeiros o sexo e apenas a cereja do bolo mesmo e nem de longe é a coisa mais importante neste caso. O swing e outras práticas inclusive inseridas no universo bdsm, na minha opinião estão complementamente diferentes vibram em outra frequência da questão do poliamor mesmo

Vários poliamoristas argumentam que o *swinger* não deixa de ser monogâmico, uma vez que as aventuras sexuais não afetam a estrutura monogâmica do casal principal.

Lúcia: Posso estar sendo rígida, mas eu tbm evito esse pessoal. Que vão encontrar outros monos e não encham nosso saco

Diego: Swinger significa trocar de casais troca, casal é mono né.

Liz: Nossa a parte do sexo com outros é mto mais facil que afeto. Mds hahaha ... hj entendo o pessoal de swing monogamico com purpurina Agora casal swing eu considero monogamia porque eles não mudam a estrutura

Théo: Swing é puxadinho da monogamia, maioria dos suinguers deixam isso na vida privada e na pública posam de monogamicos, só querem mesmo sair da mesmice sexual provocada pela monogamia

Dentro do meio não monogâmico, o *swing* é geralmente apontado como o modelo relacional mais próximo do casal convencional, mais heteronormativo, apolítico e com pessoas mais conservadoras do que o poliamor (Silvério, 2018, p. 92). Os poliamorista têm uma preocupação especial sobre serem confundidos com *swingers*, pois dizem muitas vezes que estes não podem ser considerados não monogâmicos. Este incomodo pode se dever ao fato de o *swing* ser uma prática mais conhecida e disseminada, enquanto o poliamor está sendo mais difundido só recentemente.

Cássio: Swing é putaria mesmo existe várias casas no rio pra pratica Poliamor muito diferente swing

Vc quer o grupo pra putaria

Olavo: Diferente sim. Mas não é putaria.

Vitório: Ok só que sendo grupo de Poliamor não é portanto grupo de putaria.

Porém:

1) criticamos a postagem do Olavo, que julgamos ofensiva por nos associar à **putaria** e não porque tenhamos algo contra **swing**

2) Todavia, ainda, o grupo é de Poliamor. Nada contra povo do swing, só não queremos misturar as coisas. Até porque existe uma associação no senso comum entre Poliamor com putaria e swing, e não é desejável reproduzir isso aqui no grupo.

Muitos casais ouvem sobre não monogamia pela primeira vez pelo *swing*. Nesse primeiro momento, a sociabilidade da festa é o que mais a atrai para continuar frequentando as

casas de *swing*. A partir dessa experiência, começa a se formar um campo de desejo por novidades (Barbosa, 2019, p. 44).

Alguns poliamoristas relatam terem experimentado o *swing*, ou ainda o fazem, porém, geralmente considerando-o como parte de seu passado ou como uma introdução ao mundo do relacionamento não monogâmico (Pilão, 2012, p. 67). Sob uma perspectiva hierárquica, alguns poliamoristas veem o *swing* como uma progressão em relação à monogamia, mas um retrocesso em comparação ao poliamor, pois a conexão afetiva múltipla é considerada impossível, outros nem mesmo admitem o *swinger* no debate NM. O *swing* e os relacionamentos abertos são percebidos como mais flexíveis do que a monogamia, embora menos do que o poliamor. Argumenta-se que o poliamor é mais igualitário do que a monogamia e o *swing*, já que estes últimos são frequentemente criticados por serem machistas e por privilegiarem os desejos masculinos, tratando as mulheres como objetos (Pilão, 2012, p. 120).

Laura: Fica tranquila, que logo vc vai encontrar um casal bacana, infelizmente tem um monte de Swingueiros aí que só querem sexo
 Já tivemos algumas experiências com swing e ménage.. Mas gostaríamos de algo mais sério, tipo um parceiro fixo, para um relacionamento com respeito e carinho
 Paola: Que bacana! Nós tbm viemos do Swing
 Eu acejo q td tem seu tempo e seu espaço.
 Um pouco difícil no começo rsrs. Nós "vimos" do swing. E bem entre aspas porque só tivemos uma experiência na realidade.
 Laura: Na nossa experiência no geral, era sempre muito difícil conhecer as pessoas, porque muitos queriam ir direto para o sexo, nem conhecer a gente direito rs. Aí achamos bem superficial e estamos buscando conhecer outras formas

Esta transição do mundo liberal para o poliamor, só é vista como uma possibilidade em alguns casos, normalmente, quando os envolvidos sentem a falta de “algo a mais”. Este algo a mais seria o envolvimento afetivo além do sexual com chance de se desenvolver em um relacionamento de fato.

Laura: Bom nós já tivemos algumas experiências com aventuras kkk
 troca de casais já tínhamos feito ménage feminino tbm
 Mas estávamos sentindo necessidade de algo mais
 Com muita paciência encontramos uma pessoa que tinha os mesmos pensamentos que nós
 Olga: Como que vcs conheceram ela?
 Creio que estou procurando nos lugares errados
 Em um site de swing rsrs, como todos os outros contatos que tivemos

Contudo, muitos desacreditam deste caminho dizendo que a intercepção dos dois universos é mais prejudicial para o poliamor do que uma escada para ele.

Cássio: Já vi muitas e muitas vezes o argumento que um Ménage ou Swing, podem mudar e que um RA pode virar um Poliamor.

Realmente na teoria isso é possível, mas não prática são muito poucos os casos o de isso acontece.

O que vemos é cada vez o Poliamor sendo lotado entre o pessoal do meio liberal e os Ativistas de outras causas.

Von der Weid diz que a tentativa de distinção dos adeptos do poliamor é uma estratégia argumentativa que procura demonstrar que a acusação de promiscuidade que recai sobre todas as práticas alternativas ao convencional não se aplica a eles. Mas os discursos do poliamor tendem a estabelecer padrões exclusivos para o que deveria ser considerado uma prática sexual ética, o que acaba reforçando a marginalização de identidades e práticas sexuais como a dos *swingers*, por exemplo (Weid, 2008, p. 38).

Kless mostra em suas entrevistas que muitos poliamoristas se posicionam contra promiscuidade, sexo casual e o *swing*, fixando o poliamor como um estilo NM eticamente avançado (Klesse, 2006, p. 575). Determinada ocasião uma das administradoras do grupo postou uma imagem com um crânio de Neandertal, com a seguinte frase: “Swinger que procura sexo em grupo de poliamor”. Houve certo desconforto entre alguns participantes, que entenderam a imagem como preconceituosa e racista. Uma integrante, a única do grupo que já havia se declarado *swinger* (ou swingueira, como ela usa) além de poliamorista, demonstrou sua insatisfação:

Marília: Vi agora e estou triste! Pq isso!

O swingueiro de verdade não fica em grupo para sexo, e sim para amizade. Quem fica em grupo para sexo, são os curiosos q se fazem de swingers para ter sexo com mais facilidade, q veem nas mulheres como putas. No meio infelizmente há; muitos desses curiosos, mas o swingueiro de verdade vê o sexo de uma maneira mais liberta, alias há muitos membros do Poliamor no swinger e eu nunca vi nada tão triste

Lívia: Eu sei q tem poliamoristas q são swingers, e tá; tudo bem. Assim como tem fetichistas q tb são poli e/ou tb curtem swing, e tb tá tudo bem. A piada foi no sentido da pessoa entrar num grupo procurando algo FORA do foco do grupo específico. Nada além disso

Marília: A piada não foi legal

Lívia: Então vc acha q tá tudo bem pessoas aleatórias entrarem em grupos d poliamor em busca específica d praticar swing ou querer sexo fácil?

Marília: Qdo fazemos uma piada sobre um determinado grupo, e esse grupo não ri, isso quer dizer q erramos, e q há preconceito.

Essas pessoas q querem só sexo, devem ficar longe dos grupos de poli e de swingers Tb

Marília saiu

Lívia: Espero q a galera entenda a diferença. Peguei esse meme num grupo d amigos em q a maioria é do swing e todos são da não monogamia, muitos tb poli. Então não é pq ela se ofendeu q foi ofensivo. Neste caso específico, ela q infelizmente não entendeu a piada.

Marília acredita que a piada reforça estereótipos negativos sobre quem pratica *swing* e poliamor, associando-os a sexo casual e falta de profundidade emocional. Para ela, esse tipo de humor é prejudicial, pois perpetua visões distorcidas sobre esses grupos. Mas Livia defende a piada, afirmando que o contexto da piada era em um grupo de amigos, muitos dos quais são praticantes de *swing* e não monogâmicos, sugerindo que o contexto é importante para determinar se algo é ofensivo ou não.

Figura 9: Imagem publicada em grupo de poliamor



Fonte: Postagem em um grupo de *Whatsapp*, sem autor

O termo depreciativo promiscuidade implica relações sexuais envolvendo diversos parceiros de forma desregrada. É frequentemente associada à imaturidade, deficiência de caráter, superficialidade, narcisismo, egocentrismo, incapacidade relacional, falta de responsabilidade e inutilidade. Neste sentido, os poliamoristas, realmente, não aceitam que a definição de poliamor se misture a de *swing* ou sexo casual. Os poliamoristas dizem não se preocupar com número de parceiros sexuais e, por consequência, acabam tendo menos parceiros e um interesse sincero na construção de relacionamentos íntimos e de longo prazo (Klesse, 2008, p. 574).

Diego: Considerar swingers como não monogâmicos é meio confuso. Igual aquela pessoa que vê alguém traindo a esposa e como piada chama o fulano de poliamorista, ou vocês acham que ele é poliamorista?

Théo: Também não tenho nada contra swing, só não considero a prática em si uma contravenção a monogamia, só isso

Nas pesquisas de Christian Klesse, ele aponta que os poliamoristas tem o discurso centrado no amor e na intimidade, o poliamor pode se apresentar como sendo superior a outras formas de não monogamia que enfatizam mais fortemente a busca do prazer sexual. No entanto, várias vertentes do feminismo têm sido extremamente cautelosas quanto aos efeitos normativos da idealização do amor romântico, em particular na vida das mulheres (Klesse, 2008, p. 578).

As pessoas que praticam a polifidelidade (que restringem a criação de elos sexuais e afetivos), os polifíeis, normalmente são os que mais frequentemente usam a noção de promiscuidade. Limitam as experiências amorosas e as dividem em duas grandes categorias. O sexo sem amor, profano, cotidiano, público, formal, banal, seria a primeira categoria. Já o sexo com amor, sagrado, especial, privado, íntimo, superior é a segunda. Entre os poliamoristas que defendem os relacionamentos abertos esta diferenciação também está presente, apesar de que entre eles a desvalorização do sexo está mais concentrada na objetificação do parceiro, e não no número de parcerias sexuais. Assim, a crítica recai sobre o machismo, a objetificação da mulher como um mero objeto de satisfação masculina e a descaracterização do ato sexual. A premissa fundamental da igualdade e do reconhecimento do outro como um indivíduo é o que embasa essa crítica e diferencia esse segundo grupo de poliamoristas dos monogâmicos e dos adeptos do *swing*. O comportamento de "envolver-se com muitas pessoas", a busca pela libertinagem, são percebidos como uma maneira de desvalorizar o compromisso amoroso, uma vez que profana e banaliza o ato sexual, tornando-o excessivamente disponível (Pilão, 2013, p. 512).

É possível observar também que é comum dizer que há muitas prostitutas no *swing*, ou mulheres que tem desejos exóticos. É comum também que as pessoas se protejam das investidas machistas e objetificadoras sugerindo *swing*, deslocando o problema do machismo, da sociedade patriarcal e da sujeição das mulheres para outra prática.

Marília: Em SP, o q existe de fato é balada liberal, casa de swing mesmo só uma pelo q dizem os mais antigos. Nas baladas, ir desacompanhada é furada, nas casas de swing tb, mas é menos. Há um local para casais. O fetiche pelas casadas chega ser engraçado, pois as single chegam a ser rejeitadas para os caras ficarem se masturbando vendo os casais transarem. A invasão destes espaços por curiosos tb é desconfortante, pois até o olhar é diferente, a atitude é diferente. O interesse nestes espaços são para as mulheres padrão, se vc esta fora, muitas vezes tem q ficar só vendo os outros, o q pode destruir a auto estima de uma mulher

Hugo: Ah, nada diferente daqui. Inclusive, muitos homens solteiros levam garotas de programa, para poderem participar com os casais. E percebo o fetiche machista de "pegar" a mulher do outro. O cara fica irritado pela mulher do outro não ser a mulher do outro, mas uma garota de programa, mesmo ele também levando uma garota de programa.

Acima a conversa entre Marília e Hugo é crítica sobre os padrões patriarcais reproduzidos no *swing*, e muito discutidos nas pesquisas que tiveram a prática como tema, sobretudo, no que diz respeito à objetificação das mulheres. Os dois parecem conhecer o ambiente *swing*. Hugo continua comentando sobre sua percepção sobre as casas de *swing*:

Cleide: A pessoa leva a garota de programa pro swing, e se irrita porque a mulher do outro não é a mulher do outro rs

Hugo: Exato! Como é o fetiche pelas casadas.

O velho sentimento de possuir o que é do outro.

Olga: Outro ponto importante que deve mencionado é que alguns swingers são casais liberais, pero no mucho, que frequentam casas de swing ou festas privadas que seguem o mesmo estilo, que estão sempre com um/a parceiro/a com quem não se tem uma relação “oficial”, ou seja, frequentam com amantes, visto que algumas esposas e alguns maridos não concordam com essa prática e seus pares ainda assim o fazem escondido.

Alguns casais que praticam *swing* podem se identificar com outros estilos de relacionamento NM. Mas segundo os poliamoristas, os casais que praticam *swing* não têm uma verdadeira desconstrução das normas monogâmicas ou um desejo real de eliminar amarras e inseguranças emocionais. Muitos ainda mantêm padrões e expectativas tradicionais de relacionamento.

Olga: Para reforçar as diferenças entre swing e não-monogamia, dentro do swing o ciúme está muito presente pois, por diversas vezes, ele é usado como instrumento para salvar relações e uma das partes se anula para salvar uma relação que já está fadada ao término. Há quem acredite e chame relações assim de relacionamento aberto ou liberal (indico ler Mas afinal, o que é NM?), entretanto, sabemos que não existe em todos os casais a desconstrução e nem o desejo real de ter uma relação livre de amarras e inseguranças, como se coloca em prática dentro da não-monogamia. Sendo assim, é errado afirmar que gostar ou praticar swing torna alguém não-monogâmico.

O *swing* é uma prática específica dentro de um espectro mais amplo de modalidades não monogâmicas. Alguns casais podem praticar *swing* sem adotar uma filosofia NM mais ampla, enquanto outros podem se engajar em formas mais profundas e diversas de não monogamia que vão além do *swing*.

Diego: A maioria quer so que swing, sexo momentaneo mesmo. Se o parceiro se interessar por alguem de verdade eles piram. Dos mais de 100 casais liberais que conheco, acho que menos de 10 estao na vibe do poliamor.

A maioria consegue ver o conjugue tendo sexo com outra pessoa mas se ficar de conversinha e risinhos no pv do whatsapp com outra pessoa, vao a loucura de ciumes. Eh comico mas eh a realidade.

Enquanto alguns casais estão confortáveis com encontros sexuais casuais e não desenvolvem conexões emocionais profundas além do próprio relacionamento principal, outros podem estar abertos a formas mais complexas de não monogamia, onde há espaço para múltiplos relacionamentos emocionais e românticos. Entretanto, a forma mais comum de casais *swingers* encararem proximidade romântica de seus cônjuges com outras pessoas é problemática.

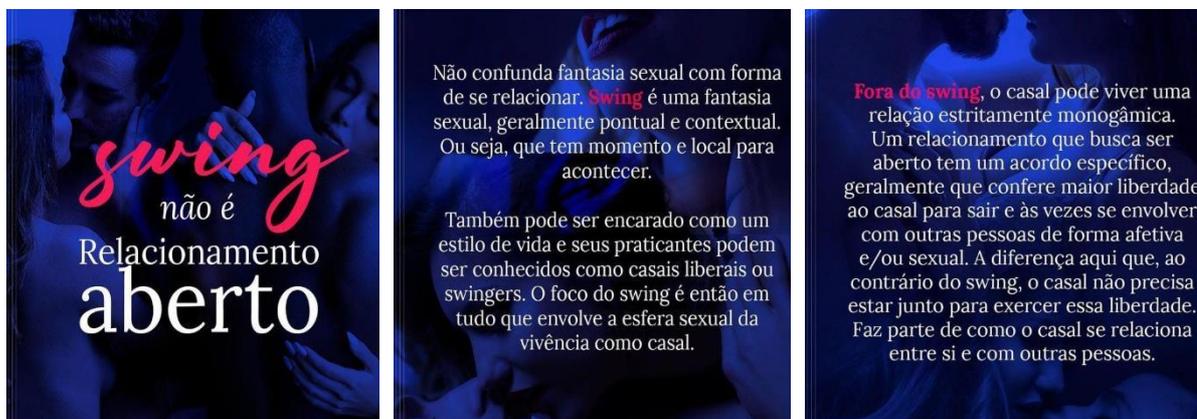
Muitos casais que praticam *swing* têm um entendimento claro de que o sexo físico com outras pessoas é permitido e até encorajado. No entanto, quando sentimentos emocionais começam a se desenvolver, especialmente fora do contexto sexual planejado e controlado, isso pode desencadear ciúmes intensos e inseguranças. Apesar das questões relacionais quase nunca serem tratadas nos grupos específicos para este fim, algumas mensagens a este respeito já foram postadas, o que corrobora a ideia de que mesmo entre os *swingers* há uma diferença profunda entre suas escolhas afetivas e as práticas sexuais.

Edson: Eu insisto: POLIAMOR é uma fantasia para quem gosta, fantástica, no entanto o nome está errado, o correto é POLISEXO.
O amor visceral, passa, necessariamente por: afeto, cuidados, presença, confiança, concessões, carinho, e o principal... ADMIRAÇÃO que significa amar o caráter...
Não tem como sentir/fazer tudo isso por mais de uma pessoa...

A frase expressa uma visão particular do amor, é essencial considerar que existem múltiplas formas legítimas de vivenciar e expressar conexões emocionais profundas e significativas. Mas a crítica demonstra uma das poucas abordagens dos *swingers* ao poliamor. Abaixo uma postagem que faz menção a RA, também marcando as diferenças, sobretudo, sobre o que diz respeito ao casal. A participante, buscou destacar, com essa postagem, a diferença entre fantasias sexuais de formas de relacionamento. O *swing* é uma prática que, na maioria dos casos, é vivida como uma fantasia sexual específica, na qual casais ou pessoas solteiras consensualmente trocam ou compartilham parceiros para experiências sexuais. Essa prática geralmente ocorre em situações pontuais e contextos bem definidos, como eventos, festas ou encontros planejados, onde há um ambiente seguro e discreto para que as pessoas explorem suas fantasias. Essa delimitação do espaço físico e social ajuda a manter uma separação entre a vida sexual explorada nesses eventos e a vida cotidiana do casal. Muitos casais que praticam o *swing* o fazem com a intenção de manter seus relacionamentos principais estáveis e saudáveis, sem que essas experiências externas interfiram no vínculo afetivo que possuem um com o outro. Para eles, é uma forma de adicionar novidade e intensidade à vida sexual, mas sem buscar um

relacionamento alternativo.

Figura 10: Imagem publicada em grupo de swing



Fonte: Postagem em um grupo de *Whatsapp*, sem autor

A relação aberta, um modelo cada vez mais difundido, especialmente nos tempos recentes, se difere do poliamor pela presença de uma hierarquia estabelecida. Em outras palavras, na relação aberta, os vínculos vivenciados, embora afetivos, não impactam o relacionamento principal, que geralmente é um casal. Assim, a relação aberta é percebida como um arranjo que se origina da estrutura monogâmica, uma vez que os acordos estabelecidos são, em grande medida, limitadores, destinados a manter a supremacia do casal original sobre quaisquer outros arranjos e afetos possíveis. Isso resulta na criação de uma hierarquia nas relações organizando-as como primárias e secundárias (Gonçalves, 2021, p. 72).

José: Dúvida. Quando um casal abre a relação, se enquadra na NM também? Porque em meus estudos, percebo que essa é uma forma de consertar a relação do casal. Experimentar novas formas de se relacionar sexualmente com outros corpos. Sei que não são mais um casal monogâmico mas...sei lá...rs

A relação aberta assemelha-se ao *swing* na medida em que o casal é mantido como eixo central e as relações extraconjugais funcionam como um meio de fortalecer e melhorar a relação principal (Silvério, 2014), embora a diferenciação entre sexo e amor também seja uma característica comum entre eles. No *swing*, porém, o ideal é que os envolvimento sexuais sejam praticados, já nas relações abertas há mais liberdade para negociações, e o casal pode se relacionar separadamente ou junto, participando por exemplo de *ménage* ou sexo grupal (Silvério, 2018, p. 102). Neste contexto, a relação aberta possibilita o amor entre mais de uma pessoa e estas podem ser especiais e singulares para a relação, mas a estrutura do casal não é questionada sendo este o núcleo e as demais relações a órbita da principal. Esta seria a principal marca dos adeptos da relação aberta.

Existe a ideia, assim como em relação ao *swing*, de que alguns casais usam a relação

aberta como uma escada para o poliamor, de modo que os poliamoristas recebem a relação aberta como uma etapa do poliamor e por isso mais aceitável.

Mauro: Minha opinião é que relação aberta é válida sim, de fato ela tem algumas nuances da monogamia, mas outras não... e diria que é super presente nos inícios e até um jeito saudável de fazer as tentativas... ir tateando a ideia com a pessoa que se ama.. [1] [SEP]
No meu caso foi assim no início! Comecei abrindo a relação e com o tempo vi que o negócio pra mim, era ter mais envolvimento, profundidade e liberdade!

A expressão “abrir pra salvar” se refere a ideia de que casais veem a relação aberta como uma alternativa para melhorar o casamento, pois acreditam que a “abertura” pode corrigir problemas comuns da exclusividade monogâmica como ciúmes, controle, desinteresse sexual, insatisfação, frustração e tantos outros. Este objetivo, quando é definitivo, de modo geral é visto com reprovação e muitas vezes nem considerado NM. No entanto, se proposto como um estágio que, pretende-se, culminar no poliamor, o olhar passa a ser mais de maior aceitação.

Pedro: Olha, eu já fui casado por 12 anos e tô no meu segundo "casamento" há 7. No primeiro fui mono fechado, no segundo começou aberto e agora somos poli. O processo de abertura da relação até o poliamor foi muito longo e sempre estive em evolução, correção e ajustes. E tudo só funciona pq há diálogo franco e honesto sempre. Se não tiver diálogo, não tem como. E muitas vezes os estilos de vida são incompatíveis e a gente tem que decidir se termina e surta ou se sujeitar e surta!

Nas trajetórias que foram analisadas por Pilão (2021, p.31), o relacionamento aberto configura-se como um momento que divide o poliamor e a monogamia, já que permite relacionamentos múltiplos. A RA pode ser entendida como um “entre lugar”, a última possibilidade de conciliar estas esferas. Ficando muito claro a perspectiva de que o poliamor se posiciona em uma categoria evoluída na carreira NM. É comum a definição de RA com o bloqueio para relações afetivas fora do casal principal como ocorre com o *swing*, entretanto, na maioria das vezes, na relação aberta a possibilidade de amar mais de uma pessoa também existe e estas podem ser especiais e singulares para a relação, mas a estrutura do casal não é questionada sendo este o núcleo e as demais relações a órbita desta principal.

Alguns integrantes já não concordam que a RA seja descrita como NM, por entenderem que a presença de casal central carrega justamente os aspectos da monogamia que eles buscam eliminar.

Raíssa: Simples. Casal Central pra mim, não cabe na NM. Se tem casal central e esse casal tem um pensamento hierárquico, é relação aberta.

Soraia: O pessoal que é casal em termos jurídicos, ainda tá preso na nossa monocultura mesmo

tem todo um sistema.
casal pra mim ja me liga que eles assinaram os papéis, acordos que vai ser mais difícil ainda e provável serei unicórnio

Além das características monogâmicas reprováveis, os adeptos da RA também são acusados de não estarem disponíveis para os elementos da NM mais importantes tais como a compersão, honestidade, liberdade e confiança.

Soraia: Q pena q em nenhum desses casos, assim como na grande maioria dos relacionamentos abertos, existe a COMPERSÃO. Me parece q existe uma dificuldade enorme das pessoas terem confiança e segurança em si msms e no relacionamento. Sempre falta o diálogo aberto e sem julgamentos, o q eu acredito ser a chave pra qq tipo de relacionamento...

O fato de a relação aberta ser o modelo mais difundidos das NM a torna muitas vezes sinônimo de desconfiança sobre a verdadeira intenção do praticante. Tanto que ela é vista muitas vezes como uma tentativa machista em que os homens apropriam esta configuração de relacionamento somente para se beneficiar de ficar com outras pessoas, sem que a parceira conseguisse usufruir de fato da liberdade proposta.

Bárbara: Parem de aceitar homens nesse grupo. Daqui a pouco vai se tornar uma arquibancada da torcida do Corinthians e nada de ngm se conhecer ou ter algo.
Sempre a mesma idéia
Um homem em uma suposta relação aberta procurando mulheres
Isso além de velho já está chato

Raíssa: Sem dúvida, eu tenho trabalhado muito na comunidade poliamorista para nós unirmos e nos afastarmos da Relação Aberta e buscarmos nisso reconhecimento perante a sociedade e a legislação.

A anarquia relacional (AR), é outro modelo não monogâmico, porém com menor representatividade entre os brasileiros. Dissidente do poliamor, procura ultrapassar o que consideram seus paradoxos e principais erros, entre eles a necessidade de categorização e hierarquização das pessoas, as obrigações e direitos relacionais, a manutenção de pressupostos e normas, restrição da autonomia e da liberdade, falta de espontaneidade e de igualdade. De certa forma, pode-se dizer que o princípio anarquista de organização social não-hierárquica é inerente a todos esses questionamentos. Tanto na cultura monogâmica quanto na poliamorosa, as relações afetivo-sexuais são priorizadas, fato que emerge como um dos principais questionamentos da anarquia relacional por levar à submissão de quase todos os outros aspectos da vida (Silvério, 2018, p. 110).

Lívia: Pelo q sei de anarquia relacional é tanto a questão de quebra de padrões relacionais, como por exemplo quem for casado ter q morar na mesma casa, quanto ser não hierárquico entre todas as relações, não

dando mais importância ao relacionamento amoroso em detrimento de relações de trabalho, amizades e família

A hierarquia na anarquia relacional refere-se à presença de estruturas ou padrões que tendem a atribuir maior importância ou prioridade a certos relacionamentos dentro de um contexto de não monogamia. Embora a anarquia relacional busque minimizar ou eliminar hierarquias rígidas e predefinidas, é comum que certos relacionamentos sejam percebidos como mais centrais ou significativos do que outros, mesmo que isso não seja necessariamente intencional.

Nesse contexto, a hierarquia pode se manifestar de várias maneiras, como por exemplo, quando um relacionamento é considerado "primário" e recebe mais investimento emocional, tempo e recursos do que outros relacionamentos "secundários". Isso pode resultar em desigualdades percebidas entre os parceiros ou em situações em que as necessidades de um parceiro são priorizadas em detrimento das necessidades de outro.

No entanto, o objetivo da anarquia relacional é desafiar essas hierarquias e promover relações baseadas na autonomia, igualdade e consentimento mútuo. Isso pode envolver a constante revisão e negociação dos acordos e limites em todos os relacionamentos, de modo a garantir que todos os envolvidos se sintam valorizados e respeitados, independentemente de sua posição percebida na relação.

O “Breve Manifesto Instrucional para a Anarquia Relacional” é um documento escrito pela ativista *queer* sueca Andie Nordgren (2006). O texto é dividido em nove tópicos: 1) o amor é abundante, e cada relação é única; 2) amor e respeito ao invés de direito pressuposto; 3) encontre o seu conjunto básico de valores relacionais; 4) o heterossexismo está em todos os lugares, mas não deixe o medo lhe guiar; 5) prepare-se para o deliciosamente inesperado; 6) finja até conseguir; 7) confiar é melhor; 8) mude através da comunicação; 9) personalize seus compromissos. Segundo Nordgren (2006, p.1), a comunidade poliamorista ainda sustenta valores retrógrados acerca de gênero, sexualidade, amor e poder, além de reivindicar que são tão normais quanto qualquer outra pessoa, com a diferença de ter um número maior de relações. A criadora do manifesto também ressalta que o poliamor dedica-se bastante à definição de temas como parcerias, ciúme e gerenciamento do tempo, traçando uma nítida diferença entre as pessoas com quem se mantém variados tipos de relações e as que são apenas amigas. A anarquia relacional, por sua vez, acredita que a fronteira entre o amor e a amizade é tão turva que não pode ser delimitada, defendendo a não-institucionalização das diferenças entre as pessoas parceiras e as não-parceiras. A ideia é escapar da noção de que o amor precisa de regras e instituições para sobreviver (Silvério, 2018, p. 110).

Sandra: Eu também entendo anarquia relacional por esse ponto de vista. Aliás, amor livre também tem este sentido, de não ter hierarquia entre as relações, até se for considerar amizades (alguém em amor livre não considera seu parceiro mais importante do que um amigo, por exemplo) e de fato a intenção é extirpar a posse e o domínio sobre o livre arbítrio de outra pessoa.

Liz: Concordo com que o Relacionamento Afetivo é o que rege o Poliamor e não o sexual, porém para mim o que diferencia o Poliamor da Anarquia Relacional é justamente essa questão.

No Poliamor existe um grupo/família onde as pessoas se relacionam afetivamente e que tomam as decisões em conjunto.

Enquanto que na Anarquia Relacional cada indivíduo é responsável por aí, podendo se manter em várias relações simultâneas, sejam sexuais ou afetivas de formas independentes umas das outras.

mas existem relações poli anarquicas ou não anarquicas....

e uma das definições entre elas é justamente não haver "casal principal", todas as relações terem o mesmo grau de importancia ou não.

Na perspectiva da anarquia relacional todas as pessoas e relações devem, de fato, ser consideradas como iguais, independentemente de ser um vínculo familiar, amoroso, sexual, profissional ou esporádico. A ideia é permitir que as diferentes relações construídas continuamente ao longo da vida possam desenvolver-se por si só de maneira livre, autônoma, fluida e espontânea. Diante disso, questiona-se o fato de somente um tipo de vínculo ser digno de ser caracterizado como “amoroso” em meio a essa vasta rede de relacionamentos.

Théo: A AR, nasceu de poliamores não hierárquicos, para questionar sistemas de hierarquias nas relações e buscar soluções, não para por outros não monogâmicos em espaços desconfortáveis. No meu caso não sei se foi a AR ou a pessoa que estava me relacionando (ou as duas coisas), mas me senti exatamente nesse lugar, de precisar atingir um patamar (hierarquia), como se o meu processo e aprendizado sobre se relacionar não fosse válido o bastante e só fosse perfeito se fosse da maneira X

Os poliamoristas dizem se sentir pressionados a atingir um "patamar" específico em qualquer tipo de relacionamento, inclusive na AR, pode ser uma experiência desconfortável e frustrante. Isso pode acontecer por várias razões. Algumas pessoas podem, consciente ou inconscientemente, impor expectativas sobre como os outros devem praticar a NM, criando uma sensação de que há uma "forma correta" de ser relacionar. Mas eles argumentam que diferenças individuais não são levadas em consideração quando se analisa o ritmo e forma de aprender e crescer nos relacionamentos. A imposição de um padrão uniforme pode desconsiderar essas diferenças e criar tensões desnecessárias.

A Não Monogamia Política (NMP), com inspirações da anarquia relacional, surgiu no Brasil e tem articulado pessoas em torno do tema. Seu manifesto, apresenta uma abordagem que desafia a estrutura tradicional monogâmica, procurando construir um projeto de vida e

identidade política baseado em um pensamento coletivo e emancipatório de não monogamia. Essa abordagem é anticolonial e antirracista, reconhecendo a estrutura monogâmica como uma imposição colonial violenta, tanto na África quanto em Abya Yala (termo usado por povos originários do continente em contraponto a "América"). É também uma rejeição à colonização de nossos desejos e afetos (Nuñez, 2021, p. 81).

A não monogamia política vai além da escolha pessoal de ter múltiplos parceiros e explora como essas práticas podem desafiar estruturas sociais e políticas estabelecidas. Envolve uma conscientização de como as normas monogâmicas estão interligadas com sistemas de poder, como o patriarcado, o capitalismo e o colonialismo. A não monogamia política propõe que a forma como nos relacionamos pode ser uma forma de resistência e transformação social.

A politização da não monogamia é o ponto chave deste movimento nascidos no Brasil. Estes grupos, chamados coletivos, se organizam sobretudo pela internet nas redes sociais, *sites* e *blogs* com o objetivo de promover a NM com um viés mais politizado. Embora, nos grupos analisados, alguns participantes serem simpáticos à NMP, parece haver embates diversos, sobretudo, no que concerne ao fato de alguns participantes dos grupos analisados alegarem que estes coletivos estão protagonizados por homens jovens que estão reproduzindo patriarcalismo e outras opressões de classe, gênero e raça.

Marina: Por isso digo que pra mim não adianta nada sairmos da monogamia patriarcal e irmos pra não monogamia patriarcal pq ao parecer é o que está acontecendo ainda mais quando a não monogamia política trás a anarquia relacional e os privilegiados continuam sendo privilegiados.

A anarquia relacional, por exemplo, que muitos não monogâmico colocam como a meta do século.

Se não considerar gênero, classe, vulnerabilidade da mulher, das periferias e etc. É o mesmo que sair da caixa monogamia patriarcal e entrar na caixa anarquia relacional patriarcal pq sabemos que os privilegiados vão continuar privilegiados.

Além do mais, a politização da esfera sentimental incomoda alguns NM que compreendem esta questão como algo subjetivo. A politização das relações afetivas refere-se à ideia de que todas as relações humanas são influenciadas por estruturas de poder e normas sociais. Isso inclui questões de gênero, classe, raça e sexualidade. Por um lado, essa abordagem pode ajudar a entender como essas estruturas afetam nossas relações e possibilitar mudanças que promovam mais igualdade e respeito. Por outro, pode parecer que se perde o lado mais espontâneo e emocional das relações.

Vera: Eu gostei da ideia mas na real é muito politizado. Acaba sendo um pouco frio e deixando o afeto de lado (mas como sou leiga no assunto, apenas estou dando uma opinião)

Meire: E quando ela entrou nesse espaço de sistematizar afeto, politizar relações, engessou o afeto. Passaram a criticar relações não monogâmicas também.

Mauro: Então a questão política de forma proselitista no Brasil, no caso tem essa de bater sem entender, ou como eles dizem "criticar" pelo bel prazer de criticar sem entender ainda as bases de violência que se tem atrás da concepção que reproduzem.

Há também críticas sobre o uso da NM como apropriação identitária como ferramental de luta política. Esta acusação recai, sobretudo, sobre aqueles grupos que dão mais ênfase para as questões de poder do que para as relações íntimas, pessoais e psicológicas da inserção NM.

Mauro: Por isso que tenho minhas ressalvas quando falamos de NMP. Uma apropriação Identitária de causas, é um jogo político antigo. Foucault criticou muito essa questão, sobre quanto grupos estaria se apropriando de causas por puro jogo de interesses.

Liz: Algumas vertentes induzem que a "NM PLENA" é alcançada quando voce quebra totalmente os paradigmas. Inclusive a existencia de "casais primarios".

Segundo os poliamoristas as críticas internas podem agravar a marginalização e criar divisões desnecessárias. Criticar formas específicas de não monogamia (como trisal ou famílias poliafetivas) sem compreender plenamente as experiências e necessidades das pessoas envolvidas pode desrespeitar a diversidade dentro da comunidade, uma vez que todas as formas de não monogamia já enfrentam marginalização social. Eles ressaltam que uma forma de não monogamia não pode ser dita "melhor" ou "mais correta" que outra, com ônus de reproduz as mesmas dinâmicas de imposição de mononormativa que eles buscam desafiar. Entretanto, é impossível não destacar que a mesma defesa não é aplicada no momento em que o discurso tem outra direção, ou seja, os poliamorista denunciam ser vítimas das mesmas imposições que infligem sobre os praticantes de RA e *swingers*.

Cléber: Tipo falar mal de trisais, sem respeitar o movimento humano, de como as pessoas estão se comportando afetivamente.

Olga: Famílias poliafetivas, também ficarem sendo foco de críticas, sendo que elas já estão em um espaço marginal como todos não monogâmicos.

Falar do outro não monogâmico, porque ele ainda não esta vivendo a monogamia que a pessoa acha correto.

A grande questão colocada, no entanto, se refere ao fato de que, apesar de tantas críticas sobre os modelos relacionais divergentes, os coletivos não problematizam os privilégios desfrutados pelos homens em um sistema patriarcal. Pois as responsabilidades de cuidado dos

dependentes continuam sendo das mulheres que desempenham este papel historicamente.

Inês: Tão fácil ter uma rede de afetos anarquicamente sem se preocupar com a auto estima das pessoas que não são brancas heteronormativas e principalmente homens cis.

Carla: Por isso que eu sempre falo, coletivos com homens no comando não passa de conversa e eu faço as críticas dos aspectos da NM política ainda estarem reforçando papéis sociais com mulheres sem autonomia, afetiva, financeiras e sexuais em dados momentos.

A não monogamia política tem o potencial de desafiar e transformar as estruturas de poder nas relações afetivas. No entanto, há críticas sobre o posicionamento em relação a ausência de debates e práticas dentro desse movimento que abordem de forma consciente e ativa as desigualdades de gênero e outras formas de opressão contra mulheres.

Meire: Porém ainda é sobre natalidade Mas, é esse trequinho que me deixa confusa, sabe... tenho dificuldade de observar na prática em que situações ou falas, a NMP está pautada em algo que conceitualmente a mesma está se opõe. Porém, até aqui tenho visto a postura machista ou pouco acolhimento de homens cis ao trabalho das mulheres na construção política, seja coletivamente ou no guarda-chuva NM. Então, invés de NMP, eu noto que seria a politização dos debates não-mono, que muitas vezes ainda reforçam papéis de gênero, o silenciamento ou exclusão de mulheres.

Em 2020 uma série de coletivos surgiram na forma de páginas nas redes sociais, cujo objetivo foi debater a NM desde um uma perspectiva política. A página mencionada neste diálogo faz parte deste contexto. Composta, em sua maioria por indivíduos não heterossexuais e não brancos, as equipes organizam cursos, debates, transmissões ao vivo temáticas e outras iniciativas, além de produzir textos.

Não é possível deixar de mencionar a Rede Relações Livres (RLi), uma vez que ela é bastante citada nas conversas dos grupos. Surgiu com o objetivo de promover ações sociais e políticas em torno da não monogamia, mas não se identifica com o poliamor devido aos ideais de polifidelidade defendidos por este. Os membros da RLi contestam a polifidelidade, que consideram como uma forma de "outra monogamia", em que a fidelidade é exigida não apenas a um parceiro, mas a dois ou três. Eles indicam que esse discurso de resistência perde força ao realçar os benefícios das relações exclusivas, os quais são alvo de críticas por parte do movimento ativista (Barbosa, 2011, p. 69).

A RLi se posiciona contra a moral que impõe a restrição a apenas uma companhia afetiva e sexual. Eles desejam o fim da "miséria monogâmica" e defendem a liberdade de amar além do número máximo de um, característico da monogamia. Não aceitam a escassez de amor

e a carência afetiva; eles vivenciam amores múltiplos, beijam várias pessoas com prazer e se apaixonam de forma plural. Ao denunciarem a monogamia, evidenciam a pobreza emocional e relacional dessa vida aprisionada, expressando um grito de desconforto e sufocamento emocional (Silvério, 2018, p. 116).

RLis não negociam sua liberdade sexual-afetiva, não precisam "prestar contas" aos outros relacionamentos. o único imperativo de nossos relacionamentos é o desejo (sexual e/ou afetivo) e, assim, não há regras ou acordos de nenhum tipo. Não existe, jamais, hierarquia entre os relacionamentos e todos são necessariamente abertos. O grau de intimidade, a duração e a configuração de cada relação são determinados única e exclusivamente pelos sentimentos e emoções que se conjugam entre xs parceirxs, nos deixamos guiar pela atração sexual, a paixão ou o amor e julgamos que comportamentos derivados destes sentimentos e sensações não são passíveis de nenhum tipo de regulamentação⁶¹

A cultura monogâmica é vista pela RLi como uma oposição entre namoro e amizade, profundidade e casualidade, amor e prazer sexual. Eles querem um namoro baseado na amizade, em relações eventuais e profundas, sexo e amor, tudo livre, com várias pessoas e ao mesmo tempo. Para eles, o sexo não deve estar aprisionado ao amor, nem depender dele para ocorrer. Acreditam que as pessoas podem experimentar as potencialidades da sexualidade sem estarem condicionadas ao amor. Desejam a liberdade tanto no sexo quanto no amor, múltiplos encontros sexuais e amores múltiplos, reconhecendo a riqueza e singularidade das pessoas (Silvério, 2018, p. 116).

A questão de definições conceituais para RLis, NMP e poliamoristas é de extrema relevância e se a distinção da monogamia é fácil para estes, por se tratar de uma relação de oposição completa, não se pode afirmar o mesmo sobre a diferenciação entre eles. Isso se explica também pelo fato de serem os únicos grupos em que há defensores públicos e militâncias organizadas no Brasil. Os *swingers* e os praticantes de relacionamento aberto, não entram nesses debates de maneira organizada, confrontando as suas visões com uma identidade coletiva. Isso implica afirmar que a arena política é dominada por poliamoristas, relações livres, anarquista relacionais e não monogamia política. Nesse sentido, mesmo que se vejam como aliados no combate à monogamia compulsória, disputam hegemonia e controle do movimento não monogâmico, procurando mostrar deter a melhor proposta e solução para a superação da exclusividade afetivo-sexual.

⁶¹ Trecho do texto *Diferenças entre Poliamor e Relações Livres – delineando alguns conceitos*. Disponível em <https://amoreslivres.wordpress.com/2013/07/24/diferencas-entre-poliamor-e-relacoes-livres-delineando-alguns-conceitos/> acessado em 29/09/2023.

Neide: Vários movimentos não monogâmicos também são políticos, visto o pessoal do RLI que é bem ativo no combate ao machismo, patriarcado e demais formas de opressão.

Relações Livres

É um dos movimentos mais fortes em nosso país em relação à não monogamia

Vera: Acho que ainda vamos ver um movimento dos não monogâmicos como temos os movimentos lgbtqi+

Isso já está acontecendo! Principalmente com o movimento RLi

Sem muita expressão no resto do Brasil, este movimento que já foi o expoente da AR no país, mas vem perdendo espaço para os coletivos de NMP. Contudo, é perceptível um certo respeito a este movimento pelos NM em geral, pelo seu caráter pioneiro de organizações políticas com a temática NM no Brasil.

7.2 CÍRCULO ENCANTADO

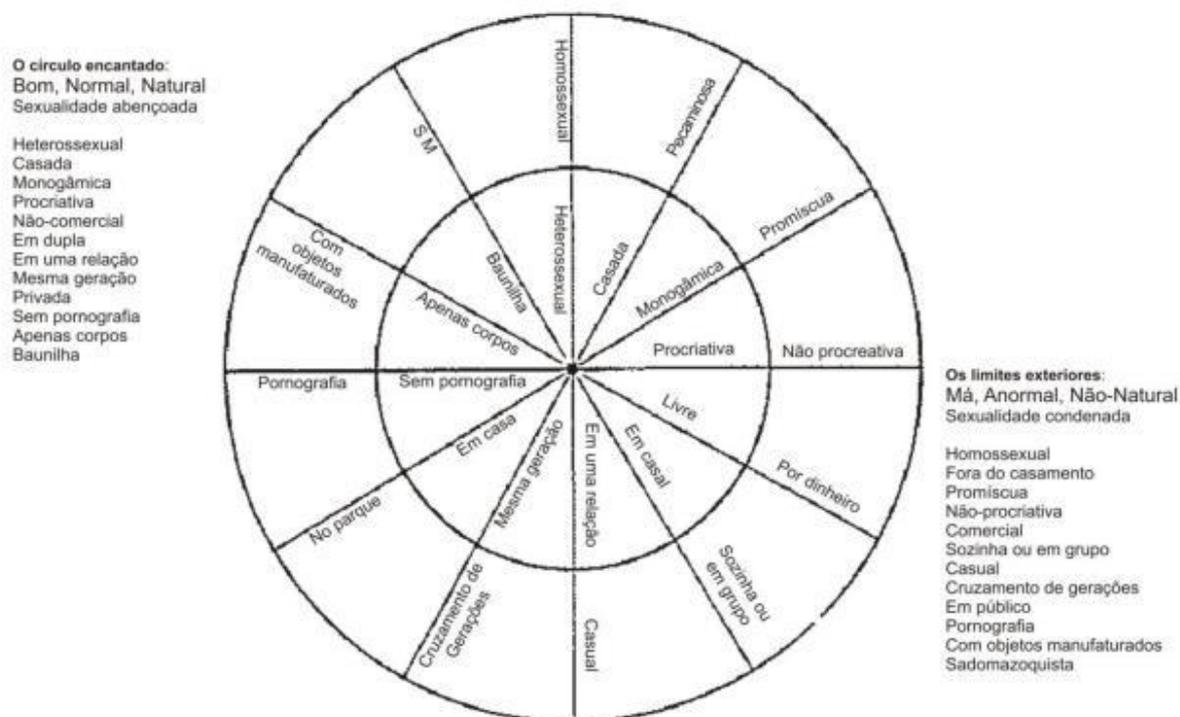
Ao escrever *Pensando o sexo: notas para uma teoria radical das políticas da sexualidade*, em 1984, Gayle Rubin estabelece um marco nos estudos de gênero e sexualidade. A antropóloga inicia seu texto chamando a atenção para o fato de que o sexo é visto como um tópico sem importância em comparação a outros temas estudados pelas ciências sociais, principalmente em tempos críticos. Mas ela destaca que é nesses momentos que as pessoas estão mais propensas a se tornarem perigosas em relação à sexualidade. Por isso, o tema, ao contrário do que ocorre, deveria ser tratado com atenção especial nos momentos de grande estresse social. Além disso, a sexualidade também possui uma estrutura política interna permeada por desigualdades e opressão que precisam ser debatidas na esfera das ciências sociais, como qualquer outro fenômeno.

Rubin (2017) faz um apanhado histórico entre os anos 1880 na Inglaterra e a década de 1950 nos Estados Unidos, e analisa que o período recodificou as relações de sexualidade, deixando resíduos nas leis, nas práticas sociais e ideologias que afetam a forma na qual a sexualidade é vivida. Nesse contexto, Rubin propõe um ensaio que apresenta elementos de um quadro descritivo e conceitual para se pensar sobre o sexo e suas políticas. Nele Rubin questiona o sistema de valores que os mais variados grupos sociais atribuem à sexualidade. Isso é, os valores que definem alguns comportamentos como bons/naturais e outros como maus/não naturais. Assim, aparece a abstração do "Círculo Encantado" da sexualidade, onde a sexualidade privilegiada pela sociedade se localiza, enquanto todas as outras práticas sexuais ficam marginalizadas. Sendo assim, o círculo encantado revela uma valorização hierárquica dos atos sexuais.

Essa hierarquia localiza o “bom sexo” no centro do círculo e o “mau sexo” em suas bordas. Quanto mais próxima das bordas menos assentida é a prática. Rubin nota que esse tipo de política ataca principalmente os grupos cujas atividades sexuais são não-dominantes. Nestes grupos poderíamos posicionar: homossexuais, sadomasoquistas, praticantes de *swing*, frequentadores de casas de fetiche, poliamoristas, entre outros.

O círculo encantado elaborado por Rubin, por ser hierárquico, se organiza sobre uma ordem de prioridade e acaba, inevitavelmente, estabelecendo relações de subordinação entre as práticas. O que gera, segundo a autora situações de opressão que atravessam outros modos de desigualdade social, tais como raça, classe, gênero ou etnicidade. Em seu ensaio Rubin não usa o conceito de poliamor, enquanto o termo *swing* aparece duas vezes. Em uma nota de rodapé para se referir a perseguição policial aos “negócios do sexo” e em outro momento, ao relatar sobre pessoas que perdem a possibilidade de conviver com jovens e crianças, devido aos seus comportamentos sexuais desviantes dos padrões convencionais (Rubin, 2017, p.28).

Figura 11:A hierarquia do sexo: o círculo encantado vs. os limites exteriores



Fonte: Rubin, 2017, p. 17

Embora a autora não fale diretamente do poliamor, e nem use este termo, a escala do sistema de valor sexual sobre a qual ela constrói seu argumento, caracteriza a boa, normal e natural sexualidade como heterossexual, marital, monogâmica, reprodutiva e não-comercial. Além disso, é esperado que as experiências sejam realizadas em um contexto de casal,

envolvendo uma relação romântica na mesma faixa etária e ocorrendo no ambiente doméstico. É importante notar que essas práticas não devem incluir pornografia, objetos fetichistas, brinquedos sexuais de qualquer natureza, ou outros papéis que não se encaixem nas categorias tradicionais de masculino e feminino. Qualquer atividade sexual que vá contra essas diretrizes é geralmente vista como inapropriada, atípica e contrária à natureza. Posto isto, é possível deduzir que tanto o poliamor quanto o *swing* não possuem as propriedades do bom sexo descrito por Rubin.

De acordo com Rubin (2017) nas sociedades ocidentais modernas, os atos sexuais são avaliados com base em um sistema hierárquico de valores sexuais. No centro dessa estrutura estão os heterossexuais casados e reprodutivos. Logo depois, nos limites, encontram-se os heterossexuais monogâmicos não casados em relacionamentos conjugais, seguidos pela maioria dos heterossexuais. A masturbação fica entre o estigma e a ideia de ser uma alternativa inferior ao sexo a dois. Casais gays e lésbicos estáveis, de longa duração, estão à beira da respeitabilidade, mas o que ela chama de homens "gays promíscuos" e "sapatões de bar" estão em uma região limítrofe, pouco antes dos grupos que estão realmente à margem do círculo, ocupados por travestis, transexuais, praticantes de sadomasoquismo, fetichistas, trabalhadores do sexo, como prostitutas, atores e modelos pornográficos, e, por fim, abaixo de todos, os pedófilos. As recompensas de pertencer o centro do círculo incluem desde saúde mental certificada⁶², respeitabilidade, legalidade, mobilidade social e física, apoio institucional e até benefícios materiais (Rubin, 2017, p.16).

Um aspecto interessante a ser percebido neste desenho hierárquico é que os discursos sobre sexo, sejam eles de natureza religiosa, psiquiátrica, popular ou política, tendem a reconhecer apenas uma pequena parcela da experiência sexual humana como consagrada, segura, saudável, madura, legal ou politicamente correta. A posição no círculo distingue esses comportamentos sexuais, moralmente aceitos, de todos os outros, que são entendidos como demoníacos, perigosos, psicopatológicos, infantis, ou repreensíveis politicamente. A questão então reside, sobre onde passar a linha, e determinar quais atividades estão do lado bom e quais estão no lado mau e se é permitido o trânsito através da linha.

Rubin observa que alguns comportamentos, embora considerados marginais, estão gradualmente se aproximando da aceitação social, como a convivência de casais não casados, algumas expressões de homossexualidade e a masturbação. No entanto, ela ressalta que ainda

⁶² Fetichismo, sadismo, masoquismo, transexualidade, travestismo, exibicionismo, voyerismo e pedofilia permanecem como disfunções psicológicas (*American Psychiatric Association*, 1980).

existe uma considerável resistência social em relação a muitas formas de homossexualidade, que permanecem amplamente desaprovadas e estigmatizadas. Para os homossexuais, somente os monogamicamente estabelecidos têm a possibilidade de trânsito. Mas, segundo a antropóloga, o sadomasoquismo, a homossexualidade promíscua, transexualidade, fetichismo e encontros geracionais ainda são vistos como “horrores não modulados, incapazes de envolver afeição, amor, escolha livre, gentileza ou transcendência” (Rubin, 2017, p.18).

Neste ensaio, Rubin também discute as formações ideológicas que permeiam as visões sobre a sexualidade. A negação do sexo é uma das formas mais significativas de abordagem. Nas culturas ocidentais, o sexo é amplamente considerado uma força perigosa e destrutiva. A menos que esteja envolvido casamento, reprodução ou amor, quase todo comportamento sexual é visto como negativo. A tradição cristã, por exemplo, mantém a visão de que o sexo é intrinsecamente pecaminoso, embora seja passível de redenção quando ocorre dentro do casamento com o propósito de procriação, contanto que os aspectos prazerosos não sejam "abusados". Além disso, há a concepção de que os órgãos genitais são partes inferiores do corpo, considerados menos sagrados em comparação com a mente, a "alma" e o "coração" (os órgãos excretórios compartilham um status semelhante ao dos genitais). Para além do domínio religioso, a cultura ocidental ainda encara o sexo com suspeita, julgando quase todas as práticas sexuais com base em suas piores possibilidades de expressão. Nesse contexto, todos os comportamentos eróticos são frequentemente rotulados como inadequados, a menos que exista uma razão específica para justificá-los. As razões mais aceitas incluem o casamento, a reprodução e o amor (Rubin, 2017, p.14).

A negação ao sexo leva ao outro axioma, o essencialismo sexual. Rubin diz que todos os atos sexuais no lado ruim do círculo são considerados desprovidos de qualquer nuance emocional e, portanto, completamente repulsivos. O sexo tem sido percebido como uma força natural que precede a construção da sociedade e influencia a formação de suas instituições. Nas sociedades ocidentais, essa perspectiva o descreve como algo "inalterável, apolítico e transcendente à história". Por mais de um século, o estudo acadêmico do sexo foi dominado por disciplinas como a medicina, psiquiatria e psicologia, que, por sua vez, perpetuaram essa visão essencialista. Essas áreas frequentemente classificam o sexo como uma característica inerente aos indivíduos, sem considerar sua história ou a influência significativa dos fatores sociais.

Desde que passou a ser percebida pelas ciências sociais, novos saberes, alternativos ao essencialismo, vem sendo construídos sobre a sexualidade e deu ao comportamento sexual uma história:

A sexualidade é tão produto da atividade humana como o são as dietas,

os meios de transporte, os sistemas de etiqueta, formas de trabalho, tipos de entretenimento, processos de produção e modos de opressão. Uma vez que o sexo é entendido nos termos da análise social e entendimento histórico, uma política do sexo mais realista se torna possível.” (Rubin, 2017, p. 13)

No que diz respeito ao sexo, *swing* e poliamor se diferenciam substancialmente, já que os *swingers* são considerados e se consideram verdadeiros hedonistas e buscam desfrutar dos prazeres do sexo sem a necessidade de envolvimento afetivos, legais ou procriativos. Na verdade, esses elementos capazes de redimir o sexo, são fortemente evitados nessas relações. A capacidade de separação entre amor e sexo é um dos princípios para que o *swing* ocorra plenamente. Já o poliamor, busca construir relações mais profundas entre mais de duas pessoas, priorizando o afeto e a amizade, muitas vezes em detrimento do sexo e com vistas a relações sérias e duradouras. O vínculo amoroso ocupa um lugar de destaque no poliamor e a preeminência do amor sobre o sexo aparece na contínua busca dos poliamoristas por distinguir este de práticas exclusivamente sexuais (Pilão, 2013, p. 511). Existe muito orgulho nessa distinção, para muitos poliamoristas, é isso que os torna civilizados, genuínos, e com aspirações sérias.

Nesse sentido, é possível perceber que, tanto pessoas poliamorosas quanto *swingers*, estão fora do círculo, mas suas relações com o centro são curiosamente distintas. Embora o poliamor não seja nem monogâmico e muitas vezes não heterossexual, ele se distancia do *swing*, do sexo sem amor e da pornografia, elementos do “mau sexo”, em busca de se aproximar do centro do círculo encantado na medida em que valoriza as relações afetivas. É notório nos grupos de poliamor a presença do afeto como diferencial decisivo nas relações, como a fala a seguir:

Lúcia: O foco aqui são RELACIONAMENTOS AFETIVOS com intenção d serem levados a sério e serem duradouros, não apenas uma aventura sexual.

Outra característica marcante nos grupos de poliamor é a censura rígida a imagens pornográficas. Aqueles participantes, que mesmo avisados sobre a proibição, insistem em postar algo pornográfico ou explicitamente sexual são rapidamente ordenados a apagar a postagem. Caso não obedecerem são removidos imediatamente. Rubin afirma que o discurso anti-pornografia entende que a origem do sexismo esteja na indústria do sexo e a partir dela contamina o resto da sociedade. Mas para a antropóloga a pornografia reflete o sexismo que existe na sociedade como um todo e o retroalimenta, não podendo ser condenada como a origem desse (Rubin, 2017, p. 41). A repulsa às imagens pornográficas nos grupos parece indicar uma

busca pela dissociação à promiscuidade que as imagens representam. Para Christian Klesse, baseado em sua pesquisa relatada no artigo *Polyamory and its others: contesting the terms of non-monogamy*, o poliamor circunscreve um estilo de não monogamia específico, especialmente ético com ênfase no amor, muitas vezes na contramão da valorização da sexualidade nas relações (Klesse, 2006, p. 571 e 572).

Algumas correntes feministas criticam a pornografia, vendo-a como uma forma de explorar e manter as mulheres em posição de submissão. Argumentam que a pornografia perpetua estereótipos prejudiciais de gênero, levando à objetificação e violência contra as mulheres. Muitas vezes, a crítica anti-pornografia sugere que a pornografia tende ao sadomasoquismo. Isso é então associado ao estupro, sugerindo que quem tem preferências sexuais "pervertidas" está mais propenso a cometer crimes sexuais, ao contrário dos considerados "normais". No entanto, não há evidências que liguem consumidores de conteúdo sadomasoquista a uma incidência maior de crimes sexuais. Além disso, críticas à pornografia frequentemente ignoram minorias sexuais impopulares, culpando-as por problemas sociais não causados por elas (Rubin, 1984, p. 37).

Para Rubin, muitas pessoas têm dificuldade em entender que algo que as repugna sexualmente pode ser fonte de prazer para outras. Não é preciso gostar ou participar de uma prática sexual específica para que ela seja válida para outros. Essas diferenças não indicam falta de bom gosto, saúde mental ou inteligência de nenhuma parte. Porém, muitas vezes as pessoas querem impor suas próprias preferências sexuais como universais. É tão equivocado afirmar que todos devem ser lésbicas, não monogâmicos ou praticantes de comportamentos considerados "bizarros", quanto afirmar que todos devem ser heterossexuais, monogâmicos ou praticantes de sexo "baunilha"⁶³. No entanto, o último conjunto de opiniões é frequentemente apoiado por poderes coercitivos muito maiores do que o primeiro. Progressistas que rejeitam o chauvinismo cultural em outras áreas muitas vezes o perpetuam quando se trata de diferenças sexuais (Rubin, 2017, p. 20,21).

Outra premissa poliamorista muito importante é a busca por reconhecimento legal e moral, eles declaram e propagam seu pertencimento e lutam por direitos. Sua defesa é que esse formato de relação seja percebido pela sociedade como bom, natural, normal, ético, honesto e familiar, e por isso merecedor de figurar o centro do círculo. Em março de 2021, surgiu a ideia, entre os membros de um dos grupos de poliamor, de criação de um novo grupo para discussão

⁶³ Termo é utilizado para denominar as condutas sexuais que caem dentro da faixa de normalidade para uma determinada cultura ou subcultura, e se refere geralmente aos comportamentos sexuais que não incluem elementos de BDSM, parafilias ou fetichismos.

exclusiva de questões legais sobre NM. O grupo nasceu, com nome de Associação, no próprio *Whatsapp*, dias depois resolveram migrar para o *Telegram*. Mas apesar da importância que os poliamoristas reservam ao tema, esse grupo, especificamente, gerou quase nenhuma interação e possuía em maio de 2021, dezessete participantes. A descrição do grupo dizia o seguinte: “Você tem interesse em se organizar com a gente e formar uma Associação para representar, perante a lei brasileira, pessoas que vivem relações poliafetivas?”

Por outro lado, nos grupos de *swing* as abordagens e objetivos nunca são afetivos, são sempre sexuais. Além disso, estes grupos não possuem comprometimento político com o assunto. Os grupos de *swing* estão totalmente voltados para as atividades sexuais, sejam elas presenciais (encontros⁶⁴) ou remotas (fotos, vídeos e chamadas de vídeo). Nestes grupos são publicados muitos conteúdos pornográficos e algumas vezes vídeos e fotos dos próprios participantes nus ou fazendo sexo, gerando elogios, convites e algumas conversas rápidas, que tendem a ser quase sempre sexuais, estimuladas por jogos de perguntas e respostas com temática sexual. São relatadas algumas experiências vividas e alguns convites gerais para *dogging*, chamadas de vídeo ou encontros em bares.

René: Tem que ir em mente que ali e só prazer o amor de verdade e só seu!

Os *swingers* não buscam um reconhecimento público da sua sexualidade, ao contrário, a restringem a ambientes controlados e com garantia de certo anonimato. Podemos dizer que no dia a dia eles desfrutam do centro do círculo como qualquer outro indivíduo submetido às regras restritivas do “bom sexo”. Os praticantes mantêm o seu comportamento sexual em completo sigilo, sem fazer nenhuma demarcação pública em termos de reivindicações sociais ou de uma identidade política, suas identidades individuais permanecem protegidas pelo anonimato (Weid, 2008, p. 54). A prática é desviante, mas os indivíduos não, pois são, normalmente, casais heterossexuais, “monogâmicos”, estáveis que cumprem ordinariamente os pré-requisitos do “bom sexo”.

Os casais *swingers* não propõem formas não monogâmicas de conjugalidade ou um arranjo afetivo sexual entre mais de duas pessoas. Para o mundo público e legal, não renunciam ao sexo legitimamente reconhecido, conservando o “mau sexo” na clandestinidade.

Portanto, *swingers* prezam pelo anonimato, pela discrição e pelo segredo. Não se comprometem com a propagação de seu estilo de vida, na verdade, tem medo de serem

⁶⁴ Embora houvesse sempre tentativas de reuniões, o contexto de isolamento social sempre foi considerado.

descobertos e preferem que isso nunca venha ao conhecimento dos outros. Existe um desejo de que a prática não comprometa a vida social, o objetivo é viver a sexualidade de forma oculta, em clubes, casas, festas, *sites*, grupos, etc., sem nunca serem descobertos e dessa maneira continuar desfrutando dos privilégios de se pertencer ao centro do círculo, ainda que isso signifique ter uma espécie de “vida dupla”.

A análise dos grupos demonstra diferenças basilares entre uma categoria e outra, principalmente quando fazemos o exercício de localizá-las no raio do círculo encantado. As interações mais voltadas para as atividades sexuais nos grupos de poliamor, são consideradas equivocadas e acredita-se que estas pessoas estão no lugar errado e deveriam buscar pelo *swing* ou outros ambientes liberais. Isso leva à constantes esclarecimentos sobre a distinção entre o poliamor e outras formas de NM.

Lívia: Importante lembrar q o grupo aqui é focado em relacionamentos, em poliamor, não polisexo ou swing e afins.

Como pudemos ver, os poliamoristas, além de se oporem a monogamia, se opõem também a algumas outras formas de NM. Para eles o *swing* possibilita novas experiências, mas estas permanecem restritas a prática sexual, o que não representa, na visão deles, um rompimento com a moral monogâmica, por isso, algumas vezes nem se quer são considerados NM. Numa perspectiva hierárquica, o *swing* pode representar um avanço em relação à monogamia, mas um retrocesso em relação ao poliamor, porque ele é considerado machista, privilegiando os desejos masculinos e tratando as mulheres como objetos (Goldenberg & Pilão, 2012, p. 68). Os poliamoristas não só se preocupam em se diferenciar, mas também em debater a posição do *swing* em uma classificação de NM.

Diego: Gostar de swing é muitas vezes lido como uma prática não-monogâmica. Lamento informar, isso não é verdade.

Lívia: A troca de casais não está relacionada ao formato do relacionamento, mas sim, com a vontade e/ou necessidade de experimentar e se libertar sexualmente.

A repercussão do texto acima, gerou algumas falas que, embora não destituam o *swing* da categoria de NM, estabelece níveis em relação ao rompimento com a monogamia.

Diego: Nunca RA, poliamor e swingers vão estar mesmo nível. Na minha concepção o pessoal do poli rompe mais com a monogamia do que os Swingers e RA”.

Neste contexto, a percepção em relação aos *swingers* está associada ao consumo de substâncias como maconha, álcool e outras drogas. Estudos mostram uma correlação entre comportamentos sexuais considerados não usuais e uma certa permissividade em relação ao

consumo de drogas lícitas ou ilícitas. Essa percepção não se limita apenas a esse tipo de estudo, mas também está presente em outros temas que relacionam sexo e comportamentos considerados inapropriados. Frequentemente, é comum relacionar comportamentos sexuais a hábitos, como consumo de álcool e outras drogas, como comportamento de risco. Essa associação é comumente observada em estudos de Psicologia Social, Psiquiatria e trabalhos sobre HIV/AIDS (Brito e Berquó, 2000; Fonseca, 1997 *apud* Vasconcelos Neto, 2015, p. 42).

Alguns membros dizem já ter tido contato com o universo *swinger*, através de amigos ou de vivências próprias. Há relatos de pessoas que chegaram ao poliamor através do mundo liberal, sugerindo que este pode ser um primeiro degrau do rompimento com a monogamia. Apenas Marília se declarou frequentadora, os outros sempre tratam o *swing* no passado, como uma experiência de curiosidade e de busca pelo que realmente só vieram a encontrar no poliamor. Uma participante comenta como sua inserção no *swing* não foi exitosa. Ela argumenta que a honestidade da sua relação não combina com o mundo liberal:

Isa: Eu e o Felipe iniciamos a nossa pseudo busca em casas de swing, mas somos um casal com acordos bem claros, e óbvio, isso não combina muito com casas liberais.

Eu me resumo a bissexual apenas para não explicar muito o q sou, até pq aqui eu tenho liberdade em dizer e explicar se for o caso, mas me colocaram nessa caixa a algum tempo e eu não perco tempo, mas a realidade é que bissexual não me define, pq não me sinto atraída por homens, apesar de casada e feliz com o meu.

Mas voltando a casa de swing essa é a questão, eu e ele queremos elas e não o combo(marido).

Um percurso pelo universo NM que passe pelo mundo liberal não parece ser considerado habitual, mesmo com alguns relatos de pessoas que fizeram esse itinerário. O distanciamento entre as categorias é sempre marcado:

Fernanda: comunicação a

Andei pesquisando sobre o mundo liberal, me adicionei em varios grupos no face, mas tudo me levou para o swing, isso faz dois anos. Faz um ano q não vou mais as casas de swing, prefiro as festas, o q tb estou diminuindo.

Gustavo: É mais realista pensar que as pessoas que praticam mais swing e relacionamentos abertos sem apego, se fecharão na monogamia do que começarão poliamores.

O que parece estar evidente na análise destes grupos, é que existe uma preocupação muito presente entre os poliamoristas de se diferenciar do *swing* e se afastar das associações com sexo casual. Algumas vezes a forma como se diferenciam estabelece uma hierarquia entre as NM. Já os *swingers* não buscam uma identidade política, e, por conseguinte, a diferenciação em relação a outras formas também é irrelevante. Retomando a abstração do círculo encantado

podemos perceber que de um lado as pessoas poliamorosas estão fora do círculo encantado, uma vez que não possuem reconhecimento legal e nem social de seu modelo relacional, ainda que conservem características prezadas pelo círculo como amor e honestidade. Ainda assim eles buscam ressaltar estas características, principalmente na comparação e hierarquização com outras formas de NM, especialmente em relação ao *swing*. Do outro, os *swingers* vivem socialmente dentro do círculo, pois possuem uma família baseada no casamento “monogâmico” heterossexual e estável. Esse modelo, sustentado publicamente, lhes garante os benefícios do centro do círculo e a possibilidade de uma sexualidade desviante em ambientes controlados. Por esse motivo, se questiona a qualidade de não monogâmicos dos *swingers*, no entanto, esta não parece ser uma preocupação entre eles.

O conceito de círculo encantado, elaborado por Rubin, nos ajuda a compreender o arranjo hierárquico que organiza as práticas sexuais em nossa sociedade. Esta hierarquia acaba, inevitavelmente, estabelecendo relações de subordinação com sucessivos graus de poder, segundo uma escala de valor entre as práticas que diferencia o “bom sexo” sempre na direção do centro do círculo e o “mau sexo” em suas margens, atacando os grupos cujas atividades sexuais não são dominantes.

Fora deste círculo se encontram os poliamoristas e os *swingers*. Ambos com relações contraditórias com o centro do círculo. Os poliamoristas estão sustentados por uma base essencialmente afetiva e tentam se dissociar dos rótulos da sexualidade promíscua, do sexo fácil e libertino. Buscam o reconhecimento da sua legitimidade enquanto modelo de família. Os *swingers* se mantêm em um anonimato que protege suas trajetórias públicas, evitando que suas práticas sexuais sejam um impedimento para os privilégios de pertencer ao círculo do “bom sexo”.

Muitos adeptos do poliamor se opõem ao sexo casual, ao *swing* e à promiscuidade, posicionando o poliamor como um estilo de não monogamia eticamente superior. Nessa perspectiva, a análise dos grupos sobre poliamor no *Whatsapp* nos mostra uma constante busca pela diferenciação em relação às outras formas de NM. Essa diferenciação, quase sempre assume uma função classificatória e hierárquica que tenta diferenciar e debater a posição do *swing* na escala NM. Do outro lado os *swingers* não percebem o sexo como um componente político e por isso não se preocupam com o lugar que suas interações sexuais ocupam na escala do “bom sexo”.

Estamos diante de uma moralidade cujos discursos sobre o sexo reconhecem um pequeno repertório sexual como consagrado, seguro, saudável, maduro, legal ou politicamente correto. O círculo distingue esses comportamentos sexuais, moralmente aceitos, de todos os

outros, que são entendidos como demoníacos, perigosos, psicopatológicos, infantis, ou repreensíveis politicamente (Rubin, 2017, p. 18). E esta moralidade está presente inclusive entre aqueles que não pertencem ao seletivo círculo de sexualidade saudável. Gerando entre os próprios marginalizados uma busca centrípeta baseada na mesma moralidade que os exclui.

O objetivo não é ultrapassar os limites da moralidade e estabelecer um conjunto de valores diferente. Sob uma perspectiva subjetiva, a tentativa é manter-se dentro desses limites e, ao mesmo tempo, ultrapassá-los na medida em que existam garantias de que seus desejos possam ser realizados, sem o risco de causar danos que coloquem em perigo essa moralidade construída através dos códigos conjugais, afetivos e sexuais (Vasconcelos Neto, 2015, p. 144).

Becker (2008, p.27) afirma que a qualidade de um comportamento não reside no próprio ato, mas na interação entre a pessoa que o pratica e aquelas que reagem a ele. Portanto, trata-se de um processo de rotulagem das práticas e dos sujeitos envolvidos, e sempre há a possibilidade de os "outsiders" questionarem as regras que os classificam dessa maneira. A formação de um grupo de pessoas que praticam a "imoralidade" - envolvendo-se afetiva e sexualmente com mais de uma pessoa ao mesmo tempo - permite questionar a associação dessa prática com promiscuidade e bagunça, entre outros termos que denotam inferioridade moral (Pilão, 2012, p. 34).

Os poliamoristas, assim como outros grupos minoritários, apresentam uma ambiguidade notável. Eles desviam das normas convencionais, argumentando simultaneamente que o fazem para melhorar aspectos de suas vidas: alegam praticar um amor mais expansivo, ser menos egoístas, desfrutar de maior liberdade e honestidade. Essa tendência de ambiguidade é comum entre os marginalizados, pois a sua própria indefinição e diferença podem ser interpretadas tanto como símbolos de perigo quanto de poder. A identidade poliamorista, ao que parece, se constrói justamente em torno dessa contradição. Ela oscila entre a sensação de condenação e superioridade, situando-se em um espaço intermediário entre orgulho e vergonha (Pilão, 2012, p. 35).

Como pudemos ver até aqui, existe uma disputa *pelo* conceitos *de* não monogamia e o que poderia ele abarcar *ou não*, como os relacionamentos abertos e o swing, considerados por alguns como *meros* desdobramentos da monogamia (Lima Jr, 2021, p.1).

Acontece que as sociedades operam com um conjunto de valores hegemônicos que orientam o comportamento, como o patriarcado, o capitalismo ou a monogamia. Quando esses valores são desafiados, surgem novos modelos em busca de hegemonia ainda. Mesmo que novos valores sejam estabelecidos, eles podem rapidamente se transformar em novas normatividades. Um exemplo é a substituição da moral sexual vitoriana por uma visão mais liberal, que, em alguns casos, resulta em novas formas de controle social, como a pressão para "ser livre" de uma maneira padronizada.

Assim como os valores antigos impunham conformidade, os novos valores podem reproduzir mecanismos semelhantes, criando novos tipos de "certo" e "errado". Mesmo ideais de liberdade e diversidade podem se tornar opressivos quando são impostos de forma rígida, sem considerar as múltiplas formas de ser. Por exemplo, no contexto das relações não monogâmicas, o poliamor pode ser visto por alguns como um "nível superior" de relacionamento, o que, ao criar uma hierarquia dentro da própria não monogamia, pode excluir ou desvalorizar práticas como o swing, o sexo casual e a relação aberta.

Inspirando-se em Michel Foucault, é possível afirmar que o poder se manifesta em todas as formas de discurso e prática social, não apenas na repressão direta. Mesmo os valores que inicialmente parecem emancipatórios podem criar sistemas disciplinares, onde as pessoas se autocensuram ou se ajustam às novas normas para evitar estigmatização.

Em resumo, quando novos valores substituem os antigos, eles podem herdar o mesmo potencial de controle, exclusão e opressão, apenas com um novo conjunto de justificativas e expectativas sociais. O desafio é manter uma atitude crítica e flexível em relação às normas emergentes, reconhecendo que a verdadeira emancipação reside na diversidade de escolhas, e não na criação de novos padrões únicos.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este estudo sobre as relações não monogâmicas consensuais pretendeu revelar a complexidade e a diversidade dessas práticas no contexto moderno/ocidental/cristão. A crescente visibilidade de figuras públicas que adotam e discutem abertamente estes modelos contribuem significativamente para a normalização e aceitação dessas formas de relacionamento. A partir da análise de dados empíricos coletados em diversos ambientes, tanto físicos quanto virtuais, e de uma ampla revisão bibliográfica, foi possível identificar as diferentes nuances e implicações sociais dessas relações.

Após a apresentação das considerações metodológicas no início do texto, passei às discussões teóricas, sobre a sexualidade no âmbito da moral e seu debate nas Ciências Sociais, apresentando a história da sexualidade a partir da perspectiva Foucaultiana, e um panorama das interseções da sociologia com a sexualidade, onde os conceitos de desvio e não monogamia foram discutidos.

A investigação sobre ética e moral sexual tradicional valoriza a monogamia e reprime comportamentos desviantes. O poliamor e o *swing*, assim como outras formas NM desafiam essas normas, promovendo valores de consentimento e transparência, mas enfrentam estigmatização social. O poliamor busca ser visto como moralmente legítimo, enquanto o *swing*, focado na autonomia e consentimento, questiona noções tradicionais de fidelidade sexual. Ambos os estilos de relacionamento desafiam as normas estabelecidas e propõem novas éticas relacionais, sem, contudo, perder sua conexão com a moralidade vigente, seja na forma de reconhecimento legal e institucional, seja na forma de garantir sua permanência através de um casamento, aparentemente constituídos nos moldes tradicionais.

Michel Foucault analisa a sexualidade no mundo ocidental, destacando a moral vitoriana como repressiva e centrada na família. Ele questiona a ideia de repressão sexual a partir do século XVII, propondo que a sociedade começou a falar mais sobre sexo, gerando uma proliferação de discursos e uma incitação às sexualidades diversas. Foucault sugere que a moralidade sexual não foi apenas restritiva, mas também estimulou discussões que moldaram a sexualidade vigente. Ele explora como o poder se manifesta através do discurso sobre o sexo, enfatizando a importância das instituições e dos contextos em que se fala sobre o assunto tornando-o parte de debates mais amplos e controlados.

Ao tratar os conceitos de monogamia e amor romântico, explorando suas interseções com patriarcalismo, capitalismo e cristianismo, pudemos observar que a monogamia, além de ser um princípio jurídico e econômico, é também uma questão filosófica, associada a valores

como afeto, lealdade, confiança e segurança. Historicamente, a monogamia surgiu para garantir a indubitabilidade da paternidade, restringindo a liberdade sexual das mulheres. Engels destaca que a monogamia reforça o predomínio masculino e a propriedade privada.

A Igreja Católica, ao longo da história, influenciou a sexualidade e o comportamento moral, promovendo a monogamia como um ideal cristão. O amor cortês, precursor do amor romântico, emergiu como uma reação às normas feudais, secularizando o amor e valorizando a figura feminina. No século XVIII, o amor passou a ser a motivação principal para o casamento, consolidando-se no século XX com o amor conjugal proclamado pela Igreja.

O amor romântico, por sua vez, é visto como um sentimento contínuo e exclusivo, associado à monogamia. Esse ideal molda as expectativas conjugais, muitas vezes reforçando papéis tradicionais de gênero e dependência emocional. No entanto, na modernidade, novas formas de relacionamentos e uma sexualidade desvinculada da reprodução têm emergido, desafiando os ideais românticos tradicionais.

Passando para os dois formatos de não monogamias que foram de fato analisados neste estudo, o *swing* e o poliamor, foi possível compreender as relações com as questões teóricas descritas anteriormente. As falas dos sujeitos e observações de campo foram mescladas com os levantamentos bibliográficos, evidenciando que nos grupos de *Whatsapp* os *swingers* usam este espaço para propagação de muitas imagens sexuais e falas provocantes, por isso não há longas conversas ou problematizações. O contrário ocorre nos grupos de poliamoristas que usam os grupos com uma ferramenta para elaborar e sistematizar seus relacionamentos a partir da troca de experiências e ajuda mútua.

Os *swingers* são casais que praticam a troca de parceiros de forma consentida e muitas vezes organizada, buscando liberdade sexual e a quebra de normas tradicionais de monogamia. Eles se veem como pertencentes a um estilo de vida hedonista, onde o *swing* não apenas satisfaz impulsos sexuais, mas também fortalece a intimidade e a comunicação dentro do casamento. Essa prática é considerada uma forma de reafirmar o vínculo entre o casal, baseada em regras e acordos claros. Os *swingers* enfatizam a importância da honestidade, do consentimento mútuo e do respeito aos acordos estabelecidos para evitar o que consideram traição dentro do contexto do *swing*. Para eles, a prática não é vista como infidelidade, pois é consentida e realizada em conjunto pelo casal. Essa prática é vista pelos praticantes não apenas como uma expressão de sexualidade, mas também como uma forma de fortalecer o casamento. E volto a enfatizar a consideração dos *swingers* como NM, uma vez que na não monogamia consensual, o consenso entre os parceiros para explorar relacionamentos ou interações fora da relação principal é fundamental. O *swing* se encaixa nessa definição, pois os parceiros consentem em abrir a

relação a experiências sexuais com outras pessoas. Casais *swingers* renegociam o que significa ser exclusivo e adaptam seu relacionamento aos próprios desejos e limites, algo característico da não-monogamia. O conceito é redefinido, e a abertura, ainda que apenas sexual, leva o casal a questionar os limites tradicionais da monogamia. Assim como outras formas de não-monogamia consensual, o *swing* também requer comunicação, estabelecimento de regras e transparência entre os parceiros e os demais elementos que fazem parte das práticas não monogâmicas.

A distinção entre não monogamia e poliamor é abordada, destacando que o poliamor é um espectro dentro da não monogamia e que ambos os termos representam a ideia de relacionamentos íntimos com múltiplas pessoas. No entanto, há uma necessidade entre os poliamoristas de classificar e distinguir essas formas de relacionamento. Os discursos poliamoristas frequentemente enfatizam valores como liberdade, igualdade e compersão, contrastando com a mentalidade monogâmica. No entanto, enfrentam desafios, tais como lidar com sentimentos de ciúmes e confrontar resquícios da mentalidade monogâmica. Alguns discursos enaltecem o poliamor como uma alternativa mais ética e sublime, enquanto outros criticam a romantização do poliamor e destacam a importância de reconhecer a diversidade de práticas não monogâmicas outras.

Na última parte analisei a disputa em torno do conceito de não monogamia, a partir das definições, sobretudo, do poliamor, destacando como as categorias constroem significados em relação à sexualidade e à identidade das pessoas não monogâmicas. Diversos modelos de não monogamia consensual foram discutidos, incluindo *swing*, poliamor, relacionamento aberto, anarquia relacional, não monogamia política e relações livres.

O poliamor, que muitas vezes é confundido com o conceito geral de não monogamia, destaca-se por enfatizar relacionamentos íntimos e amorosos com múltiplos parceiros, diferindo-se intensamente do *swing*, que foca no sexo sem compromisso emocional. Essa distinção é importante para os poliamoristas, que valorizam a autenticidade e conexões emocionais profundas, enquanto criticam práticas como o *swing* por considerarem-nas superficiais.

As discussões nos grupos poliamoristas frequentemente abordam a hierarquia entre diferentes práticas não monogâmicas, com o poliamor sendo visto como um estágio evoluído em relação à monogamia e ao *swing* que são consideradoa mais conservadores e menos politizados. O poliamor, por sua vez, é visto como um movimento em direção à liberdade emocional e igualdade.

A relação entre monogamia e poliamor também é debatida, com críticas à

mononormatividade e à compulsoriedade monogâmica. A busca por autenticidade e uma ética relacional são centrais no discurso poliamorista, que se contrapõe ao modelo monogâmico tradicional e suas limitações. O poliamor destaca a possibilidade de múltiplos amores e a rejeição de hierarquias relacionais rígidas, buscando um equilíbrio entre liberdade e compromisso emocional.

O termo "promiscuidade" tem uma conotação depreciativa, associando relações sexuais com vários parceiros de forma desregrada a características negativas como imaturidade, falta de caráter e superficialidade. Poliamoristas rejeitam a mistura do poliamor com *swing* ou sexo casual, enfatizando o foco no amor e na intimidade, ao contrário de outras formas de não monogamia que podem priorizar o prazer sexual. Embora a idealização do amor romântico por seus efeitos normativos e a polifidelidade, por limitar elos sexuais e afetivos, sejam alvos de críticas constantes entre outras vertentes NM.

Cada modelo tem suas críticas e defesas dentro da comunidade não monogâmica. A relação aberta é muitas vezes vista como uma transição ou estágio intermediário entre a monogamia e formas mais complexas de não monogamia, como o poliamor ou a AR. Enquanto algumas pessoas encontram na RA uma forma de revitalizar relacionamentos ou explorar novas experiências sem comprometer o relacionamento principal, outras criticam sua hierarquia inerente, que pode perpetuar dinâmicas de poder desiguais.

Por outro lado, o poliamor e a Anarquia Relacional desafiam as normas monogâmicas de maneiras diferentes. O poliamor busca criar redes de suporte e amor que transcendem os limites tradicionais do casal, promovendo uma visão mais inclusiva e diversa das relações humanas. A AR, por sua vez, enfatiza a autonomia individual e a igualdade entre todos os tipos de relações, buscando eliminar hierarquias que possam surgir mesmo no poliamor.

A escolha entre esses modelos geralmente depende das necessidades individuais, dos valores pessoais e das dinâmicas específicas de cada relacionamento. O diálogo aberto, a negociação constante e o respeito mútuo são fundamentais em qualquer forma de não monogamia para que todas as partes envolvidas se sintam valorizadas e respeitadas em suas escolhas afetivas.

A discussão de Gayle Rubin é central para entender as dinâmicas sociais e políticas que moldam as práticas sexuais. Rubin critica a marginalização do sexo nos estudos sociais e destaca como, paradoxalmente, períodos de crise social frequentemente intensificam o controle e a repressão sobre a sexualidade não normativa. Ela introduz o conceito do "círculo encantado", uma estrutura hierárquica que privilegia certas práticas sexuais (como o sexo heterossexual, marital, monogâmico, reprodutivo e não comercial) enquanto marginaliza outras (como

homossexualidade, não monogamia, sadomasoquismo, entre outros).

Rubin argumenta que essa hierarquia não apenas reflete preconceitos sociais, mas também perpetua desigualdades e opressões, interseccionando com questões de raça, classe, gênero e outras formas de marginalização. Ela critica também as ideologias que sustentam essa estrutura, como a negação do sexo ou o essencialismo sexual, que reduzem a complexidade das experiências sexuais humanas.

No contexto do poliamor e do *swing*, Rubin não os menciona diretamente, mas suas análises podem ser aplicadas para entender suas dinâmicas sociais. O poliamor se destaca pela valorização de relações afetivas múltiplas, desafiando a monogamia tradicional e buscando reconhecimento moral e legal. Por outro lado, o *swing* é mais focado em prazer sexual fora de relações afetivas sérias, mantendo-se frequentemente em espaços discretos e anônimos para evitar estigmas sociais.

Ambos os grupos divergem na forma como se relacionam com a hierarquia sexual delineada por Rubin: o poliamor desafia mais explicitamente a norma monogâmica e busca uma reconfiguração ética das relações, enquanto o *swing* é mais limitado à esfera do prazer sexual momentâneo, sem um compromisso explícito com a transformação política ou social das normas sexuais dominantes.

Concluindo, este estudo revela que as práticas de não monogamia consensual, como o poliamor e o *swing*, desafiam as normas tradicionais de monogamia, oferecendo novas perspectivas sobre a sexualidade e os relacionamentos. Essas práticas demonstram uma complexidade que vai além da simples busca por liberdade sexual ou diversidade afetiva; elas implicam uma reconfiguração das éticas relacionais, onde consentimento, transparência e autonomia são centrais.

No entanto, essas práticas não escapam completamente das normas vigentes, pois ainda operam dentro de uma estrutura moral e social que, em muitos casos, valoriza a monogamia e a exclusividade emocional. O poliamor, por exemplo, luta pelo reconhecimento legal e institucional, enquanto o *swing*, embora subversivo, busca reforçar a intimidade conjugal através de regras claras e consentidas. Ambos os modelos ilustram a tensão constante entre a busca por autenticidade relacional e os resquícios de uma moralidade tradicional que ainda molda, em alguma medida, as expectativas e comportamentos dos indivíduos.

Deste modo, este estudo busca contribuir para a compreensão das dinâmicas sociais que envolvem as práticas não monogâmicas, mostrando que, apesar de sua crescente aceitação, elas ainda enfrentam desafios significativos, como a estigmatização social e a dificuldade de conciliar essas práticas com as normas tradicionais de relacionamento. A análise aqui

apresentada abre caminho para futuras pesquisas que possam explorar mais profundamente as interseções entre sexualidade, ética e sociedade, bem como o impacto dessas práticas na construção de novas formas de relacionamentos no mundo contemporâneo.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AMORIM, Patrícia Mafra, BELO, Fábio Roberto Rodrigues. **A monogamia na obra de Freud** Cad. Psicanálise. (CPRJ), Rio de Janeiro, v. 39, n. 36, p. 199-219, jan./jun. 2017.

ANAPOL, Deborah. **Polyamory in the twenty-first century: Love and intimacy with multiple partners**. Lanham CA: Rowman& Littlefield Publishers, 2010.

ANAPOL, Deborah. **Polyamory: The New Love Without Limits: Secrets of Sustainable Intimate Relationships**, San Rafael, Intinet Resource Center, 1997.

ANDERLINI-D'ONOFRIO, Serena. **Plural loves: bi and poly utopias for a new Millennium**. In: Serena Anderlini-D'Onofrio (ed.), *Plural Loves: Designs for Bi and Poly Living*, New York, Routledge, pp. 1-6, 2004.

ANTUNES, Elton; VAZ, Paulo. *Mídia, um aro, um halo, um elo*. In: FRANÇA, Vera; GUIMARÃES, César. **Na mídia, na rua: narrativas do cotidiano**. Belo Horizonte: Autêntica, p. 43-60, 2006.

ARIÈS, Philippe, BÉJIN, André. (orgs.). **Sexualidades Ocidentais**. São Paulo: Brasiliense, 1982.

ASSIS JUNIOR, Pedro Prazeres. **A Inconstitucionalidade da Monogamia**. Trabalho de conclusão de curso. (Escola de Magistratura do Estado do Rio de Janeiro). Rio de Janeiro: 2012.

ASSIS, Julia Brasil da Silveira Magri de. **Poliamor e experiências religiosas: um estudo de três casos envolvendo “trissais” e suas relações com o sagrado**. Trabalho de Conclusão de Curso. Bacharelado Interdisciplinar em Ciências Humanas, UFJF, 2018.

AVIRAM, Hadar. **How do social movements decide to move?** Polyamorous relationships and legal mobilization. SSRN, 2005.

AZEVEDO Camyla Galeão de; AZEVEDO Thiago Augusto Galeão de. **A constitucionalidade do poliamor: possível aplicabilidade do direito sucessório aos companheiros das entidades poliafetivas**. Revista Brasileira de Direito Civil em Perspectiva. Salvador: v. 4 n. 1 p. 166 – 189 Jan/Jun. 2018.

BADINTER, Élisabeth. **Um é o Outro**. Rio de Janeiro, Nova Fronteira, 1986.

BARASH, David; LIPTON, Judith. **O Mito da Monogamia: Fidelidade e infidelidade nos animais e seres humanos**. Cascais, 2002.

BARBOSA, Mônica Araújo. **Movimentos de resistência à monogamia compulsória**. A luta por direitos sexuais e afetivos no século XXI. Dissertação de Mestrado em Desenvolvimento e Gestão Social – Universidade Federal da Bahia. Salvador, 2011.

BARBOSA, Monica. **Poliamor e relações livres: do amor à militância contra a monogamia compulsória**. Rio de Janeiro: Multifoco, 2015.

BARBOSA, Monica. **Tempos de amor**: o afeto na composição de trajetórias não-monogâmicas. 19º Congresso Brasileiro de Sociologia da UFSC. Florianópolis, 2019.

BARBOSA, Mônica. Fabricando um corpo não-mono: entre catracas identitárias e a composição de constelações íntimas. **Teoria e Cultura**. Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais - UFJF v. 16 n. 3 Dezembro. 2021. p. 49 - 60

BARKER, Meg. **This Is My Partner, and This Is My Partner's Partner**: Constructing a Polyamorous Identity in a Monogamous World. *Journal of Constructivist Psychology*, 18, pp. 75-88. 2005.

BARKER, Meg. **Rewriting the rules**: an integrative guide to love, sex and relationships, East Sussex, Routledge. 2013.

BARKER, Meg; DARREN, Langdrid. **Whatever Happened to Non-monogamies?** critical reflections on recent research and theory, sexualities, 13, (6), pp. 748–772. 2010.

BARKER, Meg. **Understanding non-monogamies**. New York, Routledge, 2010.

BATALHA, Diogo. **Amores Livres**: histórias de pessoas que amam demais, S.L., S.N.N, 2014.

BAUMAN, Zygmunt. **Amor líquido**: sobre a fragilidade dos laços humanos. Rio de Janeiro: Zahar, 2004.

BECKER, H. S. **Outsiders**: Estudos de Sociologia do Desvio. Rio de Janeiro: Zahar, 2008

BENTIVOGLIO, Júlio. A história conceitual de Reinhart Koselleck. **Dimensões**, vol.24, 2010, p.114-134.

BENTO, Berenice. **Máscaras heterossexuais, desejos homossexuais**. Cadernos Pagu (51), 2017.

BERGSTRAND, Curtis; SINSKI, Jennifer Blevins. **Swinging in America**: love, sex and marriage in the 21st century, Santa Barbara, Praeger ABC-CLIO. 2010.

BERGSTRAND, Curtis; SINSKI, Jennifer Blevins. **Today's alternative marriage styles**: The Case of Swingers, *Electronic Journal of Human Sexuality*, 2000.

BERNSTEIN, E. **Temporarily yours**: intimacy, authenticity, and the commerce of sex. Chicago: The University of Chicago Press, 2010.

BÉRTOLO, Sónia Rodrigues. **A Relevância da prática do swing na conjugalidade de um casal**: estudo de caso, Dissertação de Mestrado em Psicologia, Lisboa, Universidade de Lisboa, 2009.

BIBLARZ, Arturo; BIBLARZ, Dolores Noonan, **Alternative sociology for alternative life styles**: a methodological critique of studies of swinging, social behavior and personality, 8, pp. 137- 144. 1980.

BLANC, Claudio. **Uma breve história do sexo:** fatos e curiosidades sobre sexo e sexualidade mais interessantes de todas as eras. São Paulo: Gaia, 2010.

BLANCHETTE, Thaddeus; SILVA, Ana Pula da. Nossa Senhora da Help”: sexo, turismo e deslocamento transnacional em Copacabana. **Cadernos Pagu** (25), julho-dezembro de 2005, pp.249-280.

BLÉVIS, Marcianne. **O ciúme:** delícias e tormentos. São Paulo: Martins, 2009. BUSS, David M. A paixão perigosa: porque o ciúme é tão necessário quanto o amor e o sexo. Rio de Janeiro: Objetiva, 2000.

BORNIA JR, Dardo Lorenzo. Para além do assujeitamento: agenciamentos não-monogâmicos de uma mulher puta **Teoria e Cultura**. Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais - UFJF v. 16 n. 3 Dezembro. 2021. p.12-23

BOZON, Michel. **Sociologia da sexualidade**. Editora Fundação Getúlio Vargas, Rio de Janeiro, 2004, 172pp.

BUCHE, Giancarlo. **Famílias simultâneas:** o poliamor no sistema jurídico brasileiro. Revista eletrônica OAB Joinville. v. 02. abr./jun. 2011.

BULGARELLI, Ana Paula. A tensão entre conceitos e fatos na história a partir da abordagem de Koselleck. Boletim Lua Nova, Cedec, 2022 Disponível em: <https://boletimluanova.org/a-tensao-entre-conceitos-e-fatos-na-historia-a-partir-da-abordagem-de-koselleck/> Acessado em 17/04/2024.

BUTLER, Judith. **Gender trouble:** feminism and the subversion of identity, New York, Routledge. 1990.

CARDOSO, Daniel; RIBEIRO, Inês. **Poliamor numa perspectiva genderizada:** discriminação e preconceitos na voz de mulheres em não-monogâmias consensuais”, comunicação apresentada no 1º Congresso Internacional CIEG, Lisboa. 2016.

CARDOSO, Daniel; CORREIA, Carla; CAPELLA, Danielle. **Polyamory as a possibility off eminine empowerment**, comunicação apresentada na 9ª Conferência da Associação Europeia de Sociologia, Lisboa. 2009.

CARDOSO, Daniel. **Amando Vári@s:** Individualização, Redes, Ética e Poliamor. Dissertação (Mestrado) - Curso de Ciências da Comunicação, Universidade Nova de Lisboa, Lisboa, 2010.

CARDOSO, Daniel. **Amores Plurais Situados:** para uma meta narrativa socio-histórica do poliamor, Tempo da Ciência, 25, (48), pp. 12-28. 2017.

CARVALHO, Géssika Cecília; VASCONCELOS, Edson. **O desejo do outro como mercado:** um estudo sobre gênero e trabalho numa casa de swing em Pernambuco. Fazendo gênero 10. Desafios atuais dos feminismos. 10 a 16 de setembro de 2013.

CHAUÍ, Marilena. **Repressão sexual:** essa nossa (des)conhecida. São Paulo: Brasiliense,

1984.

COSTA, Jurandir. Freire. **Sem fraude nem favor**: estudos sobre o amor romântico. Rio de Janeiro: Rocco, 1998.

COSTA, Tatiane; BELMINO, Marcus César. **Poliamor**: da institucionalização da monogamia à revolução sexual de Paul Goodman. Revista IGT na Rede, v. 12, nº 23, 2015. p. 424 – 442.

COSTA, Natalia LucíaSiles. **Elestudio de las prácticas sexuales em Bolivia**. Temas Sociales, número 41, 2017, pp. 115-143, ISSN 0040-2915

D'ORLANDO, Fabio. **Swinger economics**. The Journal of Socio-Economics, 39, pp. 295–305. 2010.

DONOSO, Denis. **União estável e entidades familiares concomitantes**: o poliamor como critério jurídico do direito de família, 2009.

DUCKWORTH, Jane; LEVITT, Eugene. **Personality analysis of a swingers club**. Journal of Family and Economic Issues, 8, (1), pp. 35-45. 1985.

DURIO, Ana. **Amor, sexualidade e (des) investimento romântico**: um estudo misto com casais swingers e não swingers, Dissertação de Mestrado. Universidade Portucalense, Portugal, 2015.

ENGELS, Friedrich. **A origem da família, da propriedade privada e do estado**. Lisboa: Ed. Martins Fontes, 1980.

FASSIN, Didier; LÉZÉ, Samuel (org.). **A questão moral: uma antologia crítica**. Trad. Lara Cristina de Malimpensa. Campinas: Editora da Unicamp, 2018.

FARIAS, Yuri Max Araújo Tavares de. **Sobre ciúme e swing**: quando três não são demais. Curso de Graduação em Psicologia da Universidade Estadual da Paraíba. Campina Grande, PB. 2012.

FIGUEIREDO, Lúgia Baruch de. **Tinderelas**: busca amorosa por meio de aplicativos para smartphones. Doutorado em Psicologia Clínica. Pontifícia Universidade Católica de São Paulo PUC-SP São Paulo 2016

FINCHAM, Frank; MAY, Ross May. Infidelity in Romantic Relationships, **Current Opinion in Psychology**, 13, pp. 70-74, 2017

FONTOURA JR., A. **Pornotopias conjugais: subjetividades e sexualidades no surgimento do swing no Brasil**. Orientadora: Karina Kosicki Bellotti. 2015. 282 f. Dissertação (Mestrado em História) – Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2015.

GASPAR, Maria Dulce. **Garotas de programa**. Prostituição m COPacabana e Identidade Social. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1985.

GIDDENS, Anthony. **A transformação da intimidade**: sexualidade, amor e erotismo nas sociedades modernas. São Paulo: Ed. UNESP, 2011.

GOLDENBERG, M. O corpo como capital: para compreender a cultura brasileira. **Arquivos em Movimento**, Rio de Janeiro, v.2, n.2, julho/dezembro, 2006.

GOLDENBERG, M; Pilão, A. C. **Poliamor e monogamia**: construindo diferenças e hierarquias. *Ártemis*, Rio de Janeiro, V. 13, n., janeiro de 2012.

GOMES, Alberto Albuquerque. **Apontamentos sobre a investigação sociológica**: possibilidades e caminhos da pesquisa. *Revista Lusófona de Educação*, 10, 2007.

GOMEZ, F.; RIBEIRO, P. R. M.; CUSTÓDIO, V. S. Um estudo sobre o swing a partir de visões fornecidas por integrantes de uma comunidade virtual de comportamento sexual liberal. **Revista on line de Política e Gestão Educacional**, Araraquara, v. 24, n. esp3, p. 1873–1883, 2020. DOI: 10.22633 / rpge v. 24 iesp 3. 14445. Disponível em: <https://periodicos.fclar.unesp.br/rpge/article/view/14445>. Acessado em: 02/06/2022.

GONÇALVES, Aline Moreira, RODRIGUES, Marta Cristine; **Prazeres da Carne: a prática sexual do swing e a conjugalidade contemporânea**. Psicólogo. (2018) Disponível em: <https://psicologado.com.br/psicologia-geral/sexualidade/prazeres-da-carne-a-pratica-sexual-do-swing-e-a-conjugalidade-contemporanea>. Acesso em 21 Jun 2020.

GONÇALVES, Ítalo Vinícius. Matemática dos afetos, dissensos e sentidos sociais acerca das noções de “monogamia” e “não-monogamia”. **Teoria e Cultura**. Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais - UFJF v. 16 n. 3 dezembro. 2021. p.61-75

HARDY, Janet; EASTON, Dossie. **Ética do amor livre**: guia prático para poliamor, relacionamentos abertos e outras liberdades afetivas. São Paulo: Elefante, 2019.

HARDY, Janet W, EASTON, Dossie; **The ethical slut**: a practical guide to polyamory, open relationships & other adventures. 2nd. Edition. Berkeley: Celestial Arts, 2009.

HARITAWORN, J., LIN, C., & KLESSE, C. **Poly/logue**: A Critical Introduction to Polyamory. *Sexualities*, 9(5), 515-529, 2006.

HEILBORN, Maria Luiza; BRANDIO, Elaine Reis. Introdução: **Ciências sociais e sexualidade**”, in: HEILBORN, Maria Luiza (org.). *Sexualidade: o olhar das ciências sociais*, IMS/UERJ. Rio de Janeiro: Editora Zahar, 1999, p. 7-17.

HINE, C. M. (Org.). **Virtual Methods**. Issues in Social Research on the Internet. Oxford: Berg, 2005.

HINTZ, Helena Centeno. **Novos tempos, novas famílias?** da modernidade à pós-modernidade. *Pensando Famílias*, 3, 2001; (8-19).

HO, Petula Sik Ying. The (Charmed) Circle Game: Reflections on Sexual Hierarchy Through Multiple Sexual Relationships, *Sexualities*, 9 (5), pp. 547–564. 2006.

ILLOUZ, E. **O amor nos tempos do capitalismo**. Rio de Janeiro: Zahar, 2011.

ILLOUZ, E. No coração pulsante da cultura – Entrevista com Eva Illouz. *Contemporânea* –

Revista de Sociologia da UFSCar, v. 6, n. 2, jul.-dez. 2016, p. 299-308.

ILLOUZ, E.; KAPLAN, D. **El capital sexual en la modernidad tardía**. Barcelona: Herder editora, 2020.

LLOUZ, E. **Romance and rationality on the internet**. American Sociological Association. Mimeo, 2006.

ILLOUZ, E. **Why love hurts: a sociological explanation**. London: Polity Press, 2012. ITU. International Telecommunication Union. Disponível em: https://www.researchgate.net/publication/279459553_why_love_hurts_a_sociological_explanation

JANKOWIAK, W. R.; MIXSON, L. H. "I Have His Heart, Swinging Is Just Sex": The ritualization of sex and the rejuvenation of the love bond in an American spouse exchange community. In: JANKOWIAK, W. **Intimacies: between love and sex around the world**. New York: Columbia University Press, 2008. p. 245-266.

JENKS, Richard. Swinging: a review of the literature. **Archives of sexual Behavior**, 27, (5), pp. 507-521.

KIMMEL, M. S. **The gendered society**. Oxford: Oxford University Press, 2004.

KLESSE, Christian. **Polyamory and its 'Others'**: contesting the terms of non-monogamy. *Sexualities*. 9(5), 565-583. 2006.

KLESSE, Christian. **Notions of love in polyamory**: elements in a discourse on multiple loving. *Laboratorium*, 3(2), 4-25. 2011.

KLESSE, Christian. **Polyamory**: Intimate, practice, identity or sexual orientation? *Sexualities*, 17(1/2), 81-99. 2014.

KLESSE, Christian. **Paradoxes in Gender Relations**: [Post] Feminism and Bisexual Polyamory", in: Meg Barker e Darren Langdridge (eds.), *Understanding Non- Monogamies*, New York, Routledge, pp. 109-120.2010.

KOSELLECK, R. História dos conceitos e história social. In: *Futuro Passado*. Contraponto Editora, 2006, pp. 97-118.

KOSELLECK, R. Introduction and Prefaces to the **Geschichtliche Grundbegriffe**. *Contributions to the History of Concepts*, Vol. 6, Issue 1, Summer 2011, pp.1-37.

KOZINETS, Robert. **Netnografia**: realizando pesquisa etnográfica online. Penso, 2014.

LAZARUS, A. A. **Mitos conjugais**. Campinas: Editorial Psy.,1992.

LEITÃO, Débora; GOMES, Laura Graziela. 2011. **Estar ou não estar lá**: pesquisa etnográfica no second life. *Cronos*, v. 12, n. 1, p. 25-40.

LEITÃO, Débora; GOMES, Laura. 2017. *Etnografia em Ambientes Digitais: Perambulações*,

Acompanhamentos e Imersões. **Antropolítica**: Revista Contemporânea de Antropologia, v.42, p. 41-65.

LIMA JR, N. S. **Relacionamento aberto, não-monogamia e disputa de conceitos**. NM em Foco. 2021. Disponível em: <https://naomonoemfoco.com.br/relacionamento-aberto-nao-monogamia-e-disputa-de-conceitos/>. Acesso em: 29/09/2023

LINS, R. N. **A cama na varanda: arejando nossas ideias a respeito de amor e sexo**. Novas tendências. Ed. rev. e ampliada. - Rio de Janeiro: Bestseller, 2007.

LOPES JR. Eustáquio Oliveira e MOREIRA, Maria Ignez Costa. **Uma relação amorosa sem ciúmes?** O poliamor sob a perspectiva da abordagem da Gestált-terapia. Pretextos - Revista da Graduação em Psicologia da PUC Minas v. 3, n. 5, jan./jun. 2018.

MARINS, Cristina. 2020. **Internet e trabalho de campo antropológico**: dois relatos etnográficos. Ponto Urbe [Online], n. 27. Disponível em <https://journals.openedition.org/pontourbe/9067>. Acessado em 23/04/2024

MESTRE, Simone; PINHEIRO, Rafael. **Campo em transição**: desafios e possibilidades ao deslocar uma etnografia para o ambiente digital. Anais da VIII Reunião de Antropologia da Ciência e da Tecnologia, UFSC, 2021.

MISKOLCI, Richard.; BALIEIRO, F. F. Sociologia Digital: balanço provisório e desafios. **Revista Brasileira de Sociologia**, vol.6, nº12, 2018.

MISKOLCI, Richard. Sociologia Digital: notas sobre pesquisa na era da conectividade. **Contemporânea**: v. 6, n. 2 p. 275-297, jul.–Dez. 2016.

MISKOLCI, Richard. **Desejos digitais**: uma análise sociológica da busca por parceiros online. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2017.

MISKOLCI, Richard. **San Francisco e a nova economia do desejo**. São Paulo: Lua Nova, 2014.

MISKOLCI, Richard. **O Armário Ampliado** – Notas sobre sociabilidade homoerótica na era da internet. Niterói, v. 9, n. 2, p. 171-190, 1. sem. 2009.

MISKOLCI, Richard. Novas Conexões: notas teórico-metodológicas para pesquisas sobre o uso de mídias digitais. Cronos – **Revista do Programa de Pós-Graduação da UFRN**, Natal, 2011, v. 12, p.9-22.

MONGROVEJO, Norma (Org .). **Contra-amor, poliamor, relaciones abiertas y sexo casual**: reflexiones de lesbianas del Abya Yala. Bogotá: Ediciones desde abajo, 2016

MOGROVEJO. Norma. **Contra-amor**. Descolonizando el Amor y la Política de los Afectos, 2019. Disponível em: <http://normamogrovejo.blogspot.com/2019/04/contr-amor.html>. Acessado em: 03/12/2022.

MORGADO, Júlio. **Swing**. Ed. Wook. Lisboa, 2006.

MOUTINHO, Laura. **Em Defesa de um Campo: a Sociologia da Sexualidade**. *PHYSIS: Rev. Saúde Coletiva*, Rio de Janeiro, 12(2):409-422, 2002 413.

NA PAI. **Fundamentando las bases de una lucha anticapitalista contra la cultura monógama**. Madrid: Difonlaidea, 2014. Disponível em: <https://distribuidorapeligrsosidadsocial.files.wordpress.com/2011/11/fundamentando-las-bases-de-una-lucha-anticapitalista-contra-la-cultura-monc3b3gama.pdf>. Acessado em: 21/03/2022.

NASCIMENTO, Tarcília Edna Fernandes do. Considerações sobre swing e poliamor à luz do conceito de “círculo encantado” de Gayle Rubin. **Teoria e Cultura**. Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais - UFJF v. 16 n. 3 Dezembro. 2021. p.38-48

NASCIMENTO, Milton Meira. Ética. In: CHAUI, Marilena; et al. **Primeira filosofia: lições introdutórias**. São Paulo: Brasiliense, 1985.

NÚÑEZ, Geni, OLIVEIRA, João Manuel de; LAGO, Mara Coelho de Souza. Monogamia e (anti)colonialidades: uma artesanía narrativa indígena **Teoria e Cultura**. Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais - UFJF v. 16 n. 3 Dezembro. 2021. p.76 - 88

NORDGREN, Andie (2006). **The Short Instructional Manifesto for Relationship Anarchy**, (Online). Disponível em: <https://theanarchistlibrary.org/library/andie-nordgren-the-short-instructional-manifesto-for-relationship-anarchy>. Acessado em 22/06/2023

O'Neill, Nena; O'Neill, George. **Open Marriage: A New Life Style for Couples**. Ed. M. Evans & Company Nova York, 1972.

OREJUELA, J. J.; PIEDRAHITA, J. J.; RENZA, F. La práctica/estilo de vida swinger: ¿una práctica social-sexual perversa? **Sexualidad, Salud y Sociedad: Revista Latinoamericana**, n. 10, p. 37-69, 2012.

OREJUELA, J. J.; PIEDRAHITA, J. J.; RENZA, F. **La práctica/estilo de vida swinger: ¿una práctica social-sexual perversa?** *Sexualidad, Salud y Sociedad: Revista Latinoamericana*, n. 10, p. 37-69, 2012.

PASINI, Willy. **Amores infiéis: psicologia da traição**. Rio de Janeiro: Rocco, 2010.

PASINI, Willy. **Ciúme: a outra face do amor**. Rio de Janeiro: Rocco, 2006.

PATEMAN C., **O Contrato Sexual**. Rio de Janeiro: Ed. Paz e Terra, 1993.

PELÚCIO, Larissa. Narrativas infiéis: notas metodológicas e afetivas sobre experiências das masculinidades em um site de encontros para pessoas casadas. **Cadernos Pagu**, Campinas, Núcleo de Estudos de Gênero Pagu (Unicamp), n. 44, p. 31-60, 2015a.

PELÚCIO, Larissa. **No Emaranhado da Rede**. Gênero, Sexualidade e Mídia, Desafios Teóricos e Metodológicos do Presente. São Paulo: Annablume, 2015b.

PELÚCIO, Larissa. Afetos, mercado e masculinidade contemporâneas: notas iniciais de uma pesquisa em aplicativos móveis para relacionamentos afetivos/sociais. **Contemporânea**, v.6,

no 2, p. 309-333, jul/dez 2016.

PELÚCIO, L. **A uberização do amor** – aplicativos de encontros em cenário tecnoliberal e pandêmico. Tomo nº 41 Jul/Dez, 2022.

PELÚCIO, L. **Amores em tempos de aplicativos**. Bauru: Unesp, 2017.

PEREL, Esther. **Sexo no cativeiro**. Rio de Janeiro: Objetiva, 2007.

PEREZ, T. S. e PALMA, Y. A. **Amar amores: o poliamor na contemporaneidade**. *Psicologia & Sociedade*, 30. 2018.

PILÃO, Antonio. **Reflexões sócio-antropológicas sobre poliamor e amor romântico**. *RBSE – Revista Brasileira de Sociologia da Emoção*, v.12, n. 35, Agosto de 2013.

PILÃO, Antonio. **Entre a liberdade e a igualdade**: princípios e impasses da ideologia poliamorista. *Cadernos Pagu*, 44, 391-422. 2015.

PILÃO, Antonio. **Poliamor**: um estudo sobre conjugalidade, identidade e gênero, Dissertação de Mestrado em Sociologia e Antropologia, Rio de Janeiro, UFRJ. 2012.

PILÃO, Antonio. **Por que Somente um Amor?** um estudo sobre poliamor e relações não-monogâmicas no Brasil, Tese de Doutorado em Sociologia e Antropologia, Rio de Janeiro, UFRJ. 2017.

PILÃO, Antonio. Normas em movimento: monogamia e poliamor no contexto jurídico brasileiro. **Teoria e Cultura**. Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais - UFJF v. 16 n. 3 Dezembro. 2021a, p.103-115.

PILÃO, Antonio Cerdeira, Conjugalities and sexualities in conflict: monogamy and polyamory among LGBT groups. **Vibrant-Virtual Brazilian Anthropoly**, Florianópolis, v. 18, 2021b

PILÃO, Antonio. Ativismos não-monogâmicos no Brasil contemporâneo: a controvérsia poliamor – relações livres. **Sexualidad, Salud y Sociedad** - Revista Latinoamericana, n. 38. 2022, p. 1-24.

PISCITELLI, Adriana., Comentário. **Cadernos Pagu** (21) 2003: pp.211-218.

PISCITELLI, Adriana. Interseccionalidades, categorias de articulação e experiências de migrantes brasileiras. **Revista Sociedade e Cultura**, v. 11, n. 2, p. 263-274, 2008.

ROGERS, C. R. **Novas Formas do Amor** – o casamento e suas alternativas: tradução Octavo Mendes Cajado. Rio de Janeiro: J. Olympio, 1977.

RUBEL, Alicia; BOGAERT, Anthony. **Consensual Nonmonogamy**: psychological well-being and relationship quality correlates. *Journal of Sex Research*, 52, (9), pp. 961-982. 2015.

RUBIN, Gayle. **Pensando o sexo**: notas para uma teoria radical da política da sexualidade. In: G. Rubin, *Políticas do sexo*. São Paulo: Ubu Editora, 2017

RUSSELL, Bertrand. O casamento e a moral. Trad. Wilson Velloso. São paulo: Companhia Editora Nacional, 1977.

SANTIAGO, Rafael da Silva. **Poliamor e direito das famílias**: reconhecimento e consequências jurídicas, Curitiba, Juruá. 2015.

SANTIAGO, Rafael da Silva. **O mito da monogamia à luz do direito civil constitucional**: a necessidade de uma proteção normativa às relações de poliamor. Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Direito da Universidade de Brasília. Brasília: UnB, 2014.

SANTOS, Marcelo Alves dos. **Swing como Estilo de vida e um Estilo de vida no Swing** XV Encontro Nacional da ABRAPSO – Associação Brasileira de Psicologia Social. Maceió, 2009. Disponível em:
http://abraps.org.br/siteprincipal/index.php?option=com_content&task=view&id=350&Itemid=96. Acessado em 10/09/2021.

SANTOS, Marcelo Alves dos. **Prometo-te ser Fiel no Casamento e no Swing**: uma construção identitária analisada à luz do sintagma identidade-metamorfose-emancipação. Mestrado em Psicologia Social. Dissertação PUC São Paulo, 2010.

SANTOS, Eduardo F. **Ciúme**: o medo da perda. São Paulo: Claridade, 2003.

SANTOS, Sheila Cavalcante dos. **Tinder**: uma etnografia sobre encontros, socialidades e experimentações de si. Revista Mana 27(2). 2021. Disponível em
<https://doi.org/10.1590/1678-49442021v27n2a206>. Acessado em 27/05/2022.

SCHELSKY, Helmut. **Sociologia da sexualidade**. Trad. Luiz Fernando Cardoso. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1968.

SEGALEN, Martine. **Sociologia da Família**, Lisboa, Terramar, 1999.

SILVA, Grazielle Campos. **Poliamor e a desconstrução do amor romântico**: possibilidade ou mito? 1o Seminário Internacional Fazendo Gênero 11 & 13th Women's Worlds Congress (Anais Eletrônicos), Florianópolis, 2017.

SILVA, Vania Sandeleia Vaz da. A (in)visibilidade do poliamor: por que não podemos amar várias pessoas em público? **Teoria e Cultura**. Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais - UFJF v. 16 n. 3 Dezembro. 2021.p.89 – 102.

SILVEIRA, R. M. **Nem tudo é possível e muita coisa é obrigatória**: um estudo da prática do swing em Goiânia. Dissertação (Mestrado em Antropologia Social) – Universidade Federal de Goiás, Goiânia, 2014.

SILVÉRIO, Maria Silva e. **Swing**: Eu, Tu... Eles, Lisboa, Chiado. 2014

SILVÉRIO, Maria Silva e. **Swing em Portugal**: uma interpretação antropológica da troca de casais. Etnográfica, 18, (3), pp. 551-574. 2014a

SILVÉRIO, Maria Silva e. **Gênero, sexualidade e swing**: a Ressignificação de Valores

através da Troca de Casais”, *Sexualidad, Salud y Sociedad*, 18, pp. 111-139. 2014b.

SILVÉRIO, Maria Silva e. **A etnografia encontra o swing**: reflexões do trabalho de campo sobre a troca de casais. In: MARTINS, Humberto; MENDES, Paulo. (orgs.), *Trabalho de Campo: Envolvimento e Experiências em Antropologia*, Lisboa, ICS, pp.139-158. 2016.

SILVÉRIO, Maria Silva e. **Eu, tu... ilus**: poliamor e não-monogamias consensuais. (Tese). Escola de Ciências Sociais e Humanas. Instituto Universitário de Lisboa. Dezembro, 2018.

SILVÉRIO, Maria. Sexualidades múltiplas: uma análise das incertezas e conflitos entre pessoas poliamorosas em relações heterossexuais. **Teoria e Cultura**. Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais - UFJF v. 16 n. 3 Dezembro. 2021. p.24-37.

STACK, Daniel da Silva. **A regulação do sexo e gênero na era digital**: uma contribuição da bibliografia brasileira a respeito de aplicativos de relacionamento. Curso de Bacharelado em Ciências Sociais, da Universidade Federal de Santa Maria. Santa Maria, RS, 2023.

STELBOUM, Judith. **Patriarchal monogamy**: *journal of lesbianstudies*, 3 (1-2), pp. 39-46. 1999.

TEIXEIRA, Marcelo Augusto de Almeida. **Provocações para uma sociologia da sexualidade**: Sistemas, linguagem, amor. *Plural, Revista do Programa de PósGraduação em Sociologia da USP, São Paulo*, v.22.2, 2015a, p.182-203.

TEIXEIRA, Marina Dutra. **Swing**: troca de casais ou troca de mulheres. Dissertação de mestrado. Recife, UFPE, 2015b.

TEBEXRENI, Marcelo Bechara. **Afetos políticos**: um estudo sobre o debate político da não-monogamia no Brasil. Trabalho de conclusão de curso. São Paulo, PUC, 2022.

VALE DE ALMEIDA, Miguel, **Senhores de Si**: uma interpretação antropológica da masculinidade, Lisboa, Fim de Século, 1995.

VANCE, Carole. *Pleasure and danger: toward a politics of sexuality*. In: Vance, Carole. (ed.). **Pleasure and Danger**: exploring female sexuality London, Pandora Press, 1984, pp.1-27.

VASALLO, Brigitte. **Pensamiento monógamo**: terror poliamoroso. Madrid: La Oveja Roja, 2018.

VASALLO, Brigitte. Abrir amores, fechar fronteiras? In: **Revista Caderno de Leituras**, vol. 1, nº 112, p. 1-7, 2020.

VASALLO, Brigitte. **Dismantling Monogamy, far beyond the exclusivity issue**, em *Non-Monogamies and Contemporary Intimacies Conference*, FCSH-NOVA, 2015, Lisboa. Disponível em: <https://nmciconference.wordpress.com/keynote-speakers/>. Acessado em 22/06/2022

VASALLO, Brigitte. **Desafio poliamoroso**: por uma nova política dos afetos. Trad. Mari Bastos. São Paulo: Elefante, 2022.

VASCONCELOS NETO, Edson Peixoto. **Sexo e a cidade**: notas sobre as sexualidades e a

vivência no swing. Caderno Espaço Feminino - Uberlândia-MG - v. 25, n. 2 - Jul./Dez. 2012.

VASCONCELOS NETO, Edson Peixoto. **De olhos bem fechados**: sexualidade, subjetividade e conjugalidade no swing. Tese de Doutorado em Sociologia. João Pessoa, UFPA. 2015.

VELHO, G. **Desvio e divergência**. Rio de Janeiro: Zahar, 1981.

VELHO, G. **Família e subjetividade**: pensando a família no Brasil. Rio de Janeiro: PPGAS, 1987.

VELHO, G. **Individualismo e cultura**. Rio de Janeiro: Zahar, 2002.

VERAS, Érica Verícia Canuto de Oliveira. Famílias simultâneas: um diálogo sócio-jurídico. **Revista FIDES**, v. 4, n. 2, 28 dez. 2017

VIANNA, Túlio; SEMÍRAMIS, Cynthia. Quebrando as algemas: pelo reconhecimento jurídico dos relacionamentos não monogâmicos. In: CORREIA JUNIOR, Rubens (Org), **Criminologia do Cotidiano**. Rio de Janeiro: Lumen Juris, 2014.

VIEIRA, Sâmella dos Santos. **Nem santa, nem puta**: performances de gênero e sexualidade em mulheres praticantes de swing. Dissertação de Mestrado em Psicologia, Pernambuco, UFPE. 2013.

WEEKS, Jeffrey. **Sex, Politics and Society**: the regulation of sexuality since 1800. Longman, 1981.

WEEKS, Jeffrey. **Invented Moralities**: sexual values in an age of uncertainty, UK: Polity Press, USA: Columbia University Press, 1995.

WEID, Olívia von der. **Corpo, gênero e sexualidade**: um estudo antropológico sobre troca de casais. Revista Artemis. n. 5, 20 dez. João Pessoa: 2006.

WEID, Olívia von der. **Adultério Consentido**: gênero, corpo e sexualidade na prática do swing. Dissertação de Mestrado em Sociologia e Antropologia, Rio de Janeiro, UFRJ. 2008.

WEID, Olívia von der. **Masculino e feminino na prática do swing**. Sexualidad, Salud y Sociedad: Revista Latinoamericana, n. 3, p. 106-129, 2009.

WEID, Olívia von der. **Swing**: o adultério consentido. Estudos Feministas, Florianópolis, 18(3): 336, setembro-dezembro/2010

WEID, Olívia von der. **A prática do swing e a dimensão do prazer**. Temáticas, Campinas, v. 40, n. 20, p. 35-66, 2012.

WERNECK, Alexandre; OLIVEIRA, Luiz Roberto Cardoso de. **Pensando bem**: estudos de sociologia e antropologia da moral. Rio de Janeiro: Casa da Palavra, 2014.